Fundamentos raciais do nacional-socialismo: Cosmovisão de preservação racial e não de ódio racial. O mito do “racismo” nacional-socialista (edição digital)

Coletânea de trabalhos e discursos de: Walter Groß, Wilhelm Frick e Ludwig Ferdinand Clauß com alguns comentários

---

2025

*A reprodução deste material por qualquer meio é **completamente livre de direitos autorais**, e qualquer um **pode** publicar, encampar ou editar ao seu modo. Entretanto, este material DIGITALMENTE é gratuito, se você pagou por ele você foi enganado!*

Índice

Algumas citações de nacional-socialistas 5
Definições de "raça" e esclarecimentos necessários 19

Dr. Walter Groß

1. Política e questões raciais (1933) 39
2. A ideia racial do nacional-socialismo (1934) 48
3. Política racial nacional-socialista: Um discurso para as mulheres alemãs (1934)..... 71
4. A Raça (1934) 83
5. Política Racial Educacional (1934) 89
6. O conceito alemão de raça e o mundo (1939) 108
7. A política racial do nacional-socialismo (1942) 129
8. Política racial nacional-socialista sobre os árabes (1942) 142

Dr. Wilhelm Frick

1. Legislação racial do Terceiro Reich (1934) 145
2. O pensamento nórdico na legislação do Terceiro Reich (1936) 157

Dr. Ludwig Ferdinand Clauß

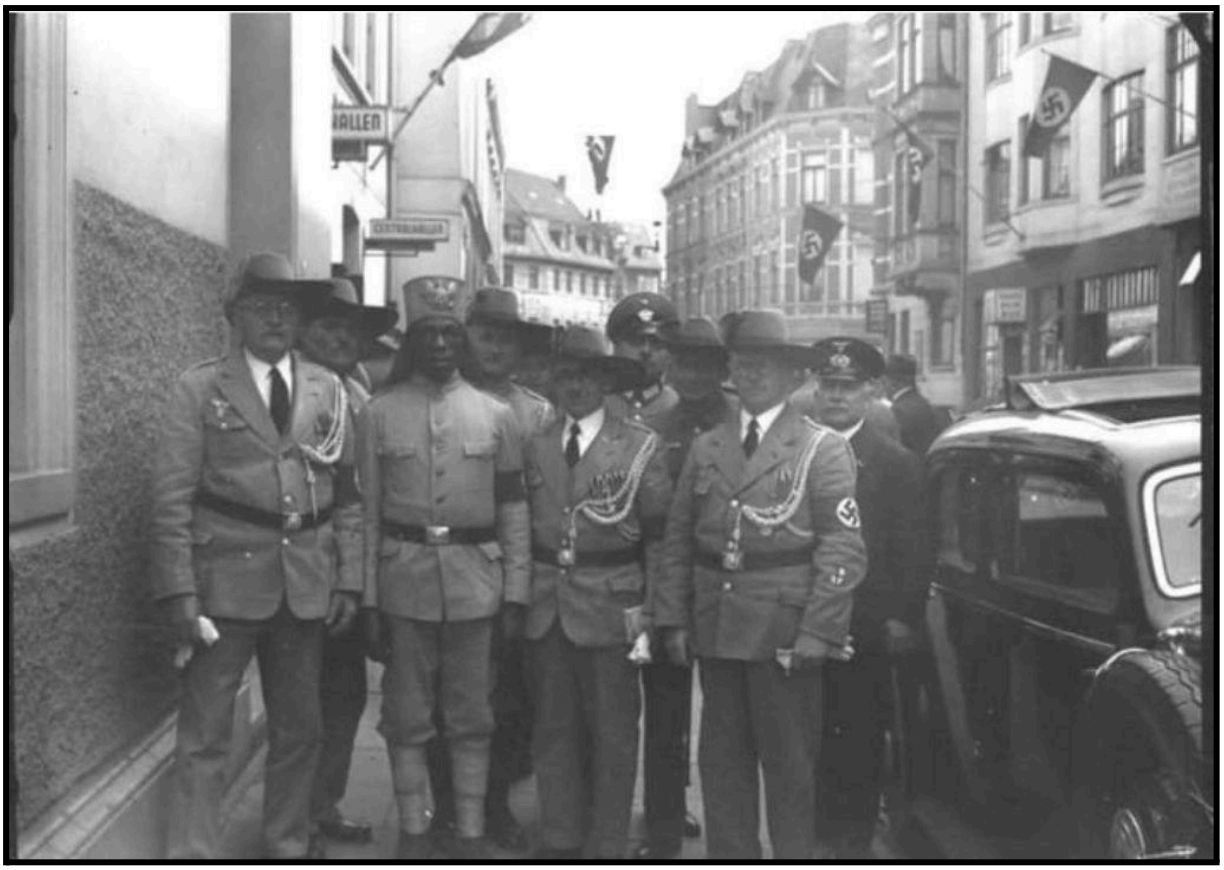
O movimento nórdico não defende a "superioridade racial" (1935) 163

Apêndice A: Nacional-Socialismo e Raça (A. James Gregor) 170
Apêndice B: Inferior ou diferente? Um esclarecimento nacional-socialista sobre o uso de "inferior" 195

Bônus

A sociologia da ciência racial nacional-socialista (Zoltanous) 199

As Forças Armadas de Adolf Hitler: Um Triunfo para a Diversidade? (Veronica Clark) 223



Veteranos alemães da “Deutsche Kolonial Kriegerbund” da primeira guerra mundial, com o negro Bayume Mohammed Husen[1] natural de Tanzânia em uniformes nacional-socialistas Askari Schutztruppe, Husen era residente em Berlim, trabalhando como garçom e ator figurante de filmes alemães sobre o colonialismo alemão.

[1] Outros negros conviveram no regime, dois exemplos é o ator de cinema Louis Brody e Hans-Jürgen Massaquoi, ambos receberam cidadania de um tipo especial pelo regime hitlerista.

Algumas citações de nacional-socialistas

"Talvez pela primeira vez na história da humanidade, este país tenha se dado conta de que, de todas as tarefas que temos pela frente, a mais sublime e, portanto, a mais sagrada para a humanidade é a preservação da espécie sanguínea que nos foi dada por Deus [...] ***Nós, humanos, não temos que julgar por que a Providência (Deus) criou as raças, mas apenas reconhecer que ela pune aqueles que desconsideram sua criação*** *[...] a doutrina de sangue e raça do movimento nacional-socialista resultará em uma revolução no conhecimento e, portanto, na imagem da história do passado humano e de seu futuro.* ***E isso não levará a uma alienação dos povos, mas, ao contrário, pela primeira vez a um verdadeiro entendimento mútuo!*** *Entretanto, isso também impedirá que o povo judeu, sob a máscara de um cosmopolita burguês,* ***tente destruir todos os outros povos internamente e, assim, dominá-los!"*** — Adolf Hitler[2]

"Somente o povo nacional-socialista alemão, o seu exército e os Estados aliados são capazes de salvar os Estados europeus e, com eles, toda a Europa. Quando a Alemanha cair, nenhuma outra potência na Europa será capaz de resistir a esta nova invasão dos hunos. (...) Ao provocar a guerra contra a Alemanha nacional-socialista, os judeus contribuíram para a difusão das ideias nacional-socialistas e dos fundamentos científicos ***para a sua implementação entre outras nações[3]."*** — Adolf Hitler[4].

"Não perguntamos a que seção do nosso povo devemos os nossos vários talentos e capacidades: cada secção deve guardar e fomentar o seu dom especial. ***Porque não se pode apenas inferir do fato de que alguém ser de alguma raça que certas capacidades estarão presentes, pode-se também partir das capacidades e inferir a raça.*** *Isto significa, por exemplo, que não é necessário primeiro descobrir as pessoas musicalmente dotadas através do* ***fato da sua raça para lhes confiar o incentivo da música, mas a música revela a***

---

[2] Adolf Hitler Rede Am 30. Januar 1937 vor dem Reichstag in Berlin.

[3] Em outros textos de Hitler e alguns nacional-socialistas, eles diziam que não queriam exportar a ideologia para outros países, no entanto, é fundamental prestar atenção de que o contexto que se referiam era no contexto de IMPOR o nacional-socialismo ou exportar o nacional-socialismo alemão integralmente, ou seja, todas as suas propriedades inerentes do povo alemão, entretanto, poderia existir um "Nacional-Socialismo" adaptado eventualmente, o maior exemplo é o nacional-socialismo chileno de Carlos Keller ("nacismo chileno") contemporâneo à época de Hitler, ou remanescentes nacional-socialistas no governo de Gabriel Terra.

[4] Adolf Hitler em 30 de janeiro de 1944. Citado em: «Хлібороб» (для украинских работников в Берлине), выпуск №6 от 9 февраля 1944 года.

raça ao descobrir a capacidade *(...) O problema decisivo que restava era o seguinte: Qual era o método pelo qual se deveria encontrar esses homens que, como sucessores dos antigos criadores do corpo do nosso povo e, portanto, como seus herdeiros, poderiam hoje manter seu trabalho?* ***Aqui só havia uma possibilidade: não se podia deduzir da raça a capacidade, mas tinha-se de deduzir da capacidade a aptidão racial para a tarefa. Mas podia-se estabelecer o fato da capacidade a partir da forma como os homens individualmente respondiam à nova ideia que tínhamos de proclamar.*** *Este é o método infalível para procurar os homens que se deseja encontrar, pois cada homem ouve apenas a nota com a qual o seu ser mais íntimo está sintonizado. Se pregardes o ganho privado, todos os egoístas se juntarão a vós... mas se exigirdes sacrifício e coragem, bravura, lealdade, fé e heroísmo,* ***então aquela parte do povo que chama a si estas virtudes juntar-se-á às vossas fileiras****. E foi sempre este fator que fez a história, e o conteúdo daquilo que englobamos sob a palavra "história" é a formação dos povos e dos Estados e a sua manutenção."* — Adolf Hitler[5]

"Quando o povo alemão se volta para sua essência mais profunda, ***isso não significa a proclamação de um ódio racial****, mas, ao contrário, [citando Rosenberg]: "... a condição para um* ***verdadeiro respeito racial*** *e reconhecimento interno dos valores e das contribuições culturais de outras nações, para que se* ***fortaleça todas as nações*** *contra o caos e a decadência das cidades do mundo".* — Arthur Reinhold Herrmann[6]

"Nada seria ***mais superficial do que tentar avaliar cada pessoa com uma régua e índices cranianos.*** *Em vez disso,* ***deve-se avaliar em primeiro lugar a conduta moral no desempenho na vida ao serviço da nação****, o que naturalmente deve andar de mãos dadas com a criação de um* ***ideal de beleza racial nórdico.***" — Alfred Rosenberg[7]

"Quem entre nós é racialmente puro? Mesmo que alguém seja nórdico na aparência, ***pode ser um bastardo por dentro****. Só porque alguém é loiro e tem olhos azuis* ***não significa que seja racialmente puro****. Ele pode até ser um covarde degenerado. A bastardização se manifesta em diferentes aspectos.*

---

[5] Norman H. Baynes - Hitler's Speeches - Oxford University Press,Vol.I, pp.469, 476
[6] Die Wirtschaft im Nationalsozialistischen Weltbild, Im Schaeffer-Verlag -C. L. Hirschfeld, Leipzig, 1934, pp.21
[7] Der Mythus des 20. Jahrhunderts, Hoheneichen-Verlag, 1942, pp.595-596

Devemos estar cientes da arrogância racial. ***A arrogância racial seria tão devastadora quanto o ódio de classe****”.* — Robert Ley[8]

“O nacional-socialismo considera a preservação da fonte de vida da nação, ou seja, a promoção e salvaguarda da raça como a substância do povo, como uma das principais tarefas do Estado. Parte do princípio de que todo o poder criativo de um povo e a sua atitude ideológica dependem da sua composição sanguínea. Através da sua legislação, o Estado deve garantir a salvaguarda e a pureza da raça e, assim, aumentar e manter a força nacional alemã. O Estado nacional-socialista atuou de acordo com esta lei natural e necessidade racial. A realização clara destes valores pelo nacional-socialismo encontrou o seu terrível ponto de partida no baixo estado moral, ético e espiritual do Estado passado, provocado pela influência de elementos raciais estrangeiros em todos os domínios da vida. Na medida em que o Estado legislou no sentido de eliminar estas influências judaicas da vida pública, tratou-se de uma medida necessária à existência do povo alemão. Isto evita qualquer debate com o resto do mundo sobre esta medida, a sua necessidade, justificação e efeito. ***Gostaria de sublinhar mais uma vez, neste ponto, que se trata de salvaguardar e manter a força do povo alemão e só nós, alemães, temos de decidir sobre isso****. É simplesmente impossível para um judeu ver e aplicar a lei alemã, pelo que a verdade lógica de que o judeu não é alemão não pode ser ignorada. Não foi por ódio a qualquer outra raça que surgiu a legislação de proteção racial,* ***mas por amor ao nosso próprio povo!****” — Hans Frank*[9]

“Uma vez que o nacional-socialismo ***reconhece a condicionalidade racial*** *do Volkstum como o primeiro lugar entre todos os valores comunitários, segue-se que concede o orgulho no seu próprio Volkstum* ***aos membros de cada povo****. O nacional-socialismo* ***não fala, portanto, de povos superiores e inferiores, mas das suas diferenças****. O Führer afirma expressamente*[10]*: "O conceito racial nacional-socialista e o conhecimento racial em que se baseia* ***não conduzem a um desprezo ou inferioridade de outros povos, mas sim à realização da tarefa de preservar e perpetuar a vida do seu próprio povo****. Assim, conduz inevitavelmente a um respeito natural pela vida e pela natureza dos outros povos.* ***Liberta assim as ações de política externa das tentativas de subjugar os***

[8] Robert Ley «Tatsachen», Die Leipziger DAF Tagung Vom 2.-6. Dezember, 1935.
[9] Dr. Hans Frank. Nationalsozialistisches Handbuch für Recht und Gesetzgebung - Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1935, pp.9
[10] Esse discurso de Hitler é de 13 de janeiro de 1934.

povos estrangeiros para os poder governar ou mesmo para os incorporar no seu próprio povo como uma mera massa de números através da coerção linguística. *Esta nova ideia obriga-nos a dedicarmo-nos à vida e, por conseguinte, à honra e à liberdade do nosso próprio povo tão fanaticamente como a respeitar a honra e a liberdade dos outros.* ***Esta ideia pode, portanto, fornecer uma base muito melhor para lutar por uma verdadeira pacificação do mundo do que a classificação puramente baseada no poder das nações em vencedores e vencidos, em aqueles com direitos e aqueles sem direitos".*** *— Hans Frank*[11]

"Tal nova fundamentação da filosofia [nacional-socialista] não se limita, de forma alguma, aos limites do pensamento especificamente nacional, mesmo que tenha nele o seu ponto de partida. Trata-se de um princípio epistemológico universalmente válido, que se ***aplica a todas as comunidades e a todas as nações…****"* — Otto Dietrich[12]

"*Fomos acusados de considerar a raça nórdica como a única valiosa e todas as outras como inferiores. Três erros são cometidos pela ciência racial alemã ao atribuir uma determinada classificação a cada raça, colocando-as numa espécie de hierarquia, na qual a raça nórdica ocupa o primeiro lugar.* ***Isso é totalmente errado. Cada raça representa, em si mesma, um valor máximo. Cada raça carrega em si mesma a sua ordem de valores e os seus critérios de avaliação, não podendo ser medida pelos critérios de qualquer outra raça****. [...] Essa é a* ***convicção da psicologia racial alemã,*** *que eu defendo; e essa* ***convicção também foi adotada pela política racial alemã.*** *O Departamento de Política Racial do NSDAP imprimiu cartazes e os distribuiu nas escolas alemãs, nos quais se pode ler em letras grandes a frase:* ***Cada raça representa em si mesma um valor máximo.***" — Ludwig Ferdinand Clauß[13]

"A Alemanha nacional-socialista ***não tem nada a ver com este incitamento internacional ao ódio.*** *O povo alemão quer viver e ser respeitado pelo seu ambiente. Só a violação destes direitos evidentes de um povo que ama a honra*

[11] Idem, pp.39
[12] Die philosophischen Grundlagen Des Nationalsozialismus. Ein Ruf zu den Waffen deutschen Geistes. [Editora]: Ferdinand Hirt in Breslau, Königsplatz 1,1935; pp.25. O livro recebeu aprovação do NSDAP, conforme indicado no início do próprio livro.
[13] Rasse und Seele. Eine Einführung in den Sinn der leiblichen Gestalt. J. F. Lehmanns Verlag, München/Berlin 1938.

pode ser a causa da inimizade. ***Assim, a nossa luta não é dirigida contra os povos eslavos dominados e oprimidos pelo bolchevismo****, mas contra a revolução mundial levada a cabo pelo Comintern.* ***A Alemanha não é inimiga dos eslavos,*** *mas inimiga implacável e irreconciliável dos judeus e do comunismo que eles trouxeram ao mundo".* — Rudolf Hess[14]

"Queremos uma ***união dos povos*** *contra os criminosos [bolcheviques] que, de forma consciente e deliberada, espalham germes venenosos entre os povos".* — Rudolf Hess[15]

"*Pessoas mestiças [Mischlinge] recebem tratamento especial como uma questão de princípio. Como não são judeus, não podem ser tratados da mesma forma que os judeus, e como não são alemães, não podem ser tratados da mesma forma que os alemães.* ***Portanto, em princípio, eles têm a possibilidade de adquirir a cidadania do Reich, como é indicado pela extensão atual da cidadania do Reich para pessoas mestiças****. Por outro lado, eles permanecem sujeitos às restrições estabelecidas na legislação anterior e às ordens do NSDAP e suas organizações. Consequentemente, no futuro, eles continuarão a ter o acesso negado ao serviço público e a várias outras profissões, nem poderão ser membros do NSDAP ou de suas organizações.* ***No entanto, em termos econômicos, eles são completamente iguais às pessoas de sangue alemão***". — Robert Ley[16]

"O racialismo alemão foi deliberadamente distorcido. ***Nunca foi um racialismo contra "outras raças".*** *Era um racialismo pró-alemão. Preocupava-se em tornar a raça alemã forte e saudável em todos os aspetos. Hitler não estava interessado em ter milhões de degenerados, se estivesse ao seu alcance não os ter. Hoje em dia, encontra-se alcoolismo e toxicodependência generalizados em todo o lado. Hitler preocupava-se com a saúde das famílias alemãs, preocupava-se em criar crianças saudáveis para a renovação de uma nação saudável.* ***O racialismo alemão significava redescobrir os valores criativos da sua própria raça, redescobrir a sua cultura****. Era uma busca pela excelência, uma ideia nobre. O* ***racialismo***

[14] BAB [Bundesarchiv] BArch NS 6/226, Vermeidung von gefühlsbetonten Äußerungen gegen andere, insbesondere slawische Völker.- A 51/37, 19. Apr. 1937.
[15] Rudolf Hess Reden, Zentralverlag der NSDAP, 1938, pp.221
[16] Organisationsbuch der NSDAP. Herausgeber: Der Reichsorganisationsleiter der NSDAP, Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf.. Munique, 1943, pp.567.

***nacional-socialista não era contra as outras raças**, era a favor da sua própria raça. O seu objetivo era defender e melhorar a sua raça, e **desejava que todas as outras raças fizessem o mesmo por si mesmas**". —* Leon Degrelle[17]

"*Ter raça significa ser capaz de se comportar de uma determinada maneira. Aquele que tem coragem, lealdade, honra e tudo o que caracteriza o alemão, tem a raça que deveria reinar na Alemanha, **mesmo que não tivesse as características físicas da raça "nórdica".** Quando as qualidades do nobre se unem ao corpo nobre, essa é a perfeição a que aspiramos. Mas desprezamos as pessoas cujo corpo nobre carrega uma alma ignóbil. Na Alemanha, diferentes raças européias, que estão relacionadas entre si, se fundiram. Uma tribo cresceu de suas raízes. Cada raça o nutria com sua melhor força. Cada um deles formou a alma alemã. Nós, alemães, herdamos da raça nórdica o espírito de luta, o "ir longe", o "fazer uma coisa por si mesma". Mas outra alma racial trabalhou no aconchego de nossas antigas cidades e no amor do ser alemão. O reino mágico da música, no qual o alemão é rei, abriu novamente outra alma racial, e a compreensão da classificação, a obediência silenciosa, novamente nos deu outra. **Não podemos censurar ninguém se ele carrega uma herança racial diferente, porque a alma alemã também a carrega, e dela criou a riqueza sublime, que possui antes de todos os outros povos**. Desta alma cresceu a grandeza do nosso Reich*." — Helmut Stellrecht[18]

Adolf Hitler: O Mein Kampf é um livro imutável?[19] Não! Na sua entrevista com o filósofo, politólogo e sociólogo francês Bertrand de Jouvenel, em 28 de fevereiro de 1936, publicada no jornal francês «Le Paris Midi» e reproduzida no «Deutsches Nachrichtenbüro», Hitler afirma, em outras palavras, que o Mein Kampf NÃO É UM LIVRO IMUTÁVEL:

"Bertrand de Jouvenel: «Nós, franceses, lemos com alegria as suas declarações sobre a paz. No entanto, outras coisas menos animadoras ainda nos

[17] Epic – The Story of the Waffen SS. *The Journal of Historical Review*, vol. 3, no. 4 (winter 1982), pp. 441-468

[18] Glauben und Handeln, Zentralverlag Der NSDAP, Franz Eher Nachf, G.m.b.H, pp.7, 1943

[19] Essa questão é importante de se entender pois boa parte da noção "racista" que temos sobre o nacional-socialismo foi dada a partir de Hitler que utilizou uma linguagem que era adequada na época, mas hoje parece ser muito "rude", entretanto a noção racial contida em Mein Kampf não era definitiva — veja o capítulo de James Gregor sobre Nacional-Socialismo e Raça neste livro. Sobre a questão "racista" no Mein Kampf, veja os comentários de Thomas Dalton em sua edição para o inglês do Mein Kampf e as notas de rodapé da edição "aBruxa" publicado em 2021 de alguns parágrafos sobre raça. Ambas as versões do Mein Kampf podem ser encontradas no internet archive.

preocupam. Por exemplo, no seu livro "Mein Kampf", o senhor disse coisas muito desagradáveis sobre a França. Este livro é agora considerado na Alemanha como uma espécie de Bíblia política. Ele é vendido, e nenhuma edição sofreu qualquer correção em relação às partes que se referem à França."

Hitler: "Quando escrevi este livro, ***estava na prisão****. Era uma época em que as tropas francesas ocupavam a região do Ruhr. Era um momento de grande tensão entre os nossos dois países. Éramos inimigos e eu apoiava o meu país, como era de se esperar, contra o seu país, da mesma forma que passei quatro anos e meio nas trincheiras defendendo a minha pátria! Eu me desprezaria se, no momento do conflito, não fosse, em primeiro lugar, alemão. Mas hoje não há mais motivos para divergências. Vocês querem que eu corrija o meu livro, como faz um escritor que lança edições revisadas das suas obras.* ***Mas eu não sou escritor. Sou político. Faço as minhas correções através da política externa****, que visa alcançar o entendimento mútuo com a França. Se eu conseguir aproximar a Alemanha e a França, isso será uma correção digna.* ***Inscrevo as minhas correções no grande livro da história!****"* — Citação de Adolf Hitler no jornal francês[20]

"... o termo "inferior" (minderwertig) ***não é aqui um juízo de valor absoluto****, mas sim* ***relativo****, visto do ponto de vista de uma determinada raça. Tudo tem dois lados e depende inteiramente do modo que se olha para eles."* — Ernst Rittershaus[21]

"O termo "untermensch" causou danos significativos, pois era frequentemente utilizado de forma incorreta e injustificada. ***Muitos, movidos por um falso sentimento de superioridade racial, usaram essa palavra para humilhar outras raças****. No entanto, na realidade,* ***cada raça é valiosa e nobre à sua maneira.*** *Mesmo que uma raça alcance um nível cultural que outra raça,*

[20] Invenio Bundesarchiv, BArch R 43-II/474a, p. 105-106. O site "Invenio Bundesarchiv" (arquivos federais) da Alemanha, fornece as documentações primárias do nacional-socialismo, e podem ser consultadas digitalmente pelo seu site oficial.

[21] Die Rassenseele des deutschen Volkes, 1937. Explicação: Na compreensão da doutrina racial nacional-socialista, o termo "minderwertig" designava o baixo desenvolvimento espiritual, moral e ético de uma raça/povo/ser humano, cuja origem era a mistura de raças estrangeiras. Assim, o termo não se destinava a designar uma raça "inferior" (em termos de origem), mas indicava a miscigenação de representantes de diferentes raças, o que, por sua vez, conduzia ao declínio espiritual. Portanto, sempre que "inferior" é utilizado, é nesse sentido de declínio civilizacional e espiritual, parece uma linguagem "rude" nos dias de hoje, de fato é, mas era normal na época.

devido às suas características, nunca poderá alcançar, o uso do termo "sub-humano" é ***totalmente inadequado".*** — Heinrich Himmler[22]

A ideia racial nacional-socialista foi mal interpretada:

"*Declaração polaca contra os estudos raciais alemães.*

Sob o título "Racismo contra os eslavos" (Rassentum gegen Slawentum), o Dr. Karl Stoyanowski, professor da Universidade de Poznań, escreve de forma contundente contra a ciência alemã. Nas resenhas sobre os seus trabalhos, por exemplo, afirma-se: "A mania racial de grandeza dos alemães, que do ponto de vista antropológico parece extremamente confusa, já existia no passado e sempre será um ponto determinante do caráter eterno da aspiração ao Oriente. Em resumo, quanto mais os alemães atuais falarem sobre sua superioridade racial, mas eles oprimirão os eslavos. Os jornais poloneses acreditam que os alemães se consideram uma "raça extraordinária de senhores e governantes" e se sentem chamados a "subjugar e dominar os sub-humanos (especialmente os eslavos)". - "Os judeus queriam conquistar o mundo com ouro, os alemães com a espada." ***Como se pode ver, ainda estamos longe de uma compreensão correta da ideia nórdica (ariana) por outros povos."*** — Revista do NSDAP "Volk und Rasse — illustrierte Monatshefte", 1935

"Hoje, para nós, alemães, já é evidente que a nação alemã, onde quer que se encontre, forma um único organismo popular e que o Reich alemão deriva os seus direitos e deveres da nação. Isto aplica-se tanto à política externa como à política interna. O objetivo de que o povo e o Estado coincidam totalmente dentro das suas fronteiras não pode ser e nunca será totalmente alcançado na Europa, especialmente na Europa Central e Oriental. Mas é ainda mais necessário que, onde os povos estrangeiros vivem noutro Estado, ***o seu direito natural à vida seja protegido.*** *Isso torna ainda mais importantes as palavras do Führer, em seu discurso no Reichstag em 20 de fevereiro de 1938,* ***"evitar sofrimentos desnecessários às minorias nacionais, para que aos sofrimentos da divisão política não se somem os sofrimentos da perseguição por pertencerem a um determinado grupo étnico".*** *É claro que isso se aplica igualmente tanto aos grupos étnicos alemães fora do Reich* ***quanto aos grupos***

[22] Die Rassenfrage als Schlüssel zur Weltgeschichte 1944. In: Invenio Bundesarchiv, BArch NS 31/405.

étnicos não alemães dentro do Reich *e, em última análise, a todos os povos e grupos étnicos europeus, independentemente de terem ou não o seu próprio Estado. Em 1933, o Führer afirmou: "Na medida em que vemos e compreendemos a nossa própria tarefa na preservação, cuidado e melhoria do nosso povo,* ***estamos igualmente cheios de respeito pelo mesmo sentimento das pessoas de outras nações****".* — Revistas Mensais Nacional-Socialistas[23]

Gravação de uma conversa entre Adolf Hitler e o jornalista indiano Dr. Sinha, em 6 de dezembro de 1935[24]:

"*O Dr. Sinha agradeceu pela honra de ter sido recebido e falou brevemente sobre a sua atividade jornalística. Ele observou que, infelizmente, ainda é muito comum na Índia a opinião de que o nacional-socialismo considera a população indiana uma raça inferior. Ele tenta refutar essa ideia e considera especialmente importante saber o que o próprio chanceler alemão [Adolf Hitler] pensa sobre o assunto.*

O Führer e Chanceler do Reich ***respondeu que o povo alemão deseja viver em paz e amizade com todas as outras nações. A teoria nacional-socialista foi desenvolvida exclusivamente para o povo alemão. Não pretendemos de forma alguma impor essa teoria a outros povos.*** *A nossa relação com outras raças baseia-se na indiferença objetiva. Assim como o povo indiano, o povo alemão é composto por várias raças e tribos. O povo indiano, com sua cultura milenar, desenvolveu suas próprias leis raciais, que não podem ser simplesmente transferidas para as condições europeias. O* ***Dr. Goebbels estava absolutamente certo ao afirmar que não é correto falar de raças inferiores****.* ***Nenhuma raça é inferior por si só; as diferentes raças que habitam a Terra podem ser apenas diferentes em suas características.*** *Isso também se aplica à raça judaica. O judeu, por si só, não é inferior em suas qualidades naturais, mas suas ideias e abordagens não correspondem ao povo alemão, e mais ainda, causam-lhe danos diretos. Portanto, o judeu deve se preocupar em viver de forma independente como um povo separado.* ***Cada raça deve encontrar a sua paz interior, e é por isso que resistimos com todo o direito às tentativas de outras raças de nos impor as suas características****, como fizeram os judeus na Alemanha. Nós, por nossa vez, não procuramos penetrar nos mundos onde*

[23] «Nationalsozialistische Monatshefte», 10.1939.
[24] Invenio Bundesarchiv, BArch R 43-II/1420

vivem outros povos e raças: ***não tencionamos subjugar qualquer outra nação".***

"Existe a raça de base eslava, que é artística. Existe a raça de base germânica, que é inerentemente divertida. ***Ambas, quando combinadas, produziram inesperadamente grandes compositores****. A predisposição musical eslava combinada com a predisposição construtiva germânica produz Beethoven, Wagner, Bruckner, e assim por diante. É também interessante observar estas mentes que* ***nunca são inteiramente nórdicas,*** *mas nas quais um segundo núcleo racial, dinárico ou pan-europeu, uma* ***raça de base de origem oriental****, como em Beethoven, é manifesto em todo o lado. Neste caso, há sempre duas raças casadas uma com a outra; a* ***raça de base eslava musical e a raça nórdica organizacional que formam o grande compositor****".* — Adolf Hitler[25]

"Por natureza, ***russos e alemães são os povos mais nobres da Europa devido à sua eterna procura da luz*** *(Fausto e Karamazov), à sua eterna luta das "trevas para a luz"; apesar de outras diferenças, dependerão um do outro não só politicamente, como os tempos vindouros exigem, mas também culturalmente. O futuro ensiná-lo-á".* — Alfred Rosenberg[26]

De uma entrevista com o general Otto-Ernst Remer, da Wehrmacht[27]:

"- É verdade que os alemães chamaram os russos de subumanos?

[Ernst Remer]: Que bobagem! ***Os russos são seres humanos como todo mundo.*** *Sua pergunta sobre se* ***chamávamos os russos de subumanos é simplesmente absurda.*** *Tínhamos excelentes relações com o povo russo. A* ***única exceção era o problema com o qual tínhamos de lidar: os comissários soviéticos, que eram todos judeus****. Eles ficavam atrás da formação com metralhadoras e perseguiam os soldados russos na batalha. Mas nós lidávamos com eles rapidamente, de acordo com as ordens. Afinal de contas, havia uma luta pela existência, uma guerra ideológica, e essa política era tida como certa. Às vezes, falava-se das chamadas "hordas asiáticas", e os soldados comuns às*

[25] Do discurso de Hitler aos marechais de campo e generais em 27 de janeiro de 1944 na Toca do Lobo (Wolfsschanze) - BArch NS 6/777 (Invenio Bundesarchiv)
[26] Das Verbrechen der Freimaurerei, Judentum, Jesuitismus, Deutsches Christentum., J. F. Lehmann, 1921, pp.165
[27] The Journal of Historical Review, primavera de 1990 (Vol. 10, No. 1), p. 111

*vezes falavam de "sub-humanos", **mas essa linguagem nunca foi usada oficialmente**."*

Conversa entre Himmler e Vlasov sobre "sub-humanos". Um trecho da gravação de uma conversa entre o historiador alemão J. Thorwald e o ex Standartenführer G. D' Alken, que havia acabado de convencer o Reichsführer SS a participar dessa reunião e foi testemunha direta dela[28]:

"Vlasov perguntou: "Herr Minister, gostaria que me desse sua opinião sobre o panfleto 'Der Untermensch'. Já que esse panfleto contribuiu muito para obscurecer a atmosfera entre nós."

*O panfleto tinha o objetivo de mostrar o tipo de homem do sistema bolchevique, que, como tipo, agora ameaça a Alemanha tanto quanto a Rússia. **O fato de isso não se referir ao povo russo** prova não apenas o fato dessa reunião, mas a própria existência de uma divisão ucraniana tão notável (ele disse "ucraniana", não "galega"!) dentro das forças da SS. No entanto, ele deve admitir que abordou a formação dessa divisão com sérias reservas; por outro lado, ele também deve admitir que a resistência dessa divisão dissipou seus temores anteriores.*

*É claro que existem sub-humanos em todas as nações, **e na Alemanha também**. A diferença é que na Rússia Soviética os sub-humanos têm poder, enquanto na Alemanha eles são enviados para campos de concentração trancados a sete chaves. Ele quer ajudar Vlasov a fazer essa reviravolta também na Rússia."*

*"O Partido está convencido de que os estudos raciais constituirão a base para uma auto-consciência cada vez mais profunda por parte dos povos individuais dos impulsos decisivos das suas ações, da peculiaridade da alma das nações e do que realmente significa vitalidade para a sua cultura. **Além disso, este autoconhecimento também promoverá o respeito pela individualidade de outras raças e honrará todo o crescimento individual criativo.** Os estudos raciais tornaram-se o porta-estandarte de um novo conhecimento da cultura*

[28] Instituto de História Contemporânea (Munique), ZS 2, pp. 45-55 ou HIA. Dallin A. Caixa 6. f. 6-25. Também encontrado em "General Vlasov. The History of Betrayal: In 2 vols, in 3 kn. Vol. 2. In 2 kn. Kny. 2. From the Investigative Case of A. A. Vlasov". - Moscou: Political Encyclopaedia, 2015". - [Институт современной истории (Мюнхен), ZS 2, С. 45-55 или HIA. Dallin A. Box 6. F. 6-25. Также есть в "Генерал Власов. История предательства: В 2 т., в 3 кн. Т. 2. В 2 кн. Кн. 2. Из следственного дела А. А. Власова. — М.: Политическая энциклопедия, 2015"].

antiga e das tensões existentes na estrutura da sociedade ocidental". — congresso do partido NSDAP em 1935, em Nuremberg[29]

"A exigência da nordização ***não significa que as outras raças alemãs sejam consideradas inferiores,*** *mas apenas que o homem da raça nórdica é indispensável para as tarefas essenciais da nossa comunidade do povo e que a redução ou a perda da raça nórdica não só leva à desintegração das tribos alemãs, mas também impede que a cultura alemã, essencialmente nórdica, se mantenha no mesmo nível". —* Hans Julius Duncker[30]

"Atualmente, afirma-se repetidamente que o nosso ponto de vista racial nacional-socialista é materialista, não-cristão, chauvinista, imperialista e leva à difamação de outras raças e povos. ***O oposto é verdadeiro****. Acreditamos que a nossa política racial é a garantia mais segura do* ***respeito mútuo e da coexistência pacífica entre os povos do mun****do. Uma pessoa de outra raça é, afinal, diferente de nós no corpo e na alma, que, em conjunto, constituem o conceito de raça.* ***Esta afirmação não é um juízo de valor sobre as outras raças.*** *Estamos demasiado conscientes do nosso apego absoluto ao nosso próprio sangue e à* ***nossa própria raça para nos atrevermos a fazer tal julgamento, que só poderia ser feito de um ponto de vista suprarracial e, portanto, sobre-humano".*** —Gerhard Wagner[31]

"*Tem sido frequentemente manifestada a preocupação de que o ponto de vista racial do nacional-socialismo possa levar a uma desconsideração por outras etnias raciais.* ***Isso é incorreto*** *Se o nacional-socialismo foi forçado a pôr fim à assustadora predominância do judaísmo entre o seu próprio povo, isso foi uma necessidade política interna da Alemanha.* ***No entanto, não se tratava, de modo algum, de uma ideia de arrogância ou mesmo de desprezo pelos outros povos.*** *Estamos convencidos de que, num futuro não muito distante,* ***todos os Estados e todas as nações compreenderão que a sua força reside unicamente na pureza do seu espírito e do seu sangue.*** *Da mesma forma, mais cedo ou mais tarde, todos eles rejeitarão a mistura insensata com outras espécies,* ***sem ter que negar aos outros grupos de pessoas neste mundo o seu direito de existir ou***

[29] Citado em pelo bispo Alois Hudal em: Die Grundlagen Des Nationalsozialismus, Johannes Günther Verlag, Leipzig und Wien, 1937; cap.III
[30] Rassenmischung, biologisch gesehen., in: Monatschrift der Nordischen Bewegung 1.1934, pp.278
[31] Der Parteitag der Ehre vom 8. bis 14. September 1936, Franz Eher Nachf, 1936, pág.153.

mesmo o seu valor para a história como um todo. *Pelo contrário, acreditamos que a única garantia para a coexistência pacífica das diferentes espécies humanas nesta terra é a separação pura entre sangue e sangue, entre espírito e espírito.* ***Não nos cansaremos de convencer o mundo destes princípios pacíficos da política racial alemã".*** — Gerhard Wagner[32]

"O pensamento nacional-socialista concede plena igualdade a todos os outros povos e, além disso, ***nunca fala de superioridade ou inferioridade****, mas apenas de mistura racial estrangeira."* — A certidão/passaporte de ancestralidade ariana[33]

"O que podíamos fazer contra essa tendência de ver na ideologia racial alemã uma difamação fundamental das pessoas de outras raças? Não podíamos fazer nada além de, com calma e consciência, apresentar repetidamente o pensamento racial alemão na sua ***forma original e deixar claro às pessoas que a essência do conhecimento racial não é a avaliação ou mesmo a desvalorização de outros grupos humanos neste mundo,*** *mas nada mais do que a constatação fria, sim, quase diria científica, de* ***que existem diferentes grupos humanos neste mundo e que, nesse contexto, não se trata de forma alguma de uma avaliação, que a constatação:*** *vocês são de outra raça em relação a nós — não contém, a princípio, mais nem menos do que o julgamento objetivo de uma pessoa que caminha pela floresta e diz: "Não há apenas árvores na floresta, mas estas árvores ali são abetos e pinheiros, estas árvores são bétulas e aquela ali é uma árvore de carvalho". —* ***Isso também não é um insulto nem um julgamento de valor.*** *Nenhuma das árvores pode dizer que isso é uma depreciação em relação às outras árvores, mas é a constatação de fatos, assim como a constatação de que certos povos e grupos étnicos neste mundo são racialmente aparentados conosco e outros são racialmente completamente estranhos a nós.* ***É simplesmente uma descrição, uma constatação sem caráter de ataque ou avaliação".*** — Walter Groß[34]

---

[32] Der Kongres zu Nürnberg vom 5. bis 10. September 1934. Offizieller Bericht über den Verlauf des Reichsparteitages mit sämtlichen Reden., Zentralverlag der NSDAP, Franz Eher Nachf, München (1934), pág.157-158.
[33] Der Ahnenpass des Ehepaares . Verlag für Standesamtswesen, Berlim 1939.
[34] Der deutsche Rassengedanke und die Welt, 1939, pp.26-27. James gregor considera essa explicação como "definitiva" para o racialismo dos alemães.

Foto de soldados alemães junto com um jovem negro durante a segunda guerra mundial 1939-1945 (provavelmente durante a ocupação alemã na França)

Definições de “Raça” e esclarecimentos necessários

“*A antropologia define raça como um grupo maior de pessoas ligadas entre si pela posse comum hereditária de um determinado habitus físico e mental inato e separadas de outros grupos semelhantes”.* — Eugen Fischer

“Uma raça é um grupo de pessoas cujos representantes têm todos a mesma imagem física e mental”. — Hans F. K. Günther

“Falamos de raças diferentes quando as populações diferem substancialmente e de forma característica em traços hereditários”. — Friedrich Keiter

“Raça [é] um grupo geneticamente mais ou menos isolado de pessoas que têm um estoque genético comum que é diferente do dos membros de todos os outros isolados semelhantes”. — Curt Stern

“[...] como coletivos de indivíduos com as mesmas combinações de características: As raças são grupos zoológicos naturais de formas dentro dos hominídeos, cujos membros possuem uma combinação mais ou menos característica de disposições normais e hereditárias de forma e comportamento”. — Egon Freiherr von Eickstedt

“[...] uma raça é uma grande divisão da humanidade cujos membros são caracterizados como um grupo por uma combinação particular de características morfológicas e métricas”. — Earnest Hooton

Síntese: Raça é um grupo do gênero humano que contém características genéticas e físicas semelhantes entre si, podendo ter suas *sub-raças*. Exemplo: existe a raça branca como um todo, que se subdivide em mediterrâneos, nórdicos, celtas e etc. Todos os membros da raça branca vão compartilhar semelhança genética, o que inclui não somente o tom de pele, mas características físicas, psicológicas e fenotípicas. Ao contrário do imaginário popular, raça não trata somente de cor de pele, mesmo alguns nacionalismos étnicos mais extremistas, como é alguns supremacistas brancos

anglo-americanos, não é exigido que você seja "pálido" para ser considerado branco, e sim conter as características *ontológicas* da raça branca.

A ciência que estuda "raça" é chamada propriamente dito ou de ciências raciais (Rassenkunde) ou de "racialismo" — alguns dissidentes fazem a seguinte separação:

a) **Racismo positivo (posição nacional-socialista, alemã e völkisch):** também chamado de "racialismo" ou "realismo racial", é uma disciplina da antropologia ou ramo da antropologia que estuda e afirma as diferenças essenciais e genéticas entre as raças humanas. É importante notar que, como Groß apontou acima, essa disciplina apenas afirma, sem qualquer julgamento de valor, um fato científico-empírico e também filosófico. Em outras palavras, ela não descreve, por si só, um julgamento de valor sobre uma determinada raça ou grupo humano, é simplesmente um estudo e uma disciplina científica como qualquer outra — assim como qualquer outro ramo do conhecimento humano, ela pode ser usada para afirmar ideais depreciativos em relação a outros indivíduos, mas qualquer outra disciplina é suscetível de ser usada por um grupo, não guiado pela verdade filosófica e científica, mas seguindo puramente suas convicções pessoais e grupais, para defender algum tipo de "imoralidade". Nesse sentido, a economia é tão prejudicial — se usada para o "mal" — quanto a ciência racial, pois pode destruir todas as economias de uma nação, povo, indivíduo etc., e levar ao seu colapso material e espiritual, gerando inúmeras consequências catastróficas para a humanidade. A filosofia pode ser usada para levar à amoralidade e ao niilismo completo, no qual acreditam algumas correntes mais radicais do ateísmo, e esse tipo de filosofia é perigoso porque reafirma uma subjetividade absoluta da moralidade, o que leva os indivíduos a agir de maneiras completamente prejudiciais aos outros — um exemplo disso são algumas correntes satanistas, como a organização pseudo-nacional-socialista O9A (Ordem dos 9 Ângulos). Portanto, a acusação de que "a ciência racial pode ser usada de forma depreciativa" é comum a qualquer ciência e não pode ser usada para invalidar a ciência racial ou o racialismo isoladamente;
b) **Racismo negativo (posição liberal anglo-americana, anti nacional-socialista)**: Aqui nos referimos ao "racismo" tal como é

concebido na imaginação popular, que pode se manifestar de duas maneiras: (1) *como uma reação irracional de um indivíduo*, no sentido de que ele é "racista" com base puramente em preconceitos sem qualquer tipo de fundamento, odeia uma determinada raça apenas por emoção ou como resultado de algum trauma anterior, o que é comum entre muitos racistas negativos nos Estados Unidos, uma vez que a sociedade americana é completamente instável em termos raciais e os conflitos (de vários tipos) entre brancos e negros são, infelizmente, bastante comuns; (2) *como uma reação racional (ou melhor dizendo, consciente)*, no sentido de que ele "inferioriza" ou adjetiva negativamente uma raça ou indivíduo pertencente à raça X com base em argumentos racionais, ou seja, científico-filosóficos, que podem variar de explicações antropológicas e históricas a dados e pesquisas de artigos científicos para afirmar algo depreciativo sobre alguém com base na raça, como os famosos "testes de QI" entre raças. O racismo negativo é simplesmente um sinônimo de "ódio racial", veementemente rejeitado pelos nacional-socialistas alemães, embora hoje alguns dos chamados "nacional-socialistas" usem frases fora de contexto ou argumentos anti revisionistas para afirmar o contrário, tudo com o objetivo de defender uma visão particular ou a visão de um determinado grupo ou bolha.

c)

No entanto, é importante ressaltar que mesmo entre alguns autores considerados "racistas negativos", ainda é possível encontrar resquícios de elogios a outras raças, como é o caso do conde francês, considerados por muitos como o pai da ciência racial, Arthur De Gobineau[35]:

"Não adotarei o ***método ridículo*** *que, infelizmente, é tão caro aos nossos etnólogos. Não discutirei, como eles fazem, a posição moral e intelectual dos indivíduos considerados um a um.*

Na verdade, não preciso falar de moralidade, pois já admiti o poder de cada família humana de receber a luz do cristianismo à sua maneira*. Quanto à questão do mérito intelectual,* ***recuso-me terminantemente a usar o argumento de que "todos os negros são tolos".*** *A minha principal razão para evitá-lo é que teria de reconhecer, por uma questão de equilíbrio, que todos os europeus são inteligentes; e que Deus me livre de tal paradoxo!*

[35] The inequality of the human races, trans. by: Adrian Collins, 1915, pp.179-180

Não vou esperar que os amigos da igualdade me mostrem tais e tais passagens em livros escritos por missionários ou capitães marítimos, que declaram que algum Yolof é um bom carpinteiro, algum Hotentote um bom servo, que algum Cafre dança e toca violino e algum Bambara sabe aritmética.

Estou pronto a admitir sem provas todas as maravilhas deste tipo que alguém me possa contar, mesmo sobre os selvagens mais degradados*. Já neguei que mesmo as tribos mais baixas sejam absolutamente estúpidas.* ***Na verdade, vou mais longe do que os meus oponentes, pois não tenho dúvidas de que um bom número de chefes negros é superior, na riqueza das suas ideias,*** *no poder sintético das suas mentes e na força da sua capacidade de ação, ao nível normalmente alcançado pelos nossos camponeses, ou mesmo pelos espécimes médios da nossa classe média semianalfabeta.* ***Mas, repito, não me baseio na estreita questão da capacidade individual****. Parece-me indigno da ciência apegar-se a argumentos tão fúteis. Se Mungo Park ou Lander deram um certificado de inteligência a algum negro, o que impede outro viajante, que encontra a mesma fênix, de chegar a uma conclusão diametralmente oposta?* ***Deixemos essas peculiaridades e comparemos, não homens, mas grupos.*** *Quando, como pode acontecer algum dia, tivermos investigado cuidadosamente o que os diferentes grupos podem e não podem fazer, qual é o limite das suas faculdades e o alcance máximo da sua inteligência, por quais nações foram dominados desde o início da história —* ***então, e somente então, teremos o direito de considerar por que os indivíduos superiores de uma raça são inferiores aos génios de outra.”***

Em suma, Gobineau argumenta que ele não analisa raças a partir de seus membros individuais, e sim a partir da totalidade, e a partir dessa totalidade ele tira uma média, e dessa média surgem suas afirmações sobre determinada raça. Apesar de conter algumas afirmações que podem ser interpretados como “ódio racial” em seu livro, Gobineau procura se distanciar de outros etnólogos que utilizam da ciência racial, não para o entendimento verdadeiro tanto antropológico como histórico — como principalmente Gobineau faz — do homem, mas por puro preconceito e ódio irracional. Gobineau rejeitaria fazer uma afirmação sobre um negro de maneira individual, um negro em particular, pois esse negro pode ser tão inteligente como qualquer outro branco em intelectualidade e criatividade. Gobineau, por ser cristão, acreditava que os

problemas de “decadência racial” poderiam ser resolvidos através do cristianismo e da cristianização de “raças primitivas”.

Vale ressaltar que argumentos de “inteligência” não são/foram utilizados oficialmente de **maneira relevante** pelo nacional-socialistas alemães, mesmo na fase mais “primitiva”[36] do pensamento racial nacional-socialista[37]. O Mein Kampf de Hitler, por exemplo, afirmava que o ariano não era “superior” por causa de seus dons intelectuais, e sim por aquilo que ele chamou de “idealismo”, que é a predisposição do ariano de sacrificar-se pela sua raça e comunidade[38]:

“É o ariano que apresenta, de modo mais expressivo, ***essa disposição para o sacrifício do trabalho pessoal, e, sendo necessário, até da sua própria vida, que arrisca em favor dos outros.*** *Por si mesmo, o* ***ariano não se caracteriza por ser um homem melhor dotado intelectualmente, mas, sim, pela sua disposição em pôr todas as suas faculdades ao serviço da comunidade****. Nele, o instinto de conservação alcançou a forma mais nobre, submetendo o próprio "eu", espontaneamente, à vida da coletividade, sacrificando-o até inteiramente, se o momento exigir.* ***A razão da faculdade civilizadora e construtora do ariano não reside nos dotes intelectuais****. Se ele nada possuísse fora disso, só poderia* ***agir como destruidor, nunca, porém, como organizador, pois a significação intrínseca de toda organização repousa sobre o princípio do sacrifício, que cada indivíduo faz de sua opinião e de seus interesses pessoais em proveito de uma pluralidade de criaturas.*** *Só depois de trabalhar pelos outros, recebe novamente a parte que lhe toca. Não trabalha mais, diretamente para si, mas incorpora-se, com o seu trabalho, no quadro geral da coletividade, visando, não o seu proveito,* ***mas sim o bem de todos.*** *A ilustração mais admirável de semelhante disposição encontra-se na palavra "trabalho" que para ele não representa absolutamente uma atividade visando somente à manutenção da vida, mas uma criação que não vai de encontro aos interesses da generalidade. Em caso contrário, quando as ações humanas só atendem ao instinto de conservação, sem levar em conta o bem do resto do mundo, o ariano as chama:*

[36] Anthony James Gregor define essa fase entre 1920-1930, que é quando o pensamento racial estava muito vago e indefinido. Ele usa o exemplo de que no Mein Kampf Hitler nunca definiu exatamente o que seria a “raça ariana”, apenas descreveu alguns de seus atributos.
[37] Digo isso no sentido de utilizar como argumento de superioridade, como se somente inteligência bastasse para denotar superioridade. Obviamente os nacional-socialistas identificaram diferentes graus de inteligência entre as raças, o que também serve consequentemente para a separação conceitual de raças.
[38] Minha Luta, Vol.I, cap.XI, 1925. Ed.ABruxa, São Paulo, 2021, pp.356-359

furto, usura, roubo, assalto, etc. ***Tal disposição, que faz ceder os interesses do próprio "eu" à conservação da comunidade, é realmente a condição indispensável para a existência de toda civilização humana.*** *Só ela pode criar as grandes obras da humanidade, que ao fundador pouca recompensa traz, as maiores bênçãos, porém às gerações futuras. Só esse sentimento é que explica como é que tantos indivíduos podem suportar honestamente uma existência miserável, que só lhes impõe pobreza e humildade, mas firma para a coletividade as bases da existência. Cada operário, cada camponês, cada inventor, cada funcionário, etc., que vai trabalhando, sem chegar nem uma vez à felicidade ou ao bem-estar, é um expoente desse elevado ideal, mesmo que nunca venha a penetrar o sentido profundo de seu proceder. O que é verdade, no que diz respeito ao trabalho como base de nutrição e de todo progresso humano, aplica-se ainda, muito mais, em se tratando de preservar o homem e a sua cultura. A coroação de todo espírito de abnegação reside no sacrifício da própria vida individual em prol da existência coletiva. Só assim se pode impedir que mãos criminosas ou a própria natureza destruíssem aquilo que foi obra de mãos humanas. Nossa língua possui justamente um termo que define esplendidamente o modo de agir nesse sentido; é o "cumprimento do dever" significa isso não se contentar o* ***indivíduo somente com ele mesmo, mas em procurar servir à coletividade.*** *A disposição fundamental de que emana tal modo de proceder, é chamada por nós* ***Idealismo, em oposição ao Egoísmo.*** *Entendemos por essa palavra a faculdade de sacrifício do indivíduo pelo conjunto de seus semelhantes. É necessário proclamar repetidamente que o idealismo não significa apenas uma supérflua manifestação sentimental, era e* ***será sempre, em verdade, a condição primordial para o que denominamos "civilização".*** *Foi esse idealismo o criador do conceito "homem"! É a essa tendência interior que o ariano deve sua posição no mundo, esse a ela também deve a existência do homem superior. O idealismo foi que, do espírito puro, plasmou a força criadora, cuja obra-os monumentos culturais - brotou de um consórcio singular entre a violência bruta e a inteligência genial.* ***Sem as tendências do idealismo, mesmo as faculdades mais brilhantes não passariam de uma abstração, pura aparência exterior, sem valor intrínseco, nunca podendo resultar em força criadora.*** *Como, entretanto, o idealismo genuíno não é mais nem menos do que a subordinação dos interesses e da vida do indivíduo à coletividade, isso também, por sua vez, estabelece as condições para novas organizações de toda espécie. Esse sentimento, no seu íntimo, corresponde à vontade mais imperiosa da Natureza. Só ele é que conduz os*

homens a reconhecerem espontaneamente o privilégio da força e do vigor, fazendo deles uma pedrinha insignificante naquela organização que forma e constitui o Universo. O idealismo mais puro reveste-se inconscientemente do mais profundo conhecimento. O quanto isso é verdadeiro, o quanto é inexistente a relação entre o idealismo real e as fantasmagorias de brinquedo, ressalta, à primeira vista, do juízo de uma criança pura, de um menino são, por exemplo. O mesmo jovem que escuta, sem interesses e com repugnância, as tiradas intermináveis de um pacifista "idealista", ***prontifica-se a dar imediatamente sua vida pelo ideal de seu nacionalismo.*** *Inconscientemente obedece aí ao instinto, que reconhece a necessidade recôndita da conservação da espécie, à custa do indivíduo. Se for preciso, lançará um protesto contra as fantasias do discursador pacifista, que, na realidade, no seu papel de egoísmo mascarado, porém covarde, peca diretamente contra as leis da evolução.* ***Esta é condicionada pela disposição ao sacrifício do indivíduo em prol da espécie, e não por visões mórbidas de sabichões covardes e críticos da Natureza****. É justamente nas épocas em que o sentimento idealista parece querer desaparecer, que podemos também imediatamente verificar uma queda daquela força formadora de coletividade e, por si mesma, criadora de possibilidades culturais. Logo que o egoísmo principia a governar um povo, afrouxam-se os vínculos da ordem e, na caça atrás da felicidade, é que os homens se precipitam do céu para dentro do inferno. Sim, até a posteridade esquece aqueles que só serviram a seus interesses pessoais e exalta os heróis que renunciaram à sua própria boa sorte".*

Com base nisso, podemos compreender que a visão racial expressa em Mein Kampf é propriamente dito de um "*idealismo racial-moral*"[39] onde o ariano não comporta algumas características físicas definidas em si superiores, mas ele é portador de um ideal e um arquétipo que deve ser seguido, o de sacrifício, o de trabalho, o arquétipo racial, que é necessariamente moral, portanto também reflete no caráter, eis a sua "superioridade" que não é simplesmente e só pelo fato de ser ariano. Sua "superioridade" se dá através da construção moral que ele faz em relação a si mesmo e em relação ao coletivo, e essencialmente com a construção do coletivo no qual ele trabalha em prol que temos o desenvolvimento histórico das raças e sua elevação a uma ordem "superior". Em outras palavras, podemos interpretar que Hitler vê no individualismo — características das sociedades e civilizações contaminadas pelo judaísmo — a

[39] Essa visão é semelhante a de Julius Evola.

mais pura essência da "inferioridade". Uma raça "inferior", a partir disso, seria aquela raça cujo desenvolvimento histórico se deu pelo contrário da coletividade: membros individuais trabalhando em prol de si ao invés do coletivo, degenerando, consequentemente, todo o resto do corpo racial. Esse trabalho contra a raça, Hitler identifica como sendo a miscigenação.

Uma raça "superior", seria aquela raça cuja totalidade é edificada pelo trabalho coletivo, pelo sacrifício, pelo trabalho, pela solidariedade — por isso Hitler também concederia a raça ariana o título de, em outras palavras, de "raça socialista"[40]:

"A luta contra os duros elementos nórdicos tornou uma ética de trabalho absolutamente necessária para a sobrevivência. Assim, ao longo dos tempos os arianos desenvolveram um amor hereditário pelo trabalho, portanto o arianismo significa a concepção moral do trabalho e através dela aquilo de que falamos tantas vezes hoje: socialismo, senso de comunidade e bem comum antes dos interesses individuais."

O termo "inferior" foi explicado também por Hans Günther da seguinte forma[41]:

"A propósito, lembremo-nos de que "hereditariamente inferior" significa, em muitos casos, o mesmo que inferior em geral, inclusive como indivíduo; que "hereditariamente inferior" ***significa, em muitos casos, o mesmo que "antisocial".*** *Entre os inferiores hereditários encontra-se o grande número de "sub-humanos" – para usar uma palavra empregada pela primeira vez por Fontane: os sub-humanos, ou seja, os inferiores hereditários, com inteligência abaixo da média.* ***Por outro lado, lembramo-nos também de que, em muitos casos, pessoas que são valiosas como indivíduos podem ser inferiores como portadoras de genes****. Talvez isso se aplique precisamente a um pequeno número entre os mais talentosos, de acordo com a frase — excessivamente afirmativa — de Sêneca: non est magnum ingenium sine mixtura dementiae. Aqui, é importante aprender a distinguir entre o valor de um ser humano como indivíduo e o seu valor como portador de genes. A* ***importância de Kant, por exemplo, não é diminuída quando se afirma que provavelmente foi melhor***

[40] Adolf Hitler. "Warum sind wir Antisemiten?", em Hitler: Sämtliche Aufzeichnungen, 1905-1924. Stuttgart, Deutsche Verlags-Anstalt, 1980. p. 190.
[41] Hans F. K. Günther: Volk und Staat gegenüber Vererbung und Auslese, in: Odal: monatsschrift für blut und boden, Volume 1, Parte 2, 1933

para o seu povo que ele não tenha deixado descendentes do que se tivesse deixado. *Veremos que indivíduos com grandes aspirações intelectuais, mas que são menos valiosos como herdeiros, compreenderão melhor a necessidade de uma certa orientação estatal na escolha do cônjuge e de uma esterilização legal do que a massa de pessoas semianalfabetas, para as quais o individualismo e os slogans liberalistas correspondentes ainda são caros como uma "visão de mundo".* ***Devemos ter em mente que uma mente saudável – o tipo de mente que se encontra mais facilmente num camponês do que num citadino (morador de cidade) semianalfabeto – é capaz de reconhecer e aceitar as desigualdades naturais entre os seres humanos****. Em relação à ideia de igualdade ou desigualdade entre todos os seres humanos, aplica-se, em muitos casos, uma frase de Pascal: "Os superficiais não encontram diferenças entre os seres humanos." (Les gens du commun ne trouvent pas de différence entre les hommes.)*

Em outras palavras, Günther diz que um indivíduo que possua características genéticas "inferiores" — isto é, afastado de seu estado de nobreza original — não é necessariamente um indivíduo inferior em si, pois há a separação entre o indivíduo e os genes que o compõem, *ele ainda pode mostrar serviços à nação.* É uma visão problemática? Talvez… mas ainda menos problemática do que o imaginário popular que considera a visão racial nacional-socialista completamente "chauvinista" e "caótica", buscando "exterminar" loucamente qualquer raça considerada "inferior". Muito menos problemática que a visão estadunidense que condenava as outras raças de maneira predisposta e pré determinada, sem qualquer chance de avaliação superior às próprias características físicas, como é o serviço ao seu Estado-comunitário. Em outrasmpalavras: *o negro já estaria condenado só pelo fato de ser negro*[42].

Vejamos algumas citações de um livro que servia de instrução sobre política racial para escolas primárias alemãs, escrito por Dr. Alfred Endt[43]:

"Assim, apresentámos à criança quatro raças alemãs e conscientizámo-la das características raciais de forma experiencial, sem criar a impressão de que uma ou outra fosse inferior. Também não ensinámos "estudos raciais", mas sim

[42] Chamo isso de "determinismo racial" e "materialismo racial".
[43] Rassenpolitische Erziehung in der Volks- und Hauptschule. Betrachtungen und unterrichtspraktische Handreichungen für eine artgemäße Erziehung, Verlag der Dürr'schen Buchhandlung / Leipzig C1, 1943, pp.62

observámos os povos, embora do ponto de vista racial, para que mais tarde pudessem compreender os conceitos de acordo com o seu verdadeiro conteúdo e significado. A avaliação do valor é apenas uma questão para adultos maduros.

Discussões posteriores mostram à criança quais traços espirituais devem prevalecer no povo e que, de fato, são determinantes em todo o povo alemão: os da raça nórdica. Ela está representada em mais de 50% na constituição física do nosso povo, mas espiritualmente ainda mais. Agora, o aluno deve primeiro conhecer as diferentes características raciais, mas ao mesmo tempo perceber que há algo em comum em todas as partes do povo. Assim, já desde o início, cumprimos duas tarefas educativas em matéria de política racial: por um lado, procurar aumentar cada vez mais as características que mais servem o nosso povo, o que é a preservação da raça no sentido nórdico; ***por outro lado, reconhecer o valor de outras características raciais, mesmo que não sejam inovadoras nem impulsionadoras;*** *elas também servem, à sua maneira e pela sua lealdade, o povo como um todo.* ***Os seus portadores são igualmente compatriotas****. Assim, o perigo da subestimação e do sentimento de inferioridade é atenuado.* ***O ódio racial no próprio povo não pode surgir dessa forma****. O reconhecimento de características espirituais comuns a todos os alemães prova que a alma racial nórdica prevalece no povo, unindo-nos assim uns aos outros"*

Ou seja, a criança alemã seria ensinada de que o elemento central do povo alemão seria factualmente o sangue nórdico, a essência e a alma do povo alemão, no entanto, entre esse povo alemão, existem pessoas de outra raça e sangue que, mesmo que não sejam aparentemente "criativa" e "inovadora", pois existe um fator que vai além de simplesmente mero dom: a lealdade para com o povo. Portanto, esses mesmos indivíduos devem ser considerados como compatriotas da comunidade socialista, logo, o ódio racial não pode surgir no núcleo comunitário alemão.

Cada raça tem valor em local originário, pois suas características desenvolveram-se a partir de seu ambiente, e uma raça não pode ser comparada a outra pois cada um vive em seu território no qual Deus a colocou. Alfred Endt, ao comentar sobre as pessoas de raças africanas que imigraram para o sul da Espanha, diz[44]:

[44] Idem, pp.110

Podemos então dizer que essa raça é menos valiosa do que a nossa? Imagine: o que seria dessas pessoas tão ocidentais se tivessem de governar o nosso país? Compare isso com o motivo pelo qual os vândalos[45] foram derrotados! ***Cada raça pertence à paisagem em que sempre viveu, na qual se tornou.***

b) Tendo tudo isso em consideração, ainda se pode dizer que essas pessoas são inferiores e outras superiores? ***Cada povo só tem valor na sua terra natal!*** *Só podemos dizer que a raça ocidental, por exemplo, não é suficientemente produtiva para o nosso país, para a nossa terra natal, para preservá-la e fazê-la progredir, porque não tem as características necessárias para o nosso trabalho. Pense e compare com o que foi determinado pela ciência natural sobre as raças de cavalos, as suas características e o seu desempenho! Agora que compreende a raça ocidental, compreende também as outras raças! Pense por que razão o nosso Estado não quer casamentos judaicos!*

No entanto, o livro ainda utiliza a terminologia "inferior" para referir-se a, por exemplo, algumas famílias de mestiços que gerassem descontroladamente filhos indesejados para o corpo racial alemão, pois não atendia aos critérios de saúde hereditária da comunidade. O "genes" era considerado "inferior" pois era produto da relação antinatural da miscigenação, o que era contra as leis raciais de prevenção de doenças hereditárias.

Entretanto, novamente, o termo "inferior" tem um significado mais propriamente dito moral do que biológico (apesar de ser utilizado também em contextos biológicos), um exemplo disso é a seguinte citação de Walther Wallowitz[46]:

"O povo alemão é, em sua grande maioria, de origem nórdica. Para essa determinação nórdica, ***não é tanto a aparência, mas sim, em maior medida, o caráter, a predisposição mental e espiritual que são decisivos****. O "judeu sábio" não é nórdico, por mais nórdico que pareça.* ***A avaliação racial é feita a partir da avaliação do caráter*** *de certos tipos de pessoas, como o egoísta, o covarde, o irresponsável, etc.* ***Quem é inferior em termos de caráter também o é em***

[45] Vândalos aqui refere-se a um antigo povo germânico oriental que conquistou o norte da África e fundou um reino com capital em Cartago
[46] Deutsche Nationalerziehung. Grundformen und Methodik, Verlag von Quelle & Meyer in Leipzig, 1936, pp.55

termos raciais. *O ser humano que passou pela educação racial deve ver, fundamentalmente,* ***a preservação e a proteção da espécie como sua primeira tarefa na vida".***

Algumas distinções, principalmente no que tange a hereditariedade, deve ser feita, conforme indica Heinrich Himmler[47]:

"Os termos «incompatível com a comunidade» (gemeinschaftsunfähig) (asocial) e «hereditariamente doente» (erbkrank) não devem, portanto, ser confundidos. O associal é portador de uma ***inferioridade de caráter*** *congénita e um parasita da comunidade do povo; na maioria dos casos,* ***porém, ele deve ser considerado "hereditariamente saudável" no sentido da lei.*** *Por outro lado, o portador de uma predisposição genética doentia, e em certos casos também o próprio doente hereditário,* ***não raras vezes é capaz e está disposto a participar ativamente, até certo ponto, na vida da comunidade****, embora, naturalmente, a sua reprodução seja indesejável e deve ser impedida.* ***O doente hereditário nunca deve, portanto, ser considerado inferior ou mesmo hostil à comunidade devido à sua doença hereditária****. Tanto os anti-sociais como os portadores de doenças hereditárias são considerados não aptos para a reprodução (não aptos para herdar).".*

É importante frisar que nada do que está sendo mostrado aqui é tendo em vista negar em absoluto o uso do termo "inferior" por parte dos alemães e nacional-socialistas "clássicos" e contemporâneos[48], ele pode ser útil em certos casos, mas, é necessário esclarecer antes os seus possíveis significados em múltiplos contextos. Claro que tal termo na modernidade **PODE** significa coisas "monstruosas", mas como já foi dito, na época era completamente normal. Os nacional-socialistas contemporâneos não precisam utilizar tal termo na modernidade, é um termo completamente secundário, o que não significa dizer que ele é insignificante e completamente inútil, mas que não é necessário

[47] SS Hauptamt Rassenpolitik, 1943, pp.45

[48] E muitos desses ainda se recusam a adotar tais terminologias e vão pelo lado contrário, cito um exemplo do nacional-socialista espanhol, Pedro Varela Geiss: *"Não despreze as outras raças. O melhor apreço que você pode ter é manter-se separado. Admire seus valores e aprenda de suas virtudes, que são parte de um lado esquecido por nós mesmos (...) O mestiço é a consequência de forçar a natureza a uma mistura entre seres naturalmente diferentes, que o já são culturalmente. Mas não despreze nenhuma pessoa por ser mestiça, pois sobre esta circunstância se encontra sempre o humano (...)A existência de todas as raças, não apenas da sua, é vontade divina. Apenas a mestiçagem e o ódio racial promovido pelo Sistema são produtos da distorcida vontade humana (...) Respeite a raça, a cultura e a identidade de todo povo. Ame o seu."* (Ètica Revolucionária, Thule Editora, 2009)

utilizá-lo com tanta frequência. E a mentalidade mundial na época era muito menos "politicamente incorreta" — cito um exemplo de Karl Marx, que tinha múltiplos comentários racistas em muitos de suas cartas trocadas com Engels[49]. Veja um exemplo[50]:

"O judeu negro Lassalle, que, felizmente, partirá no final desta semana, perdeu alegremente mais 5.000 táleres numa especulação mal avaliada. O sujeito prefere jogar dinheiro fora a emprestá-lo a um «amigo», mesmo que os seus juros e capital estejam garantidos. Nisto, ele baseia-se na opinião de que deve viver a vida de um barão judeu, ou judeu criado barão (sem dúvida pela condessa).

Agora está bastante claro para mim — como também atestam o formato da sua cabeça e a forma como o seu cabelo cresce — que ele é descendente dos negros que acompanharam a fuga de Moisés do Egito (a menos que a sua mãe ou avó paterna se tenham cruzado com um negro). Agora, essa mistura de judaísmo e germanismo, por um lado, e ascendência negroide básica, por outro, inevitavelmente dá origem a um produto peculiar. A importunação do sujeito também é semelhante à dos negros". — Karl Marx, Marx-Engels Correspondence 1862.

Curiosamente um dos primeiros marxistas ou ao menos um simpatizante era Ludwig Woltman, um eugenista e nordicista influenciado fortemente por Gobineau e Houston Chamberlain, entretanto vale ressaltar que Woltman não concordava inteiramente com o pensamento original de Marx e Engels[51], no entanto ele identificou compatibilidades através de brechas entre o marxismo e o social-darwinismo e as suas teorias raciais. Woltman deplorou o capitalismo assim como Marx, entretanto ele deplorou ainda mais pelas suas características que ele considerava "disgênicas"[52]:

---

[49] Veja: "*Weyl, N. (1979). Karl Marx, racist. Arlington House*". Existe também um excelente artigo feito por dissidentes:
https://open.substack.com/pub/fascio/p/why-marxism-is-racist?r=16o4tj&utm_medium=ios

[50] Der Briefwechsel zwischen F. Engels und K. Marx, Stuttgart, 1913, and in full in MEGA, Berlin, 1930, Pode ser lido em:
https://marxists.architexturez.net/archive/marx/works/1862/letters/62_07_30a.htm

[51] Woltman considerava os pensamentos de Marx de ligar a raça a uma "construção econômica" e as concepções lamarckianas de Engels um erro.

[52] A. James Gregor. Marxism, Fascism, and Totalitarianism. Chapters in the Intellectual History of Radicalism, Stanford University Press 2009, pp.82 (edição digital)

"Tal como Marx, Woltmann condenava o capitalismo. ***Falava dos seus efeitos disgênicos.*** *Falava da sua utilização desenfreada dos seres humanos na sua busca pelo lucro. Falava dos custos físicos e mentais para os trabalhadores recrutados pelo capitalismo industrial para as fileiras dos operários fabris.* ***Falava do declínio físico na produção de descendentes e do número crescente de indivíduos inadequados que começavam a aparecer nas cidades****. Falou da necessidade de mobilizar o sentimento social por trás de programas de* ***eugenia*** *em massa, através da persuasão moral, se possível, ou por lei, se necessário.*

Finalmente, Woltmann identificou os judeus como uma comunidade "estrangeira". ***Eles contribuíram para as forças que não estavam dispostas a defender o futuro da humanidade, protegendo a raça cultural nórdica****. Falou do seu comportamento como singularidades hereditárias, a consequência infeliz da sua luta milenar para sobreviver em circunstâncias patogénicas".*

Um outro fato pouco mencionado ou praticamente nunca mencionado (principalmente entre a esquerda progressista, maioria oriunda do ocidente), é que a União Soviética tinha a chamada "*The Russian Eugenics Society*"[53] (Sociedade Russa de eugenia) fundada nos anos inicias do governo leninista (1920) por meio do entomologista Russo Yuri Filipchenko e por Nikolai Koltsov — os estudos sobre eugenia foi incentivada pelo governo soviético ainda de Stalin através de Alexander Serebrovsky[54] apesar de Stalin suprimir alguns dos eugenistas apoiadores iniciais dos bolcheviques, mas não há evidências concretas de que eles foram suprimidos em função de suas concepções eugênicas, por mais que **no discurso** a URSS pregava "igualdade" e se declarava contra o racismo, o fato histórico e concreto de alguns eugenistas terem sido tolerados[55] — mesmo que se considere em "pequeno grau" — e incentivados pelo aparato estatal soviético é no mínimo um fato curioso para a esquerda ocidental progressista justificar através de seus malabarismos intelectuais e retóricos, enquanto sua luta apaixonada contra o "racismo capitalista" dirija-se somente contra os anglo-saxões, mas ignora, mesmo que mínimo, os resquícios racistas — afinal o "racismo" em qualquer nível é

[53] Em russo: *Русского евгенического общества*.
[54] Adams MB. The politics of human heredity in the USSR, 1920-1940. Genome. 1989;31(2):879-84. doi: 10.1139/g89-155. PMID: 2698846.
[55] Veja por exemplo o instituto eugenista *Maxim Gorky Medical Genetics Institute* (citado em: *Adams MB, Allen GE, Weiss SF. Human heredity and politics: A comparative institutional study of the Eugenics Record Office at Cold Spring Harbor (United States), the Kaiser Wilhelm Institute for Anthropology, Human Heredity, and Eugenics (Germany), and the Maxim Gorky Medical Genetics Institute (USSR). Osiris. 2005;20:232-62. doi: 10.1086/649420. PMID: 20503765.*)

“intolerável” em suas visões — de seus próprios “deuses” e ascendentes políticos e intelectuais. A ideia de construção do “novo homem soviético” pode ser também interpretado como uma política eugenista[56], que visava fazer uma “*combinação harmônica de rica espiritualidade, pureza moral e perfeição física*”.[57]

Em um livro publicado em 1958 (pós segunda guerra mundial) carimbado pelo “Sistema de Biblioteca Centralizada” (*Централизованная библиотечная система*) e editado pela “Editora Estatal Didático-Pedagógica do Ministério da Educação da RSFSR” (*Государственное учебно-педагогическое издательство Министерства просвещения РСФСР*), sob o título de “Raças humanas” , escrito por M. F. Nesturkh diz o seguinte[58]:

*“**A análise racial muitas vezes ajuda a compreender melhor a história da formação de um determinado povo**, que geralmente é composto por mais de um, mas vários tipos antropológicos. As classificações raciais, ou antropologia étnica, adquirem, assim, o caráter de uma das fontes petóricas”.*

Poderíamos citar inúmeros outros exemplos, entretanto fugiria do escopo tratado aqui. No entanto, é necessário esclarecer que opiniões “racistas” — sejam “racialistas” ou “racistas negativas” — não pertenciam somente ao escopo doutrinário do nacional-socialismo, mas estava presente de maneira institucionalizada em muitos países da época, mesmo os que declararam em discurso serem “a favor da igualdade”, mas que na prática, tinham práticas consideradas “racistas”, principalmente os EUA, no qual temos uma charge bastante interessante feita pelos nacional-socialistas[59]:

[56] Сидорчук И. В. Дискуссии о «физическом вырождении про-летариата» и советский евгенический проект 1920-х гг. // Изв. Урал. федер. ун-та. Сер. 2 : Гуманитар. науки. 2018. Т. 20. № 3 (178). С. 71-84.
[57] New Soviet Man” Inside Machine: Human Engineering, Spacecraft Design, and the Construction of Communism. Slava Gerovitch. Osiris 2007 22:1, 135-157
[58] М.ф. Нестурх. Человеческие расы, Государственное учебно-педагогическое издательство Министерства просвещения РСФСР, Москва 1958, pp.15
[59] Das Schwarze Korps, 24. November 1938 Edition.

A charge intitulada de “Der letzte Schrei” (A última moda/Os últimos gritos) mostra no centro, a caricatura de um americano “branco” (ensinuando um judeu ou agente controlado pelos judeus), enquanto atrás dele estão a representação de dois negros sendo mortos, o da esquerda pela cadeira elétrica e o da direita por enforcamento e logo abaixo está escrito “*... e assim protestamos em nome da humanidade contra os métodos bárbaros da Alemanha!*”. A charge possuí tom ironico, pois no contexto, ao mesmo tempo que os americanos protestavam contra o “antisemitismo racial” dos alemães, eles executavam e perseguiam negros, uma clara hipocrisia e seletividade dos americanos na hora de escolher por qual raça protestar contra “perseguição” e “discriminação”.

Aqui não se trata de dizer também que comentários e propagandas depreciativas sobre negros eram ausentes em nacional-socialistas alemães[60], muitos comentários de Hitler sobre os negros, por exemplo, podem ser interpretados como depreciativos, outros de fato são depreciativos e nem precisam de interpretação. Entre eles, um se destaca sobre os outros (em minha concepção),

[60] A discussão que nos importa aqui é a posição OFICIAL do núcleo científico do nacional-socialismo, onde, infelizmente, nunca se adquiriu uma conclusão definitiva sobre questões raciais (por conta do término relativamente rápido do regime hitlerista), uma prova é a existência deste próprio documento em questão. Comentários depreciativos é praticamente normal em quase todos os autores europeus do século passado e anteriores, a questão é saber se as suas doutrinas em seu núcleo **CIENTÍFICO**, logo, **OBJETIVO**, são depreciativos necessariamente para outros povos — e vou além: se isso leva ou não ao seu extermínio objetivo. Uma propaganda pode ter inúmeros significados, mas não comporta o conteúdo objetivo de uma doutrina, no máximo expressa uma de suas muitas conclusões.

pois além desses "comentários depreciativos" ele também faz uma declaração peculiar acerca dos judeus[61]:

"Os judeus são uma praga — continuou Hitler — e qualquer povo que não preserve a pureza da sua raça está condenado à destruição. Até mesmo os Estados Unidos estão sob ameaça dos judeus, negros e chineses. Luto pela pureza racial do povo alemão e do mundo inteiro [...] ***Não pretendemos exterminar os judeus — afirmou ele ainda —, apenas queremos que nenhum judeu e nenhum estrangeiro tenha mais direitos civis na Alemanha****. Exigimos a aprovação de uma lei especial sobre estrangeiros para todos os estrangeiros e insistimos na expulsão de todos aqueles que se mudaram para a Alemanha após 1914".*

É bom salientar que boa parte da narrativa do "racismo" nacional-socialista sustenta-se na narrativa do "holocausto", entretanto mesmo se considerarmos o nacional-socialismo como uma doutrina "loucamente e maleficamente racista-supremacista", a narrativa de "extermínio racial" é completamente refutada por revisionistas[62]. Em absolutamente nenhum livro sobre questão judaica, em nenhum discurso dos alemães, existe algum plano metódico de extermínio racial sistemático ("planejado e em escala industrial"), não só dos judeus, como de outras raças. Sobre o caso peculiar dos eslavos, os documentos e fontes primárias refutam completamente essas alegações, veja um exemplo[63]:

"O novo governo sérvio anunciou a mobilização geral. Reconheceu que isso já vinha ocorrendo secretamente há vários dias. Com isso, deixou claro que considera possível substituir as relações pacíficas com o Reich alemão pela violência! Mas a violência a que apelou irá agora destruí-lo! ***O povo alemão não nutre ódio pelo povo sérvio. O povo alemão não vê qualquer razão para lutar contra os croatas ou os eslovenos. Não quer nada desses povos.*** *Mas o povo alemão vai agora ajustar contas com a camarilha criminosa sérvia em*

---

[61] Neues Wiener Journal, 14-11-1922, s. 5. Pode ser acessado em: https://alex.onb.ac.at/cgi-content/anno?aid=nwj&datum=19221114&seite=5&zoom=33

[62] Ver: *Thomas Dalton, PhD. Hitler on the jews., Castle Hill Publishers, 2019; Thomas Dalton. Streicher, Rosenberg, and the Jews - The Nuremberg Transcripts., Castle Hill Publishers, 2020; Thomas Dalton. Goebbels on the Jews: The Complete Diary Entries: 1923 to 1945., Castle Hill Publishers, 2019; Carlos Mattogno. The Einsatzgruppen in the Occupied Eastern Territories. Genesis, Missions and Actions (Parte I and II), Castle Hill Publishers., 2022.*

[63] Adolf Hitler em Berlim, dirigido ao povo alemão, em 6 de abril de 1941. Citado em: BArch R 43-II/991b

Belgrado, que pensa que pode, pela segunda vez, colocar os Balcãs à disposição da conspiração britânica contra a paz europeia".

O NSDAP ensinava que, além de os alemães possuirem sangue semelhante com outros povos europeus (incluindo eslavos), eles também podiam adquirir cidadania — citando o exemplo de polacos[64]:

"O sangue alemão ***não forma a sua própria raça****. O povo alemão é constituído por* ***diferentes raças.*** *Mas é característico de todas estas raças o fato de o seu* ***sangue ser mutuamente compatíveis e a mistura desses sangues, ao contrário do sangue que lhes é alheio, não cria obstáculos e tensões****. Ao sangue alemão pode, sem dúvida, ser equiparado o* ***sangue dos povos cuja composição racial está relacionada com o povo alemão. Isto aplica-se a todos os povos que habitam os espaços fechados da Europa****. O sangue semelhante ao sangue alemão é tratado de forma igual em todas as direcções. Por isso, os* ***membros das minorias que vivem na Alemanha, como os POLACOS, os dinamarqueses, etc., podem tornar-se cidadãos do Reich."***

O título de cidadania poderia ser adquirido também por estrangeiros, mesmo os de sangue "não-arianos"[65]. Hans Frank indica[66]:

---

[64] Organisationsbuch der NSDAP. Zentralverlag der NSDAP., Franz Eher Nachf., München, 1943, pp.566

[65] No livro "*Der Staatsaufbau des Deutschen Reiches in systematischer Darstellung: (neues Staatsrecht III"* escrito por Wilhelm Stuckart no contexto da segunda guerra mundial e publicado em 1943, é mencionado que o Estado nacional-socialista rejeitava a doutrina liberal de que todos os seres humanos são iguais e que os alemães receberiam prioridade em relação às outras "castas mais baixas" — os alemães receberiam o título de "deutsche Staatsangehörigkeit", os estrangeiros de "Schutzangehörigkeit" (cidadania protegida) e os estrangeiros de territórios ocupados (como do protetorado da boêmia) receberiam o "Die Protektoratsangehörigkeit" (cidadania de protetorado). Todos eles no entanto englobavam o "Volksgenossen" (Camaradas Populares), o que diferenciava seus direitos eram essencialmente os direitos políticos, os estrangeiros (definidos não como simplesmente pessoas de outro país, mas de sangue alheio ao sangue alemão), ou seja, os estrangeiros não tinham direitos políticos, logo, não poderiam votar, ocupar cargos políticos e etc. Entretanto eles poderiam ocupar alguns cargos públicos relativos à trabalho: "*[...] os estrangeiros também podem ser admitidos em cargos públicos com a aprovação do Ministro do Interior do Reich ou do organismo por ele autorizado"* (capítulo sobre *"Die Pflichten und Rechte der Volksgenossen").* Os "cidadãos protegidos" são definidos como: *"… os habitantes do Reich alemão que não pertencem ao povo alemão e a quem é concedida a cidadania protegida por ordem geral ou por decisão em casos individuais".* Não eram "cidadãos alemães", mas eram cidadãos do Reich, logo, da comunidade do povo, mas pertenciam a uma grau de cidadania "inferior". É importante ressaltar que esse processo de admissão de estrangeiros não significava "germanização", e sim apenas assimilação. O livro diz: *"Os grupos raciais estrangeiros, nomeadamente os judeus, podem continuar a ser cidadãos, se o foram até à data, mas já não têm a possibilidade de prejudicar o povo através do exercício de direitos políticos"* — e complementa: "*Os membros de outras raças, especialmente os judeus, são assim impedidos de exercer direitos políticos. Os seus direitos e deveres estão assim subordinados aos dos cidadãos de sangue alemão".*

[66] Já citado sua frase de seu manual, a mesma fonte (pp.37)

"Uma vez que o nacional-socialismo vê o Estado como uma organização ao serviço do povo, ***as forças que apoiam o Estado e atuam em seu nome devem ser essencialmente capazes de o fazer****. Por conseguinte, é evidente que, num Estado apoiado pelo espírito nacional-socialista, os seus dois principais apoiantes, o partido e o exército, são recrutados exclusivamente entre membros do povo que apoia o Estado ou de grupos étnicos com ele relacionados. É igualmente necessário que as pessoas que atuam em nome do Estado, ou seja, os funcionários públicos, sejam todos membros do povo que apoia o Estado ou pertençam a um grupo étnico com ele relacionado. Esta necessidade foi tida em conta no Reich alemão com a Lei para a Restauração da Função Pública Profissional de 7 de abril de 1933. No que se refere à regulamentação da naturalização, a orientação de um Estado de espírito nacional-socialista é um dado adquirido desde o início. Este esforçar-se-á por assegurar que apenas as pessoas cuja ascendência racial garanta que se enquadram na imagem racial da nação que sustenta o Estado obtenham a cidadania.* ***É claro que o nacional-socialismo reconhece a todos os outros Estados e a todos os outros povos o direito de se guiarem pelos mesmos pontos de vista****. Da mesma forma que não associa a recusa de naturalização de elementos raciais estrangeiros a uma valorização inferior dessa raça estrangeira, também não consideraria uma valorização inferior da cidadania alemã o fato de um povo não europeu se recusar a aceitar um cidadão alemão na sua cidadania devido à sua estrangeiridade racial. O diferente ritmo de desenvolvimento das raças individuais faz com que pareça conveniente educar membros de raças diferentes em escolas diferentes.* ***A separação das escolas também não implica uma avaliação inferior dos grupos raciais que são segregados devido ao seu caráter racial estrangeiro.*** *Isto pode ser visto pelo fato de que, do ponto de vista nacional-socialista, só seria bem-vindo se os membros do povo alemão que vivem entre raças estrangeiras também tivessem as suas próprias escolas.*

A conclusão a que chegamos nesta parte é, portanto, que o "racismo" alemão, se interpretado conscientemente como "racismo negativo", nunca poderia ser equiparado a um racismo extremista segundo o modelo anglo-americano. Ao contrário dos americanos, por exemplo, nunca houve linchamentos de negros por cidadãos alemães, pelo menos não de forma institucionalizada, e também não há registros de linchamentos de negros, seja por instituições ou por alemães que agiram por conta própria e sem ligação com o governo.

I. Dr. Walter Groß

***

Política e questões raciais (1933)

Do Original: "*Politik und Rassenfrage: Rede von Dr. Walter Stoß, in: Nürnberg 1933. Eine Sammlung der wichtigsten Reden auf dem Parteitag der Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei vom 30. August bis 3. September 1933*"

Desde que as pessoas se interessam pela história dos tempos passados e dos povos, sempre se questionam sobre as causas do declínio e da decadência dos Estados e das culturas.

Pois, de toda a reflexão sobre a história, resta esta imagem perturbadora e opressiva: algures, como que do nada, um povo entrou na história, tornou-se grande e poderoso, conquistou países, construiu um Estado, criou obras de arte e de fé e, em poucas centenas de anos, enriqueceu a humanidade com valores que ainda hoje admiramos e pelos quais estamos gratos, e então, após a ascensão e o apogeu, veio um período de estagnação, que logo foi seguido pelos primeiros sinais de decomposição e declínio. O poder do Estado enfraqueceu, a arte decaiu, o espírito e a fé caíram de suas alturas orgulhosas, até que finalmente o povo outrora tão orgulhoso passou a levar uma existência sombria e, no fim, sua história foi apagada pela ascensão de outro. Assim, os grandes impérios da Índia ariana, dos berserkers, dos gregos ou dos romanos afundaram-se na sepultura, e muitas vezes apenas ruínas decadentes, cobertas pela selva ou pela areia do deserto, lembram os grandes feitos de povos passados, sobre os quais a história passou.

Repetidamente, o espírito humano investigou as causas desses acontecimentos, e tais questões não são de forma alguma infrutíferas ou inúteis. Pelo contrário: é precisamente o político que deve enfrentá-las no início da sua ação, pois a resposta a elas determina a natureza e o sentido de toda a sua obra.

Durante muito tempo, tentou-se em vão atribuir o declínio das grandes civilizações a causas políticas ou económicas. Todas essas respostas eram insatisfatórias e acabaram por ser substituídas pela crença cansada de uma época resignada, que nos nossos dias começou a ver o desaparecimento dos povos não como consequência de causas específicas, mas como uma necessidade fatídica da própria vida dos povos. A convicção de que a vida e a força vital dos povos e das suas criações são tão limitadas quanto as do indivíduo e que, portanto, a ascensão e ao florescimento se segue fatalmente a decadência, à juventude e à idade adulta criativa se segue o envelhecimento e a ruína, levou à doutrina do ocaso da civilização ocidental e tornou-se, ao mesmo tempo, pressuposto interno para aquela decadência moral e de caráter do pós-guerra, que todos nós vivemos com horror. Pois se o fim e a decadência do nosso povo são determinados pelo destino e inevitáveis, então certamente não vale mais a pena os sacrifícios e as renúncias que toda luta pelo futuro exige, e a imprudência, o egoísmo e a satisfação desenfreada de todos os desejos próprios ganham sua justificativa pela futilidade de todos os grandes objetivos futuros.

A Alemanha nunca teria conseguido a virada deste ano se aquela cansativa doutrina da renúncia ao fim fatídico do nosso povo tivesse sido amplamente aceita. Mas ela foi abalada, sim, e, na verdade, já havia sido superada quando encontrou os seus defensores mais veementes. Foi superada pelas descobertas de uma visão racial da história, guiada por um sentimento saudável e confirmada pela ciência mais recente, que responde de maneira fundamentalmente diferente às perguntas sobre as causas da decadência dos povos na vida da história. Ela nos ensinou que não são a economia ou a política, não são as catástrofes naturais ou as lutas internas que, por si só, são capazes de destruir os povos a longo prazo, mas que, como última causa compreensível por trás de cada decadência *völkischern* na história, existe uma razão biológica que destruiu a força e a saúde da raça.

Assim, a raça surge como o novo valor dominante na imagem da história, não como um conceito controverso dos cientistas, mas como um fato intocável de toda a vida moral e como a razão última da qual provêm a influência e o desempenho dos povos. Não é a favorabilidade ou desfavorabilidade do ambiente que decide o destino dos povos, não é o clima, a economia ou a política em si, mas apenas a força da raça e a saúde do seu sangue, nos quais estão decididos o ascendente e o declínio. E enquanto os povos da Terra

vigiaram, protegeram e preservaram estes fundamentos da sua existência, as suas obras perduraram, e cada derrota na guerra ou cada colheita mal sucedida, com as suas consequências, puderam ser superadas e suportadas.

Somente um povo cuja raça foi destruída está perdido para sempre.

Pois a força e a saúde do sangue são concedidas apenas uma vez e, uma vez perdidas, nunca mais podem ser recuperadas, tal como cidades destruídas ou campos devastados. Se olharmos para a história com esta visão que a ciência moderna nos ensinou e confirmou, então, de repente, uma imagem totalmente nova se revela diante de nós e, em inúmeros exemplos individuais, torna-se claro como sempre e em todos os lugares o início do declínio de grandes povos teve as suas causas na destruição da substância racial. E, ao observarmos mais de perto, percebemos que tal declínio biológico, seguido imediatamente pelo declínio político, é possível de três maneiras diferentes, que, na realidade dos acontecimentos históricos, sempre se manifestam simultaneamente, mas que, para maior clareza, devem ser separadas por um momento nesta análise.

O primeiro processo de decadência biológica é a diminuição do número. Toda a vida na Terra está ameaçada por infinitos perigos e necessidades, e os seres humanos, assim como os povos, não são exceção. As guerras ceifam inúmeros homens no auge da juventude; as epidemias despovoam países inteiros; as catástrofes naturais e as fomes muitas vezes deixaram vastas regiões desertas! Há muito que a vida neste mundo de lutas e perigos teria sido destruída, se a natureza não tivesse encontrado proteção na fertilidade das suas criaturas. Todos os outonos, ela espalha milhares de milhões de germes pela Terra; mesmo que milhões e milhões deles sejam destruídos, ainda restam suficientes para criar raízes e crescer como novos portadores de vida.

E assim, também nos seres humanos foi incutida a vontade de viver além de si mesmos, o instinto de procriação e reprodução, para que, apesar de todos os perigos e adversidades e catástrofes da vida dos povos, novas gerações possam assumir a obra dos seus antepassados e transmiti-la a um futuro distante. Por mais difícil que tenha sido o destino dos povos da Terra, por mais que tenha destruído uma grande parte da população viva no momento, em poucas gerações eles se recuperaram para um novo ascensão, desde que sua vontade de viver permanecesse saudável e, com isso, sua fertilidade intacta.

Do seio de uma geração derrotada cresceram, em multidões de crianças saudáveis, os vingadores e libertadores, e ao mesmo tempo brotou aqui a fonte que deu força à nova grandeza e ao florescimento da cultura. Ai do povo que esqueceu que o caminho para o futuro passa pelas crianças! Onde a família se torna pequena, onde apenas o número de crianças substitui a morte dos que morrem, cada perda de guerra ou cada período de crise económica significa uma catástrofe que atinge o coração deste povo. Pois isso leva agora ao declínio do número, e consequentemente ao enfraquecimento da força, e desencadeia novas ameaças por parte de vizinhos mais fortes, que facilmente levam à ruína definitiva. Pois a história não tolera espaços vazios e, onde a vontade de viver de um povo diminuiu e a sua força étnica se quebrou, outro povo mais forte toma o seu lugar, de acordo com leis eternas, e o extingue, porque a força e a potência são valores da vida desejados por Deus.

Mas todos esses perigos do declínio numérico e da deterioração hereditária de um povo por meio de uma seleção errada só adquirem seu significado último e mais profundo quando temos clareza sobre o papel que a raça, no sentido estrito, desempenha na história dos povos.

A palavra raça é hoje utilizada com dois significados diferentes, o que explica muitos mal-entendidos entre as pessoas. Até agora, falávamos de raça no sentido de todas as características que são hereditárias nos seres humanos, ou seja, em todos os seres humanos, e que não são condicionadas por influências do ambiente, mas apenas pela herança genética. A ciência introduziu aqui o termo raça vital. Ao lado disso, porém, existe o conceito de raça no sentido estrito, a raça sistemática do cientista, com a qual designamos um grupo de pessoas que, em essência, compartilham características físicas e mentais herdadas. Assim, falamos das diferentes grandes raças da humanidade e as colocamos umas contra as outras como grupos que pertencem entre si. E se olharmos agora para os povos que desempenharam um papel ao longo da história, vemos que, na maioria das vezes, eles incluíam pessoas de diferentes origens raciais. Mas não foi a mistura racial que fez com que essa diversidade se unisse num único povo, mas sempre, em primeiro lugar, a estratificação racial, pois os antigos Estados culturais devem a sua origem ao homem ariano de sangue nórdico, que criou todos eles e as suas culturas. E onde encontrou habitantes estrangeiros do país, não se misturou com eles, mas subjugou-os e

colocou os seus companheiros tribais como classe dominante sobre eles. Mas foi desta camada de conquistadores nórdicos que veio tudo o que os povos antigos produziram em termos de valor e desempenho. E a sua grandeza só perdurou enquanto o sangue nórdico que os criou foi forte e influente o suficiente. Mas assim que o sentimento e a pureza do sangue se perderam para a contrapartida das raças, assim que o estrangeiro se infiltrou, começou a decadência das culturas e dos Estados, e podemos acompanhar com consternação na história de todos os tempos como a invasão de sangue estrangeiro acompanha a decomposição dos costumes, da fé, dos valores, do caráter e da moral, destruindo irremediavelmente os alicerces sobre os quais outrora foi erguido o edifício da cultura florescente.

Mas tudo o que vemos ao longo da história de um povo em decadência, em termos de erros políticos e turbulências económicas, não é, no fundo, senão a consequência da destruição da força biológica, que se tornou fraca porque a pureza e a unidade do sangue foram irresponsavelmente abandonadas.

Com base nesse conhecimento sobre as causas raciais da separação dos povos, o nacional-socialismo tenta hoje moldar o futuro do nosso povo. Ele coloca conscientemente no centro da sua política a preocupação com a preservação do sangue do nosso povo como o bem mais precioso que temos, porque é o único valor que, uma vez perdido, nunca poderemos recuperar. E essa é também a razão pela qual o Estado nacional-socialista no coração da Europa encontrou inicialmente uma atitude tão expectante e, em parte, hostil no mundo: afinal, o valor fundamental que ele procura promover, a raça, ainda é estranho e novo aos conceitos de uma geração liberal-democrática.

É por isso que o novo Estado coloca a família no centro do seu trabalho de construção, é por isso que prepara as medidas legais que devem dar proteção e cuidados à família e, em especial, à mãe. E também encontrará a coragem para fazer mudanças radicais nesta área, porque estamos conscientes de que, na verdade, a possibilidade de um futuro alemão está ligada ao número e ao valor dos filhos das nossas famílias.

O segundo processo de decadência biológica, que conhecemos acima, também se desenrola há muito tempo no nosso povo: a seleção errada, que muitas vezes leva à destruição das linhagens de alta qualidade na luta pela sobrevivência,

enquanto, ao mesmo tempo, trata as linhagens inferiores, e até mesmo prejudiciais, com infinito cuidado, garantindo assim que apenas os inferiores nasçam e sejam criados. Aqui, o espírito de uma era pacifista e liberal deu os seus frutos mais terríveis. Todos nós vimos com os nossos próprios olhos que o Estado e a sociedade usam os seus recursos com compaixão e misericórdia para sustentar criminosos e doentes mentais, deficientes e idiotas, disponibilizando milhões e milhões para isso, enquanto, ao mesmo tempo, mal havia dinheiro para um pedaço de pão seco para o filho simples e saudável do povo. Mas tal atitude significa a morte certa de uma nação.

Onde se constroem palácios para os descendentes de bêbados, criminosos e deficientes mentais, enquanto o mineiro ou o agricultor têm de se contentar com uma cabana miserável, onde se disponibilizam somas exorbitantes para escolas de formação profissional para deficientes mentais, enquanto o filho talentoso do povo não encontra os meios para desenvolver as suas elevadas capacidades, esse povo caminha a passos largos para o seu fim, o fim irrevogável e definitivo, porque a sua morte tem razões biológicas.

A energia do nosso Estado atual já abriu uma brecha profunda na confusão do mundo antigo. A lei para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias irá libertar-nos, no futuro, daquelas existências balas que sempre e eternamente apenas paralisariam a força do nosso povo. Ao impedir que os portadores de doenças hereditárias se reproduzam, ganhamos espaço para as crianças de famílias saudáveis. Ao tornar inférteis os portadores de genes hereditários doentios ou criminosos, criamos ao mesmo tempo a possibilidade de cuidar deles com boa consciência durante o tempo de suas vidas individuais, como a compaixão pelos descendentes inocentes de antepassados irresponsáveis pode exigir.

Com a *lei para a prevenção de doenças hereditárias*, o Estado nacional-socialista foi o primeiro a tirar conscientemente as conclusões dos conhecimentos da ciência moderna.

A aprovação que esta medida encontrou no estrangeiro prova mais uma vez a sua correção. E as vozes hesitantes da crítica, que se fazem ouvir aqui e ali, não a podem prejudicar, pois partem de um pressuposto fundamentalmente errado. Quando o ser humano aprendeu a pensar cada vez mais em si mesmo e a

esquecer o grande fluxo de sangue que corre através das gerações. quando, com esse espírito, colocou o destino do indivíduo acima do pensamento da totalidade, ele adotou uma visão não apenas desastrosa na prática, mas também, no fundo, errada e antinatural! E quando, nos nossos dias, essa atitude exige compaixão pelos indivíduos com doenças hereditárias, o homem viola as claras e grandiosas leis da natureza e da vida, que em nenhum lugar e em nenhum momento se preocupa com indivíduos isolados e o seu pequeno destino, mas os avalia apenas como elos na cadeia da vida e como gotas na grande corrente sanguínea que flui de eternidade em eternidade através da história.

É preciso manter puro esse rio de sangue, e quando a compaixão e a falsa humanidade tentam arrastar os doentes com ele, o homem peca contra a vontade do próprio Criador, pois Ele criou as leis da vida, que, com dureza e brutalidade, destroem repetidamente o que está doente, assim que se torna um perigo para a sobrevivência da raça, para que haja espaço para o que é saudável e forte, o que é jovem, belo e promissor, que ainda em tempos distantes dará novos frutos e deliciosos frutos.

E também o terceiro perigo do declínio biológico, que em tempos antigos destruiu povos distantes, ergueu ameaçadoramente a sua cabeça entre nós, seres humanos. A mistura com sangue estrangeiro e, com isso, a infiltração de influências de outras raças também não poupou o nosso povo; afinal, uma falsa atitude espiritual, com a sua doutrina de humanidade e igualdade geral, há muito destruíra todo o sentimento racial. As consequências dessa mistura com sangue estrangeiro sempre foram que um povo se desentendeu consigo mesmo, com o seu passado e com todos os valores da sua história, perdendo assim as raízes da sua força. A nação em que as pessoas carregam duas almas contraditórias no peito nunca poderá alcançar a paz interior e, com isso, a força exterior necessárias para se impor na grande vida dos povos. A felicidade do indivíduo, assim como a força do todo, desmorona assim que se perde a harmonia entre o corpo e a alma, que só pode surgir e se desenvolver a partir da pureza do sangue.

Hoje vemos com consternação até que ponto o sangue estrangeiro já penetrou no corpo do nosso povo e compreendemos de repente, com profundo medo, como foi possível essa decadência dos valores morais que os catorze anos do pós-guerra, com a sua imundície e vergonha, nos revelaram.

Nesta área, a nossa nova Alemanha, com as suas leis para restaurar o funcionalismo público e eliminar estrangeiros de determinadas profissões, deu um passo que provocou discussões acaloradas no mundo circundante e que, muitas vezes, causou estranheza, enquanto que para nós, com a nossa compreensão racial, parece natural, pois, neste domínio da destruição dos valores étnicos por portadores de outra mentalidade, de raça estrangeira, é preciso distinguir duas etapas que conduzem à destruição definitiva do caráter e, com isso, também da viabilidade de um povo. Enquanto o estrangeiro racial viver no país, atuar, ensinar e agir de acordo com o ritmo do seu sangue, sem se misturar fisicamente com as pessoas desse povo, ainda resta a possibilidade de uma rápida libertação do espírito estrangeiro. Se esse povo mantiver o sentimento pelo valor da sua singularidade, se realmente considerar os estrangeiros que vivem entre ele como estrangeiros e reconhecer nas suas obras o espírito estrangeiro que vem de outro sangue, então essa coexistência pode, em caso de necessidade, continuar sem causar danos. Mas o perigo permanece, porque muitas vezes as barreiras entre as raças são facilmente quebradas e a garantia do espírito estrangeiro tolerado se transforma na entrada de sangue estrangeiro. E isso, evidentemente, destrói irrevogavelmente um povo. Pois pode-se erradicar o espírito destrutivo, pode-se superar doutrinas perigosas e queimar livros destrutivos; mas se o portador desse estrangeiro, o sangue da raça estrangeira, penetrou no corpo do povo e no seio da família, então ele circula eternamente, gerando sempre novas gerações de pessoas divididas e ambivalentes, que com caráter vacilante se colocam entre os povos e os seus valores e, por isso, falham na hora em que o Estado e o povo são pesados na balança da história.

Por isso, o estadista tem o dever de proteger o seu povo da invasão de sangue estrangeiro e da destruição da sua raça portadora. Pois não é verdade que a arrogância ou a soberba racial tenham levado a tal conclusão. Quando hoje, na Alemanha, uma pessoa se opõe à mistura desenfreada de sangue estrangeiro com o do nosso povo, isso demonstra, pelo contrário, um claro respeito pelas grandes leis da natureza.

Não fomos nós que criámos o mundo e determinámos o seu curso. Isso foi feito por alguém superior, que é o único a saber para que servem todas essas leis e

qual é o seu objetivo. Cabe ao ser humano aprender com reverência essas grandes leis do mundo e da vida e, em seguida, cumpri-las.

Dizia-se e acreditava-se, para se adequar ao ponto de vista racial do nacional-socialismo, que cada raça neste mundo era um pensamento de Deus. É exatamente isso que acreditamos e, por isso, exigimos uma separação clara entre sangue e sangue, para que os pensamentos de Deus não se confundam e se degenerem em caricaturas nos mestiços.

Livrar o nosso povo alemão da destruição ou da invasão de sangue estrangeiro não é apenas uma necessidade política, mas também um direito e um dever de acordo com a lei atemporal dos costumes e da moral naturais. E estamos profundamente convencidos de que a grande ideia da autoconsciência racial, seguindo o exemplo da Alemanha, também despertará noutros países. Se existe nesta Terra uma paz duradoura entre os povos, não há outro caminho para ela senão aquele em que cada povo vive inteiramente de acordo com as leis do seu sangue e da sua espécie e concede o mesmo aos outros.

Assim, a reflexão que partiu dos perigos do declínio biológico na história e da preocupação com as dificuldades do dia a dia culmina, no final, no pensamento reverente de leis simples e grandiosas, que têm validade eterna sobre toda a vida. O nacional-socialismo e o seu novo Estado não são, no fundo, nada mais do que a tentativa, empreendida na última hora, de harmonizar novamente o pensamento e a ação do nosso povo com essas leis, de nos submetermos novamente à vontade do Criador e de cumprirmos com orgulhosa humildade a tarefa que nos foi atribuída.

Se conseguirmos isso, ganharemos para o nosso povo, após anos de vergonha e decadência iminente, um novo futuro brilhante e, ao mesmo tempo, libertaremos a humanidade de pensamentos errados que, a longo prazo, teriam significado a ruína de todos os povos.

A Ideia Racial do Nacional-Socialismo (1934)

Do Original: "*Walter Groß - Der Schulungsbrief, I. Jahrgang, 2. Folge (April 1934), S. 6-19.*"[67]

A palavra "raça" está na boca de todos hoje. Em nenhum outro lugar a tremenda mudança do último ano se tornou tão drasticamente aparente quanto na mudança de atitude em relação a essa palavra, que ainda era condenada ontem. O número de livros sobre raça que foram lançados no mercado no último ano dificilmente pode ser ignorado, os discursos, palestras e artigos de jornal se sucedem, e não falta muito para chegarmos a um estado em que cada nova palavra sobre esse assunto, agora aparentemente antigo, seja rejeitada com repulsa.

Esse é o quadro atual — mas faríamos bem, no início de nosso trabalho educacional, em olhar para trás e nos convencer de que esse entusiasmo unânime por questões raciais, visto como um todo, é um fenômeno cíclico do último ano. Pois o perigo dos tempos de vida rápida é o esquecimento muito fácil do caminho de ontem e, portanto, da luta que, por si só, revela o significado histórico mais profundo das coisas.

Até o dia do avanço da revolução nacional-socialista, a palavra raça tem sido um slogan na luta por um novo mundo, e de todos os lados dos antigos ela encontrou ódio, desprezo e rejeição. Isso é verdade não apenas para a imprensa política de todas as direções passadas, da direita à esquerda, mas também para o mundo científico, que hoje, às vezes, quer dar a impressão de que a verdade e a essência do pensamento racial têm sido um conceito evidente para ele há décadas. É bom lembrar que, há alguns anos, a mera preocupação com o desenvolvimento histórico do pensamento racial rendeu a um pesquisador merecedor, o Prof. Schemann, em Freiburg, a ira de Severing e levou à retirada do apoio da Associação de Emergência da Ciência Alemã, e é bom lembrar que o mundo acadêmico aceitou silenciosamente essa invasão brutal do direito à livre pesquisa, sem encontrar a coragem de fazer um protesto inflamado contra tal arbitrariedade. É bom lembrar que, até um ano atrás, a palavra raça quase

---

67 http://web.archive.org/web/20100103063105/http://ns-archiv.national-socialism.org/ns/index.php?title=Der_Rassengedanke_des_Nationalsozialismus

nunca era encontrada nos livros e publicações de médicos ou biólogos; na verdade, com um zelo estranho, houve até mesmo uma tentativa séria de expulsá-la do domínio público no único lugar em que ela havia conquistado um lugar decisivo: refiro-me aos esforços para erradicar a palavra "higiene racial" e substituí-la pela palavra "eugenia" — historicamente trazida da Inglaterra — mais incolor.

Tudo isso deve ser lembrado hoje se não quisermos esquecer que, na verdade, há decisões obviamente fundamentais por trás das coisas da raça que encontraram sua expressão externa na amarga rejeição de ontem, até mesmo da própria palavra. E somente se permanecermos conscientes desse fato é que a atual enxurrada de publicações e palestras sobre todas essas questões poderá ter valor para nós no longo prazo.

Para entendermos plenamente esse fato, parece ser necessária uma consideração adicional.

Atualmente, no tratamento das questões raciais, o lado prático e político da população está, de longe, em primeiro plano. O desenvolvimento da taxa de natalidade, a lei para a prevenção de doenças hereditárias, os fundamentos científicos da ciência racial constituem a parte essencial da preocupação pública com as questões raciais e, portanto, médicos, biólogos e antropólogos estão em primeiro plano nesse campo. No entanto, toda essa preocupação científica e objetiva com as questões raciais, que por si só é bem-vinda, abriga um imenso perigo: que acima dos fatos científicos esteja o seu significado ideológico, que acima da consideração dos blocos de construção individuais, a compreensão do edifício como um todo fique aquém.

Esse perigo é um legado real da época liberal passada. A ciência, e especialmente a ciência natural, deve sua enorme ascensão precisamente à preocupação amorosa com as partes e partículas individuais do mundo e da vida. Era seu método dividir os fenômenos, tanto quanto possível, em fragmentos, investigar cada um deles separadamente e apenas raramente e hesitantemente olhar para o todo. O resultado desse método foi um admirável conhecimento do indivíduo, mas também uma superestimação do indivíduo que nos parece insuportável hoje em dia e uma intolerável falta de uma visão geral.

O orgulho da erudição liberal no conhecimento em si, no conhecimento de fatos individuais, tornou-se incompreensível para nós; o que buscamos e ansiamos é uma visão geral do mundo que seja verdadeira e forte o suficiente para se provar como um princípio orientador na vida diária das pessoas, bem como do indivíduo. Assim, todos os fatos científicos individuais, que juntos formam a base do novo pensamento racial, são valiosos para o público somente na medida em que soam juntos em tal quadro geral. Para o não especialista, entretanto, eles não têm valor e não merecem ser aprendidos e conhecidos se não estiverem relacionados aos aspectos fundamentais e gerais da visão de mundo.
Essa é a crítica que devemos fazer à enxurrada de publicações nesse campo: com relativamente poucas exceções, todas elas representam compilações diligentes e gratas de fatos científicos que têm valor muito limitado para o público em geral, pois carecem da grande estrutura intelectual e ideológica que, por si só, pode uni-las em um todo e, portanto, em um valor.

É aí que entra o trabalho educacional e de treinamento do Partido. Quando, em 17 de novembro, o Vice-Führer me confiou a supervisão e a padronização do trabalho educacional e de propaganda nesse campo, não foi por preocupação de que visões cientificamente incorretas pudessem ser disseminadas em algum lugar, mas por uma preocupação mil vezes maior e mais justificada de que, por meio da inundação unilateral do público com discussões meramente científicas, a visão do essencial e fundamental nesse campo pudesse ser perdida. E é por isso que, neste ponto, devemos falar do significado espiritual-revolucionário do pensamento racial, antes que os fatos que são importantes em nosso campo sejam apresentados em detalhes nas próximas cartas de treinamento.
Quando, em 1918, uma ordem que havia sido tomada como certa por décadas caiu em ruínas e, de repente, o povo alemão, pelo menos, se deparou com a necessidade de uma estrutura completamente nova, chegou o momento em que todas as pessoas sérias tiveram que dar conta de questões que, em tempos calmos e seguros, nunca se impõem à consciência. A questão decisiva era, obviamente, quais forças moldam e mantêm os Estados. Pois essas forças precisavam ser despertadas e usadas como armas na luta pela recriação da Alemanha.

Vamos visualizar rapidamente os pontos de vista que foram expressos.
A historicamente mais antiga, que basicamente sobreviveu desde a Roma antiga até nossos dias, via no próprio Estado um poder formador de história e

acreditava em uma origem diretamente divina do Estado. Seja com base nas ideias medievais da igreja ou nas ideias conservadoras dos príncipes, em ambos os casos a natureza divina do Estado era a portadora da vida histórica e, portanto, de todo o poder histórico; e nos anos após a guerra, vários partidos tentaram tirar conclusões políticas dessa convicção. Ainda hoje, a ideia, nas duas formas mencionadas acima, tem uma vida cada vez mais tênue no país irmão da Áustria e se tornou a causa do tumulto e das convulsões desses meses. Um desenvolvimento posterior democrático-burguês dos pontos de vista mencionados acima é representado pela concepção legal formal de alguns advogados constitucionais, que agora reconhecidamente negavam poderes divinos para pessoas individuais, mas em seu lugar colocavam a lei formal, conforme ela havia se desenvolvido no curso da história como lei estadual e internacional, e que agora eram da opinião de que a essência e o poder da vida histórica eram expressos nas questões da constituição e na formulação legal da lei estadual. Em contraste com essas convicções, que basicamente sempre se resumiram a um pensamento estatal rígido, um novo movimento surgiu em meados do século passado, que, dominado pela tremenda ascensão da vida econômica, colocou cada vez mais a economia e suas formas no centro e, finalmente, considerou-as como a força motriz da história. O marxismo, de um lado, e o alto capitalismo liberal, de outro, são os representantes dessas visões, que encontraram sua expressão clássica na fatídica frase de Rathenau "*economia é destino*".

É bem sabido como, nos anos após a guerra, as lutas dos partidos e grupos entre si eram basicamente lutas entre as visões fundamentais descritas acima. Por mais diferentes que tenham sido entre si e por mais amargamente que tenham lutado contra suas diferenças, todos eles tinham uma coisa em comum: uma completa falta de compreensão daquele valor que nós, e milhões de pessoas conosco desde a guerra, experimentamos sem dúvida como o mais alto conceito histórico e político: o valor do próprio povo.

A palavra "povo" teve uma história mutável nas últimas três eras humanas, e essa história é uma boa parte da história intelectual dessa época em geral. Há um século, "o povo" era o grito de guerra na luta de uma classe contra outra: o povo exigia direitos, o povo exigia uma participação na gestão do destino do Estado, o povo se rebelava contra o domínio exclusivo dos príncipes, do clero e dos Junkers. Naquela época, o povo também incluía a burguesia democrática,

que lutava por reconhecimento. Quando isso foi alcançado, quando o terceiro estado foi incorporado à liderança do estado por meio de uma constituição, quando a burguesia deixou a bandeira da revolução e se voltou para o grupo de proprietários e mantenedores do estado, o proletariado que acabara de surgir, o quarto estado, permaneceu sozinho e continuou amargamente a luta contra as forças dominantes em nome do povo. O conceito de povo permaneceu como um slogan de luta de uma classe, e a burguesia continuou a reconhecer esse caráter da palavra: se eles se consideravam parte do povo enquanto eram rebeldes contra a ordem existente, agora que se consideravam parte dos senhores, eles se afastaram dele e deixaram a palavra e o conceito para seus sucessores na luta revolucionária.

É bom lembrar, em nossa época, o quão profundamente profanada foi, ao longo de décadas, essa palavra que hoje representa para todos nós o valor mais alto da vida histórica. "Povo" como um slogan em uma amarga luta de classes, às vezes falado com o fervor da indignação proletária, às vezes com o desprezo piedoso do burguês saciado - isso ainda era realidade na época de Bismarck, uma realidade tão evidente que causou um tremendo alvoroço quando o próprio chanceler um dia lançou indignado sua própria confissão contra essa profanação do termo: "Volk! (Povo) O que significa Volk? Todos nós pertencemos ao povo! Eu também pertenço ao povo!" - Não é de se admirar que essa declaração do grande chanceler tenha provocado contradição, por um lado, e um ridículo incompreensível, por outro: afinal de contas, ela expressava um novo conceito que só renasceu para a nação no estrondo da batalha da guerra mundial.
Não é coincidência o fato de que o período pré-guerra não tinha uma palavra para a totalidade da nação que transcendia todas as classes, estratos e propriedades, pois não tinha um conceito e uma experiência do todo, mas, de acordo com a atitude liberal, apenas uma compreensão de fragmentos e partes, da fragmentação cada vez maior até o último fragmento indivisível, até o "indivíduo", que no final se tornou o conteúdo da experiência e o pivô de toda atividade. Essa dissolução sempre crescente representa o desenvolvimento espiritual essencial da época liberal, e encontrou seu fim e sua superação na experiência da guerra.

No front, renasceu o sentimento de união fatídica, de comunidade como um todo, à qual todos nós pertencemos, cuja lei está acima de nós e nos governa como suas partes na vida e na morte, na felicidade e no sofrimento. A

experiência do front despertou a percepção de que essa comunidade indissolúvel não é o resultado de uma união voluntária, de um contrato recíproco ou de quaisquer outras frases racionalistas usadas, mas uma lei fatídica da qual nunca poderemos escapar, e o período pós-guerra teve seu propósito espiritual de transferir essa experiência, nascida nas tempestades de aço do front e surgida em uma situação histórica única e extraordinária, como um novo senso de comunidade, como um socialismo de estilo alemão, para a vida cotidiana de toda a nação.

Isso deu à palavra *Volk* um significado completamente novo e, ao mesmo tempo, antigo. De um slogan de luta de classes, ela se tornou um símbolo da comunidade indissolúvel e fatídica na qual a vida fez nascer cada ser humano. O pensamento centrado no ego do período anterior à guerra foi subitamente substituído pela vida, pensamento e sentimento da enorme nação de 70 milhões de pessoas, que vive ou morre como um todo, é rica ou pobre, feliz ou desesperada como um todo, e nesse destino do todo estão incluídos todos os pequenos eventos do ser humano individual. E o ser humano individual, indispensável como parte desse todo e, ao mesmo tempo, pequeno e insignificante em relação a ele, sai do centro do mundo e se junta ao povo como uma partícula de 70 milhões, necessária e insignificante ao mesmo tempo, como uma gota de água no grande mar.

Mas por mais que essa mudança de visão seja enorme em comparação com o período anterior à guerra, ela não representa o fim desse desenvolvimento espiritual. A nação de 70 milhões é grande e vale a pena viver e morrer por ela. Mas no nacional-socialismo um pensamento ainda maior veio à tona e nos permitiu ver espaços ainda mais amplos. Diante dos 70 milhões que compõem o povo alemão em nossa geração, estão seus pais e mães, estão seus pais, estão gerações e gerações através de séculos e milênios em uma pré-história cinzenta. E depois dos 70 milhões de hoje, vêm os filhos e netos, século após século, milênio após milênio, em um futuro distante e nebuloso. Através dos altos e baixos da história do Estado, através da ascensão e declínio de formas culturais, através de guerras e assassinatos, através de paz e tranquilidade, que os livros de história nos contam, a corrente de sangue do nosso povo flui de um passado desconhecido para um futuro desconhecido. E por maior que seja a nação de 70 milhões em relação ao destino do indivíduo, ela se torna pequena em relação a essa corrente sanguínea de milênios. Se há pouco nos parecia um oceano no

qual flutuamos como gotas, agora o destino, a felicidade ou o infortúnio de toda uma geração de 70 milhões se torna pequeno em relação à altura do novo olhar, como a onda no riacho que sobe e afunda novamente para ser substituída pela próxima; e é acidental e sem sentido, e apenas uma coisa é importante, que o próprio riacho flui em direção ao seu objetivo distante.

A recuperação do conceito de Povo (Volk) como a grande comunidade do destino (Schicksalsgemeinschaft) foi o primeiro estágio no caminho para uma nova forma de pensar; o segundo será alcançado no momento em que, por trás do povo temporal de 70 milhões, virmos a unidade maior que chamamos de povo eterno dos alemães.

O despertar do novo espírito

Com esse pensamento em gerações, foi alcançado um ponto de inflexão decisivo de natureza intelectual, mas também de natureza político-prática, e há consequências associadas a essa concepção aparentemente tão fácil e evidente que são de importância indiscutível em meio às disputas políticas do presente. O conceito de povo adquiriu, portanto, um caráter que é fundamentalmente diferente do significado que ainda está associado à palavra nos dias atuais em termos de direito internacional. Obviamente, para pertencer ao povo no sentido desenvolvido acima, a origem, a descendência, ou seja, obviamente a afiliação histórica e de sangue é decisiva. No mundo político, o termo "povo" é entendido como algo completamente diferente; coisas muito mais superficiais são decisivas para pertencer a um povo, principalmente a filiação legal formal a um Estado, mesmo nos dias de hoje. Assim, é possível que, nos dias de hoje, as fronteiras estatais passem pelo meio de unidades étnicas, que devem ser mantidas de forma rígida e inviolável e são consideradas historicamente justificadas e, portanto, politicamente necessárias, não apenas por cálculo político, mas também por convicção ideológica fundamental. Para o pensamento legalista formal, o judeu galego era um membro do povo alemão assim que pagava seus impostos aqui, em vez de em Lodz, e deveria ter se tornado um francês ou inglês se tivesse se naturalizado em Paris ou Londres. Por mais insensata que seja essa concepção, ela ainda vive entre nós hoje, de forma enfraquecida, em todos os cérebros burgueses que agora negam o significado determinante da nação de um certificado de cidadania, mas ainda assim acreditam no papel decisivo do idioma, por exemplo, na determinação da

afiliação nacional. Aqueles que, como a literatura científica da democracia tem tentado, concebem um povo apenas como uma comunidade linguística e cultural, desconsiderando completamente as conexões sanguíneas, estão igualmente distantes de nosso conceito biológico orgânico, ou seja, baseado no sangue do povo.

E aqui chegamos ao ponto em que as ideias e os conceitos científicos entram em um relacionamento com o pensamento político e histórico da nova era. Enquanto no passado toda a vida do Estado era uma questão de lei formal mais ou menos separada do homem, enquanto o próprio homem era, ao mesmo tempo, um fenômeno pertencente ao reino das ideias puramente espirituais ou religiosas-igrejas, hoje vemos o homem novamente como o formador e o portador e, portanto, como o conteúdo essencial do Estado, mas, ao mesmo tempo, o homem e o povo como uma unidade físico-espiritual-emocional que nunca poderá ser compreendida se tentarmos abordá-la exclusivamente pelo lado do puro espírito. Assim, entendemos que os fatos físicos, biológicos e científico-naturais da vida humana e nacional também pertencem ao círculo daquela contemplação que busca uma compreensão plena da vida histórica. A história natural do homem, portanto, une-se à história intelectual e cultural como um pré-requisito indispensável para uma imagem do mundo e da história que faça justiça às necessidades práticas e espirituais de nosso tempo.
Deve-se apenas mencionar brevemente aqui que os primórdios de tal consideração são basicamente antigos. Desde que Platão escreveu sobre o estado, há 3.000 anos, as cabeças claras individuais reconheceram repetidamente que a vida do estado não é concebível sem a saúde física. Com o aumento do conhecimento científico no século passado, começou-se a dar mais atenção a essas conexões. Enquanto Gobineau fez a primeira grande tentativa de explicar a diversidade dos fenômenos culturais e históricos por meio da diversidade racial dos povos criativos e, ao mesmo tempo, o parentesco de grandes feitos culturais por meio dos elementos do mesmo sangue, Galton lançou as bases para a compreensão da destruição biológica dos povos e, ao mesmo tempo, levantou as exigências cientificamente fundamentadas para evitar esses perigos. Assim, ele se tornou o fundador da "eugenia", que nós, na Alemanha, chamamos de "higiene racial" há décadas. E enquanto a ciência natural estava aprofundando rapidamente todas as percepções científicas que, em parte, haviam permanecido não comprovadas nessas primeiras tentativas de uma forma completamente nova de pensar, os primeiros arautos da nova

concepção biológica da história apareceram entre os pensadores. Nietzsche repetidamente e apaixonadamente fez exigências que correspondiam a esse novo espírito, Schemann e Woltmann continuaram o trabalho de Gobineau e, no limiar do século XX, Houston Stewart Chamberlain nos deu o primeiro grande esboço de uma visão racial da história em seu "Fundamentals", que permaneceu como o trabalho decisivo que dividiu mentes por duas décadas.
E enquanto a ciência natural mais uma vez traz novas percepções, uma imagem fundamentalmente nova das forças e formas da vida histórica cresce nos cérebros e corações das pessoas recém-despertadas, muitas vezes inconscientemente e apenas lentamente se tornando cada vez mais clara, que então encontra sua expressão político-prática no movimento nacional-socialista de Adolf Hitler, mas ao mesmo tempo sua expressão intelectual-científica no "Mito do Século XX" de Alfred Rosenberg.

Em comparação com as ideias anteriores, essa concepção biológica da história significa uma revolução do espírito em grande escala.

Do que as pessoas morrem?

Desde que as pessoas têm se preocupado com a história de épocas e povos passados, elas sempre foram movidas pela grande questão das causas do declínio e da decadência de Estados e culturas. Pois, em todas as observações da história, esse é um quadro devastador e deprimente: Em algum lugar, como se viesse do nada, um povo entrou para a história, tornou-se grande e poderoso, conquistou países, construiu um Estado, criou obras de arte e fé e, em poucos séculos, enriqueceu a humanidade com valores diante dos quais ainda hoje nos sentimos admirados e gratos ao mesmo tempo. O poder do Estado diminuiu, a arte entrou em decadência, o espírito e a fé caíram de suas orgulhosas alturas, até que, finalmente, a nação outrora tão orgulhosa teve apenas uma existência sombria e, no final, sua história foi obliterada pelo surgimento de outra. Assim, os grandes impérios da Índia ariana, dos persas, dos gregos ou dos romanos afundaram no túmulo e, muitas vezes, apenas ruínas decadentes, sobre as quais a selva cresce ou as areias do deserto sopram, nos lembram dos grandes feitos dos povos do passado sobre os quais a história passou.

O espírito humano sempre buscou as causas desses eventos, e essas perguntas não são de forma alguma estéreis ou ociosas; pelo contrário: é precisamente o

político que deve se fazer essas perguntas no início de suas ações, pois a natureza e o significado de toda a sua atividade dependem da resposta. Durante muito tempo, foram feitas tentativas em vão de atribuir o declínio dos grandes povos culturais a causas políticas ou econômicas. Todas essas respostas foram insatisfatórias e, no final, foram suplantadas pela fé cansada de uma era resignada, que em nossos dias começou a considerar o declínio dos povos não mais como o resultado de causas individuais, mas como a necessidade fatídica da própria vida dos povos. A convicção de que o tempo de vida e a vitalidade dos povos e de suas criações são tão limitados quanto os do ser humano individual e que, portanto, o declínio deve fatalmente seguir a ascensão e a prosperidade, a juventude e a virilidade criativa devem ser seguidas pela senilidade e pelo declínio, levou à doutrina do declínio do Ocidente e, assim, ao mesmo tempo, tornou-se o pré-requisito interno para o declínio do caráter e da moralidade no período pós-guerra, que todos nós vivenciamos com horror. Pois se o fim e a queda de nosso povo são determinados pelo destino e inevitáveis, então os sacrifícios e a renúncia que todas as lutas pelo futuro exigem não valem mais a pena, e a irreflexão, o egoísmo e a satisfação irrestrita de todos os próprios desejos são justificados pela futilidade de todos os objetivos maiores para o futuro.

A Alemanha nunca teria sido capaz de vivenciar o momento decisivo do ano passado se a doutrina cansada do fim fatídico de nosso povo tivesse sido acreditada de modo geral. Mas ela foi abalada, na verdade, já estava basicamente superada quando encontrou seus defensores mais barulhentos - foi superada pelas percepções de uma visão racial da história que, guiada por um sentimento saudável e confirmada pela ciência mais recente, responde às perguntas sobre as causas do declínio dos povos na vida da história de uma maneira fundamentalmente diferente. Ela nos ensina que não são a economia e a política, que não são as catástrofes naturais ou os conflitos internos que são capazes de destruir os povos a longo prazo, mas que a última causa que podemos compreender é uma razão biológica por trás de cada declínio nacional na história, que quebrou a força e a saúde da raça.

Não é o favorecimento ou desfavorecimento do meio ambiente que decide o destino das nações, nem o clima, a economia ou a política em si, mas apenas a força da raça e a saúde de seu sangue, em que tanto a ascensão quanto a queda são decididas. E enquanto os povos da Terra zelaram por esses alicerces de seu

ser e os protegeram e preservaram, suas obras perduraram, e cada derrota na guerra ou cada colheita ruim, com suas consequências, pôde ser superada e suportada. Somente um povo cuja raça é destruída desaparece para sempre. Pois a força e a saúde do sangue são concedidas às nações apenas uma vez e, quando elas se deterioram, jamais podem ser reconstruídas como cidades em ruínas ou campos desolados. Se olharmos para trás na história com essa visão, que a ciência moderna nos ensinou e confirmou, então, de repente, um quadro totalmente novo se desdobra para nós e, em incontáveis exemplos individuais, torna-se subitamente claro como sempre e em todos os lugares o início do declínio de grandes povos teve suas causas na destruição da substância racial. E, ao examinarmos mais de perto, percebemos que esse declínio biológico, que é seguido pelo político, é possível de três maneiras diferentes, que, é claro, na realidade dos eventos históricos, sempre ocorrem ao mesmo tempo, mas que, para fins de clareza, devem ser separadas por um momento nesta consideração. O primeiro processo de decadência biológica é a diminuição dos números. Toda a vida na Terra é ameaçada por perigos e dificuldades sem fim, e os seres humanos e os povos não são exceção. As guerras matam inúmeros homens no auge da juventude, as epidemias despovoam países inteiros, os desastres naturais e a fome muitas vezes deixam vastas áreas desertas. A vida teria sido destruída há muito tempo neste mundo de luta e perigo se a natureza não tivesse encontrado proteção na fertilidade de suas criaturas. Ela espalha bilhões de germes sobre a terra a cada outono; mesmo que milhões e milhões deles sejam destruídos, ainda restam o suficiente para criar raízes e crescer em novos portadores de vida.

E assim, a vontade de viver além de si mesmo, o instinto de procriar e multiplicar, também foi implantado nos seres humanos, de modo que, em meio a todos os perigos, dificuldades e catástrofes da vida das nações, sempre novas gerações podem assumir o trabalho de seus ancestrais e passá-lo para um futuro distante. Não importa quão pesado seja o destino dos povos da Terra, não importa quão grande seja a porção de seres humanos vivos que tenha sido destruída em um instante, em poucas gerações eles se recuperam e se erguem novamente, desde que sua vontade de viver seja saudável e, portanto, sua fertilidade não diminua. Do seio de uma raça derrotada, os vingadores e libertadores cresceram em rebanhos de crianças saudáveis e, ao mesmo tempo, a primavera jorrou aqui, dando força a uma nova grandeza e ao florescimento da cultura.

Mas ai das pessoas que se esqueceram de que o caminho para o futuro passa apenas pelas crianças. Quando a família se torna pequena, quando apenas o número de filhos substitui o número de mortos, cada perda de guerra ou cada momento de dificuldade econômica significa uma catástrofe que atinge a força vital desse povo. Pois agora isso leva a um declínio nos números, portanto, a um enfraquecimento da força e desencadeia novas ameaças de vizinhos mais fortes, o que facilmente leva à queda final. Pois a história não tolera espaços vazios, e onde a vontade de viver de um povo afundou e sua força *völkisch* se desfez, de acordo com as leis eternas, outro, mais forte, toma seu lugar e o extingue, porque o poder e a força são valores da vida dados por Deus.

Entretanto, por mais importante que seja o número de pessoas, o destino biológico de um povo não é de forma alguma decidido por sua preservação. Pois não são os números em si que dão valor à vida, mas apenas o número de portadores de força e eficiência, de saúde e desempenho. E é exatamente por esse motivo que a natureza criou a abundância e a superabundância de seres vivos, porque ela sempre pode aumentar e melhorar o valor e o desempenho de suas criaturas a partir de seu suprimento infinito por meio da dura lei da seleção. Na vida das nações, há sempre o perigo de uma seleção inversa. Ele consiste no fato de que, em vez dos melhores e mais capazes, são os fracos e doentes que recebem cuidados especiais. Um povo é uma multiplicidade de linhas hereditárias, cada uma delas com um valor e uma capacidade diferentes. E deve ser decisivo para o destino histórico de um povo se, no decorrer dos séculos, as linhagens hereditárias que são portadoras dos valores mais elevados e mais capazes aumentam em número e, assim, elevam o povo, ou se, ao contrário, elas são destruídas e cortadas e, em seu lugar, predominam as linhagens hereditárias que abrigam disposições inferiores e inadequadas. E aqui o lado médico da questão não é de forma alguma o mais importante; nos tempos antigos ainda não havia aquela humanidade exagerada que em nossos dias preserva até mesmo a linhagem hereditária mais pesada até que ela seja reproduzida e, assim, repetida em gerações sempre novas. Naquela época, as linhagens hereditárias com degenerações graves morriam mais cedo ou mais tarde e, ainda assim, o valor e a eficiência de um povo mudavam para o lado desfavorável por meio de uma seleção errada. Pois mesmo no reino do normal e saudável não há igualdade entre as pessoas. Algumas superam a média em termos de força mental ou corporal, outras ficam atrás delas, sem, portanto, serem patológicas e anormais.

Ai das pessoas que, no decorrer de sua história, consomem até o ponto de extinção as raças raras com uma superioridade especial de sua herança, em vez de preservá-las zelosamente! A consequência é que o talento superior vai se perdendo gradualmente e, por outro lado, os inferiores ganham peso. E, mais cedo ou mais tarde, isso inevitavelmente significa o declínio do estado e da cultura. O número de pessoas permanece o mesmo ou pode até aumentar, o idioma é o mesmo, as fronteiras do país permanecem inalteradas, mas as pessoas que as preenchem se tornaram interiormente diferentes, elas não criam mais novos valores a partir do poço inesgotável da eficiência racial, como fizeram as gerações anteriores, mas se contentam com a preservação do que foi transmitido, até que a força e a compreensão também não são mais suficientes para isso e, finalmente, uma geração decadente de epígonos deixa a herança dos ancestrais decair, porque a força de seus criadores não vive mais em seu sangue. Mas todos esses perigos do declínio numérico e da deterioração hereditária de um povo por meio da seleção errada só adquirem seu significado final e mais profundo quando temos clareza sobre o papel desempenhado pela raça no sentido mais restrito da história dos povos.

A palavra raça é usada atualmente em dois significados, e isso explica muitos mal-entendidos entre as pessoas. Até agora, falamos de raça como tal no sentido de todas as disposições que são hereditárias nos seres humanos e, de fato, em todos os seres humanos, ou seja, que não são condicionadas por influências ambientais, mas apenas pela herança do sangue. A ciência introduziu aqui a palavra raça vital. Além disso, no entanto, há o conceito de raça no verdadeiro sentido, a raça sistêmica do cientista, pelo qual designamos um grupo de seres humanos que concordam em características hereditárias físicas e mentais essenciais. Assim, falamos das várias grandes raças da humanidade e as contrastamos como grupos que pertencem a si mesmos. E se observarmos agora os povos que desempenharam um papel no curso da história, descobriremos que eles continham, em sua maioria, pessoas de diferentes descendências raciais. Mas a forma pela qual essa diversidade se uniu para formar um povo não foi a mistura racial, mas sempre, antes de tudo, a estratificação racial. Pois os antigos estados culturais devem sua origem ao homem ariano de sangue nórdico, que criou todos eles e suas culturas. E onde ele encontrou habitantes estrangeiros na terra, ele não se misturou com eles, mas os subjugou e colocou seus membros da tribo sobre eles como uma classe mestre. Mas dessa camada do conquistador nórdico veio tudo o que os povos antigos produziram em termos de valor e

realização. E sua grandeza permaneceu apenas enquanto o sangue nórdico que os criou foi forte e influente o suficiente. Mas assim que o sentimento e a pureza do sangue em relação aos contrastes das raças se perderam, assim que o sangue estrangeiro se infiltrou, a decadência das culturas e dos estados começou, e podemos observar com choque na história de todos os tempos como a penetração do sangue estrangeiro anda de mãos dadas com a decomposição dos costumes, da fé, dos valores de caráter e moral e, assim, destrói irremediavelmente os alicerces sobre os quais o edifício da cultura florescente foi erguido.

Mas tudo o que vemos no curso da história desse povo em colapso, nas aberrações políticas, na turbulência econômica, basicamente nada mais é do que a consequência da força biológica destruída, que se tornou fraca porque a pureza e a unidade do sangue foram irresponsavelmente abandonadas.

Ambiente ou hereditariedade?

A visão geral que acabamos de apresentar sobre as formas de decadência biológica dos povos, que é em si a causa e o conteúdo final do declínio histórico em geral, só se torna compreensível em todo o seu significado se dermos outra olhada nos dois últimos processos mencionados, a contra-seleção e a mistura racial, separadamente por um momento. Pois, embora a importância do declínio numérico seja facilmente aparente, no caso dos dois processos mencionados acima, deparamo-nos com uma questão que exige um tratamento minucioso: a questão da igualdade ou desigualdade dos seres humanos.
É bem sabido como, após a Revolução Francesa, o dogma da "igualdade de tudo o que é humano" começou sua marcha triunfal pelo mundo na esteira do marxismo. A convicção da igualdade dos seres humanos, ou seja, da completa ausência de todas as diferenças essenciais, foi difundida em todo o Velho Mundo em uma extensão muito maior do que parece à primeira vista. E teremos que falar sobre as graves consequências dessa convicção em breve. Mas, antes disso, é preciso responder à pergunta sobre como foi possível chegar e manter uma visão que contradiz tão drasticamente a observação diária. Pois cada olhar para a própria vida mostra que as pessoas não são iguais, que um agricultor frísio é diferente de um negro ou de um esquimó, e que mesmo dentro do povo alemão, por exemplo, o físico, os talentos e o caráter de cada indivíduo são diferentes dos demais. Portanto, é extremamente importante que nos

familiarizemos com a ferramenta mental com a qual o marxismo e a era liberal foram capazes de manter seu dogma de igualdade apesar dessas diferenças tangíveis: essa foi a doutrina do meio ambiente, a teoria do meio.

Seu significado era o seguinte: acreditava-se que todos os seres vivos eram decisivamente moldados e determinados em seu desenvolvimento pelas forças do ambiente em que cresciam. Acreditava-se que o mesmo ambiente levaria aos mesmos resultados de desenvolvimento e que efeitos ambientais diferentes inevitavelmente produziriam diferenças. Mas essas diferenças eram apenas externas, apenas acidentais, e poderiam ser alteradas a qualquer momento por uma mudança nas condições ambientais. Isso tornou possível manter inabalável a convicção da igualdade fundamental de todos os seres humanos sem ter de negar as diferenças inconfundíveis das próprias formas vivas.
Essa doutrina ambiental e a doutrina da igualdade apoiada por ela forneceram agora a base aparentemente científica para toda uma série de conclusões político-espirituais.

Internamente, todo o pensamento democrático se baseava nisso. Pois se não havia diferenças essenciais entre as pessoas, então não poderia haver diferenças essenciais em direitos e deveres: direitos iguais para todos era então uma exigência lógica. A democracia, o parlamentarismo, a irresponsabilidade, a morte de cada personalidade foram as consequências de cada concepção, e o que elas significam na prática foi experimentado pela Alemanha no período pós-guerra, mas em uma extensão ainda mais terrível pela própria Rússia. Mas onde, com a melhor vontade do mundo, o dogma da igualdade de direitos não podia mais ser mantido, onde o desvio de um indivíduo da norma se tornou tão forte que não podia mais ser ignorado, mesmo com a vontade mais perversa, então o marxismo tentou intervir no sentido da doutrina ambiental com meios completamente inadequados: O criminoso nato, o assassino insensível, que desde a mais tenra idade passou pela vida com instintos antissociais como uma praga da sociedade, também era, no passado, apenas uma "vítima de seu ambiente", e não a destruição brutal de tais naturezas perigosas, mas sua educação cuidadosa e seu aprimoramento por meio da transferência para um "ambiente melhor" pareciam apropriados. Os primórdios de um sistema penal "moderno" falaram de forma eloquente: a penitenciária com rádio, bilhar e biblioteca, na qual o assassino de ladrões levava uma vida cem vezes mais confortável do que o trabalhador do campo - essa era a conclusão lógica da

crença de que era possível determinar de forma decisiva ou até mesmo mudar a natureza do homem por meio de influência externa.

No entanto, não se deve esquecer, neste ponto, que esse erro absurdo não estava apenas presente no mundo marxista, mas basicamente preenchia a burguesia exatamente da mesma forma. Pois a superestimação da educação e da criação, que levou à presunção de classe e a ilusões insensatas de educação por parte da burguesia, tem suas raízes da mesma forma na crença na possibilidade de moldagem por meio de forças ambientais. Somente por essa razão o mundo burguês viu a garantia do valor do homem na comprovada educação escolar e universitária, porque estava convencido, no fundo, de que os valores do homem eram transmitidos pelo ambiente espiritual em que ele crescia.

Se na época em que Rousseau se tornou o pioneiro das demandas educacionais modernas ou quando Marx colocou a decisão sobre o avanço ou o declínio nas condições ambientais econômicas, todo esse pensamento teórico do meio ainda podia ser considerado pelo menos cientificamente possível, a ciência natural nos mostrou desde então sua completa insustentabilidade. A teoria da hereditariedade, que tem praticamente apenas um ano de idade, nos ensinou de forma irrefutável que o desenvolvimento dos seres vivos, incluindo os seres humanos, é determinado, em primeiro lugar, pelo material hereditário transmitido a eles por seus pais. Nenhum poder ambiental pode alterar substancialmente essa herança. Ele pode muito bem promover o desenvolvimento das predisposições em um lugar e inibi-las e impedi-las em outro. Mas nenhuma força ambiental, seja material ou espiritual, pode mudar decisivamente a natureza mais íntima das predisposições e, portanto, a natureza do próprio ser humano.

Todo o significado dessa percepção fica claro para nós quando consideramos as consequências que resultam dela; e, ao mesmo tempo, torna-se compreensível o motivo pelo qual é obviamente útil familiarizar-se com os fatos científicos da hereditariedade, pelo menos em linhas gerais, mas também em detalhes. Pois eles derrubam um mundo que até recentemente parecia inabalável.
Os valores do ser humano, tanto os bons quanto os ruins, não são mais consequências de um "ambiente bom ou ruim", mas são uma expressão das disposições hereditárias que estão no sangue do ser humano e que foram transmitidas a ele por seus pais e mães. Não podemos mudá-las, nem podemos

recriar ou criar arbitrariamente as perdidas. Em vez disso, de acordo com nosso conhecimento atual, devemos imaginar que um povo entra em sua história com um conjunto de traços hereditários que já foram dados e que todos os traços hereditários dados continuam a circular nesse povo até que o fluxo de sangue seja interrompido em algum lugar e, assim, uma partícula dos traços originais seja destruída para sempre.

A grande maioria das pessoas terá originalmente disposições médias úteis, um pequeno número se elevará acima delas em valor físico, mental e de caráter, e um pequeno número talvez seja afligido por disposições inferiores e doentias. E tudo isso, diga-se mais uma vez, não por razões de várias forças ambientais, por razões de posição social, por exemplo, mas de acordo com a vontade do destino, que aqui reina como hereditariedade.

E agora o importante conceito de seleção se torna compreensível: se as qualidades que se destacam acima da média são cuidadosamente cultivadas, se seus portadores são protegidos, se seu número aumenta no decorrer das gerações, então o valor da nação é elevado por essa seleção dos mais capazes. E, inversamente, ele diminui por meio da seleção contrária, quando os portadores de qualidades acima da média são destruídos ou reduzidos em número, enquanto os inferiores são promovidos e aumentados. Decisivo para a compreensão desse processo, cujo significado para a história mencionamos acima, é, portanto, o fato da hereditariedade, que, ao mesmo tempo, inclui a percepção da impossibilidade de criar novas disposições valiosas por meio de medidas arbitrárias do homem vindas de fora ou de melhorar disposições doentes ou inferiores por efeito ambiental.

Dessa forma, as diferenças visíveis entre as pessoas, que se manifestam nos aspectos físicos, mentais e de caráter, ganham importância decisiva. Elas são uma expressão da natureza natural de seus portadores e exigem atenção, que lhes foi negada ontem. Assim, reconhecemos a desigualdade como um fenômeno generalizado de toda a vida e também teremos de levá-la em conta na existência do Estado.

Mas isso significa uma ruptura com todas as democracias e parlamentos, significa uma atitude verdadeiramente aristocrática, significa o princípio do líder e a distribuição diferente de deveres e direitos de acordo com a disposição

do indivíduo. A frase de direitos iguais para todos é agora substituída pelo princípio nacional-socialista: a cada um o que é seu - isto é, em termos de direito e dever, influência e responsabilidade, o que é apropriado para sua disposição particular.

Em termos de política externa e política cultural, no entanto, consequências igualmente graves resultam do reconhecimento das diferenças entre as pessoas. Ontem, as pessoas negavam as diferenças essenciais e tentavam explicar as diferenças observadas pelos efeitos ambientais. Supunha-se que as diferenças entre povos e raças se deviam ao clima, à dieta ou à educação e, portanto, eram apenas superficiais e insignificantes. Acreditava-se que, por baixo, a natureza humana geral e a igualdade da humanidade se manifestariam. E nisso, com aparente justificativa, basearam-se todos os esforços internacionais que experimentamos na política, na economia e na cultura no passado.
Se os povos e as raças são basicamente iguais, então as fronteiras entre os Estados perdem seu significado e não passam de coincidências arbitrárias de um desenvolvimento histórico. E então também se justifica a exigência de que as fronteiras entre os Estados de hoje sejam eliminadas exatamente da mesma forma que as barreiras entre as cidades e os principados da colorida Idade Média alemã foram gradualmente eliminadas no passado. No decorrer da história, tribos, cidades, países e estados se tornaram os grandes impérios do presente. Parecia lógico ver a dissolução desses impérios na unidade ainda maior de um estado mundial como o fim inevitável desse desenvolvimento. E, de fato, todos os grupos do velho mundo, consciente ou inconscientemente, serviram a esse objetivo, seja com Stresemann no caminho de uma "Pan-Europa econômica" ou com Trotsky na luta revolucionária pelos "Estados Unidos da Europa como estágio preliminar dos Estados Unidos do Mundo", ou, como outros grupos, continuaram a sonhar com o velho sonho do império mundial romano. Ao lado dessas aspirações políticas e econômicas, no entanto, havia o mesmo objetivo na esfera cultural e espiritual: Aqui, também, o esforço foi direcionado para superar todas as diferenças entre as culturas e as expressões intelectuais dos povos que eram consideradas apenas externas e acidentais; Os cientistas sonhavam com sua república internacional de estudiosos, com a única e verdadeira ciência que seria única e igual em todas as fronteiras nacionais; na arte, buscava-se "o" belo em si mesmo, que na Europa como no Japão, na América como na África, teria basicamente de ter as mesmas leis e formas, e se no mundo racionalista de ontem ainda havia espaço para a crença em poderes

divinos e um sentido para sua adoração, então não se podia deixar de pensar que a crença em Deus e suas formas um dia assumiriam uma única forma para todas as pessoas na Terra.

É bem sabido que a realização séria de tais fantasias tem sido trabalhada insistentemente, que os fundamentos de um livro de história europeu unificado foram negociados em comissões da Liga das Nações e que um idioma unificado, como o artificialmente inventado "Esperanto" do judeu Zamenhof, tem sido propagado pelo lado marxista repetidas vezes, enquanto que, com toda a seriedade, nos círculos da igreja, vozes foram levantadas por um tempo para o renascimento do latim da igreja como um idioma mundial vivo.
Com as percepções dos ensinamentos hereditários - e esse é o seu verdadeiro significado - o terreno foi retirado de todos esses objetivos impossíveis. A diversidade de formas humanas, que estão diante de nossos olhos como raças humanas, não é o resultado de vários efeitos ambientais e não pode ser transformada em um tipo unitário de "ser humano" por meio de sua eliminação. Em vez disso, reconhecemos a diversidade racial dos grandes grupos da humanidade como uma lei do destino que é tão inalterável, hereditária e determinada quanto a diversidade de talentos dentro de um povo, e isso faz com que nossa vontade política e cultural seja natural, ou seja, também historicamente correta, desde que leve em conta esse fato inalterável das diferenças raciais. Assim, o sonho de um império mundial cai, mas também o falso ideal de uma cultura humana ou de uma arte que poderia ser válida nas mesmas formas e normas em todo o mundo. Em vez disso, reconhecemos a condicionalidade natural das culturas nacionais, bem como dos estados nacionais, da diversidade de ideais de beleza e das formas de expressão da arte que lutam por eles, e entendemos que, precisamente nas profundezas e nas alturas mais elevadas do espírito humano, o velho sonho de uma unidade e uniformidade suprapopulares permanecerá para sempre um sonho.
O resultado da ciência natural moderna e de sua teoria da hereditariedade leva a essas conclusões, que são revolucionárias no sentido mais verdadeiro da palavra; e somente aqueles que reconheceram e afirmaram essas conclusões sabem algo de seu significado.

A Raça Nórdica

A partir da doutrina da igualdade, desenvolveram-se repetidamente abordagens para uma visão da história que buscava provar uma conexão unificada de toda a

vida histórica e cultural, mesmo para o passado. Todos os diversos fenômenos históricos dos últimos milênios foram vistos como a expressão do desenvolvimento da "humanidade", que deveria progredir do mais simples para o mais elevado e, portanto, apresentar um desenvolvimento linear das condições mais primitivas da Idade da Pedra até o presente moderno. A consequência disso foi que todo fenômeno histórico ou cultural que já foi uma realidade em algum lugar da Terra foi convertido à força em um estágio de desenvolvimento do nosso próprio espírito. Assim, por exemplo, as crianças nas escolas alemãs tiveram de aprender ano após ano os nomes e as datas do passado judaico, tiveram de recitar profetas e salmos e acreditar que cada uma de suas palavras era uma parte da história de nossa própria cultura.

Hoje vemos as diferenças indeléveis entre as raças e a condicionalidade do sangue de todas as formas históricas dos milênios. O que o instinto sempre resistiu, nossa percepção científica agora também rejeita com razão: não há uma linha unificada e nunca interrompida da ascensão histórica da humanidade, mas há apenas culturas que são diferentes umas das outras, mas sempre ligadas pelo sangue e, portanto, expressando a essência de uma raça ou de uma mistura de raças, entre as quais existem lacunas intransponíveis porque são novamente condicionadas racialmente.

No entanto, em um grande número, na verdade na maioria das culturas da história humana, uma série de semelhanças e congruências permanece inconfundível. O mundo do pensamento indiano, o heroísmo persa, a arte grega, a concepção romana do Estado em seus melhores tempos são tão semelhantes e relacionados ao modo germânico-germânico em inúmeras características que tivemos de procurar um portador comum de todos esses fenômenos. A ciência racial nos ensinou com surpreendente clareza que a suposição tão vigorosamente defendida por Gobineau estava correta: ela nos fez reconhecer a raça nórdica, que também é o elemento determinante na mistura racial do povo alemão e nos une a todos biologicamente, como a grande portadora cultural da história humana. Hoje sabemos e podemos comprovar passo a passo o que era ainda mais uma ideia nos tempos de Gobineau e Chamberlain: em poderosas migrações, trens de pessoas de sangue nórdico do norte da Europa se deslocaram repetidamente pelo mundo e se tornaram os fundadores de estados e culturas cuja unidade pode ser atribuída a esse sangue comum da raça nórdica, mas cujas diferenças e diversidades podem ser atribuídas às diferentes misturas

raciais dos povos indígenas subjugados. E suas criações viveram e floresceram até que as formas de decadência biológica mencionadas acima finalmente destruíram os portadores do sangue nórdico criativo.

Isso significa que o povo alemão dos dias atuais também deve manter uma séria vigilância sobre os componentes nórdicos de sua mistura racial, para que não caia no mesmo destino. E nisso estamos cientes de que, de acordo com as leis da hereditariedade, o aspecto físico por si só não permite que se chegue a nenhuma conclusão vinculativa quanto à disposição racial de um ser humano, e que, portanto, o julgamento quanto ao grau de disposição hereditária nórdica não pode, em última análise, depender do formato da cabeça ou da cor do cabelo, mas apenas do grau de realização com que o ser humano responde a uma tarefa de atitude nórdica que lhe é dada.

Materialismo?

Contra essa visão racial do nacional-socialismo, foi levantada a acusação por vários lados até muito recentemente de que ela representa uma negação dos valores espirituais e ideais e é uma visão materialista e material que deve levar à morte da verdadeira cultura. Nada é mais falso e mendaz do que essa acusação. Ela é ainda mais mendaz porque foi precisamente o pensamento incompreensível do passado que buscou derivar valores espirituais da forma mais simples a partir de pressupostos materiais em sua teoria do meio. Deve ser lembrado que, na década de 1860, o inglês Buckle, em sua "*History of the Civilisation of England*", tentou seriamente entender o espírito e a forma da literatura dos povos estudando a composição química de seus alimentos; que o filósofo francês Taine, em sua "*Philosophy of Art*", estava seriamente convencido de que qualquer número de artistas talentosos poderia ser conquistado a qualquer momento simplesmente imbuindo as pessoas inteiramente com o espírito de seu tempo; E, mesmo em nossos dias, em um relato de história cultural de grande circulação, é possível encontrar a eclosão da Reforma Alemã explicada com toda a seriedade com referência ao escoamento divisório que as indulgências representavam para a Alemanha, ao mesmo tempo em que representavam um influxo de tipo financeiro para a Itália: Portanto, do outro lado dos Alpes o contentamento, mas do lado de cá dos Alpes a rebelião e também as lutas de fé...!

Se, então, quisermos falar de materialismo, essa acusação se aplica às forças de ontem, mas não ao pensamento racial do presente. Pois nenhum de nós vê a raça como um fenômeno físico meramente material, nenhum de nós acredita que o espírito e a cultura sejam uma "função do índice craniano". Em vez disso, em total concordância com a ciência, vemos no conceito de raça a totalidade da vida humana na qual corpo e espírito, substância e alma se combinam para formar uma unidade superior. Se um determina o outro, se a forma corporal é moldada pela alma ou, ao contrário, se o espírito é condicionado pela substância, é uma questão metafísica que vai além do que é cientificamente reconhecido e reconhecível. Entretanto, o fato de que ambos os lados do ser humano pertencem um ao outro e a realidade do conceito de raça não podem mais ser contestados atualmente.

Assim, o conceito de raça, que obriga a transformação de toda a visão da história e do mundo, não é uma "explicação" materialista presunçosa, mas apenas uma descrição cientificamente correta das condições reais, e o nacional-socialismo está bem ciente de que, além desse conhecimento da diferença das raças e de seu valor, existe o mundo do desconhecido, diante do qual nos curvamos humildemente.

A tarefa

No texto anterior, desenvolvemos em linhas gerais a visão racial do nacional-socialismo e a contrastamos com as convicções político-ideológicas do passado. Mostramos a importância das descobertas científicas e biológicas individuais, que serão discutidas com frequência nestas edições no futuro. Ao mesmo tempo, porém, mostramos como seu verdadeiro significado não está neles como fatos científicos individuais, mas apenas em seu valor como blocos de construção individuais no grande edifício de uma nova visão.

No trabalho educacional nacional-socialista, muitos detalhes terão de ser ensinados e aprendidos; especialmente para a política populacional prática, será necessário o conhecimento de toda uma série de fatos. Mas nunca devemos nos esquecer das conexões fundamentais das quais falamos aqui no início e, portanto, nunca devemos tornar professores nesse campo de trabalho pessoas que, embora tenham um conhecimento abrangente dos detalhes das estatísticas populacionais, da hereditariedade, da higiene racial, da ciência racial científica como autoridades em seu campo, não são capazes de ver com nossos olhos a

totalidade das questões político-ideológicas, ou mesmo rejeitar interiormente as conclusões que o nacional-socialismo tira do conhecimento científico de nossos dias. Portanto, essa é uma tarefa difícil e responsável para todos aqueles que trabalham na educação do partido e da nação. A grande revolução do espírito e, portanto, a verdadeira realização da luta nacional-socialista não está em seu fim, mas apenas em seu início. E sua decisão será tomada na luta pelo pensamento racial.

Política racial nacional-socialista: Um discurso para as mulheres alemãs (1934)

Do Original: "*Nationalsozialistische Rassenpolitik. Eine Rede an die deutschen Frauen (Dessau, C. Dünnhaupt, 1934"*[68]

Minhas queridas mulheres e moças alemãs!

Quando os alemães se reúnem hoje para discutir as coisas que nos dizem respeito como indivíduos e como nação, é uma ocasião solene, quer queiramos ou não. Durante as lutas políticas do passado, podíamos falar de programas partidários ou de civilização sem nenhum envolvimento de nossa alma.
Agora nos esquecemos de como abordar uma questão apenas com nosso entendimento, apenas com nossa boca, apenas com nosso coração. Voltamos a ser pessoas inteiras. Quando falamos com os outros, fazemos isso com todo o nosso ser.

Foi isso que tornou o movimento forte, grandioso e poderoso desde seus primeiros dias. É também o que o inimigo, deste e do outro lado da fronteira, não consegue entender e odeia com força mortal. Quando esse grande e belo movimento popular começou, também teve início uma luta dura e amarga entre o inimigo e as forças alemãs, entre um velho mundo que está realmente morto e enterrado há muito tempo e o novo mundo que está lutando para alcançar a luz por meio de nós. Essa luta vem ocorrendo no coração e na alma das pessoas há anos e não está nem perto do fim. O mundo acha difícil entender o que está no centro de nossos esforços: o valor do sangue e da raça.
Nossos inimigos primeiro riram de pena e depois de ódio quando falamos sobre isso.

Vamos falar sobre o que nós, nacional-socialistas, queremos dizer com isso, para que fique claro por que a mulher alemã pode estar ainda mais preocupada com essas questões do que o homem, seu estado e sua organização de combate.
Houve uma época no passado em que éramos falsos, falsos no sentido mais profundo. Não éramos falsos em relação a outras pessoas, partidos, estados ou reis, mas falsos em relação a algo muito maior, falsos em relação às leis da vida.

[68] https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/eigruber3.htm

Enquanto o mundo existir, enquanto a vida crescer, florescer e perecer, essa vida terá o desejo de viver no futuro e conquistar novos territórios. Seja planta, animal ou homem - como nós, ou eu, ou você: onde quer que haja vida, ela tem o desejo de gerar uma nova vida.

Deveria ser desnecessário falar sobre essas coisas. Falamos delas apenas porque, por algumas décadas, uma era louca ignorou, blasfemou e zombou desses sonhos maiores, mais belos e mais puros da vida. Essa foi uma época que tornou o ídolo do dinheiro supremo e disse: "O mundo deveria ser governado não pelo que serve à vida, mas sim pelo que algum idiota de um contador decide que é melhor". Conhecemos os resultados. As grandes leis da vida foram avaliadas de acordo com sacos de dinheiro e talões de cheques. Quando nos lembramos de nossos pais, avós e bisavós, havia muitas crianças em casa. Talvez houvesse muita gente e dificuldades financeiras, mas éramos felizes, talvez porque éramos muitos em uma família tão grande. Mas chegou o momento em que as pessoas disseram: "Como homem ou mulher, como pais ou professores de líderes, vocês têm o dever de mostrar às pessoas o caminho para um futuro melhor". Esse futuro melhor, pensavam as pessoas, só poderia ser um futuro mais rico, um futuro em que o indivíduo tivesse mais dinheiro. E quando lhes perguntaram de onde viria esse dinheiro, surgiu um falso ensinamento no século passado: "Quanto menos pessoas houver, mais um filho pode herdar de seus pais." Aquele que ama seus filhos e deseja um futuro próspero para sua nação deve, portanto, cuidar para que a população da Alemanha seja pequena e que apenas alguns filhos continuem a família depois que ele se for. Esse foi o terrível ensinamento do controle de natalidade, que o marxismo pregou e os burgueses seguiram. Ninguém ousava se opor a isso. Essa foi a doutrina que nos transformou no que somos hoje: um povo moribundo, no qual nascem menos crianças a cada ano, no qual, atualmente, mais pessoas morrem a cada ano do que nascem. Tudo isso supostamente nos levaria a um futuro feliz. A felicidade era entendida apenas em termos de posses. Portanto, era inerentemente falso. Mas, mesmo em seus próprios termos, era falso, pois se esquecia de algo: Quando um povo começa a morrer, quando um povo não obedece mais às leis da vida, quando um povo valoriza mais o dinheiro do que sua existência e posteridade, esse povo está no caminho do desastre, tanto histórica quanto politicamente. Em poucas décadas, ele estará morto, oprimido por outros povos que são mais fortes, mais próximos da vida e que seguem as leis da vida melhor do que nós.

Se as tendências atuais continuarem, até o final do século a Alemanha será uma nação com apenas 40-50 milhões de habitantes, e sabemos que em nossas fronteiras outros povos estão crescendo rápida e fortemente. Mais cedo ou mais tarde, esses outros povos entrarão em conflito com um povo alemão que está encolhendo e morrendo, e o resultado da suposta doutrina da felicidade será uma morte nacional dura e amarga para nossos filhos.

Aqueles que acreditaram que poderiam dar a seus filhos um futuro feliz e pacífico reduzindo o número de filhos erraram profundamente. Eles dão às crianças apenas a promessa de uma luta árdua e amarga pela existência da Alemanha como um estado e como uma ideia.

Aqueles que acreditavam que poderiam dar a seus filhos um futuro feliz e pacífico reduzindo o número de filhos erraram profundamente. Eles dão às crianças apenas a promessa de uma luta árdua e amarga pela existência da Alemanha como um estado e como uma ideia.

Hoje, quando trabalhamos para mostrar às pessoas que as ideias de ontem são falsas, que o Estado e a nação não podem viver sem a família, que a família não pode existir sem filhos, e quando não apenas fornecemos apoio econômico para facilitar a formação de famílias e o nascimento de filhos, mas também falamos repetidamente às pessoas sobre a santidade da vida e a necessidade de continuar nosso povo no futuro, nossos inimigos de ambos os lados da fronteira de repente têm insultos e coisas odiosas a dizer sobre nós. Eles querem perturbar nosso trabalho. De repente, surgem vozes dizendo: "As doutrinas do nacional-socialismo são desumanas e bárbaras. As opiniões do nacional-socialismo sobre as crianças transformam as pessoas em animais reprodutores. Quando ele diz que é dever dos homens e das mulheres continuar a cadeia eterna da vida, uma cadeia que começa no passado distante e continua no futuro, uma cadeia da qual somos apenas um elo que leva ao futuro distante, nossos inimigos de ambos os lados da fronteira afirmam: "*Vocês rejeitam a dignidade e o valor da humanidade. O nacional-socialismo sustenta que homens e mulheres não têm nenhum valor além do de criar gado*". É uma pena que tenhamos de responder a essas palavras, mas é necessário porque nossos inimigos sempre tentaram persuadir as mulheres a se oporem a nós, embora o que dizemos esteja enraizado na alma dos homens e mulheres com quem

falamos. Esta é a nossa resposta: "*Vocês estão equivocados ao nos acusar de pensar que o único propósito da humanidade é dar continuidade à espécie, transmitindo nosso sangue às gerações futuras. Conhecemos os outros valores. Nós os apoiamos e encontramos sempre que possível os valores que o indivíduo demonstra em seu trabalho e serviço altruísta. Sabemos muito bem que cada pessoa tem uma vida dupla. A primeira é aquela que ela vive entre o nascimento e a morte. Devemos fazer o máximo que pudermos para enriquecer essa vida, para realizar o que é bom e belo, para usar nossos pontos fortes e dons para os outros. Esse é o dever do indivíduo. Mas, como pessoa, você é algo mais: Você é um membro da cadeia da vida, uma gota na grande corrente sanguínea de seu povo."*

Lá, também, você tem deveres e obrigações perante a eternidade da nação. Você tem o dever de passar adiante o que recebeu de seus pais e antepassados. Não acredito que esse comportamento, que obedece tanto às leis da razão quanto às da vida, seja bárbaro, odioso ou desumano. Acredito, em vez disso, que a barbárie se encontra nos anos que deixamos para trás, quando qualquer imbecil podia manchar a vida sagrada e mais valiosa de um homem ou de uma mulher em suas famílias, ou arrastar crianças pela imundície, sem que ninguém defendesse sua cultura contra tal ataque.

Acredito que, quando voltamos a falar às pessoas sobre o grande valor do sangue e as lembramos de que elas têm deveres não apenas para com o período de 60 anos em que trabalham e servem, mas também para com os milênios do passado dos quais viemos e para os milênios do futuro para o qual estamos nos dirigindo, estamos dando a elas valores mais elevados do que os de ontem. Permitam-me dizer também, no entanto, que é errado se alguém pensar que somente aqueles que constituem família e geram filhos são valiosos para nosso estado. Sabemos que não é assim. Sabemos que há razões pelas quais algumas pessoas abandonam o fluxo de sangue de seu povo. Sabemos que a alguns é negado o que a nação valoriza muito. Não os ignoramos nem nos consideramos melhores do que eles. Apenas dizemos o seguinte: "Meu amigo, você e eu devemos cumprir nosso dever para com nosso povo e, quando não pudermos cumpri-lo de uma forma, devemos fazer o que pudermos com ainda mais energia e devoção.

Quando você cumpre seu dever, você é um de nós, nós lhe estendemos a mão, honramos sua humanidade e seu serviço pela Alemanha. Vamos trabalhar juntos para que, no futuro, o maior número possível de pessoas possa servir à nação de ambas as formas.

Essa é uma parte do pensamento de sangue e raça que o nacional-socialismo nos ensinou. E há outro aspecto. Quando vemos as pessoas hoje, podemos reconhecer que não somos todos iguais. Há diferenças de valor; cada pessoa não tem o mesmo valor que qualquer outra.

No passado, as pessoas acreditavam que essas diferenças eram superficiais, resultado do ambiente em que se crescia. As pessoas acreditavam que o que acontecia com uma pessoa dependia principalmente da casa em que ela crescia ou de seu ambiente social, ou da classe de onde ela vinha. Acreditavam que uma pessoa nascida em uma favela, cercada de sombras, problemas e pobreza, uma criança carente de amor e afeto, só poderia se tornar um ser humano de segunda classe, um membro da sociedade física e psicologicamente doente, alguém fracassado pela sociedade e pelo Estado. Pensava-se que uma criança que crescia em uma favela como essa inevitavelmente se tornava doente ou até mesmo criminosa. Isso se devia ao fato de ela ter crescido em um ambiente tão pobre. Os marxistas afirmavam que se cada criança na Alemanha crescesse em um ambiente que lhe desse tudo o que precisasse, ela inevitavelmente se tornaria um adulto útil, decente, íntegro, orgulhoso e honesto. Depois de alguns anos ou décadas, todo o povo alemão seria composto por essas pessoas decentes e úteis. No passado, as pessoas acreditavam que o ambiente era responsável mesmo quando uma pessoa fracassava miseravelmente.

Lembramos dos dias de delírio, quando milhões de desempregados foram jogados nas ruas por um sistema político e econômico doente, tornado supérfluo. Uma única pessoa separou os trilhos e descarrilou um trem no meio da noite. Em um minuto, ele assassinou 30 pessoas inocentes que nunca lhe haviam feito nada e roubou o dinheiro delas. E o que o mundo de ontem disse? "Ele não pode se ajudar. Ele é uma vítima das circunstâncias. Ele tem as mãos de Beethoven e um temperamento artístico. Não precisamos colocá-lo na forca ou na prisão para proteger a nós e a nossos filhos. Não, esse pobre Schlesinger só está doente por causa de seu ambiente. Coloque-o em um sanatório moderno, dê-lhe o que ele precisa: rádio, uma biblioteca, um salão para fumantes, um

professor de línguas, um pastor, uma sala de jornais, dê-lhe tudo o que ele precisa para colocá-lo em contato com coisas melhores. Em alguns anos, esse assassino em massa de 30 pessoas sairá de lá como um ser humano ideal, tão puro e inocente que será possível colocá-lo como responsável por um jardim de infância." Isso é o que as pessoas pensavam no passado.

Hoje isso nos parece uma piada de mau gosto, uma fantasia maluca, mas há alguns anos era a política do governo na Alemanha. Aqueles que se deram bem com essas políticas e se juntaram para nos combater acham que podem acusar nossas doutrinas de sangue e raça de bárbaras.

Por que vemos as coisas de forma diferente? Porque aprendemos algo:
No final, vocês não são tão importantes e significativos quanto pensavam ontem; sua força e suas habilidades não são tão grandes quanto acreditavam durante a era liberal. Ah, sim, foi um sonho lindo dizer: "*Farei de minha vida o que quiser e, se por acaso for professor, ensinarei o que quiser, farei o que gosto e o que acho certo*". Bem, essa foi sua ideia.

Somos um pouco mais modestos, um pouco mais humildes diante das leis do destino.

Aprendemos que o que eu posso fazer por mim mesmo ou o que você pode fazer por si mesmo, ou o que todos nós podemos fazer uns aos outros, não é tão importante ou tão profundo quanto o que um poder maior já fez por nós. É esse poder que, mesmo antes de nosso nascimento, nos deu uma parte de nossa natureza e traçou nosso caminho no mundo. Aqui se juntam duas coisas: o conhecimento da ciência moderna e a sensibilidade e compreensão de uma pessoa humilde. De repente, vemos isso: *O que você é, o que eu sou e o que posso ser em minha vida é, em parte, predeterminado por aquilo que herdei.*

Se minha herança for boa e forte, se eu for fiel a ela e desenvolver o que está dentro de mim, minha vida será bem-sucedida e, talvez, benéfica e alegre para os outros. Se essa herança me for negada ou se, por alguma razão inexplicável, o destino tiver me dado outros traços, talvez fracos, talvez até ruins, posso lutar contra eles por toda a minha vida e, ainda assim, não serei capaz de me livrar daquilo que dorme em mim devido às ações de um poder superior.

Vemos, então, que boa parte da história de um povo é determinada pelo que ele herdou. Se perguntarmos que tipos de traços físicos ou intelectuais podem ser esses, ou que grupos existem, veremos que cada povo tem três grupos. O primeiro é um grande grupo de pessoas com dons medianos, a maioria de nós que é capaz de lidar com os problemas normais que a vida nos apresenta. Em seguida, há um grupo muito pequeno. Esse grupo recebeu uma herança melhor do que a maioria de nós, não por causa de qualquer virtude específica de sua parte, mas simplesmente por causa do destino. Os líderes da humanidade, aqueles que constroem estados, lideram pessoas ou tocam a alma, vêm desse grupo. E há um terceiro pequeno grupo com traços particulares, que também não é culpa deles: aqueles que são doentes ou geneticamente defeituosos. Eles não estão à altura dos desafios da vida e precisam de ajuda externa para sobreviver.

À medida que a humanidade ou uma nação passa pelos séculos, o fato decisivo é qual desses três grupos é o mais forte. Alguém poderia dizer: "Isso não é uma questão de fato. O mais forte vencerá, o grupo do qual vêm os líderes. Esse grupo superior tem que ser o mais forte no final, ele deve gradualmente seguir seu caminho". Bem, é assim que as coisas seriam sem as pessoas, se as pessoas, com seus pequenos cérebros, não acreditassem que poderiam mudar as leis da vida dadas ao mundo pelo céu.

O homem tem interferido nessas questões. Ele tentou mudar as leis da luta, da existência e da seleção. Essas eram leis antigas da vida, às quais os homens também estavam sujeitos:

Talvez isso seja difícil, mas é também a maneira pela qual a natureza torna a vida mais forte e melhor. O homem tem tentado cada vez mais abolir essas leis. Ele manteve a vida ativa usando meios artificiais nos casos em que, por si só, ela teria acabado. Ele usou toda a sua compreensão, amor e simpatia para manter uma pessoa viva, mesmo que isso não seja uma alegria, mas apenas um fardo e uma miséria. Atualmente, mantemos milhares, até mesmo dezenas de milhares de criaturas infelizes vivas por meios artificiais, aquelas a quem a própria vida negou o direito à vida. Mas mantê-las vivas não era o problema em si. O pior é que elas tiveram a oportunidade de passar adiante suas infelizes características físicas e mentais. Isso foi o pior que aconteceu: pegamos os criminosos fisicamente fracos, mentalmente doentes e geneticamente

defeituosos e não apenas os mantivemos vivos e cuidamos deles - esse é o nosso dever como seres humanos, que certamente não queremos ignorar no futuro -, mas também lhes demos a capacidade de ter filhos com as mesmas deficiências, dobrando ou multiplicando assim sua miséria. O povo alemão não conhece a extensão dessa miséria, não conhece o espírito deprimente dos lares onde milhares de aleijados vivem suas vidas apenas sendo alimentados e cuidados, pobres criaturas que são piores do que qualquer animal. O animal, pelo menos, é como deveria ser. Essas pobres criaturas são distorções da vida, sem alegria nem para si mesmas nem para os outros. Elas são um fardo durante toda a sua existência miserável, mas graças ao cuidado e à devoção altruísta daqueles que cuidam delas, podem viver 60, 70 ou 80 anos. O povo alemão não se dá conta das enormes somas que foram gastas durante décadas, dinheiro que é tirado daqueles que são saudáveis, que poderiam fazer algo útil, mas não podem porque falta dinheiro.

Houve um inverno em que as crianças da Bavária não tinham nem mesmo sapatos de madeira para usar quando caminhavam pela neve a caminho da escola. Elas tinham que caminhar por horas descalças. Ao mesmo tempo, o governo se certificava de que aquelas almas infelizes em uma grande instituição recebessem bananas frescas duas vezes por semana para que tivessem as vitaminas necessárias. Mas essas vitaminas não podiam lhes dar alegria, força ou saúde. Mas elas foram negadas àqueles que estavam em algum lugar na floresta da Baviera, ou no Ruhr, ou em uma pobre vila de pescadores na costa da Frísia, onde poderiam ter reduzido a pobreza e a necessidade na casa de algum trabalhador. Ao mesmo tempo, houve um caso em que um único negro mentalmente doente, de cidadania inglesa, viveu por 16 anos em uma instituição em Berlim, ao custo de 26.000 marcos.

26.000 marcos foram jogados fora em uma vida que não tinha sentido. 26.000 marcos que poderiam ter sido usados para preparar uma dúzia de crianças fortes, saudáveis e talentosas para a vida e para um emprego.

Mas não estou falando disso como um tipo de roubo. O dinheiro não é um fim em si mesmo. Em vez disso, cometemos aqui um roubo de espírito e alma, porque tentamos persuadir a nação e a humanidade de que nossa própria grandeza poderia vir do sacrifício pelos piores e mais desamparados. No final,

chegamos ao ponto de colocar os doentes e os moribundos à frente dos jovens, fortes, saudáveis e promissores.

Isso é contra a natureza e a vida. Uma nação que segue esse caminho está se dirigindo para o abismo. Chegamos ao ponto de pregar, ano após ano, a famílias saudáveis que não deveriam ter filhos ou, no máximo, um, caso contrário, estariam pecando contra a nação e o espírito desta era iluminada. Mas se um imbecil de uma prostituta e um criminoso geneticamente doente tivessem filhos, eles não seriam apenas um fardo financeiro por toda a vida, mas também exigiriam o trabalho de pessoas a quem nossa sociedade não dava nada melhor do que trocar essas pobres criaturas três vezes por dia e alimentá-las. Isso é uma perversão de tudo o que é bom e saudável, e é um pecado contra a vida e o espírito da criação.

Com pleno conhecimento de nossos deveres como seres humanos e das exigências da piedade, tomamos a decisão de não permitir que essas criaturas miseráveis passassem sua miséria para a próxima geração, multiplicada talvez duas, três ou mais vezes. Essa é uma grande conquista, pela qual nossos filhos e os filhos deles um dia nos agradecerão.

Sei que há aqueles que dirão: "*Vocês estão se intrometendo em assuntos que não lhes dizem respeito. Estão interferindo em uma área fora do controle humano. A vida e a morte não estão nas mãos do homem, mas nas mãos de um poder superior. Se Deus quer que nasçam pessoas doentes e geneticamente doentes, você não pode interferir na vontade de Deus por meio de leis, operações ou quaisquer outras medidas. E se o fizerem - e o fizeram com sua Lei para Prevenir Doenças Hereditárias - então estarão agindo contra a vontade de Deus e serão hereges."*
Esta é a nossa resposta: "*Meu amigo, você está errado. É verdade que estamos sujeitos a um poder superior. Nós, humanos, jamais podemos interferir nas grandes leis do Criador. Mas você está errado. Veja as leis que o Criador estabeleceu para o mundo dele e para sua vida. A grande lei é que a vida deve ser capaz de se preservar e que, se não for capaz, entrará em colapso. É a lei dura e brutal da luta pela existência e da seleção e extinção. Foi a lei que vimos dia após dia, hora após hora, sob todas as nuvens do céu e todas as estrelas do céu, em que a vida parecia encontrar uma morte sem sentido, seja planta, animal ou pessoa, seja na distante África ou perto de nós. Aquilo que não*

consegue enfrentar os desafios da vida morre, não importa quanta dor cause, e mesmo que seu pequeno entendimento ou mente não consiga compreendê-lo, essas são as grandes leis da vida e do mundo que o próprio Deus nos deu. Essas são leis, meu amigo alemão, que em nossas fantasias malucas quebramos no passado."

Com orgulho humano desmedido e falsa piedade, quebramos a grande lei e mantivemos vivos aqueles que, sob as leis de Deus, há muito teriam perecido. Hoje estamos mais uma vez seguindo essas antigas leis, usando métodos humanos, pois elas seguem um curso mais duro e brutal na natureza, de acordo com a vontade de Deus. Não estamos fazendo nada mais do que restabelecer as leis da criação e nos curvar à ordem celestial. Assim, estamos demonstrando piedade e verdadeira humildade - vocês são os hereges.
Isso também se aplica ao terceiro e último princípio de nosso pensamento racial. Esse terceiro e último princípio é que as pessoas neste mundo, na América, na África ou na China, são diferentes tanto no corpo quanto na alma. Elas não são iguais, como dizia a mentira de ontem.

Elas não apenas falam idiomas diferentes e têm aparência diferente: não, elas são diferentes nas profundezas de seus corações e naturezas, e em suas habilidades para o bem e para o mal. No passado, as pessoas acreditavam que essas diferenças eram acidentais, resultado do clima ou da civilização, e que era possível superar essas diferenças e criar um homem unificado em um estado unificado no qual todos seriam igualmente felizes. Aprendemos que essas ideias são falsas. Aprendemos que as diferenças entre os principais grupos sanguíneos do mundo, entre as principais raças, não são resultado da ação humana, mas das leis da Criação. Aprendemos que as linhas entre sangue e sangue, raça e raça, são também as linhas entre alma e alma e espírito e espírito. Aprendemos que o oposto da antiga frase "O que Deus uniu, não separe o homem" também é verdadeiro. Aprendemos:
O que Deus separou, o homem não deve juntar.

O Céu achou bom não ter apenas um tipo de pessoa na Terra, mas diferentes tipos, vários povos ligados por raça. Isso faz parte da Criação. Nós nos curvamos diante dessa verdade e respeitamos as fronteiras. Isso significa que o alicerce de nossa separação das raças não é uma questão política ou econômica, mas sim um nível mais elevado, pelo qual somos responsáveis.

Em nosso Reich, estamos separando aquilo que nos pertence, porque é sangue do nosso sangue, daquilo que não nos pertence, porque é estrangeiro. Estamos fazendo o que é certo não apenas para o momento, mas para a eternidade. Acreditem em mim, meus queridos concidadãos alemães, não é verdade, como alguns dizem, que essa doutrina seja um sinal de arrogância, superioridade ou vanglória. Não nos consideramos melhores do que as outras raças da Terra. Não, não nos consideramos melhores, nem acreditamos que os outros sejam piores do que nós. Insistimos apenas em uma coisa - uma lei estabelecida pelo próprio Criador:

Os outros podem não ser melhores ou piores, mas são diferentes de nós e, por serem diferentes de nós, há uma espécie de muro entre nós que faz parte das leis da vida. Esse é o cerne do pensamento racial do nacional-socialismo. Nosso objetivo não é insultar os outros, dizer: "Que cara legal eu sou!" Em vez disso, nos apegamos ao humilde reconhecimento de que cada parte saudável da vida tem seu canto no mundo e suas tarefas especiais. Isso é tão verdadeiro para os seres humanos quanto para as plantas e os animais em toda a sua multiplicidade. Sabemos que um tipo não é mais valioso do que outro. Mas também sabemos que cada variedade de vida tem direito à existência somente enquanto se mantiver pura e forte. Somente quando uma árvore dá o fruto adequado é que ela tem o direito de viver. Caso contrário, ela será cortada e destruída. Não sabemos por que as coisas são como são, e seria tolice perguntar o motivo. É assim que as coisas são. Nossa tarefa é aceitar humildemente as leis que regem nossa existência humana e aceitar o fato de que nascemos alemães na Alemanha, não como chineses ou esquimós. Isso não se deve às nossas virtudes, nem é nossa culpa, nem foi nossa vontade. Foi o destino que veio de cima. Não temos escolha a não ser aceitar esse destino e desenvolver as habilidades que o destino nos deu de acordo com a necessidade e a lei.

Outros podem se desenvolver à sua própria maneira, em sua própria terra. Devemos ouvir as profundezas de nosso próprio povo, para extrair do sangue e da herança a força de que precisamos para construir nossa pátria. Um poder superior cuidará da vida no além.
Acredito, meus queridos concidadãos alemães, que todos os que são de nosso espírito reconhecerão a correção de nosso pensamento sobre sangue e raça e dirão: *"Vejo agora que vocês não estão apenas no caminho certo, mas são*

honestos e, no sentido mais profundo, fiéis a exigências que são maiores do que as leis do homem."

Vamos então juntos seguir o caminho para uma nova visão de mundo. Sigamos o caminho do sangue e da raça, que não ignora a fé, o conhecimento e o senso de poderes superiores. Sigamos esse caminho, não um caminho de matéria, superstição e heresia, mas sim um caminho de profunda humildade e piedade diante das leis de Deus. Vamos percorrer esse caminho juntos e ouvir as profundezas mais profundas onde o sangue e a alma governam. Vamos extrair daí a força para construir o Estado e, ainda mais importante, o Reich. Será um Reich não apenas político, organizacional ou econômico, mas um Reich de um povo. A Alemanha de hoje tem a sorte de encontrar um novo caminho, liderado por um grande Führer. As mulheres alemãs de hoje têm a sorte de ver uma mulher forte e leal à sua frente. Vamos juntos seguir em frente, de mãos dadas, como convém a camaradas que estão construindo o futuro, e vamos unir a força de homens e mulheres, enraizada profundamente em seu sangue, para construir o que o mundo nunca viu antes:

O sagrado Reich da alma alemã.

Heil!

A Raça (1934)

Do Original: "*Rasse. Eine Rundfunkrede von Dr. Groß (Berlin: Rassenpolitisches Amt der NSDAP, 1934)*[69]".

Juventude alemã!

Desde que o nacional-socialismo assumiu a liderança na Alemanha, é comum ouvir pessoas falando em todos os lugares sobre raça. Nem sempre foi assim. Até dois anos atrás, nossos oponentes evitavam a palavra ou zombavam dela. O marxista ria quando ouvia a palavra e os da classe média apenas balançavam a cabeça. Todos eles achavam que as ideias raciais não eram comprovadas e não tinham valor, ou até mesmo eram perigosas. Portanto, não nos surpreende que nos últimos anos as pessoas tenham travado uma guerra contra a palavra "raça". Hoje tudo é diferente e, nos últimos dezoito meses, alguns parecem até achar que se fala demais sobre raça.

Talvez até mesmo alguns de vocês tenham balançado a cabeça em sinal de aborrecimento e dito: *"Já ouvimos o suficiente sobre raça. Não queremos ser obrigados a nos tornar médicos, biólogos ou qualquer outro tipo de criatura instruída"*.

Quando isso aconteceu, foi porque as pessoas falaram principalmente sobre os fatos científicos da herança ou da ciência racial ou coisas do gênero. Ao falar sobre raça, esses aspectos são certamente importantes, mas eles se concentram em fatos especializados, esquecendo-se do real significado do pensamento racial. Os pontos importantes não estão nos mundos da ciência e da erudição, mas sim na área da visão de mundo e da política, a área que mexe profundamente conosco, jovens que fazem parte de uma revolução espiritual. É também por isso que o mundo de ontem está resistindo ao conceito de raça.

O velho mundo não ficou angustiado com uma nova ciência, mas sim com o fato de que uma nova visão de mundo surgiu dessa ciência que destruiu os alicerces do pensamento proletário e burguês, uma visão que tinha de levar a uma revolução genuína da alma e do espírito.

[69] https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/gross2.htm

Antes de falarmos sobre o significado da visão de mundo, precisamos analisar rapidamente alguns fatos sobre a pesquisa racial científica e a ciência racial. Primeiro, devemos considerar o que significa a palavra "raça". Como todos perceberam nos últimos dezoito meses, as pessoas geralmente querem dizer coisas diferentes quando usam a palavra e, portanto, falam umas com as outras.

A palavra "raça" ainda hoje tem dois significados principais. Em um sentido, significa todas as características e habilidades físicas e intelectuais herdadas que uma pessoa tem, em contraste com as habilidades que ela adquire durante sua vida. Nesse sentido, "raça" significa algo como herança ou genética. No entanto, em seu sentido mais profundo e importante, a palavra se aplica a grupos inteiros de pessoas que são separadas de outros grupos de pessoas por sua herança genética comum.

Vamos deixar claro o que queremos dizer com herança. Isso é importante porque os fatos que a ciência nos ensina sobre herança são de grande importância para nossa política e nossa visão de mundo. No passado, as pessoas sabiam pouco sobre isso e, como resultado, imaginavam que seu valor, ou falta de valor, era determinado pelas influências externas em sua vida. Se alguém era forte e alto, as pessoas pensavam que ele devia ter sido bem nutrido, trabalhado ao ar livre na agricultura ou praticado esportes. Se alguém era mais inteligente do que os outros ou tinha melhor caráter, isso era resultado de uma educação particularmente boa, seja na escola, em casa ou por causa dos amigos.

Isso naturalmente levava a dar muita importância às influências externas. O marxismo acreditava que poderia tornar as pessoas mais saudáveis, melhores e mais trabalhadoras dando-lhes melhores condições econômicas. Os burgueses acreditavam que os indivíduos e os povos poderiam se elevar cada vez mais por meio da educação e da escolarização.

Na verdade, não é assim. Nas últimas décadas, aprendemos com a ciência o que qualquer pessoa pensante e perspicaz sempre soube:
As características herdadas de um indivíduo ou de um povo inteiro são mais importantes do que as influências ambientais.

Aquele que não possui as características herdadas que resultam em força ou altura nunca se tornará forte ou alto, por melhor que seja sua dieta ou por mais

que pratique esportes. A educação e o treinamento espiritual só podem beneficiar alguém que tenha herdado uma compreensão clara e uma mente clara.

A natureza física e espiritual de cada indivíduo, tanto você quanto eu, é determinada por sua herança, aquilo que recebemos de nossos pais, avós e antepassados. Nossos próprios esforços, ou a educação que outros nos dão, só podem desenvolver o que herdamos ou torná-lo menos eficaz. Esses esforços nunca podem transformar uma pessoa em outra, tornando-a melhor ou pior do que era quando nasceu.
A ciência fornece muitos exemplos disso, e você sabe que muito se escreve e se fala sobre isso atualmente. Os detalhes são importantes apenas para os especialistas. Estamos muito mais preocupados com as implicações que isso tem para nossa visão da vida, dos indivíduos e dos povos. A primeira coisa importante para nós é o relacionamento próximo entre filhos, pais e antepassados.

O que somos, tanto no corpo quanto na alma, herdamos das gerações anteriores.

E quando, depois de 60 ou 80 anos, não estivermos mais vivos, nossa herança continuará viva em nossos filhos e nos filhos de nossos filhos. Quando percebemos isso, de repente vemos claramente esse grande rio de sangue que flui até nós ao longo dos séculos e milênios, que é, na verdade, o povo alemão.

Cada geração individual é uma onda que sobe e desce, substituída pela próxima. Como indivíduos, somos como uma gota nesse fluxo, mas não nos vemos mais como o centro do mundo, que é o que a era liberal acreditava e ensinava.

Esse entendimento nos torna modestos, porque vemos como somos pequenos em comparação com as pessoas eternas. Isso também nos mostra que tudo o que fazemos e realizamos não se deve às nossas próprias habilidades, mas sim ao resultado da herança que recebemos.
O homem da era liberal tinha orgulho de si mesmo, de seu valor e do que havia conquistado. Ele agia como se tivesse feito tudo sozinho. Hoje, somos mais modestos e vemos o que fazemos como novos resultados da antiga herança de nosso povo. Essa herança funcionou em inúmeras gerações anteriores e, se não a destruirmos, continuará no futuro por meio das próximas gerações.

Nós mesmos, você e eu, somos hoje apenas os portadores e guardiões da herança do sangue alemão, orgulhosos dessa tarefa, mas também humildes diante dela.

Obviamente, essa perspectiva não encontra lugar no velho mundo do pensamento liberal e marxista. Isso resulta em uma série de conclusões que descartam pontos de vista antigos. Se não podemos transformar fundamentalmente as pessoas em algo que sua herança não permite, o exagerado sistema de bem-estar marxista perde sua justificativa, assim como a ênfase excessiva burguesa na educação e no treinamento.
Não vemos mais a melhoria econômica ou espiritual de indivíduos ou povos como meta, mas apenas o princípio nacional-socialista da seleção dos mais capazes.

Isso não significa que vemos as coisas de forma unilateral. É verdade que não podemos mudar as pessoas e torná-las melhores do que suas características herdadas permitem por meio de aprimoramento intelectual, educação, economia ou política social. Mas seria errado ignorar totalmente esses fatores. Qualquer pessoa que acredite que, como consequência do pensamento racial, é inútil tentar melhorar as condições econômicas dos pobres por meio de treinamento e educação está cometendo um erro grave. Não é suficiente que as características herdadas permaneçam ocultas em uma pessoa. Em vez disso, elas precisam se manifestar. Portanto, faz uma grande diferença se, em casos individuais, uma habilidade física ou mental é incentivada, promovida e desenvolvida, ou se é prejudicada, suprimida e retida. As melhores características herdadas são inúteis se deixarmos uma pessoa passar fome ou perecer, pois ela nunca conseguirá realizar nada significativo. A melhor mente, com os mais fortes dons intelectuais, pode ficar inutilizada por toda a vida humana se a educação deficiente os impedir ou os direcionar erroneamente.

Digo isso apenas porque os inimigos do nacional-socialismo têm dito com frequência recentemente que: "*Sua doutrina da importância esmagadora da herança leva necessariamente a ignorar as questões e preocupações sociais, bem como a necessidade de educar e treinar adequadamente as pessoas*".
Ambas as acusações são simplesmente falsas. Nós simplesmente rejeitamos os exageros marxistas e burgueses, pois percebemos que a natureza fundamental de

uma pessoa é determinada pelo que ela herdou. É um princípio nacional-socialista óbvio que as boas características de cada indivíduo, sejam elas físicas ou intelectuais, devem ser incentivadas por todos os meios, e que as indesejáveis devem ser suprimidas.

Fomos forçados a chegar a essas conclusões quando entendemos a palavra "raça", que significa essencialmente características herdadas.

No entanto, como eu já disse, esse uso da palavra inclui apenas parte de seu significado. Além disso, a palavra "raça" em seu verdadeiro sentido significa algo como a raça nórdica ou a raça mongol ou algum outro grupo racial de pessoas. Você sabe que as pessoas neste mundo não são iguais. Elas diferem externamente; uma é negra, outra é vermelha, a terceira é amarela ou branca e, dentro desses grandes grupos, a ciência determinou que há muitas outras raças específicas.

Entretanto, as diferenças entre as raças não se limitam ao aspecto físico e externo. Elas se estendem ao caráter, às características intelectuais e espirituais.

Isso fica claro para nós se compararmos uma pessoa daqui de nossa terra natal alemã com um negro, ou se compararmos um esquimó com um mongol; suas diferenças intelectuais e espirituais são imediatamente óbvias.

As pessoas sabiam de tudo isso antes. Entretanto, no passado, elas não percebiam que essas diferenças raciais físicas e intelectuais são herdadas e nunca podem ser alteradas por influências externas. De fato, no passado, as pessoas ensinavam e acreditavam que as diferenças entre povos e raças neste mundo eram realmente apenas acidentais, causadas pelo clima, pela história ou pelo nível de cultura. O negro era negro porque o sol quente da África enrugava seus cabelos e escurecia sua pele. Se ele tivesse nascido em algum lugar ao longo da costa do Mar do Norte, com sua cor cinza e falta de sol, talvez tivesse pele clara e cabelos loiros, assim como nossos pescadores na Frísia.

Você pode entender que essas visões anteriores tiveram consequências políticas e de visão de mundo muito importantes. Se as diferenças entre os povos e as raças do mundo forem apenas o resultado de condições externas, é possível superá-las. O avanço da civilização eliminaria gradualmente as diferenças

sociais, culturais e geográficas. Antigamente, as pessoas imaginavam que as diferenças entre europeus e negros poderiam ser eliminadas por meio da criação de escolas, da civilização da África, da educação de negros em universidades europeias, acabando assim com as diferenças que ainda parecem existir hoje. As pessoas tentaram fazer isso de todos os ângulos. Elas chegaram à conclusão lógica de que a humanidade poderia ser levada ao mesmo nível intelectual, o que abriria caminho para um único Estado mundial, unido em questões governamentais, políticas e econômicas. Os esforços da *Internationale* não foram mais do que o resultado dessa ideia fundamental.

Acredito que isso deixa claro para todos nós por que todas as forças do passado travaram uma batalha amarga contra o conceito de raça. A ciência racial nos ensina que todas as diferenças essenciais entre povos e raças neste mundo são herdadas. Elas não podem ser alteradas por sistemas educacionais ou de treinamento. A humanidade não pode mudá-las.

As raças são diferentes porque seu sangue é diferente, como diz o provérbio, e não porque a civilização está mais avançada em um lugar do que em outro. Temos que aceitar isso, assim como temos que aceitar qualquer lei natural nesta terra. Isso significa que qualquer tentativa de estabelecer uma cultura, um governo ou uma religião internacional é fundamentalmente errada e inútil, pois ignora as grandes leis raciais que o próprio Criador estabeleceu como leis para a humanidade. Esse conhecimento fornece a justificativa máxima e mais profunda para nosso esforço étnico em direção à nossa própria natureza e singularidade na política, economia, cultura e, talvez, também na religião.

Como os povos diferem racialmente, cada um deve seguir sua própria natureza, mantendo-a pura da corrupção física ou intelectual.

Essa é a grande e essencial conclusão que o nacional-socialista tira de uma compreensão do ensino racial da ciência. Nossa tarefa comum será construir uma nova era com base nesse conhecimento, e acreditamos e sabemos que nosso futuro será mais feliz porque será baseado em fundamentos verdadeiros.

Política Racial Educacional (1934)

Do Original: "*Rassenpolitische Erziehung. Junker und Dünnhaupt Verlag/Berlin, 1934"*

Sempre que surge uma nova ideia no desenvolvimento da história intelectual de um povo e essa ideia não é puramente abstrata e teórica, mas pode ter consequências práticas, é possível observar três fases diferentes de desenvolvimento. Primeiro, a investigação que conduz a um determinado conhecimento. Por outro lado, o mundo que tira consequências práticas desse bem intelectual recém-adquirido e, com base nesse novo conhecimento científico, passa a reformular ou criar novas leis ou instituições na vida pública. E entre estas duas grandes áreas de tarefas, muito diferentes na sua essência, existe uma terceira que faz a mediação: é o reino do ensino e da aprendizagem dos novos conhecimentos, que faz a mediação entre o local da investigação e o local de aplicação na prática e, ao mesmo tempo, oferece as possibilidades de permitir a aplicação prática desses conhecimentos recém-adquiridos e inicialmente puramente teóricos no trabalho de muitas pessoas que passaram por esta escola de educação. Este reino intermediário, que faz a mediação, vamos primeiro designar simplesmente com a palavra "educação", que definiremos mais detalhadamente posteriormente. Vemos, portanto, que a educação, neste sentido específico, é, em geral, apenas um meio-termo e desempenha apenas um papel mediador entre o conhecimento ou a investigação e a aplicação, por outro lado; exatamente como a educação que nos é mais próxima, que nós próprios desfrutamos algures na escola e na universidade, serve depois na vida para nos aproximar do que foi descoberto, pesquisado e reconhecido por outros e para nos dar isso de uma forma que possamos tirar partido disso na vida prática.

Quando falamos hoje de educação racial no sentido geral, é natural supor que também aqui se refira a um papel mediador, um meio-termo entre o local de investigação e a aplicação prática, pois estas subáreas do complexo global de uma nova tarefa racial também devem ser distinguidas neste domínio. Era necessário reconhecer, algures nas silenciosas salas de estudo, nos laboratórios, nos centros de investigação, as leis fundamentais dos processos biológicos, da hereditariedade (por exemplo, a hereditariedade de doenças, etc.); aqui era necessário primeiro descobrir e investigar, investigar teoricamente, examinar

experimentalmente. Assim surgiu então este reino do puro conhecimento e da ciência. Mas também neste campo não se trata do abstrato, do que está separado da vida, mas de coisas que estão diretamente relacionadas com a própria vida dos seres humanos e dos povos. Por isso, em algum momento, esse mundo do conhecimento deve se transformar em prática, em conclusões na vida cotidiana dos povos e dos indivíduos. A tradução em medidas práticas representa, por exemplo, uma legislação que agora tem conclusões práticas a partir dos conhecimentos biológicos pesquisados ali.

Um exemplo: por um lado, investigamos e constatamos que existem doenças e predisposições que prejudicam a utilidade e a eficiência de uma pessoa e que são de natureza hereditária. Trata-se de uma constatação teórica e científica da investigação. Por outro lado, há a conclusão prática e o efeito de tal insight teórico, por exemplo, hoje em dia, na lei para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias, com todas as suas disposições e sua aplicação. É lógico supor que, exatamente como afirmamos anteriormente de forma geral, também nessa área a educação desempenhou um papel secundário e, nesse sentido, subordinado, apenas substitutivo. Mas também é lógico dizer: por que precisam hoje de falar e escrever repetidamente sobre as tarefas da educação racial; por que precisam de organismos especiais que se ocupem exclusivamente disso; basta simplesmente incorporar os resultados da investigação e o pensamento adquiridos nesse campo no grande processo de mediação da educação em geral. Assim como os resultados e conhecimentos da botânica, da zoologia ou da pesquisa histórica são disponibilizados em sua totalidade para as instituições de ensino de todas as diferentes camadas, agora também deve ser disponibilizado para os professores das escolas o que a biologia e os higienistas raciais pesquisaram e descobriram, para que eles possam transmiti-lo e fazê-lo passar por esse reino intermediário da educação. Então, por outro lado, isso se reflete, de certa forma, em medidas práticas ou possibilidades de organização. Portanto, é realmente supérfluo criar cargos e funções especiais que se ocupem especificamente com isso.

Veremos que o que aqui foi inicialmente chamado de “educação” ocupa uma posição muito diferente na área da política racial da nova Alemanha do que as questões de educação, formação e propaganda em qualquer outra área da nossa vida estatal, econômica e intelectual. Mas antes disso, temos de dar uma rápida olhada no material de base, nos conhecimentos e nas conclusões da

investigação, a partir dos quais o nosso trabalho educativo deve então começar. Sei que não posso dizer nada de novo a este respeito; é apenas necessário que, neste momento, recordemos mais uma vez as conclusões decisivas em questão, de forma muito superficial e do ponto de vista prático.

As conclusões da nossa ciência e da nossa investigação neste domínio levam-nos a afirmar que a existência do povo alemão e, consequentemente, do seu Estado e da sua ciência, está hoje em perigo. Está ameaçada pela única razão que pode seriamente ameaçar os Estados e os povos ao longo da história, ou seja, porque a sua substância biológica, tudo aquilo a que se chama, de forma simplista, a sua "raça", corre o risco de se esgotar. Sabemos que os povos antigos que em algum momento foram poderosos nesta Terra e depois se extinguiram nunca morreram devido a catástrofes económicas ou políticas em si. Nenhum povo da Terra se extinguiu por ter perdido uma guerra, sofrido uma quebra na colheita ou passado por qualquer outra catástrofe económica ou estatal. Mas os povos sempre pereceram no momento e somente quando a essência da vida étnica, histórica, estatal e econômica, ou seja, quando o sangue e a raça ou o próprio ser humano se aproximavam do esgotamento. O mesmo fenómeno que, no passado, em muitos locais independentes uns dos outros, na Índia, na Pérsia, na Grécia, em Roma, levou repetidamente à ruína de um povo cultural grande e poderoso, esse mesmo fenômeno e essa mesma evolução vivemos no nosso povo alemão e nos outros povos ocidentais, mais ou menos da mesma forma, já há décadas.

Recordo rapidamente os três processos que conduzem à ruína desses povos. Primeiro, a diminuição puramente numérica, o declínio do número, que inicialmente leva a um enfraquecimento da força do povo em relação a vizinhos em crescimento mais forte e, assim, altera a relação de forças natural entre os dois povos, de tal forma que o numericamente mais fraco, apesar de talvez superior internamente, acaba inevitavelmente por ser esmagado e tem de ser esmagado pelo vizinho numericamente mais forte. O segundo processo, independentemente da força numérica e do crescimento ou declínio: uma mudança no valor hereditário dentro dessa nação, um aumento dos talentos, disposições de caráter, capacidades físicas e mentais apenas medianos ou mesmo abaixo da média, e um declínio relativo da camada dos que têm um valor acima da média, sendo que a palavra "valo" ou "menos valioso" não é de forma alguma medido por padrões intelectuais, mas deve ser entendido como

aquilo que todos nós entendemos na vida quotidiana. Não consideramos certamente como valioso um ser humano altamente dotado e inteligente, mas que, por outro lado, é um canalha em termos de caráter e um fraco em termos físicos ou qualquer outra coisa, mas colocamo-lo do outro lado; e alguém que tenha apenas uma inteligência média normal pode, em termos físicos, emocionais e de caráter, ser, no geral, muito mais valioso para a nação do que a média. Mas os valores não são iguais em lado nenhum, e se, num povo, a parte que, por razões hereditárias, têm valores mais baixos cresce em número e se torna mais forte em relação à outra, que poderia ser valiosa em si mesma, acaba por diminuir o valor de todo o povo e, com isso, a sua força interna e externa, a possibilidade de realizações estatais e económicas, mas também intelectuais e religiosas.

O resultado final será que esse povo, embora o seu número permaneça o mesmo ou talvez até aumente, se tornará, dentro das fronteiras do seu país, um povo completamente diferente, mais degradado. O terceiro processo, finalmente, que destruiu povos ao longo da história e que continuará a destruí-los sempre que e onde quer que ocorra, é a mistura com raças estrangeiras. É sabido que os grandes povos da Antiguidade pereceram, entre outras coisas, por acreditarem na igualdade absoluta de todos os seres humanos e, sem restrições, abrirem as suas fronteiras, mas também as portas das suas casas e das suas famílias a pessoas de sangue e natureza estranhas, e que então à geração resultante de mestiços e bastardos faltava aquilo que, a longo prazo, só pode dar valor e força a qualquer comunidade étnica relativamente pura e não misturada: a harmonia do corpo e da alma, do espírito e do caráter em cada ser humano individual. Assim como o valor de um único membro de um povo nunca pode ser avaliado de forma absoluta com outros critérios que não aqueles que resultam do próprio folclore e que são meramente critérios ligados à raça, por outro lado, um povo no qual não prevalece e não existe mais uma disposição racial uniforme nunca pode criar e representar valores, e assim como talvez os produtos mistos individuais — pensemos na época do caos étnico na bacia do Mediterrâneo, como os líbios, os romanos, os persas, os gregos, os egípcios e também os indianos, que talvez cheguem até lá — representavam por si mesmos e em si mesmos um valor, e não se pode dizer: Este vale muito mais do que aquele, por outro lado, é igualmente certo que, quando tudo isso é misturado e destruído, não há mais uma coexistência e sobreposição de tais componentes diferentes, mas uma confusão em indivíduos isolados. Então, porém, todos os valores que

foram introduzidos são, no fundo, anulados internamente por contradições, e no final há também caos no domínio espiritual e a decadência do povo. Os povos antigos, nas décadas ou séculos da sua decadência, ainda estavam muito conscientes desta relação entre as características raciais e o valor interno dos povos. Existem provérbios e provérbios de todos os cantos e recantos do mundo antigo que sempre chegam à mesma conclusão, como diz um provérbio romano: costumes corrompidos seguem-se a rostos corrompidos! Nada mais do que a expressão do reconhecimento de que existe uma profunda relação interna entre a decadência da moralidade, dos costumes em geral, e a anterior decadência e decomposição da imagem física e, portanto, também da imagem espiritual dos povos, devido à mistura racial.

Estes três processos: o declínio quantitativo do número, a deterioração qualitativa do valor hereditário de um povo e, nomeadamente, a mistura com raças distantes, que basicamente leva a que as características úteis e valiosas de ambos os grupos envolvidos na mistura sejam repetidamente cruzadas e destruídas, foram esses três processos que destruíram povos no passado e que agora vemos todos os três a decorrer no nosso povo alemão há décadas, em parte há séculos.

Em segundo lugar, isso faz parte das conclusões da investigação a partir das quais queríamos partir para, posteriormente, chegar ao significado do problema da educação neste contexto. Reconhecemos que, apesar do aparente excedente de nascimentos que sempre tivemos e ainda temos hoje, o desenvolvimento numérico do povo alemão acaba por suscitar grandes preocupações e inquietações, que as taxas de natalidade estão a cair quase ininterruptamente desde 1876, que essa queda se tornou muito acentuada desde 1900, que, após a profunda queda na natalidade durante a Guerra Mundial de 1919, a curva de natalidade retomou aproximadamente onde havia parado em 1913 e agora desce ainda mais acentuadamente, e que agora, neste ano, estamos no ponto em que ocorre a grande virada nessa evolução de um povo: ou a continuação do curso atual, o que significa então ficar abaixo da linha zero, o esgotamento do excedente de nascimentos e o início da diminuição do número de pessoas, ou seja, nada mais do que um declínio na população, ou então uma reviravolta na evolução atual, que nos dará a possibilidade de manter os números e, com isso, o futuro. Sabem que todos aqueles que se debruçaram sobre as razões e a natureza do declínio da nossa taxa de natalidade encaram a situação com muita

seriedade e sem grande otimismo, e que, com boas razões, apresentaram previsões sombrias para o futuro, que basicamente indicam que, numa época que nós, os mais jovens, ainda viveremos, digamos daqui a 40 ou 50 anos, a Alemanha terá diminuído em cerca de dois terços da sua população atual, talvez ficando com apenas a população da Polónia atual, enquanto essa mesma Polónia, por exemplo, mesmo que mantenha apenas aproximadamente as taxas de natalidade que tem agora, crescerá no mesmo período até atingir a população do atual Império Alemão, o que significa que esses dois Estados, em termos puramente numéricos, simplesmente trocaram de papéis, a grande potência Alemanha deixou de existir e, no coração da Europa, não é mais do que um pequeno Estado vassalo, que inevitavelmente terá de ser esmagado pelo povo polaco, que cresceu enormemente e já não encontra espaço dentro das suas fronteiras. É sabido que essa pressão sobre a fronteira oriental alemã e as províncias orientais pouco povoadas da nossa pátria já é grande hoje em dia. O significado desse desenvolvimento também é claro. É igualmente claro que aqui uma política determinada deve buscar linhas que primeiro temos de investigar cientificamente para remediar esse desenvolvimento.

Essa é a primeira conclusão da ciência sobre a questão que nos ocupa. A segunda diz respeito ao outro processo pelo qual os povos estão a morrer: o aumento das linhagens genéticas apenas medianas, ou mesmo abaixo da média, em comparação com o declínio do número daquelas que excedem a competência e o valor médios. Não posso nem preciso entrar neste círculo na questão da razão por trás disso, como foi uma consequência de um espírito humanitário e liberal acreditar que se poderia e se deveria, impunemente, revogar as grandes leis da seleção natural para o reino dos homens, que se poderia e se deveria, por meios artificiais, quebrar aquela ordem brutal e implacável, mas no fundo justa, se assim quisermos, divina ordem das coisas na natureza, que consiste em eliminar repetidamente aquilo que não atinge pelo menos uma boa média e que apenas o que se destaca acima da média prevalece na vida da natureza, do mundo animal, do mundo vegetal, do mundo humano primitivo. Vocês sabem como quebramos isso mentalmente através da doutrina da igualdade, que não conhece e não pode conhecer mais diferenças e reduz as diferenças de valor entre os diferentes seres humanos a momentos externos do ambiente, do meio, e assim as banaliza. Sabem também como isso levou a que, na prática da condução da vida popular, se iniciasse exatamente o processo inverso ao que a natureza cria quando molda as coisas sem obstáculos, assim, ao

longo de séculos e séculos, destruímos repetidamente o melhor e mais valioso material humano em tenra idade e, por outro lado, aquilo que talvez não valesse a pena preservar e que nem sequer era capaz de se preservar, mantivemos artificialmente vivo nos últimos cem anos, e até mesmo reproduzimos artificialmente. Recordo a importância inaudita da seleção, por exemplo, na guerra ao longo de muitos séculos, mas ainda mais na era moderna, que nada mais representa, do ponto de vista biológico, do que um processo de seleção infinito, no qual o material selecionado como mais valioso dentro da parte masculina da população é, no mínimo, exposto a uma destruição precoce. Lembro que, além dessa experiência única, grande e perturbadora das guerras modernas, centenas e milhares de outros acontecimentos da vida cotidiana têm o mesmo significado de seleção. Penso em profissões perigosas, por exemplo, mesmo que, em termos numéricos, elas pareçam ter um papel insignificante em relação aos 70 milhões de habitantes da Alemanha. Imagine que, em algum lugar, ao longo de um ano, apenas 100 jovens pilotos, desportistas e pescadores de alto nível sofram acidentes fatais. Não se trata simplesmente de 100 entre 70 milhões, mas de 100 entre os melhores da nação em termos físicos, mentais e, geralmente, também de caráter. E se isso não acontecer apenas uma vez por ano e nunca mais, mas continuar ano após ano, durante décadas e séculos, e se, entretanto, algures, uma guerra, lutas políticas com distúrbios sangrentos, como os que vivemos durante 14 anos, contribuírem para este processo, isso significa inevitavelmente que, mais cedo ou mais tarde, a melhor parte da população será reduzida em número, geralmente em uma idade em que ainda não chegou à reprodução, e assim será definitivamente eliminada da vida, da herança da nação. Por outro lado, porém, nos últimos decênios, características totalmente inferiores têm crescido de forma ameaçadora no povo alemão; enquanto as famílias alemãs saudáveis têm, em média, um número ridiculamente baixo de filhos, as famílias com predisposições hereditárias, as famílias de deficientes mentais, têm em média 3, 4, 5 filhos, que, naturalmente, não representam nada mais do que a continuação das predisposições inferiores e desvantajosas dos seus pais. Assim, na próxima geração, a relação entre estes dois grupos muda ainda mais significativamente. Se aqui havia tantas pessoas médias, saudáveis e úteis e um grupo relativamente pequeno de infelizes com predisposições hereditárias, então na próxima geração, na seguinte e na terceira seguinte, a relação terá mudado. Sim, se isso continuar ao ritmo que temos visto nas últimas décadas, mesmo que seja por cem anos, então, em termos puramente teóricos, pode realmente chegar o momento em que um povo assim —

certamente soa ridículo — será composto apenas pelos descendentes de deficientes mentais, alcoólatras e presidiários. Mas não é preciso dizer que isso significaria o fim da nação. Essa é mais uma constatação que, como muitas outras, pode ser comprovada e documentada em detalhes em muitos livros, reuniões, palestras, cursos e colégios, pode ser comprovada e documentada com precisão para cada indivíduo e camada da população, uma conclusão que, inicialmente de natureza puramente abstrata e teórica, levou, na prática, à exigência de medidas como as que estamos a implementar hoje na lei para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias.

O terceiro processo, do qual falei anteriormente: a mistura com pessoas de raças totalmente estranhas e distantes. Pelas experiências do ano passado, sabemos o quanto essa influência estrangeira já se tornou forte no nosso povo. Embora represente apenas uma pequena fração para 70 milhões de pessoas, com a implementação da lei para a restauração do funcionalismo público e das outras cláusulas sobre arianos e não arianos nos serviços públicos, constatou-se com consternação que a invasão de elementos sanguíneos estrangeiros no nosso povo foi muito mais longe do que jamais poderíamos imaginar. Isso significa nada mais do que o facto de que a harmonia, a estrutura geral deste povo, física, espiritual, mental e carakateral, começa a apodrecer, pois quando nas pessoas e nas famílias, individualmente ou em grupos inteiros, duas almas lutam constantemente no peito, nada mais pode resultar disso do que inquietação interior e divisão, e não aquilo que dá força aos povos e futuro aos Estados. A consequência dessa constatação foi a já mencionada legislação, que agora tenta, por meio de todas as disposições legais possíveis, impedir que mais sangue estrangeiro se infiltre no futuro.

Tivemos de recordar rapidamente isso para compreender, por um lado, de que tipo de conhecimentos se trata e, por outro, quais são as consequências práticas que daí advêm. Voltemos agora à questão inicial: o que significa agora, para a tarefa global que se coloca diante de todos nós e do Estado atual, essa área intermediária a que chamamos anteriormente “educação"? Primeiro, temos de chegar a um acordo sobre o que queremos entender por educação aqui e hoje neste contexto. Não se trata de questões pedagógicas, mas sim de uma área totalmente nova, única, que surgiu pela primeira vez no meio das nossas vidas. A questão racial ainda não existia em lugar nenhum e ainda não tinha sido tratada em lugar nenhum. Permitam-me que, neste contexto, de forma um pouco

arbitrária e simples, entenda agora aqui, para uso doméstico entre nós, por educação outras coisas, muito mais coisas do que o que é habitual, por exemplo, no uso pedagógico da linguagem. Esta noite, entendemos por educação simplesmente tudo o que influencia o ser humano no sentido das ideias de que partimos, tudo o que de alguma forma o comove interiormente e o invade. Nesse contexto, entendemos a palavra educação de forma muito ampla. Entendemos por ela tanto o que é feito na escola, quando se tenta, por um lado, desenvolver valores de caráter e, por outro, transmitir conhecimentos e insights. Mas também abrangemos com esta palavra educação, agora e para esta hora, o outro aspecto que nos tornou tão familiar nos últimos 10 anos, em grande parte através da nossa própria atividade prática: todo o vasto campo da propaganda e das medidas propagandísticas, que também representam influência e, no resultado final, uma educação do indivíduo ou da coletividade. Afirmamos desde já: se, como afirmamos, estas relações recém-descobertas de natureza racial e biológica não são um assunto para especialistas e para horas de ócio, mas se elas realmente tocam os fundamentos da vida dos povos, se trata do que deu força e grandeza aos Estados e, mais tarde, também lhes trouxe morte e ruína, então é claro que essas coisas, que foram descobertas em algum lugar nas silenciosas salas de estudo dos estudiosos, nos laboratórios, clínicas, dizem respeito a todos nós, porque todos nós somos o povo, para o qual o Estado representa apenas o manto exterior perante o mundo, e então deve ser assim que, neste domínio da educação, também o último compatriota alemão, que está infinitamente distante dos factos científicos e da configuração das consequências práticas, deve ser de alguma forma incluído. Por isso, entendemos agora a palavra educação neste sentido muito amplo e incluímos também aquilo que, em tempos passados e até aos nossos dias, é visto com desconfiança: precisamente a propaganda, precisamente a agitação. Conhecem a acusação que o mundo burguês fez e ainda hoje faz ao propagandista. Dizem que o propagandista banaliza, deturpa, torna superficiais coisas que são, em si mesmas, sérias e importantes. E, por outro lado, que ele incita as pessoas, que, no fundo, não faz mais do que uma sugestão em massa, que é, em si mesma, sem valor e má. É claro que isso é falso. O valor de uma atividade agitadora e propagandista nunca reside nela mesma. Nunca é mau ou bom, em si mesmo, o facto de se utilizar conscientemente métodos sugestivos da mais alta ordem para atingir um objetivo e alcançar um propósito. Maus ou bons são os objetivos em questão, má ou boa é a vontade, é o coração, é o pensamento do indivíduo com que abordamos esta tarefa de propaganda, com coração puro ou por

considerações egoístas e más, mas não é a sua essência por si só que decide sobre o valor ou a falta de valor, sobre a bondade ou a maldade de uma propaganda.

Se nos perguntarmos agora: qual é a posição que ocupa toda esta área da educação, que abrange tanto a propaganda como a formação especial, mas também a integração do ensino da biologia hereditária e da higiene racial nas escolas e universidades, nos cursos de formação e exames de funcionários públicos, oficiais, etc. etc., entre as duas outras grandes áreas, entre a investigação e a aplicação prática, então surge algo curioso, que inúmeras pessoas que atuam ou gostariam de atuar na propaganda ou na educação escolar nesta área ainda não perceberam nem descobriram. O que é estranho é que esta área, que geralmente desempenha um papel mediador entre aqui e ali, de repente ganha um significado positivo muito especial e cresce diretamente na configuração prática das próprias coisas. A propaganda na política, a formação, a educação, o ensino, tal como os praticámos durante dez anos, foram meios para atingir um fim; não passavam de uma ferramenta para atingir um objetivo. O objetivo era obter a possibilidade de moldar o Estado e a economia através da tomada do poder no governo. Para alcançar esse objetivo: a tomada do poder no governo! Era inevitável que se antecipasse a era da propaganda, da agitação, da formação, da educação, que serviam para dar a possibilidade de ação prática àqueles que criaram e mantiveram em funcionamento todo esse enorme aparato. Mas quando hoje falamos de educação, propaganda e formação no domínio da política racial, isso já não é um meio para atingir um fim, mas sim uma parte do próprio fim, talvez até a parte mais importante.

Ficará muito claro rapidamente se refletirmos sobre o que a aplicação prática das conclusões fundamentais da política racial acima mencionadas deve e pode alcançar. Como perguntámos anteriormente, o que leva os povos à morte? Elas morrem devido à pobreza infantil ou à ausência de filhos; podem morrer devido à pobreza infantil diferenciada, proporcional e relativa, ou à ausência de filhos das suas camadas valiosas ou, pelo menos, saudáveis, em comparação com o número mais elevado de filhos do outro grupo, menos desejado; podem, finalmente e em terceiro lugar, morrer novamente devido ao facto de o número de pessoas racialmente puras estar a diminuir cada vez mais em comparação com o número de mestiços bastardos. Mas isso significa, resumindo numa fórmula comum: em todos estes três processos, a morte biológica de um povo

não ocorre repentinamente numa geração, não de uma só vez na forma de uma catástrofe, mas leva sempre décadas ou séculos, talvez milênios, e ocorre sempre através deste grande e poderoso mecanismo da reprodução e da substituição das gerações. É aí, na junção das gerações, que se decide o destino biológico dos povos. É aí que os valores se deslocam, é aí que a força interior diminui ou aumenta. Assim, o caminho através dos filhos na família é, no fundo, o caminho decisivo que nos leva para cima ou para baixo. E se considerarmos os perigos que acabámos de mencionar e procurarmos formas de defesa que sejam adequadas para impedir a ameaça de ruína da nação e nos conduzam novamente para cima, para um futuro, então chegamos ao mesmo ponto. Todas as nossas medidas, independentemente de quais sejam e de que lado as tomemos, não devem fazer outra coisa senão ser eficazes neste ponto, na junção das gerações, na procriação e na entrada na vida da próxima geração de crianças, ser eficazes num sentido seletivo; ou seja, basicamente eficaz em termos numéricos, na medida em que queremos ver a parte útil, valiosa e ascendente da população reproduzir-se o mais fortemente possível em relação à outra, que é menos desejável, talvez até tão prejudicial que deve ser eliminada, de modo a que seja abrangida pela lei de prevenção de descendentes com doenças hereditárias ou algo semelhante. É totalmente indiferente se promulgamos leis de esterilização ou se propagamos ou introduzimos uma reforma salarial que tribute mais fortemente os sem filhos e favoreça fiscalmente os que têm muitos filhos, se introduzimos parágrafos arianos ou não arianos ou qualquer outra coisa em cada um desses casos ou todas as outras possibilidades encontradas e propostas pela economia, no final, o efeito é o mesmo: a reprodução da parte saudável e valiosa, a redução da reprodução das partes indesejáveis, de raças estrangeiras ou inferiores. Este é, na verdade, o princípio fundamental de toda a política racial prática, e tudo, em cada ponto específico, seja um bairro periférico em qualquer lugar ou isto ou aquilo, basicamente se resume a este ponto. É aqui que ela deve ter efeito, é aqui que cada uma dessas medidas tem efeito, ou então ela falhou em seu objetivo!

No entanto, isso leva-nos a considerar outra questão. A saber: será que o Estado, a sociedade, a economia são capazes, será que esta ou aquela entidade é capaz de intervir eficazmente neste aspeto tão pessoal da vida de cada indivíduo e, mais ainda, de uma família? pode o indivíduo, neste ponto, onde se trata de exercer a atividade de dar ou impedir a vida, intervir com as medidas do Estado ou com todas as outras que a ciência propõe e alcançar o que é necessário? A

resposta é clara: não, o Estado não pode! Não pode fazê-lo de forma positiva. Ele só pode fazê-lo de forma negativa, cortando aqui as linhas hereditárias e os fluxos sanguíneos indesejáveis, esterilizando ou internando aqueles que precisam ser esterilizados ou internados, ou pressionando fortemente aqueles que provêm de famílias mestiças, suprimindo assim o desejo e a decisão de procriar neste ponto. Mas o outro lado, no qual se baseia todo o nosso futuro, o outro lado que queremos alcançar e que essas medidas negativas, mil vezes bem-sucedidas, podem proporcionar um desenvolvimento para melhor e para cima, ou seja, o lado positivo do problema, não pode ser alcançado pelo Estado, pela economia, pelos estudiosos, por nenhuma organização com seus meios mecânicos! Pois a tarefa seria encontrar um meio pelo qual pudéssemos realmente obrigar as pessoas, homens e mulheres, a constituir família, a ter filhos de acordo com a vontade do Estado. Isso não é possível, pois qualquer tentativa de exercer tal coação, de prescrever e regulamentar isso por meio de alguma medida legal, não só fracassa na prática, como também suscita uma resistência interior infinita. No momento em que tentamos agir aqui apenas com coerção moral, um instinto saudável se revolta em cada indivíduo (mais forte na mulher do que no homem) e, em vez de alcançarmos o que pretendemos, acabamos por nos deparar com barreiras artificiais criadas por nós mesmos.

Por isso, é fundamental que nos conscientizemos dos limites da nossa política populacional estatal e das medidas de política racial. Todo o enorme mecanismo de uma legislação de natureza racial, que agora está a ser lentamente construído e a entrar em ação, não pode fazer nada além de uma coisa: pode criar as condições organizacionais e econômicas externas para que o desejo de ter filhos em famílias saudáveis, de alta qualidade e promissoras se realize. Mas todo o enorme aparato da nossa legislação de política racial torna-se inútil e sem valor no momento em que esse desejo de ter filhos deixa de existir. Essa é então a última e decisiva questão para a nação, que determina o seu futuro: esta nação sente-se saudável e autêntica, a parte dela em que repousa o futuro do povo é tão ligada à terra, tão ligada à vida, que, seguindo os instintos de uma vida saudável, constrói um futuro grande e feliz, ou não é esse o caso? Então, é claro, tudo será em vão, não apenas a política de defesa e a economia, mas também o que fazemos hoje em termos legislativos na política populacional.

Isso caracteriza o ponto decisivo de todas as nossas medidas políticas raciais, e agora surge a pergunta: de que meios dispomos nós, que agora, como políticos

raciais ou líderes estatais ou de outra forma responsáveis pela nação, temos para influenciar de forma favorável a resposta à pergunta que acabei de fazer? A resposta é a seguinte: nenhum outro meio além daquele que anteriormente designamos com o nome geral de "educação", mas que agora queremos chamar de "influência espiritual e mental da nação". Nenhum outro meio nos leva, no fundo, para além da situação atual, que nos aproxima cada vez mais da nossa morte biológica, a não ser a tentativa de despertar os instintos vitais da nação, que foram enterrados e soterrados, e libertá-los de todos os escombros que o passado sobre eles derramou. Podemos dar essa resposta com a consciência tranquila, porque a observação científica sóbria nos ensinou que as causas de todos os fenômenos decadentes de que falei anteriormente não residem de alguma forma em doenças fisiológicas em si, mas, no fundo, em uma quase se poderia dizer: doença mental, numa perda da ligação entre o ser humano e a natureza, entre o ser humano e a vida, entre o ser humano e as grandes leis do ser, do cosmos dentro e fora de si, que, no fundo, é nesta separação do indivíduo e do povo dos grandes fundamentos do seu ser e do seu devir que se deve procurar a causa do nosso declínio racial muito concreto e material. Sabemos como isso se refletiu em milhares de detalhes, como um clima artificialmente criado, uma propaganda da oposição em grande escala, durante décadas, sempre martelando nesse ponto sensível da nação e da sua vida, como, com milhares de meios e artimanhas, todos os instintos primitivos e instintos primitivos e, portanto, essenciais, quase sagrados, da pessoa viva, com o resultado de que, gradualmente, a parte saudável da nação começou a envergonhar-se da sua saúde e limpeza em relação à outra parte, que era indiferente a tais instintos e valores primitivos e, portanto, essenciais, quase sagrados. Essa foi a causa do declínio da natalidade, que na virada do século afetou rapidamente os círculos intelectuais da nação, para, naturalmente, chegar nos nossos dias até a última família de trabalhadores e a última cabana de camponeses no campo. A questão aqui é simples: conseguiremos destruir esses valores falsos, toda a rede e sistema de ideias mentais doentias e enganosas, ou não conseguiremos e, então, encontraremos novamente a maneira original de pensar e sentir das pessoas, que é sustentadora da vida, ou não? Seria muito longo abordar todos os pensamentos individuais que precisam ser destruídos. Basta alguns para mostrar até onde tudo isso se estende.

Uma das ideias mais terríveis e assustadoras que o mundo tem sofrido nos últimos 20 e 30 anos é a ideia de que o destino das pessoas e dos povos está de

alguma forma ligado à posse, à economia e que, consequentemente, os povos devem manter o seu número reduzido, pois quanto menos pessoas no povo dividirem a riqueza total, mais cada um poderá colocar no seu bolso. Ou, no âmbito do pequeno círculo da família: se eu tiver 10.000 marcos na poupança e três filhos para dividir, cada um receberá apenas 3000 marcos, mas se eu tiver apenas um filho, ele receberá os 10.000 marcos inteiros. Assim, eu proporciono ao meu filho um futuro feliz e grandioso, por ele ser o único filho que eu coloco na próxima geração. Sabemos que todas essas considerações de natureza puramente material, no fundo, sempre levam à conclusão de que a régua de cálculo decide, que uma mente humana tornada arrogante pela matemática e pela lógica interfere na estrutura do curso natural da vida. Todas essas considerações acabaram por se refutar a si mesmas. O resultado final, não nos esqueçamos, foi este: a geração que nos enviou para o futuro, poucos de nós na família e no povo, acreditava que nos tornaria ricos e felizes. Mas ela não nos expôs a nada além do fato de que, no final de nossas vidas, teríamos que travar uma batalha decisiva como um povo pequeno e enfraquecido no meio do mundo hostil da Europa. Em vez de paz, tranquilidade e segurança, a perspectiva de uma decisão muito grande e difícil que, segundo o senso comum, pode acabar sendo desfavorável ao nosso povo. Aqueles que acreditaram que, se fossem poucos a entrar na próxima geração, seriam mais ricos, porque poderiam dividir entre poucos todos os bens da família, do clã, da tribo, do povo, estavam enganados! Eles esqueceram que, no momento em que os nossos pais se aposentarem e tiverem de ser sustentados pelo que é reunido nos fundos de pensões, nos seguros de invalidez, etc., uma pressão fiscal social sem precedentes será imposta à classe baixa da nação, cada vez mais reduzida, para sustentar a geração mais velha, maior e mais numerosa, incapaz de trabalhar. Assim, em vez de um alívio económico, temos novamente o contrário: um forte fardo que nos foi imposto. Tudo isso tem de ser superado. Tem de ser superado destruindo a ideia do que talvez seja o valor mais elevado da reflexão económica em si e substituindo-o por outros valores biológicos.

Mas a outra ideia, que também precisa ser destruída, porque teve um efeito igualmente devastador, era a seguinte: não são apenas os bens materiais que podem destruir os povos, quando são elevados ao status de ídolos, mas também os bens espirituais. Já se disse que a posse torna as pessoas covardes! Bem, aprendemos nos amargos anos do pós-guerra que também os bens espirituais podem tornar as pessoas covardes. Não se gosta de perder o que se tem. Quando

se tem bens materiais ou espirituais, adquiridos ao longo de muitos anos e dos quais se quer viver, não se gosta de os colocar em risco em tempos de crise, preferindo-se recuar para a retaguarda e guardar os bens, mesmo que sejam apenas de natureza espiritual. Foi esse o fenómeno que levou a burguesia intelectual, em especial os acadêmicos, ao fracasso nos anos do pós-guerra e nas lutas políticas fundamentais. Não se tinha mais nada em que insistir, não se tinha mais nada a que se agarrar no mundo material – as poupanças há muito tinham sido confiscadas pelos impostos ou desaparecido na inflação. Mas tinha-se um património intelectual e o seu meio, que não se queria abalar e que era forte o suficiente para afastar as pessoas da luta e empurrá-las para a retaguarda. Isso é importante. Importante porque aprendemos com isso que aquela outra palavra (ainda mais antiga do que a palavra de que a economia é destino) foi, no fundo, um perigo biológico e a ruína, a terrível palavra de que o conhecimento é poder. Mas o conhecimento nem sequer é o conteúdo total do mundo espiritual, mas apenas uma fração muito pequena, adquirida mecanicamente. Mas, ao habituar geração após geração a esta aquisição, isto: o teu conhecimento é poder!, educou-se gerações para valores e valores que são antibiológicos, ou seja, hostis à vida, porque não provinham da vida, mas simplesmente da consideração sóbria e teórica do cérebro. - Também teremos de destruir este valor e substituí-lo por outros valores mais próximos da vida, que não sejam hostis ao conhecimento ou ao espírito, mas que incorporem esta área do conhecimento e do espírito num todo maior, que brota diretamente das forças e fontes da própria vida.

Há muitos pensamentos desse tipo que precisam ser superados. O último e mais terrível deles: a igualdade entre os seres humanos, que levou à falsa ideia de igualdade de direitos e igualdade de deveres entre o povo, fazendo com que toda uma geração se acostumasse a medir tudo de forma exata, pedante e burguesa: Ele tem tantos deveres, então eu também não tenho mais, destruiu todos os valores mais elevados e importantes, destruiu tudo o que pode ser seletivo e, portanto, promotor da vida. O resultado foi que as famílias alemãs irresponsáveis, com um ou dois filhos, morreram após duas gerações, enquanto, por outro lado, o bêbado ou o idiota deixaram 6 ou 7 filhos idiotas. Tudo isso tem conexões fundamentais e profundas, e tudo isso não diz respeito a uma área externa da nossa situação intelectual, mas diz respeito diretamente às raízes últimas e fundamentais. Com isso, porém, tudo isso vai além do mundo do intelectual. É errado acreditar que podemos de alguma forma impedir a queda

da natalidade explicando agora as terríveis consequências de forma intelectual e estatística. É errado acreditar que podemos fazer alguma coisa para aumentar a procriação de indivíduos saudáveis e de alta qualidade se ficarmos sempre a dizer como isso é terrível e quais serão as consequências se nada mudar hoje, e mesmo que comprovemos isso cientificamente, passo a passo. Não, só poderemos superar a atitude errada do ser humano de hoje, que é artificial, se soubermos tocar o seu íntimo mais profundo e remodelá-lo completamente, não na esfera do espírito e do conhecimento e não através da imposição de 17 ou 18 números estatísticos e do seu posterior questionamento num exame, mas sim levando-o do mundo frio e distante da vida do espírito liberal de volta para o outro, onde o sol da vida brilha diretamente sobre prados realmente saudáveis e verdes e o indivíduo então vive inconscientemente com toda a força de sua vida, de seu corpo, de sua alma e de seu espírito, de toda a força que há nele.

Essa é a única maneira de levar as nossas exigências e medidas em matéria de política racial ao sucesso que elas precisam ter, se quisermos evitar o terrível fim que a investigação em higiene racial e biologia racial nos colocou tão imediatamente diante dos olhos. Assim, tudo o que chamávamos de "educação" não é mais, em essência, uma questão da escola e do intelecto, não é mais uma questão de cursos, de ensinar e querer aprender, mas simplesmente uma questão de agitação espiritual sem precedentes e de uma mudança profunda e íntima de visão de mundo, uma coisa que, em essência, se é que pode ser resolvida, pode ser resolvida se não usarmos a força da razão, da palavra impressa ou falada, mas se deixarmos agir toda a força de uma sugestão inaudita, mas genuína e interiormente verdadeira. O que foi possível na propaganda, ou seja, destruir os objetivos políticos que ontem eram importantes para todo um povo e substituí-los por outros, fazer com que um povo, no qual o desertor e o canalha podiam ser líderes, se tornasse de repente uma nação com um conceito de honra natural e inconsciente, isso deve agora ser repetido neste campo maior e mais profundo. Não repetido como um meio para atingir um fim e para dar a possibilidade de, com base nessas coisas, criar uma lei posteriormente, mas para tornar todas as disposições legais supérfluas, porque o fim, o objetivo em si, é alcançado no momento em que essa nação volta a saber o que é a vida; ou melhor, não "onde ela não sabe", mas simplesmente vive inconscientemente.

Com isso, porém, a educação racial é infinitamente mais do que uma tarefa para especialistas que têm de apresentar qualquer área do conhecimento de forma

hábil e agradável. Trata-se, basicamente, de uma luta ideológica sem precedentes, na qual temos de destruir tudo o que foi erradamente construído, edificado e declarado na era liberal, e talvez mesmo antes disso, ao longo de séculos e milénios, na qual temos de libertar o ser humano de toda essa visão artificial da economia, do conhecimento, da ciência, dos supostos direitos e deveres iguais, etc, e devemos devolvê-las aquela outra atitude original, que ainda hoje vive nos seres humanos primitivos de regiões semi-intocadas, no campo, por exemplo, e que vive exatamente da mesma forma em outro lugar: no sentimento original da criança não deformada.

Mas tudo isso não significa nada mais do que isso, e assim chegamos à última reflexão, que nos leva a uma conclusão: uma revolução espiritual sem precedentes. Pois pode ser que não sejam apenas os valores e as estruturas decadentes que existiram nos últimos 20 anos, ou nos últimos 100 anos, ou mesmo desde o Iluminismo, que sejam destruídos; pode ser que, em algum lugar, valores que existiram por muito, muito mais tempo também sejam abalados; pode ser que o mundo inteiro ganhe uma nova face, não apenas no presente, não apenas para o futuro, mas também quando olhamos para o passado, que o que ontem chamávamos de bom hoje talvez nos pareça mau à luz dessa nova valorização e dessa nova maneira de sentir; pode ser que tenhamos de afirmar o que ontem negamos ao olhar para a história; inversamente, pode ser que tudo o que uma geração antes da guerra e uma geração covarde após a guerra consideraram como um património espiritual inalienável e inabalável seja novamente revisto nos seus fundamentos, perdido e novamente reconquistado. É preciso formar uma forma completamente diferente a partir disso, como quando se refundia um pedaço de metal. Tudo isso pode ser verdade, e provavelmente é. Tudo isso é necessário, não por causa de alguma teoria intelectual, mas para devolver ao ser humano a ligação com as grandes leis da vida, a compreensão e o crescimento interior nas sensações e sentimentos primitivos, mas definitivamente grandiosos, porque sustentam a própria vida do ser humano vivo. Tudo isso é necessário. Mas não é uma questão para estudiosos de gabinete, não é algo que se ensina na cátedra, sobre o qual se escreve num livro, sobre o qual se fala na rádio, sobre o qual se fazem leis, mas é uma questão que diz respeito a todos nós e a cada um de nós, dia após dia, hora após hora, durante toda a nossa vida. Pois, no final, o futuro de nós e dos nossos filhos depende desta questão: será que conseguiremos dar um novo sentido à vida do povo, a todos nós e também a todos os outros lá fora? Se não

conseguirmos, a partir dos conhecimentos e das possibilidades que a legislação cria, trazer a vontade de viver e a sua realização para uma geração de crianças saudáveis, eficientes e numerosas, então não só os nossos descendentes terão uma perspetiva de futuro infinitamente opressiva, mas também haverá outra coisa, muito mais opressiva e muito mais terrível: tudo o que nós e vocês fizeram até agora; tudo o que fizemos para criar um futuro; tudo o que talvez tenhamos feito ao longo de 10 anos com uma terrível luta interior, na qual não só a morte era muitas vezes difícil, mas também a vida a cada hora, então tudo o que fizemos e lutamos foi em vão, tudo foi inútil, tão sem sentido como as vítimas dos 2 milhões de mortos na guerra, mas também tão sem sentido como toda a história alemã com sangue e lágrimas ao longo de dois milénios. Tudo isso termina em terrível loucura, em ruína sem sentido, em 100 ou 120 anos não restará nada disso, a não ser o que resta dos persas, indianos e outros povos desaparecidos: uma lenda obscura em tempos posteriores de sangue estrangeiro. Sempre houve pessoas que acreditavam que não deviam perguntar pela salvação pessoal. Foram corajosas, sacrificaram a saúde, o corpo e a vida. No final, tudo foi em vão, e elas afundaram no seio sombrio da história, porque não conseguiram reconhecer, na grande hora da decisão ideológica, que agora era necessário o empenho nessa área, que agora era necessária a vontade implacável de renovação, para justificar interiormente todo o outro empenho e levá-lo à perfeição.

Essa é a perspectiva que temos hoje, essa é a tarefa da educação racial, esse é o seu significado dentro do problema geral da preservação do nosso povo. A nossa política hoje não gira em torno de uma área periférica, gira em torno do próprio centro. Não gira em torno de um assunto sobre o qual se deve falar e conversar ou que se aprende de cor nos livros para recitar em algum lugar e repetir em exames, mas gira em torno da necessidade de renovação do ser humano em si mesmo, de voltarmos a sentir em algum lugar as grandes forças e leis da vida viva, às quais também estamos sujeitos. Não é verdade que a vida dos povos e dos seres humanos esteja separada de tudo o que está dentro de nós e à nossa volta, mas é verdade que todos nós somos pequenas partículas na grande corrente do devir e do decair, à qual só podemos fazer justiça e resistir e na qual só podemos cumprir o nosso sentido e a nossa tarefa se também cumprirmos esta grande lei do decair e do renascer em nós mesmos, dentro de nós mesmos. Trata-se de transmitir isto ao nosso povo, de forma que cada indivíduo, num momento sagrado, perceba isso de forma comovente e clara,

para então, a partir daí, penetrar lentamente nele com uma atitude totalmente nova e diferente, que talvez não se possa expressar em palavras, mas que se pode sentir, vivenciar e viver em algum lugar lá fora. Essa é a tarefa da educação racial.

Vamos trabalhar juntos, vamos procurar juntos os métodos com os quais podemos alcançar isso. Aceitemos calmamente discussões sobre essas coisas, mesmo com intelectuais mais sábios, mas não nos esqueçamos de que o impulso final, a força mais profunda nessa área, vive em algum lugar no instinto, no sangue, na alma. Procuremos, em toda a área da nossa educação política racial, os métodos para transmitir a todos aqueles que podem se identificar com ela essa experiência espiritual que hoje abala centenas ou milhares de pessoas na nação, tornando-as interiormente novas e diferentes do que eram ontem, e também para nos deixarmos levar pela corrente do povo que luta pelo seu futuro.

O conceito alemão de raça e o mundo (1939)

Do Original: "*Der deutsche Rassengedanke und die Welt. Junker und Dünnhaupt Verlag 1939".*

Eu apresento abaixo o estenograma de uma palestra para o público que proferi em 18 de janeiro de 1939 na Academia de Política. Como até agora nunca publicamos um resumo de nossa parte sobre as lutas políticas que se desenrolaram nos últimos anos em torno da ideia racial alemã, deixei de lado as reservas que existiam contra a publicação de discursos proferidos.

A palestra visa mostrar com quais enormes dificuldades a implementação da ideia racial alemã teve que lidar, mas como uma persistência assertiva superou gradualmente todas aquelas resistências que surgiram de mal-entendidos e conceitos errôneos.

Que a luta final com as forças internacionais adversárias não nos será poupada é a outra conclusão que se retira da retrospectiva do desenvolvimento até agora.

***

Nos anos que ficaram para trás, nos ocupamos muito frequentemente com questões de política racial e da ideia racial. Vimos e discutimos então estas coisas sob a perspetiva alemã, o que são a ideia racial alemã e a política racial alemã, onde reside o seu fundamento e justificação, e que métodos elas procuram para a sua implementação. Raramente ou nunca falamos sobre o eco que elas tiveram no mundo. Isto tinha a sua boa razão no fato de que, na altura, se abriu um fosso considerável entre nós e o mundo neste campo, e tratava-se de disputas políticas muito acirradas e, em parte, muito delicadas. Se hoje, pela primeira vez, um breve panorama dos primeiros cinco a seis anos da disputa entre a Alemanha e o mundo no domínio da ideia racial e da política racial for apresentado num escrito, pode-se depreender disso que consideramos o confronto neste sentido como encerrado, que agora podemos expressar certas coisas em retrospetiva, sem receio de prejudicar ou destruir relações políticas, opiniões políticas e estados de espírito.

Gostaria de começar por dizer que o facto de hoje podermos escrever sobre este tema de forma tão serena e histórica, ou seja, que a ideia racial alemã e a política racial alemã se tenham imposto ao mundo de uma forma que nos satisfaz, é um dos maiores feitos da reconstrução dos últimos seis anos. Quem conhece e viu essas coisas em detalhes pode colocá-las tranquilamente e conscientemente ao lado dos sucessos inéditos do trabalho de reconstrução nas áreas política, militar ou económica. Podemos falar mais sobre esses assuntos, mas até agora tivemos que nos calar sobre o tema que estamos a discutir agora. Mas gostaria de salientar: a imposição silenciosa, mas bem-sucedida, do nosso ponto de vista nesta área é um dos grandes feitos históricos dos primeiros seis anos do governo de Adolf Hitler.

Quero agora esclarecer preliminarmente o que vamos abordar nesta retrospectiva e o que não vamos abordar. Nesta retrospetiva, não vamos abordar o confronto em torno da ideia racial que o Judaísmo, por exemplo, travou contra a Alemanha no mundo. Isto não nos interessa porque a situação desde o início é e será eternamente inequívoca e clara: uma luta, conduzida por inimizade amarga com os meios que o Judaísmo costuma usar em disputas políticas e espirituais, ou seja, a mentira e a calúnia desenfreadas. Não poderia ter sido diferente, não foi diferente, e também não esperávamos o contrário. Ficaríamos consternados se esta reação do lado judaico tivesse faltado. É também muito claro, pois o Judaísmo foi diretamente afetado, e como parte sofredora, pela nova ordem na Alemanha. Não podíamos esperar amor, aprovação, nem mesmo neutralidade. Se a rejeição e o ódio assumem formas tão perversas com tanta frequência, isso se deve às caraterísticas raciais do povo judeu. Não queremos falar sobre isso nem nos exaltar, mas sim discutir como os não-judeus do mundo se manifestaram em relação à política racial alemã em sua totalidade, e como lidamos com isso.

Disto resulta que a rejeição foi originalmente unânime, mas que esta rejeição, após uma observação mais atenta, revela diferentes pontos de vista e diferentes razões. Gostaria de as dividir primeiro, de forma esquemática, em dois grupos de razões.

Uma das razões para rejeitar a ideia alemã de raça, com todas as suas consequências práticas, eram as desvantagens reais ou supostas que o ponto de vista racial alemão trazia também para pessoas ou grupos não judeus neste

mundo. Essa é uma motivação para a rejeição que pode ser discutida. Afinal, todos no mundo têm o direito de se manifestar contra algo que lhes cause uma desvantagem real ou presumida. Tratava-se, portanto, de uma rejeição objetiva, que mantém o seu caráter de objetividade mesmo quando decorre apenas de um mal-entendido que pode ser esclarecido e que, com o seu esclarecimento, faz com que o motivo dessa rejeição desapareça.

Existe, contudo, uma segunda forma de rejeição da totalidade da ideia racial alemã e da sua aplicação política. Ela não surge tanto de um prejuízo ou dano real ou alegado, mas sim de convicções gerais de natureza ideológica-doutrinária. Não se argumenta: Eu sou prejudicado pelas leis, isso me afeta —, mas argumenta-se: Por razões filosóficas ou ideológicas gerais, devo ser contra uma forma de pensar e a sua prática, tal como está a ganhar espaço no Reich de Adolf Hitler. Trata-se, portanto, de uma pura luta de ideias e doutrinas, embora em casos individuais, após uma observação mais atenta, se revele que indiretamente não se luta apenas por ideias, mas em parte também por poder. Seguir-se-á uma palavra muito breve sobre isso no final.
Gostaria agora de clarificar a diferença entre estes dois tipos de confronto e de rejeição com o primeiro e mais simples exemplo, que pode ser tomado como ponto de partida para todo o confronto entre a Alemanha e o mundo, nomeadamente o exemplo da política populacional alemã na sua forma inicialmente puramente quantitativa.

Pouco depois de 30 de janeiro de 1933, a Alemanha inicia uma política populacional ativa e positiva, o que significa, na prática, a luta contra o declínio da natalidade. Opomo-nos a uma atitude espiritual e a uma série de formas de vida práticas na esfera pública que são, em conjunto, responsáveis por esse declínio chocante e assustador da natalidade — coisas que o governo de Adolf Hitler encontra como factos consumados ao assumir o poder. Não preciso de dizer nada aqui sobre a essência desta política populacional, mas quero agora mostrar como o mundo reagiu a ela e com que base o mundo justifica a sua rejeição indignada, também contra este setor da política racial alemã em geral.

Em primeiro lugar, é importante notar que essa rejeição surpreendeu alguns de nós. Acreditávamos que teríamos de discutir a questão judaica e a sua solução prática, entre muitas outras coisas. Mas o fato de a Alemanha, por querer continuar a existir, não aceitar a louca queda da natalidade com o encolhimento

do seu próprio povo e se defender contra isso, não poderia causar sérios problemas políticos em lado nenhum, certo? E, no entanto, foi o que aconteceu. A rejeição política, que se transformou numa campanha concentrada da imprensa mundial contra a Alemanha, baseou-se em dois argumentos fundamentalmente diferentes.

Essa foi uma rejeição puramente ideológica, apresentada especialmente por certos setores confessionais ortodoxos, que declararam que, embora o povo alemão e o seu governo tivessem indiscutivelmente o direito de garantir e aumentar o número de filhos, e que os esforços nesse sentido estavam totalmente de acordo com as concepções da sua própria doutrina ortodoxa, mas que, por convicções ideológicas fundamentais, não se podia de forma alguma aprovar a maneira como a Alemanha estava gradualmente a transformar a necessidade de ter filhos num dogma estatal obrigatório. Como de costume, viu-se aqui em perigo a moral, a ética, todos os valores éticos, os fundamentos da cultura e algumas outras coisas, porque a Alemanha se recusou a continuar a aderir a uma doutrina que significaria o desaparecimento da nação e dos seus valores culturais. Houve uma revolta contra o reconhecimento e o trabalho de propaganda da Alemanha neste domínio, contra o despertar da vontade de ter filhos no povo alemão, e isso de uma forma que, por vezes, ultrapassou os limites do bom gosto e do tolerável. Lembro-me de uma frase que demonstra toda a indecência dessa opinião, aquela frase que deu a volta ao mundo e foi transportada e arrastada de uma língua para outra e de um país para outro: É preciso protestar contra a política populacional alemã em nome da humanidade e da sua cultura, pois a Alemanha está a caminho de transformar o seu povo numa instituição totalmente bárbara, na qual se nega e se esmaga o valor humano de cada indivíduo, homem ou mulher, e se considera e trata ambos, homens e mulheres, simplesmente como animais reprodutores. — Esse argumento, que supostamente girava em torno de uma ideia comum a ambos os lados, por vezes pesou infinitamente sobre a política populacional alemã no mundo, especialmente se considerarmos que, para ilustrar tais acusações inacreditáveis, foram inventados casos práticos ou, mais precisamente, mentiras que simplesmente não nos diziam respeito como nacional-socialistas. Dou um único exemplo disso:

Certo dia, circulou pela imprensa europeia uma notícia, segundo a qual numa aldeia precisamente nomeada em Hesse, teria sido estabelecida uma instituição

de procriação humana pelo "enlouquecido regime nazista". Mencionaram o nome do líder, o nome da aldeia, os terrenos que pertenciam a este instituto, mencionaram tudo o que poderia ser interessante, o número exato de funcionários homens e mulheres. Toda a história carregava – e isso é característico de tais reportagens daquela época – claramente o selo do factual e do correto, pois eram fornecidas informações factuais com uma precisão e exatidão imensas. Entramos em contato e pedimos ao homem responsável na cidade mais próxima para nos ligar e perguntamos o que estava acontecendo lá. O homem encolhe os ombros e diz: Sinto muito, não sei que tipo de negócio é esse; vou verificar, – investiga o assunto e liga 24 horas depois para dizer que a reportagem é verdadeira. A aldeia é verdadeira, a propriedade é verdadeira, o tamanho é verdadeiro, o nome do fundador e proprietário é verdadeiro, o número de funcionários é verdadeiro. A única coisa que não é verdadeira é o ano, pois o caso inteiro não surgiu em 1933, como se lia na imprensa, mas sim em 1928 ou 1929 e foi até encerrado pelo então governo do sistema, – uma instituição puramente comunista com a habitual tendência comunista de auto-expressão, que foi desenterrada de algum arquivo, elegantemente atualizada e publicada como base para a tese, infelizmente agora espalhada não pelos nossos adversários confessionais, de que a Alemanha estaria a praticar aqui a procriação humana de uma forma degradante para o ser humano. Deixo em aberto se esta primeira tese, que acabo de mencionar, foi inventada de má-fé ou se foi realmente acreditada honestamente por algumas pessoas com base em tais informações falsas. Basta constatar que, como parte da grande agitação mundial e das suas consequências, foram exploradas certas convicções gerais de natureza ideológica, que deveriam deixar claro às pessoas: Vós não deveis tolerar, no interesse de quaisquer ideias, no interesse da decência, da moral, da humanidade, o que está a ser feito agora na Alemanha. Não vos diz respeito, mas deveis protestar em nome da cultura. Além desta justificação para o ataque e para a rejeição, há agora em todos os campos da nossa política racial a outra justificação, mais óbvia e compreensível, que visa evitar um dano à própria população ou grupo étnico em questão. Eu ilustro isto no mesmo campo da nossa política populacional quantitativa: A Alemanha desperta a vontade de ter filhos e defende-se contra a ameaça de morte do povo. Queremos voltar a ser um povo em crescimento, não queremos morrer. Esta é a palavra de ordem com que abordamos estas coisas. Esta palavra de ordem tem sucesso. Após um ano de trabalho de política populacional do Terceiro Reich, alcançamos um aumento da taxa de natalidade, que pode então ser mantido, de 23%. É amplamente

conhecido que isto é algo único na história de todos os povos e tempos, algo que nenhuma nação, nem do presente nem do passado, jamais imitou. No entanto, também sabemos – voltarei a este assunto em breve – que o fantasma do encolhimento populacional ainda não foi banido. Basta, valorizamos este sucesso, destacamos devidamente este sucesso de 23% de aumento da taxa de natalidade. Estamos orgulhosos disso e podemos estar orgulhosos. Gostávamos de falar e escrever sobre estas coisas na nossa própria imprensa naquela época.

Isso faz com que certos grupos políticos se sintam ameaçados por esse crescimento supostamente imenso e assustador da população alemã, ou pelo menos fingem que se sentem ameaçados, e agora se voltam contra nós, alegando que a política populacional alemã é um fator perturbador na vida política europeia. O exemplo paradigmático da influência de toda uma nação com esta ideia impositiva do perigo da política populacional alemã é-nos dado pelo nosso vizinho ocidental, a França. Os anos de 1933/34/35 estão repletos do fantasma da invasão alemã. É inútil discutir com um francês, mesmo o mais sensato, compreensivo, nacionalista e simpático para connosco, que isso é um disparate. Ele não acredita, mantém a sua opinião. Eu mesmo experimentei, até 1935, como tais debates com amigos declarados da Alemanha – entre os quais havia algumas pessoas altamente inteligentes e fundamentalmente decentes – eram completamente infrutíferos. Finalmente, pudemos dizer a um amigo nosso lá do outro lado que não temos intenção de entrar em guerra depois de amanhã, que nem sequer temos os meios para entrar em guerra depois de amanhã, que realmente não temos vontade de o fazer, porque acreditamos que estaremos suficientemente ocupados com a nossa própria reconstrução pacífica durante anos. Deixei claro para ele que a geração mais velha, que conheceu a guerra, não tem a menor intenção de iniciar novas guerras, e que a geração mais jovem, que não conheceu a guerra, quer, mesmo assim, manter a paz infinitamente, porque todos nós crescemos numa época em que, desde o dia em que começámos a ser pessoas, não tivemos um minuto para nós mesmos, que toda a geração mais jovem está sob a pressão política inaudita do nosso tempo e anseia por poder, um dia, dedicar-se tranquilamente ao trabalho positivo e criativo. No final, conseguimos convencer os nossos amigos franceses de todas estas coisas: e então veio a velha objeção com que eles descartaram tudo: mesmo que não queiram fazer guerra, terão de voltar a fazer guerra, porque já não sabem onde colocar o vosso excedente populacional. Em poucos anos, vocês serão obrigados, simplesmente devido à pressão inaudita da vossa crescente

superpopulação, a inundar as fronteiras da Europa e marchar para Paris ou sei lá para onde, porque então não conseguirão mais respirar devido à superpopulação. Mas a vossa política populacional, que desperta neste povo a vontade de ter filhos e aumenta o número de nascimentos, não passa de uma loucura inaudita, pois acelera essa descarga inevitável e perigosa. Sim, provavelmente não passa de um meio de imperialismo e chauvinismo calculados. Vocês conduzem a vossa política populacional exclusivamente com o objetivo de, tal como os hunos nos tempos antigos, inundar e inundar toda a Europa. Um francês, que há anos observa com tristeza e pesar o declínio do seu próprio povo, sente-se fortemente atraído por esse tipo de argumentação. Ele tende a ver na política populacional alemã e, portanto, nessa parte do pensamento racial alemão e na sua aplicação, uma ameaça imediata de guerra, contra a qual deve se defender, no interesse bem compreendido do seu próprio povo, do Estado e da sua cultura.

Eu dei o exemplo da França e com isso dou-me por satisfeito. Quero agora salientar que tudo isto, para além do círculo da mera polémica jornalística e da criação de um certo clima em alguma praça do mercado ou nos cafés, pôde ter, e em muitos casos teve, consequências políticas reais. Lembro que no momento em que, pela primeira vez, esta nova Alemanha deu o passo para a grande política internacional e conseguiu romper com sucesso com o sistema de inimizades — nomeadamente quando preparou a conclusão do Pacto Naval com a Inglaterra —, nesse momento, um artigo sensacional foi lançado por um estadista europeu que hoje é nosso amigo, dirigido aos estadistas europeus, apelando-lhes para que considerassem esta Alemanha como um perigo para todos os povos da Europa, e que fundamentou este perigo para a paz europeia com números fantásticos sobre o imenso crescimento do povo alemão e o inaudito excedente de nascimentos que se teria na Alemanha. — A primeira parte das exposições do artigo era, sem dúvida, um elogio para nós, pois destacava o sucesso da política populacional alemã. A segunda parte era um perigo para nós, pois utilizava esse sucesso da política populacional alemã para alertar contra a Alemanha e afirmar que, inevitavelmente, esta Alemanha em crescimento poderia e deveria abalar a estrutura da Europa em dois aspectos: Porque em poucos anos cresceria para cerca de 50 milhões de habitantes — não se referindo a uma anexação ou algo do género, mas sim ao alegado e insensato excedente de nascimentos que teríamos —, pois o povo alemão exerceria uma atração inaudita sobre todos os fragmentos e grupos étnicos para lá das suas

fronteiras e, assim, arrastaria grandes partes da Europa para si. Em segundo lugar, e por razões da simples dinâmica do seu crescimento e da sua sobrepopulação, teria forçosamente de invadir as fronteiras à volta do seu país e prosseguir uma política de conquista imperialista contra todas as outras nações. Este artigo teve, sem dúvida, naquele momento, uma importância diplomático-política de magnitude considerável. Foi, sem dúvida, escrito a sério e não resultou de um engano consciente e intencional, mas sim de uma incompreensão da própria situação populacional da Alemanha.

Com isso chego ao ponto que devo abordar brevemente para finalizar. Para este grupo de argumentos contra a política populacional alemã, que acredita estar a defender um interesse nacional próprio, infelizmente, nós, alemães, fornecemos muitas vezes o próprio material e as justificações falhas, mas eficazes. E isso aconteceu porque, contrariamente à realidade e à verdade neste domínio, evitámos, numa atitude estranha, apresentar as coisas como elas são, nomeadamente: que a Alemanha, apesar deste aumento da natalidade de 23%, tem, até esta hora, um saldo negativo, um défice no seu balanço demográfico, que mesmo hoje ainda não é um povo em crescimento, nem sequer estabilizado, mas sim um povo em declínio, cujo processo de encolhimento pôde ser consideravelmente restringido e retardado apenas em comparação com o ano de 1932. Mas se ainda hoje temos de constatar um défice de 10 a 11% por ano no balanço de nascimentos, um défice que as nossas estatísticas do Reich demonstram anualmente, então o resultado é que ainda estamos longe de ter resolvido o problema do declínio da natalidade e da população no nosso próprio Reich. Por um lado, isto significa para nós que a política populacional alemã deve ser intensificada e impulsionada a todo custo para, pelo menos, manter o stock da Nação. Por outro lado, para os outros povos, significa que qualquer defesa contra o povo alemão em crescimento e "inundador" — digamos com muita cautela e modéstia — chega, pelo menos, algumas décadas mais cedo; que até hoje e, previsivelmente, por muito tempo, a questão é apenas que a Alemanha, no melhor dos cenários, mesmo com os maiores sucessos da sua política populacional, não se tornará menos do que aquilo que representa hoje em termos de número de pessoas na Europa.

Verificou-se que, com o aumento da elucidação sobre este fato, uma parte das preocupações e dos ataques contra a política populacional alemã de facto cessou. Pois que um povo dentro das suas fronteiras deva manter-se estável e

deva tentar fazê-lo com sucesso, isso é concedido, pelo menos na opinião pública mundial, até mesmo ao nosso povo alemão, embora, compreensivelmente, os políticos devam e tenham de seguir estas coisas com outros olhos, menos objetivos e muito mais tendenciosos. No momento em que podemos demonstrar que o perigo para os outros povos resultante da política populacional alemã é uma ilusão e um fantasma, não há mais nenhuma razão e nenhuma possibilidade de se construírem motivos de guerra ou uma psicose de guerra nos outros povos a partir da política populacional alemã.
Esta é a razão pela qual faremos bem em não criar ilusões sobre a nossa situação de natalidade para nós mesmos e, em seguida, possivelmente, impingir aos outros lá fora essas ilusões que já poderiam perturbar o nosso próprio trabalho político interno.

Discutimos agora um dos três aspectos da nossa política racial alemã como exemplo das duas possibilidades de ataque externo. Gostaria agora de abordar os outros dois capítulos sob o mesmo ponto de vista, dispensando o segundo de forma relativamente breve para poder tratar o terceiro, que é o mais importante, de forma mais detalhada.

A segunda inovação que a Alemanha introduziu na sua legislação sob o ponto de vista racial foi o complexo da higiene racial, inicialmente na sua parte negativa, que se traduz praticamente na lei para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias através do método da esterilização. Sabem que a esterilização foi um antigo pomo de discórdia entre diferentes ideologias, que havia e há grupos que, até hoje, consideram o procedimento de esterilizar pessoas para impedir a transmissão de doenças hereditárias como bárbaro, ilegal e talvez até mesmo antirreligioso, e que já antes de 1933 se travou com esses grupos, dentro do nosso próprio povo, algumas discussões sobre esta questão. Era natural que esses grupos continuassem os seus ataques e que, quando isso já não era possível na Alemanha, agissem com ainda mais força nessa área a partir do outro lado das fronteiras. Assim, foi desenvolvida uma propaganda prolífica, que tinha de provar que a Alemanha fazia o que fazia por total brutalidade, por desprezo e desrespeito pelas leis mais primitivas da caridade, da humanidade, da cultura, etc. Esta propaganda foi complementada por uma afirmação absolutamente absurda, que atribuía à lei alemã para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias objetivos completamente estranhos e distantes, a fim de demonstrar melhor a maldade e a crueldade dos alemães.

Espalhou-se com toda a seriedade pelo mundo a opinião de que a Alemanha teria inventado a esterilização e a aperfeiçoado cientificamente e medicamente com o único objetivo de se livrar dos seus adversários políticos internos. Uma completa loucura! Se tivéssemos a intenção de neutralizar um adversário político interno, certamente não o esterilizaríamos, pois assim ele continuaria a viver alegremente por mais 60 anos às nossas custas. Que consideremos o comunismo, por exemplo, como uma doença hereditária, que só poderia ser combatida impedindo a geração de descendentes, mas que, de resto, os comunistas poderiam circular livremente — isto é realmente uma suposição que de forma alguma faz justiça à opinião do povo e do Estado Alemão. É claro que, com este conto de fadas, também se alcançaram sucessos espantosos na propaganda. O que aconteceu foi que o conceito de doenças hereditárias ou de hereditariedade, e muito mais os conceitos de "esterilização" ou, o que se gosta de confundir, de "castração", misturavam-se na cabeça das pessoas como couve e nabo. O que apenas poucas pessoas no povo alemão viam e reconheciam claramente na época, isso nem era compreendido conceitualmente nos círculos bem-intencionados para além das nossas fronteiras. O que nós víamos como factos internamente, o moderno biólogo e médico via nesta área para além das nossas fronteiras ainda como verdades infinitamente menos difundidas do que já era o caso connosco antes de 1933. Foi, portanto, muito conveniente usar aqui uma total ignorância da situação para imputar agora ao povo alemão os planos mais estranhos e insanos. Usou-se devidamente essa possibilidade com um sucesso tão devastador e inacreditável que assistimos a que, mesmo em círculos de especialistas estrangeiros que entendem destas coisas, se fosse introduzindo gradualmente a convicção de que o nosso procedimento era, de fato, uma grande e montada fraude política para erradicar os comunistas, ou seja lá o que for. Lembro-me de que, no verão de 1934, no primeiro congresso internacional que se ocupou de questões de eugenia e no qual nós estávamos compreensivelmente no centro da opinião pública e do interesse público, sérios académicos de outros países — e agora não me refiro aos numerosos judeus presentes neste congresso, refiro-me realmente aos académicos decentes de diferentes nações — giravam em longas discussões de natureza científica, com toda a seriedade, sempre em torno desta questão: Se nós realmente esterilizamos apenas pessoas medicamente doentes hereditárias ou se não usamos a oportunidade para nos livrarmos dos antigos deputados ou ministros do Reichstag dessa forma.

Quando se pensa hoje nestas coisas, é impossível não sorrir. Mas na altura eram assuntos infinitamente sérios, pois por detrás da loucura desta argumentação estava, por outro lado, uma opinião mundial que, naquela época, ainda tínhamos de ter em conta. A situação nos anos sobre os quais estou a relatar é uma situação diferente da dos anos de 1938 e 1939. Hoje, pode ser-nos em grande parte indiferente, até ao ponto do ridículo, o que algum contemporâneo cómico pensa, escreve ou diz sobre nós nalguma aldeia de algum país. Isso não nos afeta até certo ponto, porque, em termos de política real, tornámo-nos em grande parte independentes da opinião de tais contemporâneos. Mas naquela altura, tínhamos um Reich sem liberdade, um Reich sem poder, um Reich sem fundamento económico, um Reich que nem sequer tinha a coesão interna do seu povo de que hoje dispomos, um Reich que teve de tatear o seu primeiro passo no mundo da política com grande dificuldade. Naquela altura, qualquer palavra de ordem incendiária no globo era um novo e pesado fardo para a nossa própria política.

Isto é o que se pode dizer sobre a campanha de ódio (Hetze) que se realizou por razões ideológicas e fundamentais e que foi apoiada por tais contos de fadas e mentiras.

Mas aqui tenho de acrescentar um segundo capítulo, que à primeira vista parece inacreditável. Há também potências — não povos, mas potências — que se opõem veementemente à legislação alemã sobre esterilização, partindo da opinião infantil de que devem defender os interesses do seu povo e dos seus cidadãos. Elas afirmam que os seus interesses nacionais são diretamente afetados pelo facto de, na Alemanha, as pessoas com doenças hereditárias serem esterilizadas de acordo com a lei do Reich. As potências em questão, aparentemente, não leram a lei corretamente. A lei era uma lei para os alemães. Como lei para os alemães, ela era válida inicialmente apenas para os alemães. No entanto, através de notícias falsas, algumas potências estrangeiras foram levadas a acreditar que nós usaríamos essa lei, juntamente com a nossa rejeição aos estrangeiros, que supostamente teríamos elevado ao nível de lei fundamental do Estado, para capturar traiçoeiramente à noite, nas ruas, viajantes inofensivos de nacionalidades estrangeiras, levá-los para um hospital e esterilizá-los à força, contra a sua vontade — tudo por ódio e maldade. Isso não seria digno de um povo civilizado.

Se algum jornalista enlouquecido de algum país distante tivesse apresentado isto aos seus leitores ligeiramente entorpecidos, poderíamos ignorá-lo. Elevou-se, porém, a medidas de conteúdo genuinamente político-diplomático. Chegou mesmo a pedir a um órgão governamental de uma potência sul-americana, em todas as formas, que tomasse medidas contra o Reich Alemão e apelasse a uma aliança de todas as nações civilizadas para travar uma guerra pela cultura e contra a barbárie do facão na Alemanha, numa frente unida.
Chegou-se mesmo a exigir e ameaçar com sanções e represálias. Foi dito: Para os membros do nosso Estado que forem castrados na Alemanha enquanto viajantes de negócios – também lá se confundiu "esterilizar" com "castrar" –, nós agarraríamos dois alemães em qualquer lugar do globo e também os levaríamos ao facão. Recuso-me a citar a parte final do ensaio em que estou a pensar. Era tão ofensiva que não se pode sequer reproduzi-la na "bárbara" Alemanha no que diz respeito às mulheres. Mas esta não era uma invenção de um emigrante judeu ou de algum contemporâneo enlouquecido, mas sim o reflexo de uma opinião que prevalecia no governo desse país e que, aparentemente, incitou o povo, agora completamente enlouquecido, contra este governo com esta atitude política.

Essas notícias e opiniões impossíveis foram reforçadas pelo fato de a imprensa interessada ter divulgado casos isolados com documentos precisos em todo o mundo, oferecendo assim sempre novos motivos e novos combustíveis para discussões acaloradas. Nesta área, vivemos o mais absurdo dos absurdos. Com nomes e datas, locais e números, com tudo o que era relevante para a precisão, vivemos as notícias mais sensacionalistas sobre a Alemanha, que, quando investigadas, revelavam ser falsas ou quase falsas. Por exemplo, tentou-se incitar o povo italiano a grandes protestos contra a Alemanha com a notícia falsa de que uma cidadã italiana tinha sido esterilizada à força em Bona, no Reno, e tinha morrido no dia seguinte de forma miserável devido às consequências dessa operação. Foi divulgado o nome dessa mulher e o seu endereço, foi especificado o quarto da clínica onde ela havia expirado e, vítima da barbárie nazista, morrido. Quando investigámos o caso, descobrimos que uma mulher com esse nome havia sido interrogada pelo médico do distrito sobre a suposta doença mental da sua sobrinha, uma vez que não havia outros parentes presentes. Apesar do seu nome italiano, a mulher tinha a nacionalidade alemã há 30 anos e não tinha qualquer contacto ou ligação com o povo italiano e o Estado italiano. Era um assunto puramente interno da Alemanha. A mulher não foi

esterilizada. Nem sequer foi isso que se pretendia dela. Apenas foi chamada para prestar informações sobre a sua familiar, a sobrinha. Aliás, nem mesmo a sobrinha foi esterilizada, mas reconheceu-se outra questão que não pode ser considerada uma doença hereditária no sentido da lei. Com isso, o caso foi encerrado. No entanto, este facto espalhou-se pela Europa da forma descrita, provocou uma agitação sem precedentes e foi alvo de perseguição. Naquela época, às vezes nos divertíamos a reunir em arquivos específicos certas mentiras particularmente chocantes nessa área e a fazer uma geografia em grande estilo, incluindo linguística, e conseguimos coletar e compilar tais notícias em praticamente todas as línguas em que os jornais são impressos. Então, após seis semanas ou meio ano, elas voltaram ao redor do mundo. Às vezes, tratava-se da mesma notícia, mas quando ela voltava do estrangeiro, era possível fazer uma nova notícia com ela; simplesmente não se reconhecia mais.

Por mais estranho que pareça, outras potências e pessoas estrangeiras acreditavam que, por meio de uma lei interna alemã e sua aplicação aos nossos próprios compatriotas, estavam sendo diretamente ameaçadas, intimidadas e atacadas em sua própria esfera nacional. Por isso, elas se defendiam. Contra essa propaganda e onda de agitação, não havia nada a fazer senão a exposição objetiva de cada uma dessas absurdidades, com o objetivo de convencer gradualmente as nações e seus governos de que a legislação alemã de saúde hereditária realmente não diz respeito ou tangencia nada, nem minimamente, para além de nossas fronteiras, e que é um assunto puramente alemão, cuja objetividade, cientificidade e imparcialidade estão, aliás, sempre abertas à fiscalização. Com esse esclarecimento calmo, às vezes realmente um tanto demorado e que exigia muita paciência, perante o estrangeiro, acabamos por ter sucesso. As pessoas foram gradualmente convencidas de que “Esterilizar” e “Castrar” são diferentes. As pessoas foram convencionalmente de que fizemos do nosso povo alemão o objeto dessa legislação e não os nossos vizinhos ou qualquer outro povo na Terra, que nos atemos firmemente às nossas leis, e que não agimos por mesquinhez, sede de sangue ou algo semelhante, mas sim verdadeiramente a serviço de grandes ideias e de uma compaixão mais profunda do que o resto do mundo demonstra neste ponto até hoje.

Aos poucos, passámos a ter uma contradição muito estranha no estrangeiro, a saber, que em público a imprensa não tem nada de bom a dizer sobre essas coisas e que a esterilização, quando é necessário mencioná-la, ainda era

considerada uma vergonha, mas, ao mesmo tempo, enviou representantes importantes do nosso próprio país, alguns políticos, outros cientistas competentes, para nos visitar em privado e estudar as medidas e os seus resultados. O resultado de uma visita deste tipo era, em geral, que o estrangeiro dizia no final: Convenci-me de que a história está a decorrer de forma limpa e correta entre vocês. De que é correta e desejável, disso estamos convencidos no nosso país. No entanto, ainda não estamos tão recuperados a ponto de, diante da opinião pública, podermos agir exatamente como vocês. Vimos que, ao longo dos últimos anos, aqui e ali, em países europeus, surgiu a notícia de que havia sido formada uma comissão para tratar da questão da saúde hereditária, da esterilização e da prevenção de descendentes com doenças hereditárias. Isso sempre acontece de forma um tanto misteriosa e com a lentidão parlamentar, em parte porque esses países ainda não estão prontos, em parte porque temem a opinião pública. Mas também aqui o gelo foi quebrado, e as forças verdadeiramente nacionais de todos os povos, independentemente de serem politicamente amigos ou inimigos nossos, há muito que estão a ocupar-se destas questões de forma objetiva e séria, e todos nós iremos ver que eles nos seguirão amplamente neste domínio.

A rejeição puramente ideológica do programa de esterilização por certos grupos ideológicos continua, naturalmente, a existir. Isso será objeto de uma última palavra no final das minhas observações.

Mas passo agora ao terceiro e último capítulo, o mais importante e interessante da nossa política racial, que trata realmente do próprio conceito de "raça". Em 1933, a Alemanha introduz um conceito totalmente novo no direito e no direito internacional, nomeadamente uma classificação das pessoas de acordo com a sua ascendência do ponto de vista racial. Na prática, isso afeta o judaísmo, e quase exclusivamente o judaísmo, pois na época não tínhamos problemas raciais de outro tipo em Alemanha, nem contato com raças estrangeiras fora das nossas fronteiras que fossem significativamente afetadas pelas leis raciais alemãs. Trata-se, em primeiro lugar, de um conflito entre nós e o judaísmo. Mas, por razões que aqui não vêm ao caso, na altura, nas primeiras medidas legais (como a lei para a restauração do funcionalismo público), não falámos deliberadamente de judeus, mas de não arianos, colocando assim todo o problema numa base muito mais ampla do que, por exemplo, o conflito entre judeus e alemães. Tentámos excluir e separar de nós o que é estrangeiro em si, o

que é estranho ao nosso povo e, portanto, praticamente também aos demais povos europeus civilizados, conceitualmente, legalmente, politicamente e, finalmente, biologicamente, tentando impedir, por meios legais, educação e propaganda, qualquer introdução desse sangue estrangeiro no nosso próprio povo. Como já foi dito, o judaísmo está consternado e afetado com isso; grita e defende-se. É seu direito, não há nada a dizer contra isso, não é preciso perder tempo com isso. Mas uma situação muito grave surge pelo facto de que agora outros povos e Estados se sentem diretamente atacados e difamados em sua honra e dignidade como nação, e precisamente como nação não ariana, pela legislação racial alemã e pela segregação em relação aos estrangeiros raciais. Não quero enumerar todos os povos e países com os quais houve debates sérios por esse motivo. Basta referir que, por exemplo, todo o mundo do Extremo Oriente ficou durante muito tempo com a impressão de que os alemães os consideravam não arianos na sua nova concepção nacional-socialista e que consideravam os não arianos, em geral, como uma ralé inferior. Ou seja: os alemães distinguem-nos como seres humanos inferiores e secundários e consideram-se a si próprios como os verdadeiros portadores da cultura. Basta referir que tal concepção poderia, compreensivelmente, provocar uma agitação infinita e ódio contra esta nova Alemanha nazista em povos nacionais orgulhosos, autoconfiantes e amantes da honra, como é o caso do Japão, por exemplo. Tivemos o mesmo fenómeno na região indiana, por exemplo, e o observámos em muitos povos do Próximo Oriente.

Tudo isso se manifestou de duas maneiras. Primeiro, num preconceito contra o Terceiro Reich, contra tudo o que fosse alemão. Houve descargas privadas, o que levou a boicotes a jornais, mas também a boicotes económicos. Vimos relações comerciais, algumas com mais de três gerações de tradição, serem rompidas de uma só vez no outono de 1933, quando o comerciante alemão deixou as suas casas e voltou para casa, dizendo: "*Não adianta absolutamente nada. O boicote e o ódio da população, mesmo da classe dominante, que até agora era compreensiva e amiga minha, são tão grandes e monstruosos que é completamente inútil continuar a desperdiçar tempo e dinheiro com essas coisas*". Essa era a expressão do sentimento de um grupo de pessoas de outra raça, que se sentiam ofendidas em sua dignidade e honra, em relação ao povo alemão, do qual diziam que via todas as pessoas de outras raças como animais de duas patas e gado.

Além dessa atitude privada e emocional, isso naturalmente levou a medidas políticas. É possível imaginar que, nos locais onde esses povos de raças diferentes tinham um governo forte, ativista e com consciência nacional, mais cedo ou mais tarde esse governo foi forçado pelo seu próprio povo a perguntar, de certa forma, agora em Berlim, o que realmente se passa: se o seu povo é realmente considerado e tratado como seres humanos de segunda classe e semicivilizados devido à sua raça e origem? Isso levou, de fato, a medidas diplomáticas em Berlim, numa época em que qualquer tipo de tensão no mundo, se não fosse absolutamente inevitável, era incómoda, desagradável e, na verdade, insuportável.

Menciono a intensidade dessa pressão diplomática em parte porque preciso fazer uma advertência a esse respeito. Por muito pouco não se eliminou do vocabulário do povo alemão, por algum tempo, essas palavras perigosas, "raça" e "política racial", que nos trouxeram, além de todas as outras dificuldades daqueles dias, as dificuldades adicionais descritas acima, e não se falou mais sobre esse assunto. Por razões económicas, diplomáticas e militares, era muito tentador enrolar este pano vermelho e dizer: bem, vamos esperar dez anos. Talvez mais tarde possamos permitir-nos o que neste momento não nos é possível. Gostaria de salientar aqui que, contrariamente à opinião de todos os órgãos políticos, militares e económicos competentes para estas questões externas, foi o próprio Führer que pregou a coragem, a coragem e a vontade de ter nervos de aço, e que, numa situação decisiva daqueles dias, em que se tratava de saber se se deveria ou não recuar perante essa pressão diplomática, com plena consciência do alcance dessas coisas, proferiu a frase: «Não estou aqui para alinhar as minhas ideias e a minha política com a opinião do mundo, mas considero que, com o tempo, a opinião do mundo terá de se alinhar comigo, com as minhas medidas e com os meus conhecimentos.» Hoje é fácil dizer isso, agora que já saímos de toda essa situação. Naquela época, foram palavras muito pesadas, com uma responsabilidade inaudita. Nos anos seguintes, ainda nos custou muita paciência até chegarmos onde estamos hoje.

O que podíamos fazer contra essa tendência de ver na ideologia racial alemã uma difamação fundamental das pessoas de outras raças? Não podíamos fazer nada além de, com calma e consciência, apresentar repetidamente o pensamento racial alemão na sua forma original e deixar claro às pessoas que a essência do conhecimento racial não é a avaliação ou mesmo a desvalorização de outros

grupos humanos neste mundo, mas nada mais do que a constatação fria, sim, quase diria científica, de que existem diferentes grupos humanos neste mundo e que, nesse contexto, não se trata de forma alguma de uma avaliação, que a constatação: vocês são de outra raça em relação a nós — não contém, a princípio, mais nem menos do que o julgamento objetivo de uma pessoa que caminha pela floresta e diz: "*Não há apenas árvores na floresta, mas estas árvores ali são abetos e pinheiros, estas árvores são bétulas e aquela ali é uma árvore de carvalho*". — Isso também não é um insulto nem um julgamento de valor. Nenhuma das árvores pode dizer que isso é uma depreciação em relação às outras árvores, mas é a constatação de fatos, assim como a constatação de que certos povos e grupos étnicos neste mundo são racialmente aparentados conosco e outros são racialmente completamente estranhos a nós. É simplesmente uma descrição, uma constatação sem caráter de ataque ou avaliação.

Esta constatação do caráter absolutamente objetivo e factual da distinção racial tivemos de defender com incansável paciência durante seis anos perante os povos estrangeiros e os seus porta-vozes. Isso não foi feito, em geral, através de propaganda direta lá, mas apenas em conversas individuais, em parte através das missões, em parte através de representantes individuais desses povos. Por trás do que agora relato em três palavras, esconde-se, na verdade, uma longa, árdua e infinitamente penosa luta pela verdade e pela consideração sóbria destas questões.

Às vezes, devo admitir, ficamos incomodados com a falta de jeito ou mesmo com a estupidez do nosso próprio país, quando algum tolo enlouquecido expunha as suas ideias sobre raça, ou quando, quando tínhamos acabado de explicar com dificuldade a um povo qualquer que o respeitávamos e honrávamos e que lhe concedíamos totalmente a sua singularidade com base na sua lei interna de sangue e raça, de repente algum tolo escrevia no seu jornal ou livro que esse povo era racialmente inferior, que estava abaixo da vaca e do burro, que as suas características eram a baixeza e a imundície, e sei lá o quê mais. Com tais deslizes estúpidos, irritou-se e afastou-se, muitas vezes até ao sangue, não só povos de raças estrangeiras em partes distantes do mundo, mas até mesmo povos vizinhos na Europa, muitas vezes até mesmo amigos históricos e predestinados da Alemanha nacional-socialista. Afirmo abertamente que os dois grandes povos e potências que primeiro iniciaram connosco a luta

política e organizacional contra todas as forças da decadência e do declínio no mundo, nomeadamente a Itália e o Japão, devido a mal-entendidos, mas também, infelizmente, em parte devido a disparates de pessoas irresponsáveis do nosso próprio povo, demonstraram, ao longo de anos, uma ressalva infinitamente forte em relação ao pensamento racial alemão, porque acreditavam que o conteúdo desse pensamento racial alemão era uma depreciação e difamação diretas dos seus próprios valores nacionais e culturais. Foi necessário um grande esforço de ambos os lados para corrigir as coisas que, por vezes, foram completamente confundidas por pessoas irresponsáveis. Mas constato com grande alegria que a amizade política com estas duas potências não foi a causa da resolução das tensões no domínio da política racial, mas, pelo contrário, a consequência mais bela deste debate sobre a objetividade da questão racial. Se hoje podemos falar com os japoneses neste domínio de forma totalmente clara e imparcial: Vocês são assim e nós somos diferentes, somos profundamente diferentes em nossa essência, – então isso nunca nos dará o menor motivo para atritos e explosões, mas, precisamente por respeitarmos a diferença, eliminaremos desde o início a possibilidade de diluir, misturar e obscurecer essas fronteiras naturais entre nós, e, no final, resta o profundo respeito pela cultura de uma nação que, a partir de bases étnicas e condições históricas completamente diferentes, se tornou uma nação forte, orgulhosa e grande e, com isso, de alguma forma, novamente próxima de nós mesmos, que, é claro, devido à nossa lei racial interna e ao nosso conteúdo racial, possuímos e devemos preservar outros estilos e outras formas.

Exatamente o mesmo nos ocupou, como sabem, durante muito tempo na nossa posição em relação ao fascismo e à Itália. Tanto maior é a nossa alegria pelo fato de o povo italiano ter agora perdido toda a sensibilidade em relação à ideia racial da Alemanha, não só neste domínio, mas também ter sido o primeiro povo a estabelecer uma ideia racial própria, diretamente relacionada com a nossa, entrando assim na frente comum na luta pela raça.

Tudo o que eu lhes descrevi em poucas palavras pertence hoje, como já disse, ao passado. Além dos dois países que mencionei, tivemos, ao longo dos últimos seis anos, um debate político sério e uma discussão com praticamente todos os países do mundo sobre a ideia racial e o seu impacto sobre os povos em questão. O resultado final é o mesmo em todos os lugares: a preocupação dos povos estrangeiros e dos seus governos de que a ideia racial alemã os ofenda e

prejudique na sua existência real ou ideal foi dissipada, e que lá fora se habituaram a admitir: se os alemães defendem aqui determinadas opiniões e tiram delas uma determinada conclusão, a saber, a rejeição da mistura racial com estrangeiros, então isso é algo que talvez não nos agrade cientificamente ou em que não acreditamos, mas que não nos diz respeito e que não nos afeta como nação e na nossa estrutura.

Assim, a situação política está clara. Todo o resto agora faz simplesmente parte do confronto entre as ideias de hoje e de amanhã e, inversamente, um mundo de ontem em declínio. Não temos receio do resultado dessa luta.

Mas, para concluir, tenho de dizer mais uma coisa. Acabei de contar que tivemos de lutar, numa batalha única, por vezes difícil e quase desesperada, contra as potências nacionais e populistas deste mundo, para que cada uma delas reconhecesse a política populacional alemã, a higiene racial e a nossa ideia de raça, e que todas elas acabaram por abandonar os seus preconceitos nacionais como sendo irrelevantes. Mas a situação é diferente no que diz respeito ao grupo de ataques e resistências que não surgiram de interesses nacionais e étnicos legítimos ou imaginários, mas simplesmente da mentalidade e das exigências de sistemas ou grupos de poder internacionais. Com eles, não conseguimos chegar a uma reconciliação. As forças internacionais, independentemente de se apresentarem num extremo como ortodoxas confessionais ou no outro extremo como movimento ateu de Moscou, toda essa ampla frente de forças fundamentalmente internacionais continua hoje, tal como em 1933, contra cada um dos pontos da política racial alemã, tanto na sua prática como na sua fundamentação científica ou intelectual. Essas forças internacionais mudaram de vez em quando o método de luta, mas não diminuíram nem alteraram em nada a intensidade e, devo dizer abertamente, a maldade com que combatem o pensamento racial alemão. Isso pode nos levar, especialmente em vista das experiências que a Itália está tendo agora nessa área, à conclusão final que encerrará estas considerações.

Uma ideia verdadeira, um conhecimento correto e a boa vontade de fazer o bem ao próprio povo podem, no final, reconciliar-se com todos os outros povos e os seus interesses nacionais bem compreendidos e chegar a algum tipo de acordo com eles. Mas não é possível chegar a um acordo com sistemas de pensamento de natureza internacional, porque estes, na sua essência espiritual, não são

verdadeiros nem honestos, mas baseiam-se simplesmente numa enorme mentira, nomeadamente a mentira da igualdade dos seres humanos, e porque o pensamento racial do povo alemão e de Adolf Hitler destruiu essa mentira dos últimos séculos e, com isso, destruiu os fundamentos conceituais e práticos para qualquer tipo de sistema internacional. Com isso, porém, e isso é o mais importante para o alemão, que gosta tanto de sonhar e deleitar-se no reino das ideias, não só se supera uma ideia falsa, o que por si só já pode magoar alguns, mas também se tira a plataforma a todos aqueles que utilizaram essa suposta ideia como base para uma posição de poder por vezes bastante lucrativa. O alemão tende a ver ideias em toda a parte e a perder-se no espiritual, no fundamental e no geral. Para ele, uma luta de espíritos é infinitamente emocionante e interessante. Como se trata de espírito, ele acredita que o mesmo se aplica ao adversário. Por vezes, esquece que o adversário não se preocupa com o espírito, mas sim com o disfarce do seu poder, dos seus negócios e da sua influência política, financeira e de poder, e o alemão, até ao momento, sobreestima por vezes o conteúdo das ideias na frente intelectual dos principais adversários internacionais. Por trás disso está, na verdade, o peso muito mais massivo das potências políticas reais, que gostam de colocar certas pessoas ou grupos de pessoas à frente com uma suposta ideia.

Isso leva a que esta luta que travamos hoje entre a ideia de “raça” e todos os sistemas ideológicos internacionais não será decidida com a verdade pura, a ciência e a argumentação objetiva, pois, se se tratasse da ideia e da verdade, no final, o que somos capazes de provar como nossa opinião teria sido suficiente para convencer até mesmo o último defensor desses sistemas internacionais da insustentabilidade do seu ponto de vista. Mas, enquanto se tratar de poder, o disfarce da ideia e, com isso, a luta contra o ponto de vista alemão com uma argumentação supostamente científica continuará a todo o custo.

Nós, alemães, queremos aprender uma lição com isso: que devemos travar essa luta titânica, que para nós é e deve continuar a ser uma luta do espírito e das mentes, com todo o empenho do espírito, como temos feito até agora, mas que não devemos nos iludir de que, para além do poder do espírito nesta vida terrena real, também existe o poder real, e que as grandes vitórias até hoje não se devem apenas à verdade da nossa ideia, mas também à força da sua representação no plano material.

Que possamos então tirar uma lição desta visão geral: que nós, alemães, representamos hoje os pensamentos mais verdadeiros e corretos e que podemos enfrentar com orgulho e tranquilidade qualquer um que duvide da correção das nossas ideias neste domínio, e que não tememos ninguém que agora queira provocar uma discussão sobre tais assuntos na Alemanha. Mas que, ao mesmo tempo, estamos prontos, quando este jogo do espírito terminar, para aplicar a nossa vontade de poder político, para não permitir que se repita que, por razões ideológicas, acabemos por ficar em desvantagem na divisão do mundo e na imposição dos nossos pontos de vista em relação aos outros, que pensaram de forma mais realista e menos espiritual.

No final, estou convencido, e todos os alemães também estarão, de que haverá vitória para ambos os lados: assim como hoje somos uma potência forte e intocável na Alemanha e na Europa, a ideia da raça e da política racial já está fortemente enraizada entre os povos, entre todas as pessoas de boa vontade. E chegará o momento em que também essas lutas intelectuais, das quais acabei de falar, pertencerão à história, pois, no final, o que prevalece na história é a verdade, o que é representado de forma pura e honesta. E quanto mais altruísta, mas também quanto mais duro e implacável for todo um povo e uma época em seu empenho, mais bela e forte será a vitória.

A Política Racial do Nacional-Socialismo (1942)

Do Original: “ *[Bundesarchiv] BArch NS 18/1257. Enthält u.a. : "Rassenpolitik" von W. Groß, Sonderdruck aus "Deutschlands Erneuerung", Aug. 1942”*

Enquanto a *ciência racial*, a *higiene racial* e a *teoria racial* são conceitos bem descritos da vida científica, a *política racial*, apesar da sonoridade semelhante do seu nome, pertence a um domínio diferente, nomeadamente à política no sentido prático da palavra. No entanto, a política diz mais respeito à ação do que à doutrina e, uma vez que só há relativamente pouco tempo se fala de política racial como atividade política consciente, a sua definição num sentido estritamente científico quase não foi tentada até agora. Também aqui estamos menos interessados na definição do que na clareza sobre a sua verdadeira natureza.

A definição e a diferenciação de termos semelhantes podem então ser reservadas para um momento posterior e para outras passagens que tratem a política racial apenas como objeto de reflexão histórica, não do ponto de vista da ação, mas de um ponto de vista puramente científico.

Na prática, a política das raças é o conjunto das ações que visam preservar e melhorar a substância biológica do nosso povo. Neste contexto, a preservação significa tanto a salvaguarda numérica como a proteção contra o declínio da qualidade; a melhoria corresponde ao conceito de degeneração. A política racial inclui, portanto, a política de população, a chamada higiene racial negativa e positiva e, a menos que este domínio de atividade já esteja incluído no termo higiene racial, como por vezes se faz com razão, a "política racial em sentido restrito", ou seja, o controle em relação às raças estrangeiras ao nosso povo e o controle dos processos de seleção no seio do nosso próprio povo de um ponto de vista racial. Em todos estes domínios, a política racial não é o estudo científico das condições atuais ou a justificação científica de certos objetivos, *mas a aplicação prática destas ciências em todos os domínios da vida pública*; recorre à influência educativa e ao despertar de certos ideais, bem como à organização da vida pública através da legislação ou de outras formas de influência coercitiva do partido, do Estado, das comunidades, das profissões, etc.

Daqui decorre que a política racial se situa na intersecção de dois domínios que, de outro modo, estariam muito separados: surge no ponto de encontro entre a política e a ciência biológica, especialmente a ciência do homem. A esfera política é a sua tarefa e o seu campo de trabalho, enquanto a biologia, no sentido mais lato do termo, é indispensável para o fornecimento de conhecimentos básicos.

A dificuldade, mas também a atração, da política racial reside nesta dupla posição. Exige pessoas que sejam marcadamente políticas, não apenas cientistas ou acadêmicos. Por outro lado, para além do sentido político e do prazer e capacidade de agir politicamente, requer conhecimentos científicos e uma ligação estreita e constante à investigação biológica. Uma vez que a combinação destes dois pré-requisitos não é comum à partida e a sua necessidade só foi reconhecida há relativamente pouco tempo, a política racial não dispõe ainda de um círculo suficientemente amplo de representantes e colaboradores e terá de encarar a disponibilização e a formação de trabalhadores adequados como um importante trabalho preliminar à sua atividade efetiva durante muito tempo. Nos últimos anos, foram ocasionalmente expressas ideias erradas sobre o papel das raízes políticas e científicas na política racial. Tal como a atitude puramente política e a pessoa política, por si só, não são suficientes para a atividade política racial e não pode faltar um certo grau de discernimento, realização e conhecimento biológico real, também o domínio dos instrumentos científicos não é tão importante como a capacidade de prosseguir a política racial. A ciência pode, na melhor das hipóteses, definir objectivos e demonstrar métodos biológicos para os alcançar; na política prática, porém, a sua realização choca com circunstâncias, necessidades, possibilidades e impossibilidades de natureza técnica e psicológica e exige um equilíbrio permanente que tenha em conta todos os aspectos de uma dada situação histórica. Aqui, o caminho prático-político para a realização é, muitas vezes, necessariamente diferente do caminho idealista, apenas desenvolvido cientificamente e biologicamente, e a compreensão intuitiva do possível, o pôr de lado o que é em si mesmo necessário em favor de outra tarefa urgente, a prossecução de um objetivo que não é possível no momento, num momento posterior e por outros meios, é a arte política que deve ser exigida e dominada no domínio da política racial, tanto quanto em qualquer outro domínio de atividade na esfera política em geral. Isto torna claro que a confusão ocasional, na ciência e na política, entre a política racial e a biologia científica do homem é um erro fundamental de

pensamento. A política racial não é uma ciência natural, mas a aplicação política do conhecimento científico.

Para além disso, é necessário um esclarecimento adicional. Acontece que os fundamentos da política racial não se baseiam apenas na opinião política e nos conhecimentos biológicos, mas também num terceiro pré-requisito, quase sempre esquecido. Refiro-me ao pré-requisito de uma determinada visão da história, que, por si só, faz com que a aplicação política dos resultados da investigação biológica pareça desejável e possível em primeiro lugar e que, por outro lado, só é o resultado da própria ciência biológica numa medida muito limitada.

Nos círculos científicos, desde 1933, tem sido frequentemente expressa a opinião de que a política racial e a visão racial da história são o resultado de desenvolvimentos científicos ou biológicos modernos na ciência, e que, em termos de história intelectual, a ciência da natureza está no início do espírito da nossa época. Este ponto de vista só se justifica de forma muito limitada, se é que se justifica de todo. A condição prévia para o significado político que as descobertas biológicas adquiriram atualmente é a visão racial da história, ou seja, a ideia da importância decisiva das disposições raciais e hereditárias para o desempenho, a cultura e o destino de um povo na sua história. Esta visão da história, no entanto, não é um resultado do desenvolvimento científico em si, mas decorre antes da visão, em grande parte não comprovada, de homens de génio da época, que ou não provinham das ciências naturais ou eram, pelo menos, outsiders num sentido estritamente científico. O que é compreensível, porque essa visão da história é basicamente uma ideia ou um mito, mas não ciência no sentido extremamente limitado em que a biologia, por exemplo, é e aspira a ser uma ciência. Nomes como Gobineau, Woltmann, Chamberlain e Rosenberg, para citar apenas os mais significativos e mais conhecidos, indicam claramente a localização e a origem da concepção da história com base na qual os resultados exatos da ciência biológica especializada puderam, em primeiro lugar, adquirir significado político. Sem a eficácia dos referidos autores, o desenvolvimento das ciências naturais nunca teria levado à sua aplicação na esfera política, apesar de todas as descobertas individuais importantes e impressionantes. Prova suficiente disso é o fato de, em países com uma atitude ideológica diferente, ou seja, com uma visão substancialmente diferente da

história, o mesmo nível de ciências naturais e biológicas ter sido capaz de desencadear tendências políticas raciais em maior grau.

Só a convicção de que o desempenho e a aparência histórica de um grupo de pessoas, tanto em termos do nível como da direção dos seus talentos e, portanto, de toda a sua atividade política e especialmente cultural, depende diretamente da sua composição genética, faz com que a investigação científica biológica e, na sua base, a influência prática sobre a composição da composição genética pareçam importantes e necessárias. A hipótese subjacente não é o resultado do desenvolvimento científico em si, mas foi uma ideia visualizada. Não pode ser comprovada apenas pela investigação científica das ciências naturais e da biologia, mas apenas na mais estreita cooperação com as disciplinas históricas.

A visão da história, que é crucial para toda a política racial, depende, portanto, de forças e correntes intelectuais que se situam em grande parte fora das ciências biológicas. E este fato liga a política racial a movimentos científicos e ideológicos no seio do povo como um todo, para além das duas grandes áreas de trabalho discutidas até agora.

Estas considerações afiguram-se adequadas, desde logo, para tornar a posição especial da política racial na vida contemporânea mais clara do que tem sido habitualmente vista até à data. Ela dá origem a relações tão diversas como as que se encontram apenas em algumas outras tarefas e áreas de trabalho. Isto explica e justifica a posição especial do Gabinete de Política Racial do NSDAP e a composição diversificada do seu pessoal.

Há que acrescentar uma breve palavra sobre o momento em que se tornou possível falar de política racial no sentido abrangente acima descrito. Só a partir da tomada do poder é que o termo passou a ser utilizado na esfera política. A razão para tal não reside no fato de, até então, não existirem bases científicas, mas sim, como já foi referido, no fato de só o avanço da visão histórica do nacional-socialismo ter tornado possível a política racial. Na era democrática e nos países que ainda hoje são democráticos, mesmo a mais forte preocupação política com o destino do seu próprio povo e a ciência biológica e médica mais desenvolvida não podem conduzir a uma verdadeira política racial, porque lhe falta a atitude mental necessária, ou seja, uma visão do mundo biologicamente orientada e uma visão racial da história. Mesmo que medidas individuais com

um efeito político nitidamente racial fossem possíveis em países individuais sob o domínio do pensamento democrático (exemplos incluem o efeito de seleção das leis de imigração nos EUA ou as políticas de esterilização em estados individuais dos EUA ou em cantões suíços), tais medidas isoladas não falam por uma política racial no verdadeiro sentido da palavra. Com efeito, independentemente das considerações individuais que efetivamente motivaram tais medidas e da questão de saber se o efeito indubitável que elas indubitavelmente alcançaram era realmente o seu objetivo consciente, tais medidas, nos casos mencionados, estão em flagrante contradição com uma outra ordem da vida pública completamente orientada de forma oposta e, por conseguinte, não podem servir seriamente o verdadeiro objetivo de qualquer política racial.

Também não quero falar de política racial entre povos primitivos ou, num passado longínquo, entre nações cultas, que sabiam organizar as suas vidas de uma forma politicamente eficaz do ponto de vista racial, não por conhecimento mas por instinto. Se, nesses casos, o instinto e a tradição, sem a ajuda da vontade consciente, impediram danos biológicos e favoreceram processos de degeneração, o quadro geral é tão completamente diferente das condições em que, sem instinto e tradição, o conhecimento e a vontade lutam hoje conscientemente por objectivos político-raciais, que parece inadequado usar a mesma palavra para condições tão diferentes.

Mas o próprio fato de a política racial no sentido alemão só se ter tornado possível a partir de 1933 explica facilmente a falta de uma concepção completamente uniforme da sua natureza, mesmo na esfera pública da própria Alemanha. A falta de tradição, a falta de conhecimentos biológicos em muitos casos, a falta de experiência prática dos métodos apropriados; portanto, não pode ser de outra forma que apenas gradualmente, a partir da diversidade de opiniões e do fervor da vontade apaixonada, surge a imagem bem definida da política racial alemã, que é vinculativa para toda a nação e é vista e afirmada da mesma forma por todos os contribuintes para o grande valor. Nos últimos anos, o extenso trabalho de formação e educação do Gabinete de Política Racial, que muitas vezes passou despercebido do exterior, serviu para desenvolver esta imagem. O presente trabalho pretende também ser um contributo para esse trabalho.

Se voltarmos a analisar brevemente os diferentes subdomínios da política racial, de acordo com os princípios acima desenvolvidos, a discussão da vertente técnico-científica será dispensada em termos de conteúdo. Os aspectos essenciais são bem conhecidos ou são repetidamente tornados acessíveis a quem está à distância em sínteses feitas por especialistas. No entanto, parece necessário abordar algumas questões relativas à posição dos subdomínios da política racial em relação uns aos outros e à distinção geral feita acima entre os aspectos científicos e políticos destas questões.

O primeiro domínio que mencionámos acima foi a política demográfica. O termo tornou-se tão comum que é frequentemente utilizado para descrever um domínio vizinho, supostamente independente, da política racial (por exemplo, "política racial e populacional"). Em rigor, isto não é correto. De acordo com o exposto, a política racial é a tarefa global; o controle e a influência puramente quantitativos dos processos reprodutivos também lhe pertencem como parte, poder-se-ia dizer também como método. Há que ter em conta que não existe praticamente uma política populacional pura e exclusivamente quantitativa e que, se fosse possível, não deveria existir, mas que, na realidade, cada medida quantitativa de política populacional tem sempre efeitos qualitativos. Isto não altera o fato de as considerações de política demográfica puramente quantitativa serem necessárias e indispensáveis.

No entanto, o termo política demográfica suscita também uma outra consideração fundamental. Se, no caso da política racial em geral, distinguimos entre premissas científicas e propostas factuais (certas medidas da ciência aplicada), por um lado, e implementação política no quadro do jogo de poder global da vida pública e histórica, por outro, segue-se que o termo política demográfica é, sem dúvida, utilizado erroneamente em muitos casos hoje em dia. É utilizado indiscriminadamente tanto para a vertente política efectiva da tarefa como para a base técnica, que é fornecida principalmente pelas estatísticas científicas da população. No entanto, é evidente que a análise matemático-estatística da estrutura e do movimento da população, que em si mesma é indispensável e extremamente valiosa, é inicialmente uma tarefa científica completamente apolítica; mesmo a tentativa de analisar as causas materiais e psicológicas de um determinado movimento da população é de natureza puramente científica e só pode ter o significado de um meio e de um instrumento para a política. Para que estas descobertas científicas se

transformem numa verdadeira política demográfica, são necessários mais dois passos, que são claramente o resultado da ciência e da perícia profissional: Em primeiro lugar, é necessário integrar as medidas desenvolvidas e propostas pela comunidade científica, ou seja, aquelas desenvolvidas puramente teoricamente, no contexto político global; em segundo lugar, e este é o pré-requisito para uma política populacional em geral, a definição de um objetivo para o qual o movimento populacional se deve dirigir e para o qual os métodos a serem desenvolvidos em pormenor devem servir. A determinação de tal objetivo e, por conseguinte, o julgamento sobre se as atuais tendências do movimento populacional são satisfatórias, suficientes ou insuficientes, é, obviamente, uma decisão puramente política. Não depende da estatística e da matemática, mas da apreciação da situação histórica e política global e, fundamentalmente, do grande objetivo político da época. Por isso, não pode ser feita em institutos especializados, estatais ou privados, nem por cientistas propriamente ditos, mas exclusivamente pelos gabinetes centrais da liderança política. Estes organismos devem, por isso, ser também responsáveis pela análise e comentário das estatísticas relevantes, uma vez que este comentário é já uma das medidas práticas mais importantes da verdadeira política demográfica, pois é tão capaz de encorajar o ativismo da política demográfica como de apoiar a indiferença e a inatividade. Escusado será dizer que esta avaliação propagandística tem de ter em conta não só o objetivo da política demográfica, mas também uma variedade de outros aspectos da vida política geral, o que apenas sublinha o caráter nitidamente político da avaliação das estatísticas e da formulação dos seus resultados.

É apenas necessário salientar o papel essencial desempenhado pelos pré-requisitos ideológicos para as medidas educativas e práticas, particularmente no domínio da política demográfica. Aqui, o significado prático da terceira raiz de toda a política racial torna-se muito claro. Sem a ter em conta, nem a vontade política nem a investigação profissional de uma situação e da sua evolução podem ter êxito.

A importância da estatística científica no domínio dos movimentos populacionais não pode ser superestimada, e a política deve-lhe muito. É urgente alargar este domínio, sobretudo tendo em conta a evolução da Europa no pós-guerra. É de esperar que as distinções acima referidas entre os aspectos científicos e políticos do trabalho sejam mais claramente reconhecidas por todas

as partes e, sempre que possível, expressas num sistema de designação que reflicta melhor as circunstâncias reais.

O segundo grande domínio da política racial que nos ocupa é a higiene racial. Como é sabido, esta designação substituiu recentemente o antigo termo "eugenia", e destinava-se originalmente a exprimir o fato de os problemas de natureza político-racial no sentido mais restrito, ou seja, a consideração dos sistemas de diferenças raciais, deverem também ser incluídos no campo de trabalho, ao passo que a eugenia se limitava originalmente a questões puramente hereditárias-biológicas, excluindo as diferenças raciais; por conseguinte, o termo "higiene racial" é muitas vezes germanizado de forma explicativa como "cuidados hereditários e raciais". Mesmo que se adira a esta interpretação mais alargada de higiene racial, revela-se útil na prática considerar os problemas da política racial no sentido mais restrito e literal, separadamente, para uma clara divisão do trabalho. Isto é conveniente pela simples razão de que o termo higiene racial sofreu uma aplicação mais restrita nos últimos anos, em resultado de medidas práticas, o que, em alguns aspectos, não o torna semelhante em nome, mas em conteúdo, ao termo anterior eugenia. A base científica da higiene racial, entendida neste sentido, é obviamente a biologia hereditária humana; para além da patologia hereditária, engloba a investigação de predisposições normais e positivamente valorizadas, em particular o importante domínio da investigação de talentos. Assim, destacam-se claramente dois subdomínios: um médico e um segundo que se situa obviamente fora dos métodos e das tarefas da medicina.

A higiene racial, que já se verificava na eugenia anterior, apresenta um problema particular em relação a outras ciências biológicas, na medida em que não só investiga os fatores hereditários, mas também avalia o seu significado para a comunidade. Distingue entre condições desejáveis e indesejáveis e, portanto, contém um elemento que, desde o início, ultrapassa a ciência pura e entra no domínio dos objetivos políticos. No entanto, este julgamento em si não é necessariamente de natureza puramente política. Com efeito, na maior parte dos casos, o julgamento sobre se certos traços hereditários proeminentes devem ser julgados positiva ou negativamente pode ser feito com base numa sólida compreensão da natureza humana, mesmo sem considerações nitidamente políticas, logo que o caráter hereditário de tais traços tenha sido claramente provado. Os padrões que servem de base a estes juízos são obviamente retirados

da medicina num grande número de casos, e os métodos de observação e investigação são retirados da ciência médica. Isto aplica-se sem mais delongas a todas as questões que se enquadram nos termos muito utilizados "hereditário, hereditariamente saudável". Trata-se de um diagnóstico médico devidamente desenvolvido e, como seu portador, o médico formado em biologia hereditária é obviamente o especialista profissional. No entanto, existe também um vasto domínio que ultrapassa, sem dúvida, o âmbito dos métodos médicos. Trata-se, nomeadamente, da questão do comportamento antissocial, muito discutida, e com razão, nos últimos tempos, bem como da questão da seleção dos talentos, particularmente importante em termos de higiene racial, e, correspondentemente, de todos os outros problemas do desempenho dos clãs para o povo e para a história, que devem ser abordados com questões sociológicas, psicológicas, mas obviamente não puramente médicas.
Uma distinção semelhante entre os aspectos médicos e não médicos da higiene racial pode também ser feita quando se considera a metodologia utilizada pela higiene racial para analisar as suas descobertas científicas hereditárias-biológicas e as suas avaliações para a prática da vida étnica. Basicamente, o seu método é a seleção, ou seja, de um modo geral, a reprodução diferenciada conscientemente controlada, isto é, a propagação mais forte e mais rápida de clãs particularmente valiosos e a limitação relativa ou absoluta da reprodução de traços hereditários indesejáveis. Apenas uma fração destas tarefas é de natureza nitidamente médica: Em primeiro lugar, a esterilização, que tem, compreensivelmente, um impacto particularmente forte na consciência pública e que, devido à sua natureza técnica, é naturalmente uma questão para o médico e, na medida em que se destina exclusivamente a impedir a reprodução de doenças hereditárias, é também predominantemente uma questão para a medicina em termos de indicações. No entanto, não se deve entender mal que a esterilização é apenas o caso limite de uma série de medidas concebíveis e necessárias no sentido da reprodução diferenciada, que se estendem em transições suaves deste exemplo escolar de influência radicalmente negativa para tarefas puramente positivas de promoção da reprodução e, assim, deixam muito rapidamente para trás a esfera de influência das medidas médicas. Mesmo a relativa prevenção da procriação oferecida pela lei do casamento na *Ebegesundheitssgesetz* ultrapassa a responsabilidade puramente médica em alguns pontos importantes. Isto aplica-se ainda mais a todo o vasto domínio da chamada higiene racial positiva. Com efeito, aqui devem ser aplicados métodos de melhoramento reprodutivo que já não estão nas

mãos do médico, mas que são determinados de forma decisiva pela educação, economia, função pública, carreira, política de fixação e condições públicas e constitucionais em geral. Aqui, a higiene racial torna-se uma componente necessária do trabalho e dos objectivos em praticamente todos os domínios da vida pública, e a sua consideração como um aspecto da medicina é obviamente não só demasiado restrita, mas também completamente errada.

É claro que não se deve esquecer que o objetivo da higiene racial positiva não pode ser alcançado sem a cooperação de um médico formado em biologia hereditária e de uma ciência médica correspondentemente desenvolvida. Tentativas ocasionais de conseguir sem essa cooperação devem falhar na prática e na teoria. Inversamente, porém, parece necessário corrigir o ponto de vista frequentemente defendido pelos médicos de que a parte médica ("hereditária") da higiene racial já está em si mesma esgotada. Basta referir os exemplos do *associalismo* e do problema dos sobredotados, acima mencionados, ou a importância de uma política de colonização orientada para todos os esforços de higiene racial, para corrigir o equívoco.

É compreensível que estas condições tenham sido ocasionalmente mal avaliadas, tendo em conta os desenvolvimentos dos últimos anos. A higiene racial negativa, metodologicamente mais fácil de aplicar e mais tangível nos seus resultados, têm estado no primeiro plano da atenção pública; o seu caso limite, a esterilização, tem ocupado particularmente as mentes do público como um novo tipo de medida política e humanamente particularmente impressionante; como resultado, a parte médica na higiene racial em geral tornou-se particularmente visível para círculos amplos, na verdade, muitas vezes sozinhos. É, portanto, ainda mais necessário refletir sobre a situação real, para que a higiene racial não se torne um ramo tecnicamente restrito da medicina e perca o seu significado realmente decisivo.

A aplicação política e a implementação dos princípios da higiene racial, inicialmente elaborados teoricamente, fazem parte, naturalmente, da arte política que só pode ser desenvolvida na prática, especialmente tendo em conta a sua ligação indissolúvel com todas as outras forças na arena política, que também devem ter em conta as circunstâncias psicológicas e sociais em maior medida do que as considerações puramente quantitativas. A aplicação política nunca poderá, portanto, satisfazer plenamente as exigências coerentes e ideais

da higiene racial científica, mas, por outro lado, não deve perdê-las de vista nem por um momento como um objetivo importante. O equilíbrio entre necessidades e possibilidades de vários tipos é também aqui a essência da política.

O papel desempenhado pela atitude ideológica e pela educação das pessoas na realização das tarefas biográficas raciais é óbvio. O debate dos últimos anos, dentro e fora da Alemanha, que tem discutido a higiene racial sobretudo do ponto de vista ético e religioso e não do ponto de vista científico-biológico, é uma prova inequívoca deste fato. Mais uma vez, demonstra a necessidade de controle a partir de um ponto de vista político central, o que também se aplica a esta importante área da política racial abrangente.

Importa agora dizer algumas palavras sobre a chamada política racial no sentido mais restrito do termo, embora, como já foi sublinhado, a inclusão deste domínio no conceito mais amplo de higiene racial seja perfeitamente possível e comum em muitos locais. A base científica neste domínio é a ciência racial, incluindo a psicologia racial, que ainda não foi desenvolvida cientificamente de forma satisfatória. Independentemente da mudança de entendimento que a investigação progressiva irá, compreensivelmente, provocar nos pormenores, a ciência racial proporciona-nos o conhecimento da composição racial dos nossos próprios povos e dos povos que nos interessam politicamente. Ao determinar determinados tipos raciais dentro dos povos em questão e ao investigar o comportamento hereditário do seu complexo de características físicas e mentais, fornece os pré-requisitos cientificamente seguros sobre os quais a visão do mundo, a visão histórica e a vontade política podem construir o ideal de um objetivo de desenvolvimento para o nosso próprio povo e, ao mesmo tempo, as normas para a rejeição de cruzamentos indesejáveis. O conhecimento dos fatos da ciência racial e da biologia hereditária é particularmente indispensável para o estabelecimento de tal objetivo e para a sua prossecução neste domínio, se não se quiser que os esforços políticos raciais sejam achatados e exteriorizados.

Erros deste tipo são particularmente suscetíveis de ocorrer se, por exemplo, devido à ignorância biológica, apenas o tipo físico for tido em conta, negligenciando completamente os aspectos mentais, de caráter e, em suma, de desempenho, ou se não for feita qualquer distinção entre aparência e hereditariedade e se um chamado "diagnóstico racial" for alegremente tentado no indivíduo em vez de nas famílias e clãs. Por outro lado, é precisamente nesta

área que a avaliação das raças individuais para a nação e a sua história, e mais ainda a forma como as conclusões práticas são retiradas de tal avaliação, tem um caráter nitidamente político; pressupõe tão fortemente a consideração de todos os fatores políticos da situação nacional e histórica global e, não menos importante, a consideração psicológica da totalidade do seu próprio povo, que aqui, ainda mais claramente do que nas áreas descritas até agora, a política racial não é obviamente idêntica à ciência da ciência racial, mas é uma tarefa independente de liderança nitidamente política. O método que utiliza é tão variado como o descrito acima para a higiene racial, e é essencialmente idêntico a ele. Dentro do seu próprio povo, equivale a um controle diferenciado da propagação, mas, especialmente em tempos de fortes movimentos populacionais e migrações de povos, como estamos a viver atualmente, estende-se muito para além das fronteiras do seu próprio povo e, assim, entra na relação mais estreita com considerações de política económica e externa, com as quais por vezes concorda, por vezes entra em tensão e oposição, dependendo das circunstâncias em mudança. O equilíbrio de tais tensões em cada momento representa a prática real da ação política racial. É óbvio, e isto é mais visível nesta área, mas, no entanto, fundamentalmente não é diferente das áreas anteriormente discutidas, que esta prática efetiva da política racial não pode ser discutida e ensinada em público.

Se os sub-domínios acima referidos forem considerados no seu conjunto como uma política racial, tal como foi explicado no início deste debate, torna-se claro que, sob a influência da evolução das circunstâncias, a ênfase recairá em breve mais num subdomínio do que no outro. Os objectivos puramente quantitativos de uma política demográfica positiva têm estado há muito tempo na vanguarda do debate público na situação histórica da nossa nação, e com razão, e terão de manter esta posição durante muito tempo. A ênfase particularmente forte na parte médica da higiene racial foi determinada pela introdução da lei sobre a prevenção de doenças hereditárias e pelas tarefas de propaganda que lhe estavam associadas. Em tempos mais recentes, foi substituída pela forte emergência do problema dos *asociais*, mas sobretudo pelas tarefas de política racial decorrentes da enorme deslocação da população europeia no decurso desta guerra, não só para a Alemanha mas para toda a Europa. Foram estabelecidas novas tarefas no domínio da educação e da legislação, cujo cumprimento exige, para além de objetivos claros, um grau invulgarmente elevado de sensibilidade política. Todas estas mudanças de ênfase não devem,

no entanto, fazer esquecer que o grande objetivo da política racial alemã não pode negligenciar nenhuma das subáreas e nunca deve perder de vista as outras por causa de um problema que está atualmente em primeiro plano.

É nesta partilha e cooperação que se justifica falar de política racial como tal, num sentido superior, e representá-la unanimemente na plataforma da liderança política, utilizando os métodos adequados em cada caso. Para tal, são igualmente necessários o suporte ideológico, o apoio marcadamente político e a compreensão e cooperação voluntária de cada uma das disciplinas científicas. Só nesta harmonia é que as muitas boas intenções no domínio da política se tornarão historicamente tão eficazes como correspondem ao conhecimento e às aspirações do nosso tempo.

Política racial nacional-socialista sobre os árabes (1943)

Extraído de: "*Verfügungen / Anordnungen Bekanntgaben., 1. Teil aus 1943., IV. Band, Franz Eher Verlag.*"

Seção I: Declaração do Departamento de Política Racial sobre a questão árabe

O diretor do Departamento de Política Racial do NSDAP, professor Dr. Walter Groß, expôs a um líder árabe, por ocasião de um evento, a posição da doutrina racial nacional-socialista e da ciência racial alemã sobre as questões que dizem respeito aos povos árabes, da seguinte forma:

1. O sentido e o objetivo da política racial nacional-socialista é, entre outros, a proteção do povo alemão contra as influências corruptoras do judaísmo, que é uma mistura racial desarmônica que representa um fenômeno historicamente anormal em termos de biologia racial e caráter e deve ser rigorosamente diferenciada dos povos da raça do Oriente Próximo e oriental, ou seja, também dos povos de língua semítica do Oriente Próximo.
2. Assim, o termo "anti-semitismo", utilizado há décadas na Europa para designar o movimento antijudaico, é incorreto, uma vez que esse movimento se dirige exclusivamente contra o judaísmo, que corrompe todos os povos, e não contra os outros povos de língua semítica, que também são antijudaicos desde tempos antigos. Da mesma forma, as medidas defensivas da legislação racial alemã não afetam os judeus por causa de sua origem oriental ou da peculiaridade semítica de sua língua, mas única e exclusivamente por causa de seu caráter anti-social e antisocial como inimigos do mundo.
3. Embora rejeitamos veementemente e categoricamente o judaísmo como fenômeno racial, biológico e histórico, os povos, línguas e culturas semítico-árabes sempre foram objeto de interesse afetuoso por parte da ciência alemã. A doutrina racial não alterou essa postura nos tempos modernos. Pelo contrário, essa atitude corresponde ao grande respeito que

o povo alemão sempre demonstrou pelas valiosas realizações culturais de povos e culturas estrangeiros. Nenhuma fonte séria na Alemanha jamais afirmou que os árabes são racialmente inferiores ou ocupam uma posição desfavorável na escala de valores das raças humanas. A doutrina racial nacional-socialista reconhece, pelo contrário, os árabes como membros de uma raça de grande valor, com uma história gloriosa e heróica. Por isso, a luta política dos árabes pela liberdade contra a usurpação judaica da Palestina sempre foi acompanhada e apoiada com especial simpatia pela Alemanha.

***

Complementos à declaração de Groß:

"A **nossa cooperação com a Alemanha** e os seus aliados será frutuosa para o futuro do nosso país. As muitas oportunidades de desenvolvimento da nossa vida económica e cultural colocar-nos-ão perante tarefas para as quais a **ajuda da Alemanha é indispensáve**l. O Iraque e os outros países árabes, com a sua riqueza e os seus valiosos recursos naturais, **também contribuirão para satisfazer as necessidades da Alemanha.**

Os árabes, que estão unidos à Alemanha e aos seus aliados na causa comum do inimigo e no objetivo da luta, estão convencidos da vitória da sua causa justa e estão determinados a dar o seu contributo para o progresso da humanidade sob a bandeira da liberdade para uma paz mundial duradoura. Os árabes querem participar na construção de um novo mundo e provar assim que são dignos dos seus pais e da sua gloriosa história, tanto na guerra como na paz".
— Rashid Ali al-Gailani[70]

Apoio do governo alemão aos palestinos e árabes[71]:

"O Governo alemão **aprecia plenamente a confiança dos povos árabes nas Potências do Eixo**, nos seus objetivos e na sua determinação em conduzir a luta contra o inimigo comum até à obtenção da vitória. **O Governo alemão tem a maior compreensão pelas aspirações nacionais dos países árabes**, tal como foram expressas por ambos, e **a maior simpatia pelos sofrimentos dos vossos povos sob a opressão britânica**. Por conseguinte, tenho a honra de vos assegurar, em total sintonia com o Governo italiano**, que a independência e a liberdade dos países árabes em sofrimento, atualmente sujeitos à opressão britânica, é também um dos objetivos do Governo alemão**. Por conseguinte, a Alemanha está pronta a dar todo o seu apoio aos países árabes oprimidos na sua luta contra o domínio britânico, para a

[70] Der Irak als Vorkämpfer für die Befreiung aller Araber, in: Wille und Macht, Führerorgan der Nationalsozialistischen Jugend, Jahrgang 10, Heft 8, Berlin, August 1942, pp.11
[71] The Arab Higher Committee, The Documentary Record (1947), pg 31. Pode ser acessado em: https://palarchive.org/index.php/Detail/objects/246719/lang/en_US

realização do seu objetivo nacional de independência e soberania e **para a destruição do Lar Nacional Judaico (Israel) na Palestina**".

Telegrama de Himmler ao Grande-Mufti em 1942[72]:

"O Movimento Nacional-Socialista da Grande Alemanha, desde seu início, inscreveu em sua bandeira a luta contra o judaísmo mundial. Portanto, ele acompanhou com especial simpatia a luta dos árabes amantes da liberdade, especialmente na Palestina, contra os intrusos judeus. É no reconhecimento desse inimigo e da luta comum contra ele que reside o firme fundamento da aliança natural que existe entre a Alemanha e os muçulmanos amantes da liberdade do mundo. Com esse espírito, estou lhe enviando, no aniversário da infame Declaração de Balfour, minhas sinceras saudações e votos de sucesso em sua luta até a vitória final".

Encontro de Joseph Goebbels com o líder Grande-Mufti palestino e a aprovação ideológica de Hitler em relação a solidariedade de Goebbels ao nacionalista palestino[73]:

"Encontro entre o Grande Mufti e o Ministro do Reich, Dr. Goebbels.

a) O Grande Mufti teve uma longa discussão com o Ministro do Reich, Dr. Goebbels. Eu organizei a discussão com o Secretário de Estado *Brigadeführer* Dr. Naumann. O Dr. Goebbels ficou muito impressionado com o Grande-Mufti.

No dia seguinte, foi ter com o Führer e falou-lhe com entusiasmo sobre o Grande-Mufti e o seu trabalho. O fato de nós, que trouxemos o Grande-Mufti para aqui e que, depois de muitos esforços e cuidados, **o transformamos naquilo que ele é hoje no Reich alemão**, não termos falado um forte é um fato amargo, mas comprovado.

O **Führer aprovou o apoio do Dr. Goebbels ao Grande Mufti em todos os aspectos** e deu-lhe uma espécie de procuração geral para fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para reforçar a influência do Grande Mufti."

---

[72] Jewish Political Review Volume 27, Números 3-4. Pode ser lido em: https://jcpa.org/article/heinrich-himmlers-telegram-balfour-declaration-amin-al-husseini-mufti-jerusalem/#_ftn6:~:text=TO%20THE%20GRAND%20MUFTI%20AMIN%20EL%20HUSSEINI%2C%20BERLIN

[73] Invenio Bundesarchiv BArch NS 19/2181, 1944.

Dr. Wilhelm Frick

***

A legislação racial do Terceiro Reich (1934)

Do Original: "*Die Rassengeseßgebung des Dritten Reiches. Rede vor dem Diplomatischen Korps und der ausländischen Presse am 15. Februar 1934 bei einem Empfangsabend des Außenpolitischen Amtes der NSDAP., Zentralverlag der NSDAP, Franz Eher Nachf., München, 1934*"

Quem quiser compreender o sentido da revolução alemã de 1933 deve saber que ela tem como objetivo:

A Alemanha para os alemães sob liderança alemã.

Até à revolta nacional, os defensores do movimento nacional-socialista foram perseguidos, difamados e oprimidos por um sistema que era, essencialmente, uma ferramenta dócil nas mãos de uma raça totalmente estranha. A revolução nacional libertou o povo alemão dessa influência estranha, que dominava e paralisava de forma desastrosa a política, a cultura, a economia, as finanças, a imprensa, o teatro, o cinema e a rádio, os partidos e a vida pública alemães.

A tomada do poder por Adolf Hitler não foi uma mera mudança de governo, mas uma revolução das condições políticas, nacionais, sociais e culturais. O fato de uma revolução dessa magnitude ter ocorrido sem o uso da violência e sem derramamento de sangue prova o quanto o povo alemão, apesar de todos os sofrimentos que teve de suportar nas últimas décadas, estava determinado a seguir o caminho da justiça e da legalidade, e o quão pouco o sistema anterior estava enraizado nas massas populares.

As revoluções têm a sua própria legalidade e estabelecem as suas próprias leis.

A ideia central da revolução nacional-socialista era o desejo do povo alemão de voltar a ser senhor da sua própria casa em todos os domínios da sua vida étnica. No estrangeiro, a nossa ascensão nacional é frequentemente mal interpretada e apresentada como o início de uma política de poder agressiva, que põe em risco a paz e a tranquilidade da Europa. Hoje, após um ano de governo de Adolf Hitler, existem provas tão evidentes do amor pela paz do governo nacional-socialista, como o pacto de não agressão entre a Alemanha e a Polónia, que apenas os mal-intencionados podem pôr em dúvida. Como um povo grande e autoconfiante, exigimos apenas que os outros povos nos permitam, em pé de igualdade com eles, governar-nos com honra e alcançar a felicidade à nossa maneira.

Isso é algo tão simples e claro que nem deveria ser mencionado. No entanto, em novembro de 1918, através do domínio dos partidos e do parlamento e, acima de tudo, do seu dinheiro, chegou ao poder na Alemanha uma raça numericamente pequena, mas politicamente e socialmente muito influente, estranha ao povo alemão, cujos membros, em parte, só há poucos anos gozavam do direito de hospitalidade do povo alemão: a raça judaica.

Alguns números mostram o quanto avançou a estrangeirização de importantes cargos públicos e profissões por parte deles. Dos médicos, 48% eram judeus; dos médicos da previdência social, 62%; dos advogados, 54%; e dos diretores de teatro, 80%. De cada 1000 judeus ativos na Prússia, 315 ocupavam cargos de chefia no comércio e nos transportes, em comparação com 37 em cada mil ativos na Prússia em geral, a sua proporção em cargos de chefia era, portanto, quase dez vezes maior do que a dos alemães. A diretoria da bolsa de produtos em Berlim contava com 16 membros, dos quais 12 eram de raça judaica! Nos círculos políticos e sociais mais importantes do Império, eles tinham influência determinante ou predominante.

Isso deu ao exterior uma imagem totalmente errada da essência e da natureza do povo alemão. No próprio Reich, esses fatos tiveram um efeito nocivo sobre o espírito e a alma do povo, bem como sobre todas as relações sociais e políticas.

A revolução nacional é a manifestação da vontade de eliminar, por meios legais, qualquer tipo de domínio estrangeiro, seja ele externo ou interno.

Na legislação de vários Estados, a questão racial desempenha um papel importante, mesmo quando afeta outros povos e raças, como no Reich Alemão. É um fato conhecido que a lei sobre as restrições à imigração nos Estados Unidos da América avalia de forma diferente a proporção de certos países europeus na imigração, dependendo se, do ponto de vista racial, a imigração proveniente desse país é considerada desejável ou não. A "*Immigration Restriction Leagu*e" (Liga de Restrição à Imigração) nos Estados Unidos, com um reconhecimento muito claro da questão racial, exigiu a proibição da imigração de determinadas raças. Também o governo australiano promulgou na sua legislação proibições severas à imigração de determinadas raças. Da mesma forma, na Pérsia, a questão racial é tida em conta na legislação e na administração. Portanto, não é nada novo nem incomum que o Reich Alemão também tenha atuado legislativamente nessa área. No entanto, não se contentou apenas com medidas preventivas. Para isso, a influência, o poder e o número de elementos de outras raças nos cargos e profissões mais importantes eram grandes demais.

Contra as concepções erradas que ainda surgem aqui e ali, devo afirmar expressamente que as nossas leis não se dirigem de forma alguma contra a comunidade religiosa judaica, o exercício da religião judaica ou a liberdade da fé judaica. O Terceiro Reich concede, pelo contrário, a cada comunidade religiosa o apoio do Estado.

Por isso, não conseguimos entender como os emigrantes judeus conseguiram encontrar ouvidos e apoio para a sua propaganda contra a Alemanha no estrangeiro, especialmente em círculos eclesiásticos, especialmente porque, durante a purga de estrangeiros do serviço público, não obrigamos ninguém a deixar o território do Reich. Quem fugiu, fê-lo por sua própria iniciativa, porque aparentemente temia ser perseguido por atos criminosos.

Nesta ocasião, não quero deixar de mencionar que, na nossa época, houve uma expulsão de dois povos muito interessante do ponto de vista do direito internacional, que ocorreu mesmo sob o patrocínio da Liga das Nações.

Com base na "*Convenção sobre a Troca de Cidadãos Gregos e Turcos*", celebrada em 30 de janeiro de 1923 em Lausanne entre a Turquia e a Grécia, todos os ortodoxos gregos da atual Turquia foram transportados à força para a

Grécia, enquanto uma parte relativamente pequena de turcos muçulmanos da Grécia foi transferida para a Turquia. Trata-se da deslocação de mais de 1 milhão de gregos e 348.000 muçulmanos, ou seja, uma migração de povos de tal magnitude que dificilmente se encontra outro caso semelhante na história recente. Foi realizada pelo *Instituto Grego de Migração da Liga das Nações*, com um custo superior a 11 milhões de libras esterlinas (contas de 7 de setembro de 1928). Esta enorme migração, que teve início com a expulsão dos gregos da Ásia Menor, ocorreu sem a menor participação do mundo, como se fosse algo natural. No entanto, tratou-se de uma grave interferência na vida privada de centenas de milhares de famílias.

O Reich alemão nunca pensou em uma expulsão forçada dos judeus. Ele não fez nada além de restaurar, com base em uma lei constitucional, o seu corpo de funcionários públicos, conforme parecia necessário para garantir a segurança do Reich e da sua administração. Essas medidas não podem ser comparadas, nem de longe, com deportações, expulsões ou perseguições de povos e grupos étnicos, como ocorreram em outros países — contra povos e raças não judaicos — várias vezes no passado recente. Portanto, os ataques contra as leis alemãs e, em particular, contra a introdução do chamado «parágrafo ariano» são totalmente infundados.

Trata-se do § 3 da *Lei para a Restauração do Funcionariado Público* de 7 de abril de 1933, que representa o início e o ponto de partida da legislação racial alemã. Ele remonta diretamente ao pensamento nacional-socialista. De acordo com o ponto 6 do programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, de 24 de fevereiro de 1920, "*todos os cargos públicos, independentemente do tipo, seja no Reich, no estado ou no município, só podem ser ocupados por cidadãos*". De acordo com o ponto 4 do programa, "*só pode ser cidadão quem é membro do povo. Só pode ser membro do povo quem tiver sangue alemão, independentemente da religião. Portanto, nenhum judeu pode ser membro do povo."*

O § 3 da lei baseia-se nestes princípios ao afirmar que os funcionários públicos que não sejam de ascendência ariana devem ser demitidos. Assim, a exigência de que o funcionário público tenha sangue alemão não é decidida com base na nacionalidade, mas sim na raça. Não está, portanto, excluído que um cidadão de um Estado estrangeiro se torne funcionário público na Alemanha; pelo

contrário, de acordo com a lei vigente do Reich e da nacionalidade, ele adquire a nacionalidade alemã ao ser nomeado ou convocado como funcionário público. Os funcionários públicos alemães devem, porém, ser de ascendência ariana. Como até agora, na Alemanha, a grande maioria dos funcionários públicos não arianos era constituída por judeus, o primeiro decreto de execução da lei refere-se especificamente a eles e declara como não arianos, em particular, aqueles que pertencem à raça judaica.

No entanto, a exigência de ascendência ariana não é aplicada de forma rigorosa. Em regra, a verificação estende-se apenas até aos avós e só é alargada aos bisavós se tal for necessário para a avaliação dos avós. O facto de um funcionário público ser casado com uma mulher não ariana é irrelevante para a aplicação da lei de 7 de abril de 1933.

Mesmo nos casos em que o princípio racial seria aplicável, o legislador permitiu exceções. Assim, ele poupa não apenas os funcionários públicos que já eram funcionários antes de 1 de agosto de 1914, ou seja, antes do início da Guerra Mundial, mas também os combatentes da frente e os pais, filhos e, desde a emenda de 22 de setembro de 1933, também as viúvas dos combatentes mortos na frente. Por fim, desde essa alteração, são permitidas outras exceções quando razões urgentes da administração exigem a permanência de um funcionário público não ariano no serviço. Regras correspondentes se aplicam a funcionários e trabalhadores da administração pública.

A lei de 7 de abril de 1933, que se aplica apenas aos funcionários públicos em serviço e que expira após a purificação do corpo de funcionários públicos em 31 de março de 1934, representa, de acordo com o seu objetivo, apenas uma medida temporária. A lei de 30 de junho de 1933, destinada a alterar as disposições em matéria de funcionários públicos, remunerações e pensões, assumiu as disposições fundamentais da lei de 7 de abril de 1933. Ela vai além disso, na medida em que proíbe aos funcionários públicos alemães, sob pena de demissão, casarem-se com mulheres não arianas e exclui a futura nomeação para o cargo de funcionário público se o candidato a funcionário público for casado com uma mulher não ariana. Também não há exceções para combatentes da frente; mas, tal como na lei de 7 de abril de 1933, são permitidas exceções por motivos urgentes da administração.

Daí resulta claramente a posição do novo Estado em relação à questão racial, no que diz respeito aos funcionários, empregados e trabalhadores da administração pública: afastamento fundamental dos não arianos do serviço no Reich, nos Estados federados, nos municípios e em outras entidades de direito público e, no futuro, proibição do casamento dessas pessoas com uma mulher não ariana, mas também várias exceções a essa regra.

Sobre essa base, continuou-se a construir. Se a primeira ordem era livrar os funcionários públicos e o aparato burocrático de elementos estranhos, necessidades semelhantes surgiram também em outras profissões. Acima de tudo, eram os advogados e os médicos que apresentavam uma influência judaica ainda mais forte do que os funcionários públicos. Encontramos medidas para reprimir esses elementos, em particular, nas leis sobre o acesso à advocacia e à profissão de advogado de patentes, de 7 e 22 de abril de 1933, nos decretos sobre o acesso de médicos e participantes da guerra à atividade médica em hospitais, de 22 de abril e 9 de maio de 1933, e ainda na lei sobre o acesso à profissão de consultor fiscal, de 6 de maio de 1933, na lei sobre cargos honorários na segurança social e na previdência social do Reich, de 18 de maio de 1933, mas também na lei contra a superlotação das escolas e universidades alemãs, de 25 de abril de 1933, e na lei sobre a herança do Reich, de 29 de setembro de 1933.

Não posso deixar de mencionar que certos acordos internacionais podem impedir a aplicação da legislação ariana, como o acordo germano-polaco sobre a Alta Silésia, de 11 de junho de 1922. É evidente que estas obrigações internacionais são reconhecidas e cumpridas pelo Governo alemão. A saída da Alemanha da Liga das Nações não alterou nada a este respeito.

No entanto, a legislação racial do Reich alemão não pode limitar-se à libertação do povo alemão das influências raciais estrangeiras. Além disso, deve procurar aumentar, elevar e promover o povo na sua singularidade racial. As medidas de higiene genética e racial servem a esses objetivos, das quais gostaria de citar apenas a lei para a prevenção de descendentes com doenças hereditárias, de 14 de julho de 1933, e o incentivo ao casamento por meio de empréstimos matrimoniais. Famílias com descendentes geneticamente saudáveis também devem ser mais favorecidas no futuro por meio de políticas salariais e tributárias.

Depois de ter-vos dado uma breve visão geral da legislação racial do Terceiro Reich até ao momento e de ter já referido o ponto de partida desta legislação, o chamado parágrafo ariano, gostaria de aprofundar um pouco mais os fundamentos ideológicos da nossa legislação racial.

Era e continua a ser uma visão liberalista do mundo e do ser humano apresentar o "cidadão do mundo" como o ser humano ideal. O ser humano que não está preso a um lugar e a uma terra, que ora está num país, ora noutro, e em todo o mundo, e que, portanto, não tem realmente um lar, é o ideal do liberalismo. O camponês que, numa aldeia remota, não sai durante toda a sua vida do pequeno território da sua aldeia e da sua paróquia, indo, no máximo, de vez em quando à cidade do distrito, ou, antigamente, enquanto ainda tínhamos o serviço militar obrigatório, se alistava no exército numa cidade maior, mas depois voltava para a sua terra natal, parecia ao liberalismo como rude, culturalmente atrasado, pouco sofisticado, um ser humano de menor valor, que de forma alguma se equiparava ao "cidadão do mundo". Também a vida do trabalhador industrial comum, embora não tão ligado à terra e ao solo como o agricultor, mas cuja atividade também se desenrola, em regra, num círculo relativamente restrito, não era comparável a este ideal do homem moderno, do «cidadão do mundo». E, no entanto, são os agricultores e os trabalhadores, o trabalhador que usa as mãos e a testa, são essencialmente o povo, travam batalhas quando a pátria está ameaçada, sangram e morrem pelo seu povo, mas também lhe dão filhos para que ele continue a viver, crescer e prosperar, mesmo após perdas tão terríveis como as que a guerra mundial trouxe à maioria dos povos da Terra!

Este é o povo que o nacional-socialismo coloca no centro do seu pensamento e da sua ação, cuja pureza, promoção e desenvolvimento são o foco de todo o seu pensamento e esforço. Sabemos que o nosso povo alemão não é uma raça à parte, que, especialmente do ponto de vista racial, ele se assemelha a vários povos, sendo semelhante a eles e, em muitos casos, composto de forma semelhante, enquanto que, por outro lado, ele se diferencia mais ou menos de outros povos. Sabemos também que o próprio povo alemão é composto por diferentes componentes raciais. Mas, ainda assim, a proporção da raça nórdica é tão forte e generalizada que o povo alemão deve ser considerado como "nórdico". As realizações dos povos nórdicos no campo da formação de Estados, da cultura, das ciências e das artes são geralmente conhecidas pela

história, de modo que não preciso entrar em mais detalhes. O termo nórdico, neste sentido, não deve ser entendido de forma local ou geográfica. Explica-se pela origem nórdica desta raça. Hoje, além de nós, ainda existem povos tipicamente nórdicos, como os escandinavos, holandeses, ingleses e norte-americanos, que podemos designar coletivamente como germânicos. Os germânicos, por sua vez, pertencem à grande família étnica dos indo-europeus, anteriormente também designados como arianos. No entanto, estes indo-europeus ou arianos não incluem apenas os germânicos, mas também, na Europa, entre outros, os romanos, gregos, eslavos e celtas. O fator decisivo para a raça e, portanto, para a legislação racial não é a língua, mas o sangue.

De qualquer forma, na interpretação do "conceito de ariano" nos termos do § 3 da lei de 7 de abril de 1933, que o próprio legislador não definiu com mais precisão, baseou-se no conceito de "ariano" = "indo-germânico", tal como era utilizado anteriormente pela linguística. Se as disposições de execução da Reichsbahn relativas à lei de 7 de abril de 1933 incluem «os membros não judeus de todos os povos europeus» entre os arianos, isso corresponde aproximadamente ao correto.

Não pertencem aos indo-germânicos ou arianos, por exemplo, a raça negra, que quase não está representada na Alemanha, mas sobretudo os judeus, que hoje representam 1,5% da população total da Alemanha.

Ninguém reconheceu melhor a enorme importância do problema racial para o destino de todos os povos do que o nosso líder Adolf Hitler. As frases mais concisas a este respeito são as que ele escreveu na sua obra "Mein Kampf":

> "A mistura de sangue e a consequente diminuição do nível racial são a única causa da extinção das culturas antigas; pois os povos não perecem por causa das guerras perdidas, mas pela perda daquela resistência que só o sangue puro possui.
>
> O que não é boa raça neste mundo é palha.
>
> Todos os acontecimentos da história mundial são apenas a manifestação do instinto de autopreservação das raças, no bom ou no mau sentido."

As críticas frequentemente apaixonadas à legislação alemã sobre a raça ariana, que começaram desde o primeiro dia da sua existência e não cessaram desde então, vão em várias direções. Em primeiro lugar, dirigem-se contra a definição do conceito de ariano.

Desde o início, foram principalmente os próprios judeus e um número de supostos "humanitários" em todo o mundo que lamentaram o duro destino que se abateu sobre os judeus na Alemanha. Mas, precisamente nesta relação, ao longo do tempo, surgiu uma avaliação mais serena do problema. Também noutros lugares, a Alemanha está gradualmente a encontrar compreensão pelo fato de os alemães não quererem se submeter permanentemente ao poder de uma raça estrangeira que está espalhada por todo o mundo e, por isso mesmo, tem uma mentalidade internacional, mas que, ao mesmo tempo, se mantém unida em todos os países do mundo e persegue os seus próprios interesses às custas de todos os povos do mundo com extrema tenacidade, com todos os meios e com a maior imprudência. Noutros países, muitas vezes se buscou e se alcançou o mesmo resultado que na Alemanha por outros meios e, na prática, sem recorrer ao legislador, removeu-se os judeus ou outros membros de povos e raças de cargos públicos ou não os admitiu de todo, ou pelo menos não na mesma medida que na Alemanha desde novembro de 1918. No Estado de direito alemão, apenas o caminho legal era possível! Mas não expulsámos simplesmente os funcionários não arianos, mas aposentámo-los com honra e com pensões. O Estado nacional não poderia ter agido de forma mais legal e branda. O fato de a Alemanha não querer atingir indiscriminadamente o judaísmo, mas apenas eliminar os seus excessos, fica claro pelo fato de a lei de 7 de abril de 1933 não ter afetado os funcionários não arianos que já eram funcionários antes de 1 de agosto de 1914.

Se, além disso, se queixar da extensão excessiva da cláusula ariana, na medida em que também abrange os meio-arianos e os quarto-arianos, deve-se responder que a influência estrangeira no corpo de funcionários públicos, entre advogados, médicos convencionados, etc. atingiu proporções tão perigosas que, em muitos casos, tornou praticamente impossível aos jovens alemães o acesso a essas profissões. As disposições legais também devem garantir que as influências de raças estrangeiras, que acabaram de ser combatidas, não possam se espalhar novamente tão cedo e que, também no futuro, a história da Alemanha seja determinada fundamentalmente apenas por homens de sangue alemão. Acredito

encontrar total compreensão para isso neste círculo! Pois também outros países só se deixarão governar por homens do seu próprio povo.

Estamos sujeitos a hostilidades ainda mais fortes porque os conceitos da lei dos arianos se estenderam para além da esfera imediata do Estado, abrangendo áreas culturais e a economia livre. Embora as leis e regulamentos que mencionei até agora tenham sido motivados por um forte interesse público em eliminar influências não arianas, é um exagero, como já aconteceu algumas vezes, aplicar os princípios do § 3 de forma indiscriminada e acrítica a áreas para as quais eles não se destinam. Em numerosos casos, tais erros já foram corrigidos pelas autoridades competentes. Assim, o Tribunal do Trabalho do Reich determinou recentemente que a alegação, ocasionalmente apresentada, de que qualquer funcionário de ascendência não-ariana pode ser demitido sem aviso prévio não é válida, mesmo com a mudança de atitude em relação ao judaísmo no Estado nacional-socialista. Da mesma forma, a opinião de que a pertença de um dos cônjuges à raça judaica justifica a contestação do casamento não se impôs. Acima de tudo, porém, o governo alemão sempre defendeu, a este respeito, que tais abusos devem ser combatidos com toda a firmeza e, apenas nestes dias, as autoridades voltaram a salientar que as suas medidas e decisões se baseiam exclusivamente nas leis vigentes e que não podem entrar em contradição com estas, mesmo que possam não corresponder totalmente às opiniões nacional-socialistas. Pois o momento e a extensão da realização do nosso programa partidário são determinados exclusivamente pelo Führer. No entanto, em relação a tais manifestações, não se pode ignorar que o próprio povo alemão está cada vez mais consciente das exigências étnicas em questões raciais e, por iniciativa própria, sem influência das autoridades, tira as conclusões correspondentes, por exemplo, procurando menos médicos ou advogados não arianos do que antes.

A legislação racial alemã não pretende emitir juízo de valor sobre a bondade e o mérito de outros povos e outras raças. O nosso Führer afirma isso mesmo na sua obra “Mein Kampf”:

> “É inútil discutir sobre qual raça ou raças foram as primeiras portadoras da cultura humana e, portanto, as verdadeiras fundadoras do que englobamos com a palavra humanidade”.

Mas nós, alemães, gostaríamos de pensar que outros povos orgulhosos compartilham do mesmo ponto de vista e, em princípio, também atribuem grande importância à preservação da sua composição racial, na medida do possível, sem adulterações e sem misturas.

Se considerarmos, por exemplo, as seletas famílias de cavaleiros do antigo Japão, os samurais orgulhosos da nobreza ou o culto aos antepassados dos chineses, encontramos neles modelos para nós mesmos, que precisávamos de uma legislação racial para nos lembrarmos novamente dos nossos bens mais sagrados. Queremos que, no futuro, cada membro da nossa comunidade se interesse pelos seus antepassados e reconheça o valor que eles têm para si mesmo, para a sua família e, consequentemente, para a sua comunidade, a sua raça. Isso é necessário se quisermos saber, na nova Alemanha, quem pertence à comunidade alemã e quem não pertence. Se a lei para a restauração do funcionalismo público, com a sua distinção entre arianos e não arianos, contribuiu para isso como um sinal, foi certamente para o bem do povo alemão, e não para o mal de outros povos!

Se, por todas estas razões, procuramos manter o nosso sangue livre de influências estrangeiras, pode-se nos culpar por isso, embora nós mesmos não poupemos membros do nosso próprio povo quando se trata de eliminar partes inúteis e doentes do corpo popular? As intervenções permitidas pela lei para a prevenção de descendentes hereditários, a segunda lei racial importante, afetam o indivíduo ainda mais severamente do que a criação de uma barreira contra os membros de outra raça.

Do ponto de vista pessoal do indivíduo, da sua geração, muitas coisas que a nossa legislação racial contém podem ainda hoje ser vistas como paternalismo, ou mesmo como uma intervenção legal violenta nos supostos direitos e liberdades do indivíduo. Mas, de um ponto de vista mais amplo, do ponto de vista do povo, da nação, o que se exige do indivíduo deve ficar em segundo plano em relação às necessidades de preservação da saúde da tribo, da raça e do povo. Pois, como escreve o nosso Führer na sua obra “Mein Kampf”:

> “... o mais alto dever do Estado Völkisch, a preocupação com a preservação dos elementos raciais primordiais que, como doadores de cultura, criam a beleza e a dignidade de uma humanidade superior.”

Mesmo que o indivíduo sofra, mesmo que ele possa perecer, não podemos e não queremos negar-lhe a nossa solidariedade humana, a nossa compaixão! O seu sacrifício é necessário para que a fonte permaneça límpida, da qual milhares, milhões, um povo inteiro bebem saúde, vida e futuro. *"O bem comum está acima do bem particular"* (Gemeinnutz geht vor Eigennutz)

O indivíduo recua perante a comunidade. Neste princípio moral assenta a base do nosso Estado e, em última análise, também a legislação racial do Terceiro Reich. Este é o seu sentido e valor para sempre.

O pensamento nórdico na legislação do Terceiro Reich (1936)

Extraído de "*Nordisches Gedankengut im Dritten Reich, I. S. Lehmanns Verlag / Munchen, 1936*"

No estrangeiro, muitas vezes não se compreende que até mesmo a legislação de um país possa basear-se no conceito de raça. Por isso, gostaria de salientar, em primeiro lugar, que a nossa concepção de raça não tem nada de agressivo para com qualquer outro povo da Terra. A nossa ideia de raça não é concebida por nós como um artigo de exportação, embora esteja convencido de que algumas das nossas medidas legislativas em matéria de raça serão imitadas noutros países. Também não somos de forma alguma da opinião de que o nosso ideal racial nórdico deva ser determinante para todos os outros povos do mundo. Defendemos apenas a opinião de que o património racial nórdico representa para nós, alemães, o melhor e mais puro elemento da formação do nosso povo. A nossa questão racial é, por assim dizer, um assunto interno ou, no sentido mais verdadeiro da palavra, um assunto familiar.

Outros povos possuem o seu próprio ideal racial, que, muitas vezes, consciente ou inconscientemente, os artistas, enraizados no seu folclore, empregam em sua comunidade völkischen. Nós, alemães, demos um passo além, pois a raça não é algo aleatório para nós, mas sim um compromisso, uma exigência e, portanto, o destino de cada membro de nossa raça.

E se, o que não é de admirar, os membros do povo contra cuja influência devastadora sobre o povo alemão as nossas leis raciais se voltam energicamente também gritam mais alto, gostaria de lhes lembrar que um homem do seu sangue, chamado Esra, criou uma vez uma lei racial que, graças a Deus, ainda não encontrou imitadores em países civilizados devido à sua crueldade e implacabilidade.

Mas, tendo reconhecido que a raça nórdica constitui o elemento fundamental para nós, alemães, e que o pensamento nórdico representa a expressão máxima da nossa essência alemã, queremos também professar a nossa fé nos heróis desta raça, nos seus exemplos brilhantes e nas suas virtudes, e viver de acordo com eles. Demos ao povo leis que correspondem a este pensamento nórdico. Queremos libertar o povo da ilusão da miscigenação internacional e levá-lo de volta às fontes puras da sua essência.

No entanto, isso só pode acontecer se soubermos: em que consiste essa essência?

A etnologia e a psicologia racial caracterizam a raça nórdico-fálica como o elemento fundamental do nosso povo, como a raça que determinou o nosso caráter nacional. O povo alemão está muito mais ligado pelo sangue no norte e no sul, no oeste e no leste da nossa pátria do que se supõe geralmente. Não se deve deixar enganar pelas características raciais visíveis externamente, que invadiram o nosso povo nas fronteiras através de guerras e ocupações. Portanto, não é de admirar que o modo de vida do povo alemão, em geral, tenha a sua origem histórica, pelo menos em parte, nesta raça nórdica, que tem a sua origem na região europeia, no centro da qual nos encontramos.

A história dos povos de origem nórdica só pode ser compreendida se soubermos como eles foram influenciados pela raça nórdica. O estilo de vida nórdico e a visão da vida refletiam-se nas leis desses povos, na sua atitude em relação às questões fundamentais da vida humana: liberdade e honra, pátria e trabalho, costumes e tradições, povo e família. Todos os grandes alemães do passado tornaram-se, por isso, pioneiros destas ideias, que ao longo da história foram sempre capazes de despertar o nosso povo! Só a partir desta cosmovisão é que se podem compreender os feitos do nacional-socialismo — sejam eles da governação, em particular da legislação, da administração, da justiça ou do movimento. Puramente legal, nenhuma medida pode ser considerada isoladamente, todas elas estão indissoluvelmente ligadas à visão de mundo nacional-socialista, que coloca o povo, ou seja, o conjunto de famílias unidas pelo sangue e conscientes de sua singularidade, no centro de todas as suas considerações. Estamos cientes de que hoje as famílias individuais ou os compatriotas representam uma mistura de raças europeias aparentadas, mas que,

em sua totalidade, criaram uma civilização, uma cultura e uma língua próprias através da raça nórdica que as une.

Uma análise histórica com base racial mostra-nos que um povo se abandona a si mesmo se não procurar constantemente desenvolver ao máximo as suas características hereditárias. É tarefa de uma educação popular planejada, que deve conscientizar repetidamente o indivíduo e o povo como um todo, que o indivíduo não pode existir sem a comunidade e a comunidade não pode existir sem o indivíduo! Essa educação deve, além disso, manter o povo constantemente consciente de que só pode existir ao lado de outros povos se permanecer sempre consciente de sua identidade racial e lutar para garantir seu futuro também do ponto de vista biológico! Tal atitude exige que cada indivíduo respeite os grandes valores do estilo de vida nórdico! - A liberdade e a honra devem estar no centro de nossas vidas! Liberdade e honra são os princípios orientadores do nacional-socialismo, que se refletem mais claramente no apelo do governo do Reich ao povo alemão por ocasião da promulgação da lei sobre a reconstrução da Wehrmacht, em 16 de março de 1935. Pois:

"Mas sem honra não se pode respeitar nenhum bem, e uma vida sem honra costuma ser considerada morta em termos legais".

É o que já se diz na glosa do Espelho da Saxónia. O Führer devolveu a honra ao povo! — Com isso, ele também possibilitou que cada indivíduo, que vive nas comunidades da família e da classe social, preservasse a sua honra.

A liberdade e a honra são características essenciais que só se encontram em povos que consideram a agricultura como a fonte original do seu povo. No entanto, ser agricultor significa não só viver o presente, mas também pensar no futuro. Os povos nórdicos e os povos por eles influenciados nunca consideraram a terra como uma mercadoria sobre a qual cada indivíduo pode dispor livremente. O nacional-socialismo retomou essa ideia com a *Lei do Património Rural do Reich*, de 29 de setembro de 1933, concretizando assim a exigência de sangue e solo. Assim, com base na ideia nacional-socialista de totalidade, foi reparado o que um direito errado havia causado no passado.

O homem nórdico, que está ligado à natureza, o agricultor, sabe que a vida é uma luta e tem uma atitude diferente em relação ao trabalho do que o nómada. Um estilo de vida que se expressa, por exemplo, nas palavras:

"Maldito seja o campo por tua causa. Com tristeza te alimentarás dele durante toda a tua vida! Espinhos e cardos ele te dará! Com o suor do teu rosto comerás o teu pão!"

… é no fundo da sua alma, incompreensível para o povo nórdico; pois, para ele, o trabalho não é uma maldição, mas sim um dever moral. O trabalho significa para ele uma luta pela preservação da família e da espécie! Por isso, o trabalho é para ele uma necessidade, uma honra!

Isso fica claro na *Lei sobre a Ordem do Trabalho Nacional*, de 20 de janeiro de 1934, e na *Lei do Serviço de Trabalho*, de 26 de junho de 1935. Esse é também o sentido da Frente Trabalhista Alemã (DAF) criada pelo Führer, e da organização nacional-socialista das células empresariais, que têm a tarefa de educar os trabalhadores alemães no sentido da cosmovisão nacional-socialista!

Os costumes e as tradições contribuem para garantir o futuro do nosso povo. Isso inclui a defesa do povo e da família em todas as áreas da vida. A legislação aprovada aqui é inovadora, mas remonta ao antigo ditado alemão:

"Se um boi é livre e genuíno, mantém os direitos do seu pai."

Por isso, a preservação da herança e da raça tornou-se o centro da legislação nacional-socialista. A preservação da herança foi inicialmente introduzida como medida de erradicação pela *Lei para a Prevenção de Descendentes com Doenças Hereditárias,* de 14 de julho de 1933. Essas medidas defensivas, que se tornaram necessárias devido às omissões do passado, foram então ampliadas pela *Lei para a Proteção da Saúde Hereditária do Povo Alemão*, a chamada "*Lei do Casamento Saudável",* para uma preservação exigente e preventiva da herança genética! As disposições sobre a promoção do casamento na Lei para a Redução do Desemprego, que possibilitaram centenas de milhares de casamentos, servem ao mesmo objetivo.

A par disso, vai a educação do povo alemão para a consciência racial e a preservação da raça, como através da *Lei para a Restauração do Funcionariado Público*, que reprimiu a influência judaica devastadora e estranha à nossa raça na nossa vida pública, e através de inúmeras disposições profissionais análogas. Esta legislação foi coroada pelas chamadas *Leis de Nuremberg*, a *Lei da Cidadania do Reich* e a *Lei para a Proteção do Sangue Alemão e da Honra Alemã*, de 15 de setembro de 1935, que se tornaram a expressão da nossa concepção da raça e dos direitos civis como leis da vida. Elas demonstram a vontade inflexível de pôr um fim, de uma vez por todas, à mistura racial e à degeneração racial do povo.

Também o Regulamento Municipal Alemão de 30 de janeiro de 1935 é uma prova da construção do Estado nacional-socialista de acordo com esses pontos de vista. É precisamente esta lei que leva em conta o facto de que o homem nórdico é um homem livre, que não só quer viver de acordo com o princípio «o bem comum antes do interesse próprio», mas também quer regular os seus próprios assuntos! Ele deve provar que é digno dessa liberdade e dessa concepção da vida!

Talvez um dia seja possível coroar a autogovernança das comunidades com a responsabilidade dos clãs pelos seus membros e restaurá-los, para que possam enfrentar todos os incidentes da vida com as suas próprias forças; na livre e saudável competição entre os clãs, os valiosos traços hereditários de um povo podem desenvolver-se livremente e para o bem de todos! Por isso, é importante fortalecer o conceito de família e colocar a família como fonte original da nossa força moral e racial no centro das nossas vidas.

A breve visão geral sobre a consolidação do pensamento nórdico nas leis promulgadas após a tomada do poder mostra que o governo nacional-socialista está disposto a criar uma ordem de vida significativa, como era habitual entre os nossos antepassados. À nossa volta, reina a agitação e a luta de classes: o «povo alemão» vive em paz e ordem, como um povo numa ilha no meio do mar agitado! Encontrámos o nosso caminho como povo; todos, mesmo os compatriotas mais simples e, acima de tudo, os nossos jovens, sentem-se unidos na busca pela liberdade e pelo direito à vida da nação! Estamos dispostos a respeitar os direitos de outros povos, sentimo-nos ligados a todos aqueles que são da mesma espécie, da mesma origem racial, que estão dispostos a defender

connosco a nossa casa e o nosso lar, a nossa pátria e o nosso povo e a sua cultura determinada pela raça nórdica!

Desde 30 de janeiro de 1933, foi criado com determinação um Estado pautado por leis raciais, liderado por Adolf Hitler, cuja energia e vontade nos deram este novo Reich alemão! Para os povos nórdicos do nosso país, é natural prestar lealdade a este líder extraordinário. Pois a lealdade também é uma característica essencial do caráter alemão. Ludwig Uhland chama à lealdade "*a força inspiradora e sustentadora da vida germânica*". Esta atitude é expressa de forma mais clara no lema que o Führer da Schutzstaffel (Himmler) concedeu: *"A minha honra chama-se lealdade!"*.

Dr. Ludwig Ferdinand Clauß

O movimento nórdico não defende a "superioridade racial".

Extraído de: "*Rasse — Monatsschrift der Nordischen Bewegung 2.1935*"[74]

Mais danos do que os causados pelos seus inimigos foram frequentemente infligidos ao movimento nórdico por adeptos excessivamente zelosos: pessoas que se consideravam nórdicas por terem cabelos loiros ou outra "característica" física e que agora usavam essa suposta identidade para compensar uma falta de valor humano interior. A raça nórdica foi assim elevada ao estatuto de encarnação de todos os valores, especialmente os valores morais; em comparação com ela, todas as outras raças deveriam ser consideradas pouco criativas, menos dotadas, quase desprezíveis na sua essência e, em qualquer caso, inferiores. Falava-se da nobre raça nórdica: só ela e as suas criações eram consideradas "de alta qualidade"; todas as outras raças eram simplesmente chamadas de raças inferiores. Quando se encontravam criações que surgiram muito além do âmbito da raça nórdica e que, apesar disso, eram inegavelmente valiosas, inventava-se rapidamente uma classe alta nórdica que tinha feito tudo isso antes de desaparecer muito rapidamente e sem deixar vestígios. Uma suposição que certamente se aplica à área dos primeiros povos indo-europeus foi aplicada a praticamente toda a Terra, uma vez que a pedra estava em movimento, ignorando-se significativamente que essas obras, atribuídas ao espírito nórdico, são estranhas ao espírito nórdico em todo o seu estilo.

A ciência da alma racial opôs-se a esse disparate desde o início.

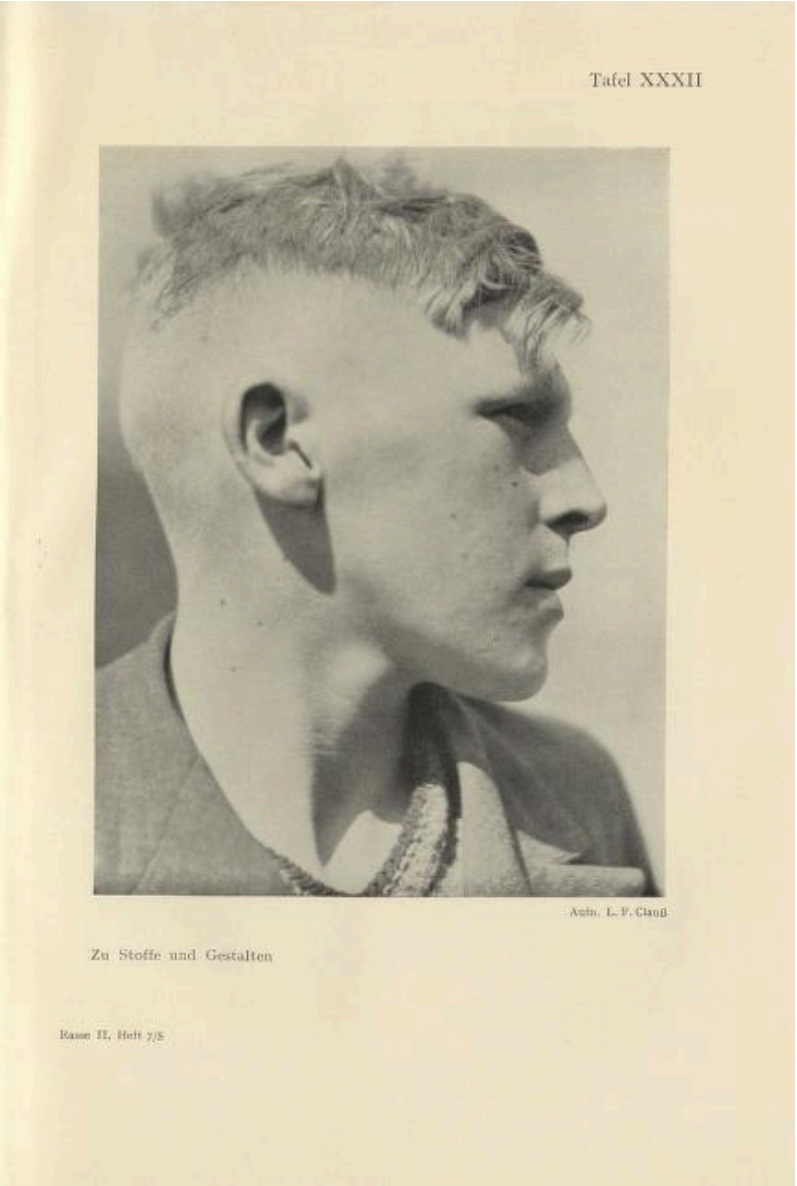
[74] https://archive.org/details/rasse-monatschrift-der-nordischen-bewegung-2.1935/page/296/mode/1up

Já a primeira versão do meu livro "Raça e Alma" (Rasse und Seele), publicado há dez anos, se opõe veementemente a esses abusos cometidos por alguns adeptos do nosso movimento. Mas o disparate continuou e, como todo disparate, só morreu devido à sua própria impossibilidade. Hoje, finalmente, com a ajuda do Estado, tornou-se quase senso comum saber que cada raça carrega em si mesma o padrão de valores pelo qual vive e cria, e não deve ser medida por um padrão de valores alheio, desde que nos movamos dentro dos limites da investigação científica. O que é valioso na esfera da vida nórdica não precisa, portanto, ser valioso (pode até ser contrário aos valores) na esfera da vida estrangeira, que segue outros padrões. E quando nós, como alemães, vemos o mundo de valores nórdicos como nossa referência e exortamos cada compatriota a decidir pela sua herança nórdica, isso se aplica a nós e a nós mesmos, mas não aos outros. Os nossos valores são criados a partir dos valores nórdicos, mas não os de todos os outros. Cada povo escolhe o seu próprio modelo interno. Chegou o momento em que os povos da Terra seguem o nosso exemplo: *refletem sobre as leis dominantes do seu próprio sangue e distinguem o que é seu do que é estrangeiro.* Mas o que é seu não é nosso: o que lhes é próprio é, precisamente por isso, estranho para nós. Fronteiras claras: essa é a primeira exigência simples da época, que foi trazida pelo nosso movimento.

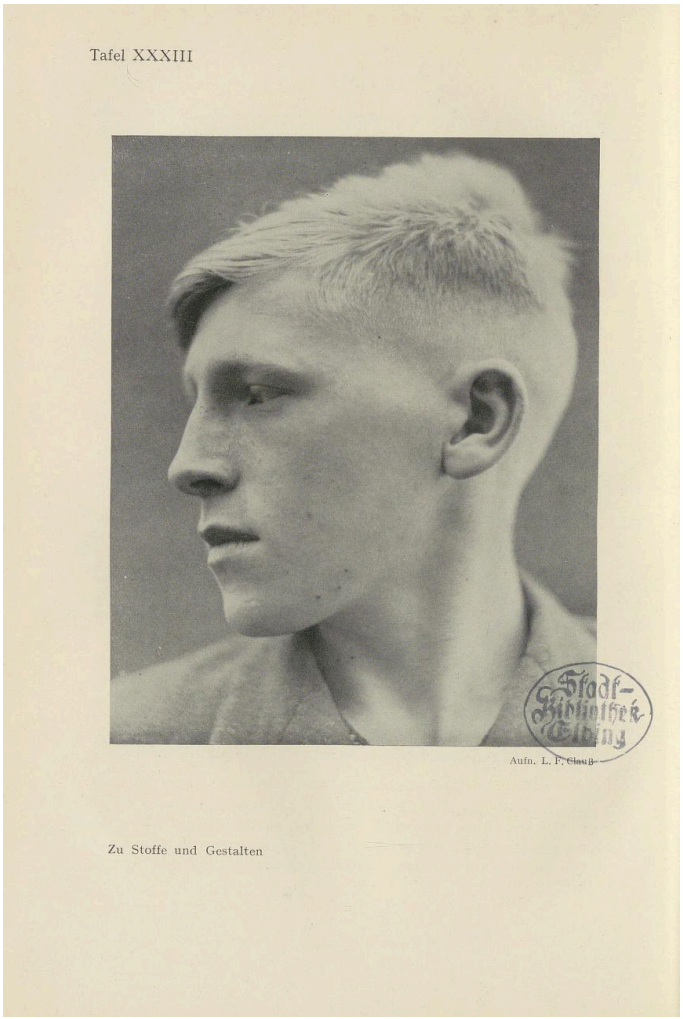
Ser nórdico não significa, por si só, ser bom ou nobre. Nem todos os nórdicos praticam os valores nórdicos: também se pode ser um transgressor de valores, um criminoso, ao estilo nórdico. Um malandro nórdico difere de um malandro mediterrâneo, oriental ou do Oriente Próximo tão claramente quanto o nórdico "honesto" difere de um homem honesto no sentido dessas raças estrangeiras. Tanto o homem justo como o seu oposto extremo, o vilão, são julgados pela mesma lei moral; só que um a segue e o outro a viola. Heróis puramente virtuosos e vilões puramente perversos são raros: em todos nós pode despertar a tentação de, por uma vez, transgredir o que consideramos justo. Mas a lei continua sendo lei, mesmo quando é violada.

Entre as muitas pessoas que retratei, não há nenhuma cujas feições, na mudança de sua expressão, não tenham revelado, mesmo que apenas em uma leve sugestão, a possibilidade de transgredir sua própria lei. Portanto, quando mostro aqui imagens de algumas pessoas que, mais claramente do que muitas outras, revelam possibilidades contrárias aos valores, mas dentro dos limites do caráter nórdico, isso não significa que nós, cujos rostos hoje permanecem

cuidadosamente ocultos, não participemos todos, em maior ou menor grau, do que aqui se revela.

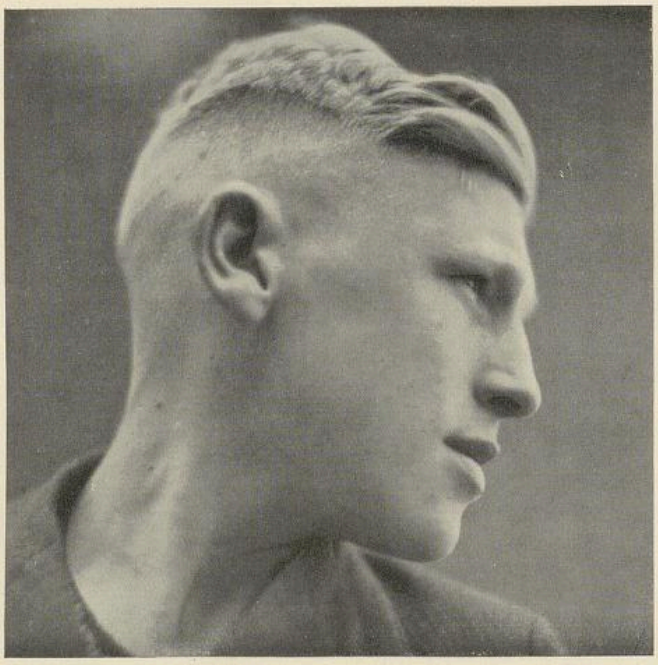


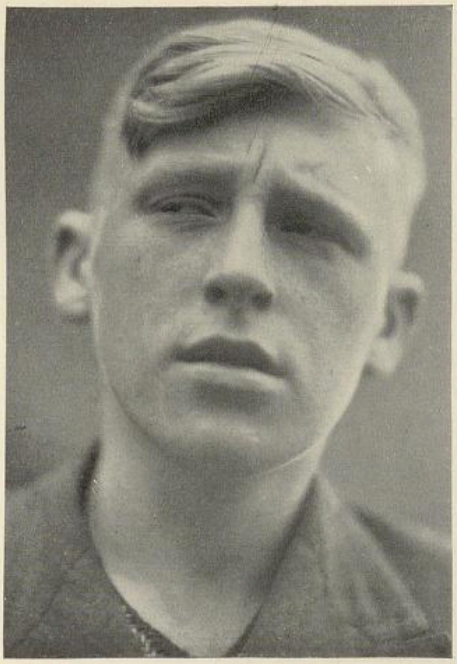
A nossa primeira imagem (quadro XXXII), capturada sob a luz forte do sol, mostra um contorno essencialmente nórdico. Também na expressão não há nada que contradiga o significado dos traços: tal como o contorno, embora ainda juvenil e por desenvolver, se destaca de forma clara e elegante até à aspereza e se projeta em múltiplas investidas no Rann, também o olhar se dirige para um interlocutor que, colocado fora do seu próprio campo de visão, é questionado sobre a sua essência, mas mantido à distância.

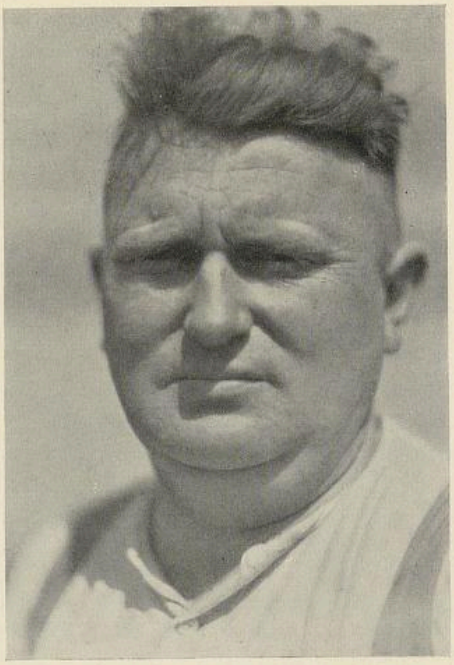


A imagem seguinte do mesmo jovem (quadro XXXIII) mostra a beleza nórdica quase clássica, só que a órbita ocular talvez seja um pouco baixa demais para deixar aos olhos a amplitude da abertura que pertence ao estilo nórdico. Um traço falésico se anuncia aqui. Mas não é ele que nos incomoda nesta imagem. Quando hesitamos anteriormente em falar de beleza clássica, o que nos incomodava não era algo relacionado à estrutura da cabeça deste menino. O que nos incomoda está na expressão. Será que há aqui algo que contradiz o estilo nórdico? Acho que não. Pelo menos, não consigo encontrar nada disso. O que nos incomoda é algo que se passa dentro dos limites da essência nórdica. Nesta imagem, isso é apenas sugerido de forma sutil e só se torna totalmente evidente nas duas imagens seguintes do mesmo rapaz, que a placa XXXIV mostra.

Tafel XXXIV



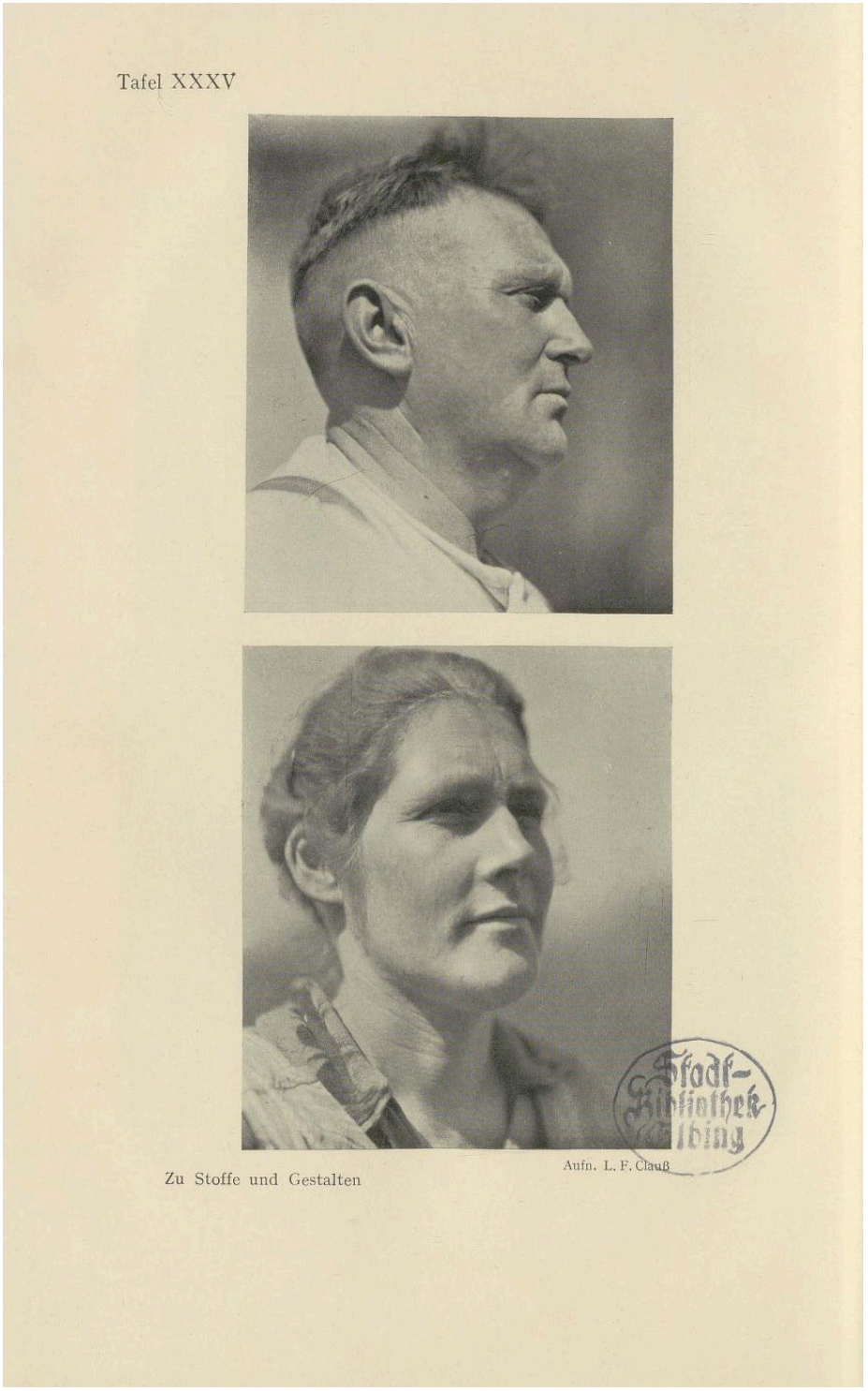




Aufn. L. F. Clauß

Zu Stoffe und Gestalten

Que alguém que tenha penetrado mais profundamente do que eu na vida dessas pessoas nos diga do que se trata.



(...)

Dissemos acima que em todos nós pode despertar a tentação de, por uma vez, transgredir aquilo que consideramos certo dentro de nós mesmos. O sentido desse «também» aponta para a consciência de que outros, antes de nós e com nós, cometem a mesma transgressão. Tudo o que é observado na comunidade estimula e se propaga. O que eu sou e faço, como vivo e ajo, não permanece confinado ao meu próprio ser, mas sempre influencia outros seres como exemplo: estimulante ou repulsivo, como modelo ou contraponto. É nisso que se baseia, em última análise, toda a formação da vida alheia que chamamos de educação. A questão da história interior de uma pessoa, que se reflete na sua expressão, leva sempre a olhar para aqueles com quem ela convive. No caso de uma criança, serão inicialmente os pais. Colocamos no mesmo quadro XXXIV, ao lado das imagens do menino, uma foto do seu pai e, no quadro seguinte (XXXV), colocamos a foto do pai de perfil e uma foto da mãe. Ambos os pais apresentam apenas traços nórdicos e falésios, ou seja, germânicos. Nada que seja "estrangeiro", ou seja, não germânico, a partir destes dois tipos de aparência – o nórdico e o falésio – foi herdado pelo menino, nem pela descendência no sentido de herança sanguínea, nem pela descendência no sentido de educação. Tudo permanece dentro dos limites da essência germânica. E, no entanto, esses traços revelam muitas coisas com as quais não concordamos. O que é e como se chega a tal vida e à sua expressão num rosto germânico, deve ser-nos contado novamente pelo nosso informante.

(…)

Na lei natural de cada raça está predeterminado o que é bom e mau, o que é certo e errado: para cada raça, estas palavras têm um significado diferente. Cada raça tem o seu próprio estilo de agir de forma digna ou indigna. Cada estilo racial promove perigos específicos, incluindo o estilo nórdico e o estilo falico. O movimento nórdico não é cego a esses perigos, pelo contrário, foi ele que os apontou para alertar contra eles. Na essência nórdica e falica reside um destino fatal que, repetidamente, leva à queda dos povos germânicos. Nunca escondemos isso. Posso referir-me, por exemplo, aos meus livros e a alguns artigos publicados na nossa revista. E continuará a ser nossa tarefa mostrar o perigo e o destino fatal da raça nórdica.

— Ludwig Ferdinand Clauß (L.F.C)

Apêndice A: Nacional-Socialismo e Raça (A. James Gregor)

Nota de arquivo: *Este artigo, publicado em 1958 (National Socialism and Race), foi uma das primeiras contribuições de um acadêmico que hoje é reconhecido como um importante autor sobre o tema do fascismo. Este ensaio não discute certas doutrinas peculiares da raça nacional-socialista alemã que sobreviveram ao período da guerra e que condicionaram o movimento de expansão oriental. No entanto, o presente texto tem vantagens em desvendar as "posições" oficiais do nacional-socialismo em vários pontos.*

***

Já se passou tempo suficiente desde o fim das hostilidades contra a Alemanha para permitir a inspeção de um dos componentes teóricos do Movimento Nacional-Socialista; o elemento que, dentre todos os elementos heterogêneos, fez do Nacional-Socialismo o que ele era: *a teoria da raça.*

Uma investigação dessa natureza pode, como quase todas as críticas anteriores, reunir objeções externas de fontes antropológicas, sociológicas e históricas contra o que é concebido (muitas vezes incorretamente) como facetas críticas da teoria nacional-socialista sobre raça[1]; ou pode se aventurar em uma crítica imanente, ou seja, pode seguir as investigações dos próprios teóricos nacional-socialistas, tentando entender a teoria da raça como ela era, como veio a ser, e não como se concebe que tenha sido.

O último curso, o curso escolhido para esta exposição, tem muito a recomendar. Não se deve dissipar as energias perseguindo um espantalho. *A teoria nacional-socialista da raça era dinâmica, em constante mudança*. Esse, de fato, deve ser o caso de qualquer teoria que tenha a pretensão de ser científica. Além disso, é necessário distinguir entre o objeto de pesquisa de boa-fé e as concepções errôneas existentes. Não é preciso recorrer a fontes externas para refutar aspectos da teoria que foram rejeitados no decorrer de seu desenvolvimento pelos próprios teóricos nacional-socialistas.[75]

[75] Gregor refere-se aqui aos elementos nordicistas que perduraram durante a fase inicial e intermediária do nacional-socialismo

Nenhuma teoria, seja ela científica, ética ou metafísica, se desenvolve em um vácuo[76]. Seria incrivelmente ingênuo acreditar que qualquer uma dessas disciplinas se desenvolve independentemente do meio social em que surgiu. Portanto, para entender a natureza e a evolução das especulações nacional-socialistas sobre raça, é preciso estar familiarizado com as forças psicológicas, econômicas, científicas e sociais (culturais e políticas) predominantes durante todo o período. Mesmo se eu estivesse totalmente informado sobre essas condições, o que não estou, o espaço não permitiria a introdução de tais dados em um ensaio deste tamanho. O que tentarei fazer, no entanto, é indicar, de passagem, as forças mais convincentes, táticas e teóricas, que, ao que parece, em geral, direcionaram o rápido crescimento e a transformação da teoria nacional-socialista da raça.

CAPÍTULO I

O desenvolvimento da teoria nacional-socialista de raça pode ser dividido em três períodos, e cada um deles tinha um molde e um temperamento característicos.

O primeiro período do racismo nacional-socialista foi caracterizado pelos escritos e discursos do próprio Hitler. Em muitos de seus pronunciamentos, as afirmações de Hitler com relação à raça não eram nem mais nem menos chocantes, interessantes ou espetaculares do que declarações semelhantes feitas por qualquer número de eugenistas anglo-saxões da época. O mais significativo é que, em suas referências específicas à raça, Hitler se contentava em empregar o termo extremamente vago "ariano" para denotar sua raça seleta, fundadora do Estado, da sociedade e da cultura na Europa. Sob a rubrica "ariano", Hitler incluiu todos os povos europeus, aparentemente [2] reservando o status de "inferior" para os povos não europeus do mundo. Em nenhum lugar de Mein Kampf ele estipula especificamente o tipo físico de sua raça superior. No entanto, ele se refere, com aprovação irrestrita, aos escritos de Houston Stewart Chamberlain. Mesmo que não tivesse feito isso, qualquer comparação das ideias

[76] Uma visão do senso-comum é a de que o nacional-socialismo não tinha substancialidade teórica. Muitos grupos marxistas tentam traçar o nacional-socialismo — tomado como sinônimo de fascismo — como uma mera reação reacionária em tempos de crise do capitalismo, outros setores de direita tratam o nacional-socialismo como o retorno as certas teorias gnósticas dos séculos passados (Eric Voeglin), no entanto ambas as visões falham por ignorar as REAIS influências do nacional-socialismo, estejam seus argumentos certos ou não.

gerais sobre raça e sociedade encontradas em Mein Kampf com as do *Grundlagen*[77] de Chamberlain tornaria sua dívida intelectual bastante evidente. Em nenhum lugar Chamberlain dá uma identidade morfológica específica ao seu "alemão", embora ele se entusiasme com o **dolicocéfalo**[78] alto e loiro (formato craniano prolongado). Por outro lado, ele sugere, talvez seguindo o exemplo de Gobineau, que estava convencido da heterogeneidade do tipo ariano[79] [3], que alguns dos "alemães" mais puros são morenos, até mesmo com cabelos de corvo[80]. Chamberlain também não nega a criatividade nem o valor de outras raças.

Portanto, há evidências de que a teoria nacional-socialista de raça nessa época era mais do que um tanto vaga e indeterminada, pelo menos no que diz respeito ao problema de como se identificava a raça escolhida. Em nenhum lugar da literatura inicial do Movimento a designação "nórdico" aparece com destaque, muito menos nas declarações públicas de Hitler.

Mesmo no final desse primeiro período, em 1930, quando o *Mythos* de Rosenberg apareceu, seu uso da palavra "nórdico" foi estritamente qualificado por esse pronunciamento: "*Nada seria mais superficial do que medir o valor de um homem por sua aparência física (com uma régua de centímetros e índices cefálicos). Uma medida muito mais precisa de valor é a conduta*"[4].

Mas com o advento da década de 1930, entramos em uma fase nova e altamente crítica do desenvolvimento teórico. Nessa época, independentemente do movimento nacional-socialista, os trabalhos de Hans F.K. Günther [5] haviam alcançado ampla circulação e popularidade na Alemanha.

As obras de Guenther demonstraram certa atratividade para os teóricos nacional-socialistas. Em primeiro lugar, era possível estabelecer paralelos aproximados entre algumas das ideias de Hitler, conforme expressas em Mein Kampf, e as principais obras de Günther. Em segundo lugar, ele oferecia,

---

[77] *Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts (Os fundamentos do século dezenove)* publicado em 1889*,* é uma das maiores obras sobre arianismo racial. As afirmações de Hitler em Mein Kampf sobre a raça ariana tem a sua origem nesse livro.

[78] De acordo com a antropometria (medição das proporções do crânio) é um tipo de formato craniano alongado, ou seja, mais comprido no sentido ântero-posterior (frente-trás) e relativamente estreito na largura. O índice cefálico indica relação (divisão) entre largura e comprimento (x100), quando o índice é inferior à 75, é chamado de formato dolicocéfalo. Esse formato craniano é mais predominante entre a raça nórdica e populações germânicas de modo geral.

[79] Isso significa que a raça ariana seria diversificada, e não unicamente nórdica.

[80] Ou seja, cabelos pretos ou castanhos mais escurecidos, mais predominantes no sul da Alemanha.

aparentemente, uma cavilha científica na qual as declarações nacional-socialistas sobre raça poderiam ser convenientemente penduradas.

À medida que o nacional-socialismo se expandia em número de membros e influência, ouvia-se uma demanda crescente para que sua casa teórica fosse colocada em ordem. Nesse ponto, as obras de Günther pareciam se adequar, precisamente, a esse propósito.

CAPÍTULO II

As ideias de Günther podem ser resumidas nas noções a seguir:

1. uma raça é um grupo de seres humanos que, reproduzindo-se verdadeiramente, distingue-se de seus vizinhos por traços físicos e mentais hereditários[6];
2. os traços psíquicos, possuídos pelas várias raças, diferem qualitativamente[81];
3. em quase todos os traços mentais, a raça nórdica (alta, esbelta, de pele clara, loira, de olhos azuis), **leptoprosófica**[82] (rosto estreito), **leptorrina**[83] (nariz estreito), **dolicocefálica** [7] é superior. Os nórdicos são sábios no julgamento, verdadeiros e enérgicos, independentes, realistas, ousados, corajosos, limpos, inventivos, tenazes, prudentes, firmes no dever, competitivos (apenas no melhor sentido), justos, respeitosos com a propriedade alheia, cavalheirescos, dotados de um dom narrativo, individualistas (porém altruístas), possuidores de uma profundidade de caráter notável, uma confiabilidade total, uma mente inquiridora dedicada às ciências naturais, um senso de honra vivo, uma tendência ao humor desonesto, uma capacidade de realizar feitos estatais, um dom para a liderança, um talento para a música, uma ampla gama de

[81] O que incluí variavelmente a inteligência.
[82] A antropometria facial a define **leptoprosópcio** (Leptoprosopic) como um tipo de rosto estreito e comprido, com altura facial relativamente grande em comparação à largura. A classificação é baseada no índice facial: Índice facial = (altura da face dividido pela largura da face) × 100. Um rosto é considerado leptoprosópico quando o índice facial é alto, geralmente acima de 90. Na prática, significa que a pessoa tem: Face longa (altura maior); Face estreita (menor largura) e proporções verticais mais marcadas
[83] Leptorrina é um termo da antropometria nasal que descreve um nariz estreito. É determinado pelo índice nasal, que compara a largura do nariz com sua altura: Índice nasal = (largura do nariz dividido pela altura do nariz) × 100. Ou seja, leptorrina = nariz comprido/alto e estreito.

desenvolvimento na vida mental, bem como outros dons que não é possível mencionar[8];
4. a extensão e o declínio da cultura europeia acompanham o crescimento e o declínio dessa raça tão singular[9].

Essas teses, formuladas em um vocabulário rico e científico, pareciam, na época, satisfazer as exigências feitas aos teóricos nacional-socialistas. Portanto, embora as principais obras de Günther tenham sido concluídas antes da sucessão do nacional-socialismo ao poder, muitos dos nacional-socialistas fizeram delas suas próprias obras.

Sendo esse o caso, é necessário observar dois fatos importantes:

1) Günther rejeitou categoricamente a designação "ariano", preferida por Hitler [10], e substituiu-a por "nórdico", cuidadosamente definido. Essa mudança, como veremos, foi de fundamental importância.
2) Günther, embora tenha escrito com paixão e parcialidade, foi suficientemente imparcial para deixar várias coisas bem claras. Ele não pretendia, por exemplo, que a raça nórdica fosse a única raça humana criativa (embora essa seja a impressão geral que se recebe de suas obras). Ele menciona as vastas culturas da idade do bronze do Mediterrâneo e do início da idade do ferro como sendo produtos da criatividade mediterrânea[11]. Além disso, ele limitou sua análise racial apenas aos povos de língua indo-germânica.

O caráter geral do segundo período no desenvolvimento da teoria racial nacional-socialista foi emprestado pelas obras de Hans Günther — um período que abrangeu, aproximadamente, os anos entre 1930 e 1934. Esse é o período de aceitação acrítica da "*Hipótese Nórdica*".

O entusiasmo era tão grande que os teóricos menores foram ainda mais longe do que o exagerado Nordicismo de Guenther. A razão disso pode ser explicada, em grande parte, lembrando mais uma vez o clima psicológico da Alemanha revolucionária. Um povo desiludido na guerra, traído na paz, buscava, em um mundo hostil, status e lugar. A supercompensação, gerada pelas tensões da época, exigia não apenas igualdade, mas superioridade.

Sempre houve, na mente alemã, uma vaga identificação entre os "criadores arianos da cultura" e a nacionalidade alemã. Não era difícil para o leigo comum substituir a nomenclatura nórdica pelas designações arianas "menos científicas" e ainda equiparar, de alguma forma, o povo alemão ao "*Herrenvolk*"[84]. (Um fenômeno semelhante, sob circunstâncias essencialmente semelhantes, caracterizou o Movimento Fascista da Itália com sua franca "Romanita", seus bastões de lictores e saudação romana, e sua referência à gloriosa superioridade da Roma antiga).

CAPÍTULO III

O produto mais grotesco desse segundo período foi um estranho tomo de Karl Weinländer[85] [12], publicado com a ajuda da liderança da *Nationalsozialistischer Lehrerbund—NSLB* (Liga nacional-socialista dos professores) em Nuremberg[13].

1. a raça nórdica "*foi e é a única raça capaz de criar uma cultura*" [14] — todas as outras raças são capazes de criar uma cultura apenas na mesma medida em que contêm sangue nórdico[15]. Os nórdicos, por exemplo, criaram a cultura chinesa.
2. Weinländer não quer saber de bobagens sobre evolução racial. Ele, assim como Hauser[86][16], afirma que a raça nórdica é um ato especial de criação[17]. "*As raças humanas*", ele nos informa, "*evoluíram a partir dos animais inferiores, mas cada uma foi o resultado de um ato criativo separado no espaço e no tempo... A série incluía: Humanóides, homens pré-históricos, gigantes, pigmeus, australianos, negros, malaios, indianos, mongóis e, finalmente, 'a imagem de Deus', a raça*

[84]A raça "superior" (Também; Raça mestre) que tem em textos tanto para português e inglês é uma má tradução da palavra alemã pouco usada "*HERRENVOLK*". "*Herr*" nesse contexto significa cavalheiro, e "*Volk*" significa povo. No caso seria "*Cavalheiro do povo*", onde significa que, quando os alemães se referiam a palavra "*Herrenvolk*" nada tinha haver com alguma coisa relacionado a "raça superior", e sim que estavam em busca de construir um povo com a mais alta moralidade possível, o "cavalheiro" seria o indivíduo com moralidade e respeito, e "povo" seria para se referir que esta prática seria no comum, ou seja, na comunidade *(Volksgemeinschaft)*. Sobre o uso de termos como "Herrenvolk", veja: *The Lebensborn Program and The "Herrenvolk" - Fact vs Fiction* de Carlos Whitlock Porter. Disponível em: https://archive.org/details/TheLebensbornProgramAndTheHerrenvolk-FactVsFiction/mode/1up

[85] Karl Weinländer (1870–1946) foi um professor alemão e jornalista simpatizante do nacional-socialismo (utilizou como pseudônimos *Friedrich Döllinger, Jens Jürgen(s), Hans Lienhardt, Werner Stauffacker* e *Hermann Wieland*)

[86] Otto Hauser (1876-1944) foi um teórico racial e tradutor de livros, além de ter servido ao exército austro-húngaro.

nórdica"[18]. Todas as assim chamadas raças (alpina, dinárica, mediterrânea, báltica oriental, etc.) são simplesmente os bastardos do acoplamento antinatural do homem nórdico com as raças inferiores enumeradas[87][19].

3. Essa inferioridade natural das raças não nórdicas é atestada pelo fato de que a íris do olho e o cabelo e, em casos piores, até mesmo a pele são pigmentados. A inferioridade é uma consequência do fato de que o "material" usado (Stoffverbrauch) na pigmentação é extraído do sistema cerebral e nervoso[20]. Além disso, o cabelo não pigmentado atua como um condutor de "*ondas de pensamento invisíveis*"[21].
4. Toda beleza[22], harmonia física e espiritual, estatura alta e dolicocefalia [23] são propriedade exclusiva da raça nórdica.
5. O sangue nórdico, quando transfundido em um doente, promoverá uma rápida melhora [24], enquanto uma transfusão de sangue de raças inferiores (particularmente sangue judeu) despachará o paciente[25].

O livro de Weinländer não foi um erro isolado. Declarações semelhantes, senão igualmente ultrajantes, são encontradas em livros desse período que foram publicados com a aprovação direta ou indireta do Movimento Nacional-Socialista. Staemmler[88] [26] e Baltzer[89] [27] afirmam que os nórdicos são a única raça capaz de criar uma cultura. Rudolf[90] [28], publicando sob os auspícios diretos da Biblioteca Nacional-Socialista, cita, com aprovação, Dieter Gerhart [29]: "*A raça nórdica, a raça de nossos ancestrais germânicos, é a única portadora de toda a cultura criativa na velha e na nova Europa e em seus arredores."*

Depois de estabelecerem, para sua própria satisfação, a verdade dessas noções, os teóricos puderam começar a interpretar a história cultural do mundo.

---

[87] Essa teoria também é compartilhada pelo ocultista Adolf Josef Lanz, mais conhecido como "Jörg Lanz von Liebenfels", que entendia a origem de raças "inferiores" (que ele incluí os negros) como o resultado da mistura racial entre as mulheres nórdicas (puras) e raças primitivas de tempos antigos. Não há provas concretas de que Liebenfels tenha exercido influência significativa e relevante sobre o nacional–socialismo, suas ideias ocultistas e esotéricas eram condenadas pelo nacional-socialismo — especialmente Hitler — e publicações relacionadas foram perseguidas e proibidas pelo Reich (ver: "*Beetwen Occultism and Nazism. Antroposophy and Politics of Race in the Fascist Era*" de Peter Staudenmaier)

[88] Martin Staemmler (1890–1974) foi um médico alemão especializado em anatomia patológica, que influenciou as políticas de esterilização do Reich

[89] Hermann Baltzer, o material sobre sua biografia é quase inexistente.

[90] Rudolf Jung (1882-1945) foi um dos proeminentes nacional-socialistas que escreveu a obra "Der Nationalsozialismus" em 1922, uma das primeiras obras a falar de forma estruturada acerca do nacional-socialismo.

Toda cultura tem origem nos nórdicos. Uma vez que isso é pressuposto, basta encontrar líbios loiros retratados em relevos egípcios (junto com os compatriotas de olhos verdes e cabelos ruivos) para provar a origem nórdica da civilização egípcia [30] — ou encontrar uma mulher loira retratada em um afresco tardio no palácio de Knossos para provar que a civilização minoica era igualmente nórdica [31] — enquanto a presença de um deus "justo" entre os deuses astecas (o albinismo é relativamente comum em várias raças) é suficiente para atribuir uma origem nórdica à cultura inca e asteca[32]. O fato de Confúcio ser representado como tendo uma "barba cheia", enquanto os mongóis têm apenas uma barba rala, é mais do que suficiente para indicar a presença de uma classe dominante nórdica à qual se pode atribuir a fundação da civilização chinesa[33].

Tendo conseguido essa percepção, podemos começar a interpretar as personalidades sob essa luz. Como toda criatividade deriva da raça nórdica, todas as personalidades criativas devem ser nórdicas ou bastardas cuja criatividade deriva de alguma fonte nórdica (às vezes mais do que obscura). Quando encontramos pessoas como César [34] e Goethe [35], que são morenos, podemos atribuir sua superioridade à sua estatura "nórdica". Quando encontramos homens notáveis, como no caso de Napoleão e Nelson [36], que medem menos de 160 cm, podemos atribuir sua superioridade à sua estatura "nórdica". Podemos atribuir sua superioridade ao fato de que eles eram (pelo menos na juventude) justos. Quando encontramos alguém como Martinho Lutero, que era braquiocefálico[91] (cabeça redonda), de olhos castanhos, cabelos quase cor de rosa e estatura mediana, podemos ser forçados a admitir uma "infusão" alpina [37], ou podemos designá-lo como um sobrevivente de Cro-Magnon[92] [38], ou podemos sugerir que ele é um Dalo-Nórdico (Dalo-Nordic), um "subtipo" nórdico [39] — porque ele certamente tinha uma alma nórdica[40].

[91] Braquiocefálico significa crânio curto e largo, com índice cefálico alto. Ou seja, o comprimento do crânio é curto e a largura é grande com índice aproximado em 80.
[92] Cro-Magnon é o nome tradicional dado aos humanos modernos (Homo sapiens) que viveram na Europa Ocidental durante o Paleolítico Superior, especialmente entre c. 40.000 e 10.000 anos atrás. O termo vem do local onde os primeiros esqueletos foram encontrados, em 1868, no abrigo rochoso de Cro-Magnon, perto de Les Eyzies, na França.

Os braquicefálicos notáveis que poderiam ter causado alguma consternação aos nórdicos (já que os nórdicos devem ter cabeças longas[93]) — Hindenburg e Bismarck, por exemplo — são atribuídos, sem menção ao seu índice cefálico suspeito, à raça dalo-nórdica [41], ou graciosamente aceitos porque os "órgãos" frenológicos para matemática e musicalidade estão localizados sobre as orelhas e, se esses órgãos forem bem desenvolvidos, deformarão o crânio[42]. É interessante que Hindenburg, que os nórdicos citam como classicamente dalo-nórdico, é atribuído por Carlton Coon[94] à raça leste-báltica[48][95].

Francisco de Assis, Shakespeare, Herder, Napier, Beethoven[49], Balzac[50], Zola[51], Raphael[52], Elizabeth Barrett-Browning[53], Browning[54], Ibsen[55], Tolstoi[56], Faraday[57], Tennyson[58], Cromwell[59] e Dampier[60].

Depois de entender o procedimento, podemos explicar a criatividade de Mussolini, que era um moreno braquiocefálico, relativamente baixo, de peito em barril e olhos castanhos, citando-o como exemplo de um "*nórdico com pigmento escuro*" [61] que derivou seu potencial de um cavaleiro medieval chamado *Muslin*[62].

CAPÍTULO IV

Tudo isso, é claro, era Günther com uma vingança. Günther examina a escultura de retrato braquiocefálico [63] da Antiguidade Clássica Romana e vê apenas a dolicocefalia nórdica. Ele reproduz estátuas gregas clássicas que exibem cabelos bem encaracolados, sobrancelhas lisas, lábios grossos e sensuais, nariz carnudo e queixo macio — e vê apenas os cabelos lisos e frouxamente ondulados[64], as saliências supraorbitais[65], os lábios finos[67], o nariz e o queixo bem cinzelados [67] da "*raça nórdica pura*"[68]. A mesma estatuária sobre a qual Sergi[96] havia dito, cerca de trinta anos antes, que *"[...] os tipos de estatuária grega e romana (...) não lembram em nada os traços de uma raça nórdica; na delicadeza das formas cranianas e faciais, na suavidade da superfície, na*

[93] Ou seja, *dolicocefálicos* e as outras duas características essenciais: *leptorrina* e *leptoprosófica*.
[94] Carleton S. Coon (1904–1981) foi um antropólogo físico norte-americano, conhecido tanto por suas contribuições às pesquisas arqueológicas, etnológicas e raciais.Coon serve de crítica ao nordicismo.
[95] Na versão original falta a indicação "43,44,45,46 e 47". Mantive, portanto, a estrutura original.
[96] Giuseppe Sergi (1841–1936) foi um antropólogo, arqueólogo e anatomista italiano, uma das figuras centrais da antropologia física europeia do final do século XIX e início do XX, rejeitou fortemente o nordicismo e atribuiu aos mediterrâneos o título de fundadores da civilização.

ausência de saliências frontais exageradas e arcos supraorbitais, na harmonia das curvas, no oval facial, nas testas bastante baixas, elas lembram as belas e harmoniosas cabeças da raça marrom do Mediterrâneo"[69].

Günther nos diz que, como entre os chineses é possível encontrar dolicocefalia, uma "*pele quase branca, às vezes combinada com belos traços europeus*" [70], isso é uma evidência presuntiva de uma linhagem nórdica, como se a "pele quase branca" e a "beleza" estivessem presentes apenas em berços nórdicos.

Ele nos diz ainda, em um exemplo muito instrutivo de *petitio principii*[97], que pelo fato de os drusos do Líbano desfrutarem de um padrão relativamente alto de educação, serem corajosos, trabalhadores e limpos, eles devem possuir um elemento nórdico[71]. Os homens samnitas adoravam lutar e suas mulheres eram castas — evidência suficiente para Günther.

Raciocínio semelhante fornece justificativa suficiente para Fischer, Baur e Lenz descobrirem elementos nórdicos entre os índios das planícies da América do Norte — pois eles eram, afinal de contas, guerreiros notáveis[73][98].

Até mesmo a sugestão de um ato especial de criação para os nórdicos é encontrada na definição rígida de Günther de uma raça como aquele grupo de indivíduos que se distinguem por certos traços físicos e psíquicos hereditários[74]. Como as raças podem evoluir se, por definição, elas devem se reproduzir para sempre?

Até mesmo a sugestão barroca de que a pigmentação absorve o "material" que, de outra forma, teria sido usado na cavidade craniana é "mencionada" por Günther para que não se perca para a posteridade[75].

CAPÍTULO V

Tais posturas, é claro, provocaram críticas contundentes até mesmo de racistas dedicados. Em 1938, Ludwig Ferdinand Clauss zombou de todo o procedimento

[97] Se refere a falácia de petição de princípio, no qual um princípio é "provado" a partir dele mesmo, ou seja, as premissas já são tomadas como verdadeira sem serem demonstradas, o que leva o autor concluir que uma determinada tese seja verdadeira com base em premissas já tomadas como verdade.
[98] Novamente aqui, o "[72]" não foi indicado, então mantive o original.

de atribuir certos traços mentais (”capacidade de fazer julgamentos”, “amor à verdade” etc.) a raças específicas como características distintivas. “*É verdade*”, disse ele, “*que os nórdicos são capazes de fazer julgamentos. Ninguém nega isso. Ninguém nega, aliás, que os nórdicos ocasionalmente comem, bebem e dormem — só parece duvidoso que essas características os distinguem dos homens de outras raças.*” [76]

Da mesma forma, se toda a criatividade deriva do sangue nórdico, por que os homens mais proeminentes da história europeia eram de origem racial manifestamente mista? “*Muitos dos homens*”, argumentaram Fischer, Baur e Lenz, “*que são universalmente considerados os maiores da história (por exemplo, Sócrates, Michelangelo, Lutero, Goethe e Beethoven) eram obviamente de raça mista. Falando de modo geral, é excepcional descobrir que homens ilustres exibem um tipo racial puro*”. [77]

E, é claro, como corolário disso, até mesmo amigos sinceros foram levados a perguntar a esses adeptos entusiastas do Nordicismo: *por que a raça nórdica, onde havia sido preservada da mistura de potenciais inferiores, na Escandinávia e no norte da Europa em geral, teve que esperar até ser estimulada por povos bastardos do Mediterrâneo para desenvolver qualquer cultura avançada própria?* [78].

Porém, mais importante do que os problemas teóricos que afligiam esse tipo de Nordicismo eram os sérios problemas táticos que ele provocava.

Ironicamente, foi exatamente a característica do racismo de Günther que o tornou tão atraente em 1930 que gerou os problemas de 1934. As teorias de Hitler (e até mesmo de Rosenberg) não tinham sido suficientemente definitivas. Os arianos de Hitler permaneceram vexatoriamente mal definidos, enquanto Rosenberg não havia necessariamente equiparado o tipo físico à realização individual[79]. Tudo isso parecia muito impreciso. Günther, por outro lado, com seus índices cefálicos, faciais e nasais, seus gráficos de pigmentação e estatura e suas classificações raciais, parecia eminentemente adequado para responder exatamente a essas críticas. Seus livros foram rapidamente adotados pelos teóricos nacional-socialistas[80], resumidos em pequenas brochuras e manuais introdutórios e disseminados por toda a organização do partido[81]. *Mas Günther foi comprado por um preço alto demais*. Günther havia dito aos

nacional-socialistas exatamente o que eram os nórdicos superiores — a primeira pergunta que surgiu quando o primeiro entusiasmo surgiu foi: *onde eles estão?*

Günther foi extremamente específico. **Ele advertiu que não se deve confundir alemães com nórdicos**[82]. A Alemanha era um composto de pelo menos cinco raças européias e duas extra-européias[83]. De acordo com Guenther, a herança nórdica total da Alemanha era, no máximo, de 45% a 50%[84]. Ainda mais desconcertante era o fato de que a população da Alemanha possuía apenas 5% de tipos nórdicos "puros"[85]. E essa seleção foi feita com referência apenas às características morfológicas (fenótipos). Dificilmente se pode inspecionar o plasma germinativo do indivíduo (genótipo) — ou seja, um indivíduo pode ter, infelizmente, uma alma estrangeira[86]. Em uma população geneticamente misturada, *não há uma correlação simples entre aparência física e potencialidade*, de modo que um indivíduo que possua a vestimenta racial dos nórdicos também deve ter uma alma nórdica[99]. As características são transmitidas por meio de uma substância cromossômica específica, *o gene*. Em uma população mista, cada indivíduo herda um total de 10.000 a 45.000 genes. Com uma mistura aleatória, conduzida durante pelo menos os últimos três mil anos (ou seja, a presença de tipos mistos nos primeiros túmulos "nórdicos" [87]), o número de combinações de genes seria infinito, o que significa que o coeficiente de correlação entre as características físicas e psíquicas poderia, matematicamente, ser esperado como nulo[88]. Mais precisamente, não se poderia dizer com segurança que um indivíduo que exibisse todos os traços físicos da raça nórdica possuía igualmente (presumindo-se que houvesse alguma) características mentais nórdicas. **As chances de um indivíduo na Europa contemporânea ter herdado de um número astronômico de ancestrais apenas traços nórdicos são de milhões para um.**

A expressão tática dessa dificuldade teórica se revelou de uma maneira que exigia uma solução imediata. Embora fosse verdade que um "verdadeiro" nórdico (genótipo nórdico) não pudesse ser distinguido de um "pseudo" nórdico (nórdico apenas no tipo físico), parecia razoável (pelo menos para Günther) presumir que, onde se encontrasse uma incidência maior de traços morfológicos nórdicos, encontrar-se-ia uma incidência maior de traços psíquicos nórdicos[100].

---

[99] Ou seja, não deve ter somente a aparência do nórdico, mas deve ter suas propriedades morais e espirituais e agir conforme elas. Apenas a aparência física é insuficiente em tal contexto.

[100] Isso se compreende da seguinte forma: um indivíduo de aparência nórdica, por implicação lógica, possuí mais traços genéticos da raça nórdica do que um não nordico, portanto, o raio de incidência

Desde que isso permanecesse vago e geral, não haveria muita objeção a ser levantada contra isso. Mas novamente Günther insistiu que "*há apenas uma igualdade de nascimento: aquela baseada na clusão de pureza igual*". *"Do ponto de vista racial"*, ele informou seus leitores, "*há apenas uma igualdade de nascimento: aquela baseada na pureza igual do sangue nórdico. Racialmente, o nobre de raça mista não é de nascimento igual ao de uma camponesa nórdica*"[89]. Assim, aqueles que apresentam características físicas nórdicas devem ser considerados "mais dignos" [90], enquanto os tipos mistos, independentemente de sua posição ou capacidade, são correspondentemente inferiores.

Portanto, embora não possamos identificar definitivamente um nórdico "puro", podemos identificar os híbridos (pessoas com menos de 170 cm de altura, cujo índice cefálico é superior a 76, cujo índice nasal é platirrino, cujo índice facial é inferior a 90, cujo cabelo é moreno ou cujos olhos são cor de avelã ou castanhos, que não são esbeltos (nem têm lábios finos ou queixo firme). Esses, Günther nos diz, devemos identificar dolorosamente como bastardos [91] e, como tais, cidadãos de segunda classe — inferiores em valor aos nórdicos (pelo menos fisicamente) "puros".

CAPÍTULO VI

A impossibilidade de aceitar tal conclusão era óbvia, mesmo para o nacional-socialista menos informado. A liderança imediata do Partido NSDAP, com cerca de 95% da população alemã, não atendia aos requisitos de cidadania de primeira classe segundo esse esquema.

Um movimento que havia surgido na Alemanha com a promessa de unificar um povo e que havia prometido a eliminação das distinções de classe como divisórias, viu-se defendendo distinções mais penetrantes e permanentes do que as linhas de classe jamais haviam sido[92]. Os homens às vezes se elevaram acima de sua classe — nenhum homem pode escapar de seu grau de pigmentação ou de seu índice craniano. Essa situação era intolerável, e foi a constatação desse fato que levou os teóricos à ação.

---

do genótipo e genes nórdicos é maior em tal indivíduo, logo, a chance dele agir "psicologicamente" como um nórdico aumenta percentualmente.

Günther deveria ser especificamente rejeitado. Embora reconhecendo o fato de que seus livros haviam servido para estimular a investigação dos intrincados problemas de raça, os aspectos perniciosos da "hipótese nórdica" foram condenados. O entusiasmo com que as ideias de Günther foram aceitas, escreveu Weinert, precipitou conclusões para as quais *"[...] não havia base biológica (...) A consequência foi que, muitas vezes, um orgulho racial infundado ameaçou dividir o povo alemão"*[93].

A primeira declaração clara sobre a reorientação oficial veio do próprio Hitler apenas sete meses depois que ele chegou ao poder, no Nuremberg Parteitag de 1933. Hitler disse: *"Não concluímos a capacidade de um homem a partir de seu tipo físico, mas sim a raça a partir de suas realizações*"[94]. Assim, as realizações, e não o tipo físico, deveriam ser a medida do valor.

Esse princípio apresentado por Hitler entrou nos textos básicos sobre antropologia e hereditariedade e, em 1935, a última fase do desenvolvimento da teoria racial nacional-socialista estava bem encaminhada. Thieme repete o princípio de Hitler e acrescenta: "*... os homens que possuem as qualidades de heroísmo, força de vontade, disposição para o sacrifício e fé desempenharam um papel decisivo na decisão do destino da Alemanha e continuarão a fazê-lo, mesmo que não sejam todos altos, loiros ou de olhos azuis*"[95].

Eichenauer chega ao ponto de informar seus leitores que a quantidade de sangue nórdico que um indivíduo possui não significa nada (*spielt keine Rolle*) no esquema nórdico das coisas, porque "*tem sido frequente o fato de que homens de raças extremamente misturadas (stark gemischter Rasse) conceberam e compreenderam essas noções com mais força do que os predominantemente nórdicos"*[96].

Goebbels é identificado francamente como um nórdico — mediterrâneo [97] restaurado à cidadania de primeira classe. Em meados de 1936, a *Nationalsozialistische Korrespondenz* declarou com clareza e autoridade: *"Pelos seus atos, pode-se reconhecer o homem nórdico — não pelo comprimento de seu nariz e pela cor de seus olhos"*[98].

De fato, essa última fase da teoria racial nacional-socialista foi uma rejeição completa do Nordicismo de Guenther. A raça mongol foi restaurada como a

criadora da cultura asiática [99] e a raça mediterrânea foi mais uma vez mencionada como a criadora da alta cultura do antigo Mediterrâneo[100]. "Quase toda" a arte clássica não era mais concebida como nórdica, mas como mediterrânea[101].

Dizem-nos que: *"(...) as raças se distinguem não por suas características, pois as mesmas características podem ser encontradas em raças diferentes(...) Por exemplo, um mediterrâneo pode ser tão corajoso quanto um nórdico, um alpino tão musical quanto um dinárico, um báltico oriental tão astuto quanto um nórdico. Por outro lado, nem todos os mediterrâneos são corajosos, nem todos os nórdicos. Mas quando um mediterrâneo é corajoso, ele é corajoso à 'moda mediterrânea', assim como um nórdico seria corajoso à 'moda nórdica'."* [102]

Aqui está um racismo totalmente diferente, um Nordicismo totalmente diferente daquele de Günthere seus seguidores. Aqui não se tratava de uma questão de inferioridade geral, mas sim de manter um ideal como arquétipo para toda uma civilização. A Alemanha tinha um arquétipo nórdico; sua forma de arte era nórdica; sua literatura e filosofia, sua música e instituições eram inspiradas por ideais nórdicos. Cada alemão recebeu esse patrimônio dos elementos raciais originais, agora inextricavelmente misturados à nação alemã, entre os quais predominavam os nórdicos. Não se tratava de uma questão de valor intrínseco, de superioridade e inferioridade nacional e racial que dilacerava os povos da Europa. Não existe um padrão transcendental pelo qual se possa avaliar as diferenças raciais[103]. Um povo caracteristicamente mongol possui uma herança e um ideal mongol, um povo mediterrâneo possui um ideal mediterrâneo[104].

O Dr. Walter Groß, chefe do *Rassenpolitische Amt* do NSDAP, disse o seguinte:

"Apreciamos o fato de que as pessoas de outra raça são diferentes de nós (...) Não podemos julgar se essa outra raça é "melhor" ou "pior". Isso exigiria que transcendêssemos nossas próprias limitações raciais enquanto durasse o veredicto e assumíssemos uma atitude sobre-humana, até mesmo divina, a partir da qual somente um veredicto 'impessoal' poderia ser formado sobre o valor ou a falta de tal das muitas formas vivas da natureza inesgotável". [105]

Menos de um ano depois, em 1939, ele definiu a posição oficial da teoria racial nacional-socialista madura[106]:

> "Uma situação séria surgiu devido ao fato de que outros povos e Estados, por causa das leis raciais alemãs (...) sentiram-se atacados e difamados (...) Por exemplo, o mundo inteiro do Extremo Oriente permaneceu por muito tempo com a impressão de que os alemães (...) os designaram como indignos, como humanidade de segunda classe e que os alemães se imaginavam como os únicos detentores da cultura (...) O que poderíamos dizer àqueles que viam no racismo alemão uma difamação fundamental dos homens de outras raças? Não poderíamos fazer nada além de, com paciência e convicção, repetir que o racismo alemão não avalia nem deprecia outros grupos raciais (...) Ele apenas reconhece, cientificamente, que existem diferenças (...) Muitas vezes ficamos perturbados com a indiscrição ou até mesmo com a estupidez em nossa própria terra quando, logo depois de termos deixado claro para algumas pessoas que respeitávamos e honrávamos (...) suas qualidades raciais, algum tolo selvagem fabricou suas próprias ideias sobre raça e declarou que essas mesmas pessoas eram racialmente inferiores e estavam em algum lugar abaixo da vaca ou do asno, e que suas características eram degradantes ou impuras e sabe-se lá o que mais! Com essas afirmações idiotas, foram repelidos e ofendidos não apenas povos estrangeiros em partes distantes do mundo, mas até mesmo nossos próprios vizinhos na Europa, muitas vezes até mesmo amigos da Alemanha nacional-socialista ligados a nós historicamente e pelo destino."

Finalmente, no final da guerra, mesmo sob as sombras da derrota, o quartel-general do Reichsführer-SS (Himmler) publicou o trabalho do Dr. Ludwig Eckstein. Ele dissecou cuidadosamente os restos do Nordicismo adquiridos mais de uma década antes a um custo tão alto e concluiu[107]:

> "Ao mesmo tempo em que apoiamos nossa própria raça e, se necessário, lutamos contra outras raças para proteger seu direito à existência, não devemos ignorar o fato de que quase todas as raças apresentam algo em si mesmas que é sólido e biologicamente resolvido e, portanto, belo, natural e valioso (...) Cada raça carrega, antes de tudo, a medida do valor em si mesma. Quando entendemos isso, não fomentamos sentimentos de inferioridade em outras pessoas, uma consequência que as teorias raciais existentes até agora muitas vezes alcançaram (...)."

CAPÍTULO VII

Foi nessa última fase que a teoria racial nacional-socialista foi interrompida. Pouco se sabe sobre essa última fase fora do círculo intelectual imediato que a promoveu.

Com o fim das hostilidades, o trabalho de meia década foi disperso ou destruído, deixando apenas a imagem trágico-cômica do Nordicismo de Guenther e seus seguidores, para aparecer e reaparecer como o equívoco popular da teoria nacional-socialista da história.

Na verdade, os elementos de uma teoria muito mais profunda podem ser discernidos nos poucos livros que sobreviveram e que marcam a última fase dinâmica do desenvolvimento de um conceito de raça livre dos obstáculos de um Nordicismo histérico[108].

Já em 1933, os primeiros elementos podem ser encontrados em Merkenschlager [109] — mais tarde, alguns aparecem em von Eickstedt [110] e ainda mais tarde em Groß[111].

Na Itália, as mesmas tendências se revelaram no Manifesto Racial Fascista de 1938 e no trabalho de Maggiore [112] e Franzi[113]. Em todos os lugares, não se falava mais de raças fixas e imutáveis[114], mas de raças em formação, cujos componentes surgiram do cadinho do passado — raças em formação, moldadas pelo ideal de uma herança viva — para a Alemanha, um mito nórdico, para a Itália, uma devoção animadora da Romanita. Fala-se de raças ainda a serem formadas pela vivência de um ideal, unidas por um destino comum, nutridas em um ambiente comum, cuja expressão política é a Nação[115].

Aqui estão os germes de uma visão de mundo que faz do homem um criador, um construtor de raças futuras; uma filosofia que une história, política e raça, eugenia e humanismo, orgulho de si mesmo e respeito pelos outros, uma filosofia cientificamente sólida e emocionalmente satisfatória. Essa é a promessa de uma visão de mundo ainda meio formulada e mal expressa, com a qual nosso tempo deve lutar; a Weltanschauung que traz em si a promessa do Bom Europeu de Nietzsche.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS (DE JAMES GREGOR)

[1] Veja os livros: Dahlberg, Race, Reason and Rubbish; Benedict, Race and Racism, Race and Politics; Ashley-Montague, The Fallacy of Race: Man's Most Dangerous Myth.

[2]. cf. Hitler, Mein Kampf (unabridged), New York, Reynal and Hitchcock, 1939, p. 392.

[3]. cf. Hankins, The Racial Basis of Civilization, p. 75 4. Rosenberg, Mythus des 20. Jahrhunderts, p. 596.

[5]. As principais obras de Guenther (cujas abreviações serão usadas a partir de agora) incluem Rassenkunde des deutschen Volkes, Kleine Rassenkunde des deutschen Volkes, Rassenkunde Europas (cuja tradução foi publicada com o título Racial Elements of European History,) Adel und Rasse, Rasse und Stil, Der Nordische Gedanke unter den Deutschen.

[6]. Guenther, REoEH, p.3; KRddV, pp. 10 f, RddV, pp. 14 f.

[7]. RddV, chap. V, KRddV. Chap. 2 (A), REoEH, chap.2 (A).

[8] cf. REoEH, III (A), KRddV, IV (A), RddV, chap. Xii.

[9]. "*Quando examinamos a queda de cada caso dos grandes impérios e culturas criativas da Índia para o Ocidente, isso sempre pode ser visto claramente: que toda 'queda' de um povo de fala indo-europeia é provocada pela secagem do sangue da raça nórdica criativa*". REoEH, p.198, cf. 184, 191, 199f., 212; *"(...) toda 'queda' de um povo de fala indo-alemã é determinada pela secagem do sangue da raça criativa, a raça nórdica."* — RddV, p. 326, cf. p. 409.

[10]. RddV, p. 318 n., REoEH, p. 257 n.

[11]. *"Na pré-história da Europa, apenas duas raças se mostraram verdadeiramente criativas, e elas devem ser consideradas como as verdadeiras*

raças europeias: a nórdica e a mediterrânea(...)" — REoEH, pp. 116 f., cf. RddV, pp. 299 f., 312 ff.

[12]. Weinlaender, Rassenkunde, Rassenpaedagogik und Rassenpolitik, Weissenburg, Orion, 1933.

[13]. Ibid., p. 5.

[14]. Ibid., pp. 13, 103.

[15]. Ibid., p. 14.

[16]. Hauser, Der Blonde Mensch, Danzig, Verlag der Mensch, 1930, p. 6.

[17]. "*Deus quis se manifestar no homem nórdico*(...)" Weinlaender, op. cit., p. 139.

[18]. Ibid., p. 104.

[19]. Ibid., pp 83. 143.

[20]. Ibid., p. 105.

[21]. Ibid., p. 106.

[22]. "*Onde, entre as raças inferiores, são encontradas mulheres bonitas, houve uma infusão de sangue nórdico (...)"* Ibid., p. 125. 23. "*A cabeça comprida e a alta estatura entre as tribos negras, por exemplo, em Benin, é apenas uma herança dos vikings nórdicos (...) que se estabeleceram lá e se misturaram com eles."* Ibid., p. 110.

[24]. Ibid., p. 133.

[25]. Ibid.

[26]. Staemmler, Rassenpflege im völkischen Staat, München, Lehmanns, 1933, p. 6.

[27]. Baltzer, Rasse und Kultur, Weimar, Duncker, 1934, pp. 9 ff.

[28]. Rudolf Jung, Nationalsozialismus und Rasse, Nationalsozialistische Bibliothek, Heft 31, 1934, p. 23.

[29]. Gerhart, Kurzen Abriss der Rassenkunde.

[30]. Baltzer, op. cit., pp. 30 f.

[31]. Ibid., p. 144.

[32]. Ibid., p. 120.

[33]. Ibid., pp. 106 ff., cf. Weinlaender, p. 142.

[34]. cf. REoEH, p. 180, fig. 224 a. b.

[35]. cf. Baltzer. Op. cit., p. 17, Hirsch, Rasse und Kultur, p. 164 RddV, p. 385.

[36]. For Nelson cf. Ellis. A Study Of British Genius, p. 290.

[37]. RddV., p. 217.

[38]. Baltzer, op. cit., p. 264.

[39]. KRddV, p. 69.

[40]. RddV, p. 425 n. 2; Rosenberg, op. cit., pp. 183 f.

[41]. KRddV, p. 69.

[42]. Hauser, op. cit., p. 10.

[43]. cf. Coon, Races of Europe, plate 7 figure 1.

[44]. cf. Ellis, op. cit., p. 290.

[45]. For the cephalic indices of the proceeding cf. Hirsch, op. cit., p. 163.

[46]. REoEH, p. 188.

[47]. REoEH, p. 188

[48].Woltmann, Die Germanen und die Renaissance in Italien, p. 107.; Hauser, op. cit., p. 56; Baur, Fischer, Lenz, Human Heredity, p. 692.

[49]. Hauser, op. cit., p. 56.

[50]. Woltmann, Die Germanen in Frankreich, p. 104.

[51]. Ibid.

[52]. Rauser, op. cit., p. 56.

[53]. Ibid.,

[54]. Ibid.

[55]. Ibid.

[56]. Ibid

[57]. Ellis, op. cit., p. 56.

[60]. Ibid.

[61]. Weinlaender, op. cit., p. 291, fig. 182.

[62]. Ibid., p. 292.

[63]. cf. Coon, op. cit., p. 194.

[64]. REoEH, p. 23, RddV, p. 68.

[65]. REoEH, p. 11.

[66]. Ibid., p. 12.

[67]. Ibid., p. 11.

[68]. Ibid., p. 157.

[69]. Sergi, Origine diffusione delle stirpe mediterrana., p. 22; The Mediterranean Race, p. 20; Winkelmann, Geschichte der Kunst, i, bk. i, p. 33.

[70]. REoEH, p. 132.

[71]. Ibid., p. 129.

[72]. Ibid., p. 177.

[73]. Baur, Fischer, Lenz, op. cit., p. 638. 74. "…immer wieder ihresgleichen hervorbringen." RddV. p. 9.

[75]. cf. RddV. p. 194, n. 2.

[76]. Clauss, Rasse und Charackter, Frankfurt am Main, Diesterweg, 1938, p. 12.

[77]. Baur, Fischer, Lenz. op. cit., p. 692.

[78]. cf. Franzi, Fase attuale del razzismo tedesco, Istituto Nazionale di Cultura Fascista, Roma. 1939, p. 41; Cogni, Il Razismo, Milano, Bocca, 1937, pp. 240 f.

[79]. cf. Rosenberg. op. cit., pp. 287, 596.

[80]. cf. von Leers, Rassische Geschichtsbetrachtung: was muss der Lehrer davon wissen? Berlin, Beltz, 1941, p.13. 81. cf. Ruldof, op. cit., vorwort; Rosten , Das ABC des Nationalsozialismus, chap. xvi.

[82]. KRddV , pp. 9 f., REoEH, pp. 1 f., Weinlaender, op. cit., p. 143.

[83]. R.oEH, pp. 88 ff, RddV, pp. 13 ff, 23 f; Ruldolf, op. cit., chap. iii; Rosten, op. cit., p. 232; Stengel-von Rutkowsjki, Grundzuege der Erbkunde und Rassenpflege, p. 57; Jess, Rassenkunde und Rassenpflege, pp. 79 ff.

[84]. cf. REoEH, p. 89; Stengel-von Rutkowsjki, op. cit., p. 57.

[85]. cf. Rudolf, op. cit., p. 13.

[86]. Stengel-von Rutkowsjki, op. cit., p. 43.

[87]. cf. Sergi, Origine, pp. 18 f; Lissauer, Crania Prussica, Zeitschrift fuer Ethnologie X, Virchow, Alte Berliner Schaedel, Schaedel von Neuestaedter Felde, Ibid., XII; cf. Weidenreich, Apes, Giants and Man, pp. 102 ff

[88]. cf. Dahlberg, op. cit., pp 207 f.Essa crítica foi aceita pelos nacional-socialistas como válida.; cf. Weinert, Biologische Grundlagen fuer Rassenkunde und Rassenhygiene, Stuttgart, Enke, 1943, pp. 166 f.

[89]. REoEH, p. 204.

[90]. DNGudD, p. 75.

[91]. RddV, p. 15.

[92]. cf. Franzi, op. cit., pp. 44 f.

[93]. Weinert, op. cit., p. 166.

[94]. cf. Baynes, Hitler Speaks, 1922-39, I, p. 469 *"(...) não apenas inferir da raça para a habilidade, mas também da habilidade para a raça."* cf. Jess, op. cit., p. 46. "*O problema decisivo que restou foi o seguinte: Qual era o método pelo qual se deveria encontrar esses homens que, como sucessores dos antigos criadores do corpo de nosso povo e, portanto, como seus herdeiros, poderiam hoje manter seu trabalho? Aqui havia apenas uma possibilidade: não se podia*

inferir a capacidade a partir da raça, mas era preciso inferir da capacidade a aptidão racial para a tarefa." Hitler in Baynes, I, p. 476, cf. II, p. 990.

[95]. Thieme, Vererbung, Rasse, Volk, Leipzig, Teubner, 1953 p. 41.

[96]. Eichenauer, Die Rasse als Lebensgesetz in Geschichte und Gesittung, Leipzig, Teubner, 1934, p. 136.

[97]. Ibid., p. 27.

[98]. Citado em: Eichen, Rassenwahn, Briefe ueber die Rassenfrage, Paris, Carrefour, 1936, p. 8.

[99]. Thieme, op. cit., pp. 38 f.

[100]. Ibid., p. 43.

[101]. Eichenauer, op. cit., p. 27.

[102]. Ibid., p. 20; cf. Clauss, op. cit., I, chap. 1.

[103]. Ibid., p. 65.

[104]. Ibid.

[105]. Gross, Der deutsche Rassengedanke und die Welt, 1939, pp. 24-28.

[106]. Nota do tradutor: James Gregor está referenciando o livro *Der deutsche Rassengedanke und die Welt.*

[107].SS Obersturmbannfuehrer Eckstein, Rassenleib und Rassenseele, Zur Grundlegung der Rassenseelenkunde, p. 71.

[108]. "*Raça é destino. Um destino tão terrível, tão convincente, tão imutável que marca um homem como criminoso e faz do outro um gênio. Nenhum desses homens é responsável pelo que é. Não há livre arbítrio no sentido de que eu possa alterar ou formar meu caráter como quiser. Meu caráter, minha essência,*

está lá. Ele é imutável; foi-me dado como um destino. Eu não controlo meu caráter, meu caráter me controla (...)" Staemmler, op. cit., p. 10.

[109]. Merkenschlager, Rassensonderung, Rassenmischung, Rassenwandlung, Berlin, Hoffman, 1933.

[110]. von Eickstedt, Die rassischen Grundlagen des deutschen Volkes, Koeln, Schaffstein, 1934.

[111]. Gross, Rasse, Weltanschauung, Wissenschaft, Berlin, Junker und Duennhauft, 1935, Der deutsche Rassengedanke und die Welt, Berlin, Junker und Duennhaupt, 1939.

[112]. Maggiore, Razza e Fascismo, Rome, 1939.

[113]. Franzi, op. cit.

[114] "*A estase racial (Rassenstatik) tornou-se, nos últimos dez anos, ainda mais sem vida (...) O que agora se anuncia é uma dinâmica racial*." Merkenschlager, op. cit., p. 7.

[115]. *"(...) as raças fornecem os fundamentos originais de nossa essência e de nossas expressões; elas determinam a expressão coletiva física e psíquica de nosso povo; mas nosso povo é uma nova unidade biológica cujos membros estão unidos nas faixas portentosas de uma comunidade de sangue em uma pátria comum. Em um povo, as profundas leis biológicas da evolução humana, hereditariedade e seleção, adaptação e deriva genética, se realizam. A raça é, portanto, um resultado, o povo é o início da evolução biológica dos grupos humanos (...)*" von Eickstedt, op. cit., p. 12.

Apêndice B: Inferior ou diferente? Um esclarecimento nacional-socialista sobre o uso de "inferior"

Publicado pela "*Der Weltkampf Monatsschrift für Weltpolitik, völkische Kultur u. die Judenfrage aller Länder 13-16., 13. Jahrgang, September 1936* — [Titulo]: *Minderwertig oder andersartig?"*

Ao debater a questão racial, os oradores nacional-socialistas costumam enfatizar expressamente que o esforço para preservar a pureza da própria raça não deve ser visto como um julgamento negativo das outras raças; estas devem ser consideradas diferentes, mas não inferiores.

Por mais correta que seja essa opinião do ponto de vista do pesquisador racial, ela acarreta o risco de induzir o leigo a considerar toda a complexidade das questões raciais como irrelevantes[101]. Para alguém que ainda não se aprofundou muito nessas questões, é naturalmente difícil compreender por que razão a preservação da pureza da sua própria raça é considerada um dever tão rigoroso, se ela não é superior a todas as outras raças. Embora a ideia de se misturar com raças inferiores[102] certamente o assustasse, ele continua inclinado a se reconciliar facilmente com o conceito neutro de mera diferença. Para a tão importante disposição própria de servir ao ideal racial, falta-lhe o impulso que ele certamente obteria da ideia de que a sua raça é de longe a mais nobre.

A afirmação fundamental acima mencionada necessita, portanto, de complementos e explicações essenciais, para que não seja mal interpretada por aqueles que ainda não têm nenhum conhecimento ou têm apenas um conhecimento superficial do significado da raça.

Cada raça possui um conjunto de características físicas e mentais que lhe são próprias, que foram previstas e ponderadas na sua concepção original de forma a garantir aos membros de cada raça a melhor autoafirmação possível no espaço vital que lhes foi atribuído. Assim, cada raça, no local onde surgiu e foi chamada a dominar o seu ambiente imediato, estava mais perfeitamente

[101] Ou seja, significa apenas que ela ***PODE*** acarretar em negação das diferenças raciais.
[102] O autor explicará o que significa exatamente "inferior" ou "inferiores" em relação a raças.

preparada para as tarefas que lhe foram atribuídas, muito mais perfeitamente do que qualquer outra raça.

Assim, todas as raças eram originalmente equivalentes em termos da sua adequação ao respetivo habitat; dentro desse habitat e em relação a ele, cada raça era superior a todas as outras, mas ao mesmo tempo inferior, assim que se consideravam as exigências de um habitat que lhe era estranho[103]. Neste último, faltavam então as correspondências válidas entre as predisposições físicas e mentais da raça e as tarefas e condições de vida que lhe eram impostas no ambiente estranho. Basta comparar o homem nórdico com o tropical e as condições geopolíticas que lhes são reservadas para confirmar estas afirmações.

Daí se conclui que a avaliação do valor de uma raça nunca deve partir de uma comparação das suas realizações com as de outra, mas deve basear-se exclusivamente numa análise conscienciosa para determinar se a raça e a sua atividade vital estão em harmonia com as exigências do seu habitat natural. O sangue e o solo (**Blut Und Boden**) estão intrinsecamente ligados e condicionam-se mutuamente.

Isso explica por que qualquer invasão de uma raça no habitat de outra deve levar a confusões e desequilíbrios. Os habitantes indígenas altamente civilizados do Peru, que viviam em prosperidade e paz, após a invasão dos portugueses brancos, enfrentam uma decadência terrível, e estes, por sua vez, tornam-se ladrões e assassinos comuns. O fato de as repúblicas sul-americanas, agora colonizadas por brancos, mestiços e apenas alguns remanescentes dos povos indígenas, ainda se encontrarem em constante agitação após séculos de

[103] Ou seja, é dito que a superioridade racial se dá através do campo em que ela (a raça) se desenvolveu e é seu solo de origem. Digamos, por exemplo, que um negro é “superior” ao nórdico escandinavo quando o negro está em sua terra natal (africa subssariana), pois uma pele mais “escura” (+ presença de melanina) garante melhor absorção da luz e dos raios solares, evitando queimaduras ou doenças de pele grave, alem de predisposições maiores para força e explosão muscular que o negro tem (isso se deve ao fato negros terem se desenvolvidos em áreas inospedos com forte presença de animais predadores), mas lembrando que não é regra a questão de força, não necessariamente um negro em particular é mais forte que um nórdico neste contexto, mas é uma predisposição de ter uma explsosão muscular maior. Quando falamos de raça, não falamos de um membro isolado, mas da totalidade, do geral, do todo. Um nórdico é “superior” em seu solo natural pelos mesmos conceitos apresentados anteriormente, por isso falar de “superioridade” e “inferioridade” racial no âmbito comparativo é falsa, pois cada raça tem suas próprias particularidades genéticas que são apropriadas ao SEU modo de ser, viver e desenvolver-se. A única superioridade “racial” que talvez poderia ser mais “justa”, seria a cultural, comparando o que foi produzido de melhor por cada raça e sua contribuição para o avanço civilizacional, no qual é mais a visão em si do Mein Kampf de Hitler.

colonização, é a vingança do espaço vital violado contra os conquistadores estranhos à sua espécie.

Mas se a invasão de uma raça num habitat que não lhe é natural já causa graves perturbações e atritos, então a invasão de sangue estranho numa raça autóctone conduz certamente à perigosas manifestações de decadência; pois a absorção desse sangue estranho significa o influxo de características estranhas e a diminuição das características genéticas próprias, perturbando assim as relações harmoniosas dos seres humanos com o ambiente que lhes é próprio. As mudanças que ocorrem com a raça, com os genes físicos, mentais e de caráter, resultam numa desvalorização, na medida em que diminuem a capacidade de dominar as tarefas que são impostas ao ser humano nesse ambiente. Ocorre um deslocamento dos paralelos representados pelo sangue e pelo solo, de modo que estes já não seguem na mesma direção, mas, em parte, divergem e, em parte, colidem, substituindo assim a harmonia pela contradição.

Quanto mais profunda for essa mistura de sangue, mais forte se torna essa contradição e, finalmente, tem-se o direito de designar essa raça mista como inferior, porque perdeu a capacidade original de dominar o seu espaço vital.

Por isso, é preciso ter em mente as seguintes conclusões:

1) Todas as raças, por mais diferentes que sejam umas das outras, têm, em relação ao espaço vital que lhes foi originalmente atribuído, um valor absolutamente igual;
2) No entanto, num espaço vital estranho, cada raça perde essencialmente o seu valor, sem por isso se tornar inferior;
3) A inferioridade de uma raça não pode ser medida pelas capacidades de outra, mas baseia-se única e exclusivamente no fato de que em medida ela, por infidelidade a si mesma, ou seja, por abandonar a sua pureza original, renunciou aos seus traços genéticos originais. Mas isso é um assunto que cada raça tem de resolver consigo mesma, porque, em primeiro lugar, é ela própria que sofre com isso.

Com base nessas verdades, chega-se à conclusão de que, por um lado, a acusação de que a valorização da raça é sinónimo de exaltação da raça é

totalmente infundada e, por outro lado, que o cuidado preferencial com a própria raça é perfeitamente compatível com o respeito pelas outras raças.

Quando as pessoas alemãs aspiram à acumulação de características raciais nórdicas e à rejeição de características genéticas estranhas, elas apenas querem expressar que não consideram a raça nórdica a mais nobre de todas, mas sim a mais adequada à nossa posição no cosmos, porque sabemos por experiência que só a partir dela podemos obter as forças indispensáveis para afirmar e realizar o nosso povo.

Concedemos o mesmo direito, que é ao mesmo tempo um dever, a todas as outras raças, porque estamos convencidos de que a paz geral e a felicidade da humanidade só serão garantidas quando a ordem divina for totalmente restaurada em nações e povos de características próprias.

Por isso, *e apenas por isso*, desejamos a separação e a reordenação progressiva do nosso povo alemão.

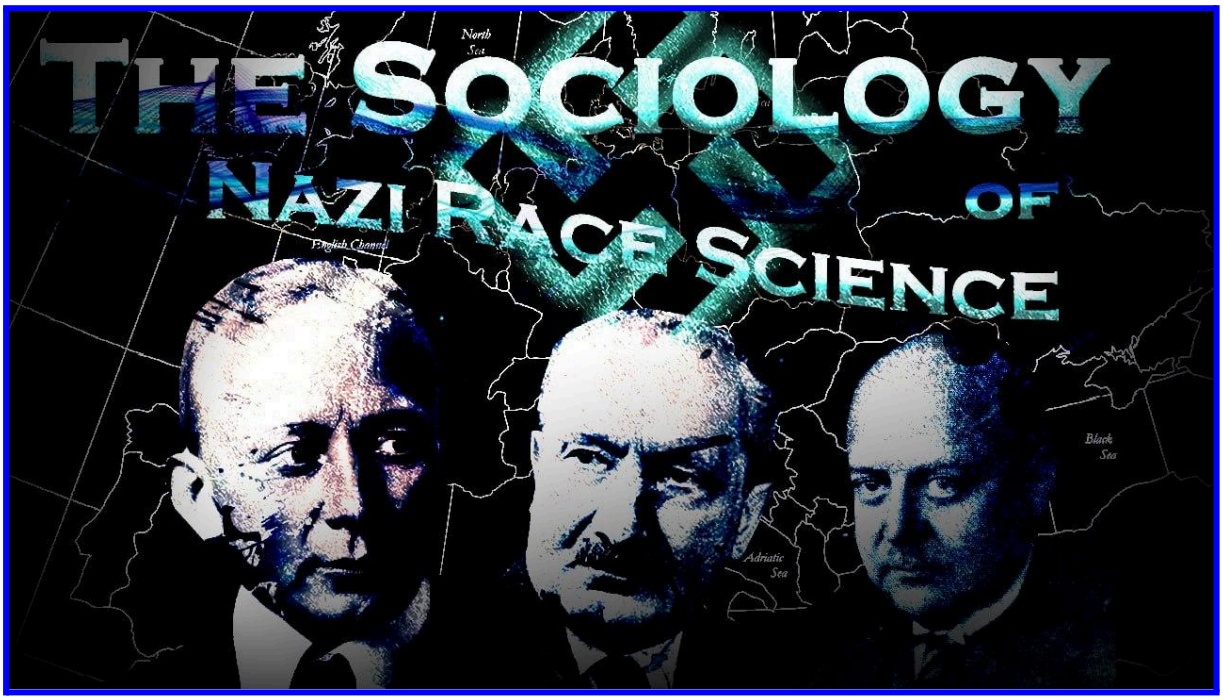
Ao procurarmos, segundo os nossos adversários políticos e ideológicos, por "arrogância", preservar e aumentar a nossa herança nórdica, desejamos dar um exemplo digno de imitação a todas as outras raças e povos e servir um futuro melhor para a humanidade.

Assim como, segundo uma frase de Frederico, o Grande, todos devem ter o direito de viver espiritualmente de acordo com a sua crença, da mesma forma a comunidade do povo deve ter todas as garantias para a preservação da sua identidade cultural. Somente com a aplicação uniforme desses princípios, que incluem o respeito incondicional por todas as diferenças com base no mesmo princípio, será possível criar as bases para uma coexistência pacífica e duradoura entre todas as raças, povos, clãs e classes sociais.

Quem se exclui conscientemente destes esforços humanitários e pacíficos no sentido mais nobre e continua a defender o caos racial judaico-clerical-liberalista ou a promovê-lo através do seu próprio comportamento, revela-se assim um inimigo do povo e da humanidade da pior espécie, um pecador desprezível do sangue e do solo.

BÔNUS

A sociologia da ciência racial nacional-socialista (Zoltanous)



Observações importantes: ***não concordo com tudo dito neste ensaio***, *mas acho que ele tenha informações interessantes e pontos de vista que valem a pena serem lidos,* ***seja para concordar ou criticar****. Ele oferece uma perspectiva, mesmo que pecadoras em certos pontos na minha visão, todavia, são únicas e diferenciada acerca da ciência racial dos nacional-socialistas alemães.*

https://open.substack.com/pub/fascio/p/the-sociology-of-nazi-race-science?r=27x4b0&utm_campaign=post&utm_medium=web

***

Hoje em dia, acredita-se que a ciência racial nazista adotou o conceito de "racismo científico" (também conhecido como "realismo racial"), que era predominante nos círculos intelectuais de democracias liberais como Inglaterra, França e Estados Unidos. Costuma-se afirmar que o declínio do racismo científico na segunda metade do século XX se deveu, em parte, à sua associação com o nazismo, que havia caído em desuso. No entanto, essa noção é enganosa.

Na realidade, a sociologia da ciência racial nazista mostra que o nacional-socialismo não apenas discordava do racismo científico em várias frentes, mas também representava um dos primeiros esforços organizados pelos intelectuais alemães para desafiar suas premissas e conclusões fundamentais. A ironia mais marcante é que a rejeição do racismo científico como uma "pseudociência" no século XXI não teve origem nos pensadores liberais progressistas da segunda metade do século XX, mas sim nos intelectuais nacional-socialistas da década de 1930. Os nazistas viam as ideias centrais do racismo científico como um meio de defender a "supremacia do espírito burguês" e "fortalecer a sua hegemonia (liberal)" (Rindermann, 2018).
Esta realidade é frequentemente ignorada pelos historiadores tradicionais, que afirmam que a sociologia na Alemanha ficou completamente paralisada após o NSDAP ter conquistado o poder político, mas esta afirmação está longe de ser precisa.

Sociologia alemã no Terceiro Reich

Os anos entre 1933 e 1945 representam um capítulo particularmente difícil na história da sociologia. É crucial distinguir entre dois desenvolvimentos diferentes durante esse período: a sociologia que persistiu sob o regime nacional-socialista e a chamada "sociologia no exílio". Embora possa ser mais fácil argumentar que a sociologia no exílio continua a fazer parte da sociologia alemã, o desafio reside em reconhecer e legitimar a disciplina que continuou a desenvolver-se na Alemanha durante o Terceiro Reich. Muitos relatos históricos sobre a sociologia durante esta época são pouco claros, sugerindo frequentemente que a sociologia alemã entrou em paralisação total em 1933. Klingemann (1981: 273) destaca as dificuldades em analisar a história da disciplina durante esse período, observando que os adeptos de várias escolas sociológicas parecem acreditar que esses doze anos foram insignificantes para o campo. Ao mesmo tempo, esse período gera debates intensos e muitas vezes acalorados entre os poucos estudiosos envolvidos com ele, complicando o estabelecimento de fatos amplamente aceitos. O trabalho fundamental de Rammstedt (1986) oferece uma visão abrangente da sociologia durante o regime nazista e identifica dois pontos de vista principais no discurso em curso. O primeiro postula que a sociologia foi interrompida de 1933 a 1945; os nazistas, hostis aos intelectuais liberais, marxistas e judeus, efetivamente acabaram com a sociologia em 1933, com um renascimento somente após 1945. O segundo ponto de vista argumenta que a sociologia não pode alinhar-se com quaisquer esforços académicos fascistas ou de direita "engajados", muitas vezes sobrepondo-se ao primeiro. Paulsen (1988) introduz uma terceira perspetiva, sugerindo que a sociologia praticada durante a era nazista não teve impacto duradouro nos desenvolvimentos pós-1945. Esta perspetiva contradiz diretamente as duas primeiras e influenciou significativamente as discussões do

pós-guerra. Os desafios em compreender a história do campo de 1933 a 1945, conforme refletido nessas três teses, levaram ao seu isolamento, a uma percepção diminuída de sua importância e até mesmo a alegações de sua inexistência. Consequentemente, a falta de dados substanciais sobre essa era pode ser atribuída às crenças predominantes de muitos historiadores sociológicos em relação a essas três teorias. Por exemplo, as conferências sociológicas nacionais no período pós-guerra negligenciaram amplamente o tema, que permanece relativamente inexplorado até hoje.

Um aspecto crucial da análise da sociologia alemã de 1933 a 1945 é determinar se é possível realizar uma discussão significativa sobre o trabalho académico classificado como sociologia durante esse período. Esta é uma questão substantiva. Primeiro, é necessário estabelecer o quadro contextual. É importante reconhecer que os indivíduos, instituições e publicações daquela época foram rotulados como "sociológicos"; em outras palavras, a autopercepção de certos segmentos da comunidade académica diferia significativamente da compreensão moderna da disciplina. Se deixarmos de lado as visões contemporâneas por um momento, o que era considerado sociologia naquela época? Explorar essa questão não só ajudará a esclarecer esse período dentro da história mais ampla da disciplina, mas também incutirá uma cautela importante em qualquer discussão sobre as transformações que um campo acadêmico pode sofrer em diferentes contextos históricos.

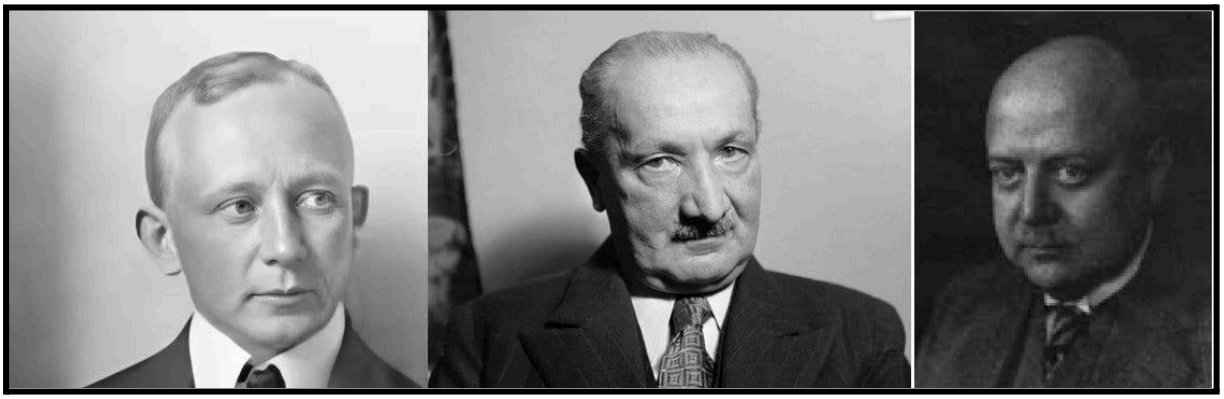
Rammstedt contesta a afirmação de que o regime nazista discriminou e perseguiu todos os sociólogos.

> "Uma rejeição geral da sociologia por parte do NSDAP ou da ideologia nacional-socialista certamente não aconteceu. Em vez disso, a carreira da palavra "sociologia" pode ser traçada como uma consequência dos aspectos "völkisch" propagados pela ideologia nazista; ela acompanhou a popularização da perspetiva sociológica e sua integração na *Weltanschauung* (visão de mundo) nacional-socialista, à medida que esta última se transformava no conhecimento dominante." — (Rammstedt 1986: 146)

Curiosamente, o próprio Hitler provavelmente teria abraçado o papel de professor de sociologia. Para concorrer às eleições presidenciais, ele precisava obter a cidadania alemã, e uma solução proposta em 1932 foi nomeá-lo para o cargo de "Teoria Social Orgânica e Política" na Universidade Técnica de Braunschweig (Deuerlein 1968: 374). Alguns programas de sociologia já haviam adotado a ideologia nazista muito antes de o NSDAP chegar ao poder em 1933. O que aconteceu após 1933 foi uma marginalização sistemática de quaisquer ideias que contradizessem o regime ou não se alinhassem com os seus princípios fundamentais, juntamente com um controle cada vez mais total sobre os movimentos que apoiavam o regime e recebiam o seu endosso. No entanto, esse domínio não foi apenas resultado das políticas do governo nazista, que

visavam e proibiam movimentos opositores; ele também foi influenciado pela interação entre as políticas oficiais e a dinâmica interna das disciplinas académicas. Os defensores de pontos de vista alinhados com o regime ofereciam apoio e serviços e, em troca, eram recompensados por suas contribuições. Consequentemente, a sociologia tornou-se mais coesa por meio de seus próprios métodos, que incluíam as políticas da Deutsche Gesellschaft für Soziologie (Associação Alemã de Sociologia), comumente referida como DGS. Um aspecto frequentemente esquecido é a extensão da institucionalização e profissionalização centralizadas que ocorreram durante toda a era do Terceiro Reich.

> "Sem dúvida, a sociologia era praticada na Alemanha sob o nacional-socialismo. Em 1944/45, havia mais cátedras do que em 1932/33; o número de institutos sociológicos universitários e extrauniversitários cresceu rapidamente; um campo profissional para sociólogos fora da academia tornou-se realidade pela primeira vez. ... Em 1933/34, muitos sociólogos tiveram que deixar a Alemanha. Mas em 1935, mais estudiosos na Alemanha se definiam como sociólogos do que nunca." — (Rammstedt 1986: 164)



Da esquerda para a direita: Hans Freyer, Martin Heidegger e Johann Plenge

Várias figuras proeminentes da sociologia nazista continuam influentes até hoje:

- Hans Freyer, sociólogo alemão, defendia uma revolução antiliberal, antimaterialista e antimarxista da direita, que priorizava as conexões orgânicas e a comunidade (Gemeinschaft) em detrimento da fragmentação da sociedade industrializada (Gesellschaft).
- Martin Heidegger, um filósofo existencialista alemão, estava politicamente envolvido com o nacional-socialismo e atuou como reitor da Universidade de Freiburg. Após a Segunda Guerra Mundial, ele não se desculpou nem expressou arrependimento em relação aos seus laços com o nacional-socialismo. O filósofo russo Aleksandr Dugin considera Heidegger uma grande influência, extraindo conceitos como "Dasein"

(existência) e “Das Volk” (traduzido como “the Folk” em inglês ou «народ/narod» em russo) da estrutura existencialista de Heidegger.
- Johann Plenge, outro sociólogo alemão, examinou a Primeira Guerra Mundial como um contraponto à Revolução Francesa, contrastando as ideias de 1914 com as de 1789, e é considerado uma influência significativa na ideologia nacional-socialista.

Um elemento central no processo de institucionalização, profissionalização e consolidação das redes académicas foi a DGS. Assim que Freyer manifestou interesse, a DGS começou a implementar um alinhamento político interno (“Gleichschaltung”) e excluiu os sociólogos “desviantes” da sua filiação. A conferência de 1934, realizada em Jena, contou principalmente com representantes simpatizantes do nacional-socialismo. Após essa reunião, a DGS foi dissolvida em circunstâncias que permanecem obscuras e são alvo de acalorados debates. Paralelamente ao fortalecimento dos elementos pró-nazistas, a sociologia enfrentou a marginalização de pensadores dissidentes, particularmente estudiosos judeus, que até então tinham sido uma parte significativa da comunidade académica. As queimas de livros realizadas pelos nazistas são consideradas um dos atos de biblioclasmo mais notórios da história, perdendo apenas para ações semelhantes da Igreja Cristã durante a Idade Média (Rafetseder 1988; Körte & Ortlieb 2007). O NSDAP aproveitou a presença de ideologias antiliberais, antidemocráticas, contrarrevolucionárias e etnorracistas profundamente enraizadas nas universidades alemãs, alinhando-se com o seu objetivo de alcançar a uniformidade ideológica.

Em março de 1933, foi lançada uma “campanha coordenada contra o espírito não alemão” para perseguir e reprimir escritores judeus, marxistas e pacifistas. Essa campanha atingiu o seu clímax em 10 de maio de 1933, quando estudantes, professores e agentes nazistas na Opernplatz de Berlim e em várias outras cidades alemãs queimaram cerimonialmente dezenas de milhares de livros considerados degenerados, incluindo obras das áreas de ficção, ciências e humanidades (Schoeps & Treß 2008; Bracher 1974). Entre os filósofos e cientistas sociais notáveis denunciados durante essas queimas de livros estavam Walter Benjamin, Ernst Bloch, Sigmund Freud, Georg Lukács, Rosa Luxemburg, Leon Trotsky e Karl Marx.

A repressão e a censura que se seguiram levaram ao encerramento de várias revistas sociológicas proeminentes, como a *Kölner Vierteljahreshefte für Sozialwissenschaften/Soziologie* (1921-1934) e a (Sociologicus) *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Soziologie* (1934), enquanto a *Zeitschrift für Sozialforschung* se mudou para Paris em 1933. Os estudos sobre o êxodo de intelectuais e acadêmicos alemães só começaram a surgir na década de 1970, complicando os esforços para avaliar o impacto real nas universidades alemãs. Na sua extensa pesquisa, Wittebur (1991) identifica 141 sociólogos no exílio, representando cerca de um terço da comunidade acadêmica. A maioria foi forçada a deixar o país devido à *Lei sobre a Reintegração da Função Pública*, promulgada em 7 de abril de 1933, que resultou na perda de seus cargos acadêmicos e, por fim, levou à emigração, seja por coerção ou por escolha. Essa legislação visava principalmente indivíduos politicamente incômodos, incluindo marxistas hostis, liberais de esquerda e pacifistas, que foram os primeiros a fugir da Alemanha. Posteriormente, as Leis Especiais determinaram a expulsão daqueles identificados como judeus, independentemente de suas afiliações políticas.

Além do êxodo internacional, o conceito de emigração interna é digno de nota, pois era frequentemente usado para obscurecer ou justificar a conformidade com o novo regime. Entre aqueles em "exílio interno" estavam duas figuras proeminentes na área: Tönnies, um dos poucos professores que se opôs abertamente à violência antissemita nas universidades, e Alfred Weber, que, enquanto reitor em Heidelberg em 1933, interveio quando os estudantes hastearam a bandeira nazista na universidade. Ambos foram demitidos e forçados a se aposentar antecipadamente e, durante o regime nazista, tornou-se quase impossível para eles publicarem os seus trabalhos. A redução de pensadores predominantemente liberais foi significativa; ao longo da década de 1930, muitas instituições sociológicas e universidades inteiras foram suprimidas, exemplificadas pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt (comumente conhecido como Escola de Frankfurt), que se mudou completamente e foi restabelecido em Nova Iorque. Em Colónia e Heidelberg, o corpo docente foi reduzido em 50%, enquanto Hamburgo e Jena também enfrentaram perdas consideráveis. Em contrapartida, Berlim e Leipzig foram minimamente afetadas. A idade daqueles que fugiram indica que foram principalmente os pensadores liberais da geração mais jovem que escaparam ao regime, interrompendo assim as suas contribuições para o desenvolvimento

contínuo da disciplina na Alemanha (com exceção daqueles que regressaram após 1945). A maioria dos exilados estava no início de suas carreiras acadêmicas quando partiram. Os estudiosos mais velhos muitas vezes demoravam mais para se decidir e enfrentavam desafios significativos para partir, mesmo depois de perderem seus cargos. Inicialmente, os refugiados acadêmicos buscaram refúgio em países vizinhos, mas quando ficou claro que o regime nazista permaneceria no poder em um futuro previsível, eles começaram a preferir nações mais distantes. Em termos de números absolutos, os países que receberam o maior afluxo de refugiados cientistas sociais, por ordem decrescente, foram os EUA (o maior), seguidos pelo Reino Unido, França, Suíça, Países Baixos e Turquia (o menor). Os efeitos contextuais após 1933 corroeram em grande parte a diversidade anterior nas abordagens teóricas, favorecendo aquelas alinhadas com a ideologia nazista ou consideradas inofensivas, enquanto uma perseguição severa visava todas as outras perspetivas temáticas e seus defensores.

A rejeição do realismo racial em favor do idealismo racial

Embora vários métodos persistissem na sociologia exilada, promovendo perspetivas que iam além do etnocentrismo e do provincialismo alemão (König 1971: 103–21), a situação na Alemanha levou a uma contração do campo e a uma convergência com temas e teorias ideológicas nazistas.

> "Se olharmos para a emigração não de acordo com a sua perda de potencial do pessoal, mas de acordo com as suas consequências para o caráter científico da sociologia que permaneceu na Alemanha, podemos observar um efeito sistemático: a exclusão de certas tradições académicas na sociologia. A intervenção política causou uma seleção de orientações históricas em favor do historicismo, holismo, idealismo, voluntarismo e darwinismo social e em detrimento de uma análise da mudança social, do individualismo metodológico, do materialismo, do estruturalismo e da teoria da socialização. As primeiras têm uma longa tradição nas humanidades alemãs e foram influenciadas pelo romantismo e pelo idealismo, aos quais se juntou mais tarde o darwinismo social. O nazismo não criou essas orientações por completo, mas permitiu a sua vitória sobre as forças que se formaram contra essas tradições a partir do final do século XIX.
>
> "Qualquer potencial sociocientífico que restasse na Alemanha e na Áustria foi unilateralmente limitado à herança do idealismo alemão." — (Lepsius 1981a: 462)

Surge uma questão importante: o que é o idealismo racial e como difere do realismo racial? Aqui estão as principais distinções:

- O idealismo racial centra-se no significado das ideias, princípios, normas determinadas subjetivamente e auto identificações. Defende que a raça é uma construção social moldada pela percepção e que toda a existência é fundamentalmente mental. De acordo com esta visão, as semelhanças e diferenças físicas são manifestações biológicas de uma realidade sociológica mais ampla, em vez de determinantes biológicos de expressões sociológicas. Nesta estrutura, os comportamentos biológicos são considerados não raciais, enquanto os comportamentos sociológicos são vistos como raciais.
- O Realismo Racial enfatiza as classificações e interpretações biológicas como fundamentalmente prescritivas. Ele procura ligar traços correlacionados a causas comportamentais, rejeitando uma compreensão mais abrangente dos processos sociais em favor de uma perspetiva universalizada, mecanicista e reducionista. Esta abordagem tenta subordinar a sociologia a pressupostos ontológicos liberal-naturalistas sobre a biologia.

O “anti racismo” moderno do século XXI serve, em grande parte, como resposta às premissas fundamentais do realismo racial. Os anti racistas muitas vezes equiparam erroneamente o realismo racial defendido pelos liberais racistas com as opiniões dos nacional-socialistas. Essa suposição está intimamente ligada à crença errônea de que o Terceiro Reich erradicou completamente a sociologia como disciplina.

Outra questão surge: como os nacional-socialistas entendiam a "questão racial" no contexto de suas próprias perspectivas sociológicas? Para responder a isso, é essencial compreender o conceito de "construção social da biologia". Essa ideia postula que características normalmente consideradas fixas e puramente materiais — como gênero, raça, classe, capacidade e sexualidade — são, na verdade, produtos da definição e interpretação humanas, moldadas por contextos culturais e históricos. No âmbito da ciência, isso implica uma rejeição do realismo científico universal em favor de um instrumentalismo científico mais específico.

O problema com o realismo racial

A classificação da raça como uma categoria biológica dentro de uma única espécie, especificamente o Homo sapiens, é uma questão controversa tanto no discurso científico como no político. É cientificamente relevante para compreender as diferenças internacionais em termos de capacidades e riqueza? Uma resposta rápida sobre o papel dos fatores genéticos revela que existem variações genéticas notáveis entre diferentes grupos raciais, como entre os ciganos e os escandinavos, bem como dentro de populações específicas, como os judeus ashkenazis e mizrahis ou os italianos do norte e do sul, todos associados à inteligência. Consequentemente, qualquer explicação genética para as disparidades globais em inteligência não requer uma classificação biológica dentro da espécie, independentemente da sua precisão biológica.
Este ponto foi sublinhado por dois proeminentes estudiosos da raça em psicologia, Philippe Rushton e Richard Lynn. Rushton documentou diferenças consistentes de inteligência entre várias raças, incluindo uma diferença de 15 pontos no QI entre americanos de ascendência europeia e aqueles de ascendência africana subsaariana (QI 100 em comparação com QI 85; Rushton, 1997/1995). Ele também identificou variações significativas dentro de uma única raça, como a diferença aproximada de 20 a 40 pontos de QI entre indivíduos não ciganos (Gadje) e ciganos (Rushton et al., 2007; Ĉvorović, 2014, p. 153ff.).

Lynn demonstrou que dentro de uma única categoria racial, como os mongóis, que inclui chineses, mongóis e tibetanos, a variação do QI é de cerca de 6 a 14 pontos (Lynn & Vanhanen, 2012, pp. 21ff.). Além disso, diferenças significativas podem ser observadas dentro de um país, já que os italianos do norte têm um QI médio cerca de 10 pontos mais alto do que os italianos do sul (Lynn, 2010; Piffer & Lynn, 2014).

Portanto, qualquer classificação de subespécies biológicas parece injustificada. Além disso, as discussões sobre raça muitas vezes atraem um escrutínio ideológico e politicamente tendencioso, o que limita a conversa mais ampla sobre a importância do capital humano cognitivo para a riqueza. Como podemos esclarecer essas diferenças? O que o futuro reserva e que ações podem ser tomadas em relação a esse aspecto? Não seria mais sensato, para o sucesso da

investigação sobre capital cognitivo, evitar mencionar a categorização evolutiva e, especialmente, o termo raça? A resposta é não, por duas razões.
Primeiro, nenhuma análise séria das diferenças internacionais em habilidades cognitivas pode ocorrer sem abordar a questão racial. Esta é a forma mais antiga e, entre o público, a mais controversa de explicar as variações de inteligência entre grupos, incluindo as disparidades internacionais, e, portanto, deve ser confrontada. As pesquisas que ignoram esse aspecto são frequentemente influenciadas por preconceitos políticos.

Segundo, a ciência deve ser, por natureza, um processo de esclarecimento. Ela é construída sobre bases históricas, culturais e intelectuais que estão interligadas. A ciência eficaz não pode existir sem o esclarecimento natural, e o esclarecimento natural carece de significado sem a ciência. A ciência ilumina ao gerar conhecimento e demonstrar os princípios do esclarecimento natural na prática. Este é, de facto, um esforço significativo, mas essencial. Os objetivos epistêmicos e a honestidade intelectual têm precedência sobre os objetivos estratégicos. Evitar erros intelectuais é mais importante do que contornar críticas ou elogios de indivíduos ou épocas motivados ideologicamente. Devemos esforçar-nos por ser corretos de uma perspetiva eterna, em vez de nos conformarmos com sentimentos passageiros.

A principal questão com qualquer classificação biológica é que categorias distintas são impostas ao processo contínuo de evolução. A especiação é gradual e muitas vezes difícil de detectar à primeira vista. Pequenas variações genéticas e fenotípicas podem levar a subespécies distintas, que podem eventualmente evoluir para novas espécies, gêneros, famílias e assim por diante. Em algum ponto desse continuum, um critério de delimitação deve ser estabelecido. As diferenças e semelhanças que classificamos e descrevemos precisam ser organizadas em uma estrutura coerente e socialmente aceitável. Consequentemente, nunca haverá uma solução única e definitiva. Os sistemas de categorização diferem em sua aplicabilidade — Quantas cores existem? O que diferencia um arbusto de uma árvore? O que distingue uma lagoa salgada de um oceano? As classificações biológicas e as convenções de nomenclatura evoluem junto com a nossa compreensão do mundo. Um clima político em mudança também pode impactar esses resultados.

É comum acreditar que os animais têm raças distintas, mas esse conceito não se aplica aos seres humanos há mais de cinquenta anos. Por exemplo, no final da década de 1970, alguém adquiriu um filhote de tartaruga-de-orelhas-vermelhas. Seu nome científico era Chrysemys scripta elegans. À medida que crescia, foi reclassificada como Pseudemys scripta elegans. Após a sua morte, após aproximadamente 20 anos, foi oficialmente referida como Trachemys scripta elegans.

Na biologia, não há apenas renomeações para espécies e subespécies específicas, mas também a criação de novas subespécies ou mesmo espécies inteiramente novas. Este fenómeno, frequentemente referido como inflação taxonômica, é evidente entre os animais. Por exemplo, nos grandes primatas, o que antes era reconhecido como três espécies evoluiu para duas espécies de orangotangos (orangotango de Sumatra e orangotango de Bornéu, com o último dividido em três subespécies desde 1996), duas espécies de chimpanzés (bonobo ou chimpanzé comum, que inclui quatro subespécies) e duas espécies de gorilas (gorilla ocidental, com duas subespécies, e gorila oriental, também com duas subespécies). Estudos comportamentais e genéticos recentes sugerem que as orcas também devem ser classificadas em diferentes espécies e subespécies. Tendências semelhantes foram observadas para elefantes, águias imperiais e milhares de espécies de répteis, anfíbios e insetos.

Por outro lado, houve uma deflação das classificações de subespécies para os seres humanos, passando do reconhecimento de três raças para um consenso sobre uma única espécie atualmente. Entre os críticos dos modelos politípicos de classificação humana estão figuras notáveis como Gould (2000), Hochman (2013) e a UNESCO (1969/1950). Os seus principais argumentos contra a categorização dos seres humanos em raças distintas são:

- A raça, mesmo quando observável fenotipicamente, é meramente superficial e carece de qualquer significado físico, biológico ou psicológico significativo.
- A distribuição das características morfológicas e genéticas é contínua.
- Os seres humanos partilham a maioria dos seus genes.
- A variação genética dentro dos grupos raciais é maior do que entre eles.
- O número de raças carece de uma definição clara.

Dado este contexto, por que não atualizar as classificações taxonómicas? À medida que o nosso conhecimento cresce, particularmente com os avanços nas técnicas genéticas e sistemas de classificação mais refinados, pode ser necessário reestruturar as classificações das espécies. Se os mesmos critérios forem aplicados de forma consistente a todos os organismos vivos, isso estaria em consonância com as boas práticas científicas! Começaria com o uso de terminologia uniforme para fenómenos semelhantes. Se subespécies podem ser identificadas dentro de uma espécie, todas elas devem ser classificadas como subespécies, em vez de usar termos variados para diferentes instâncias.

Consequentemente, os termos "raça" e "subespécie" não devem ser aplicados aos seres humanos.

Como observou Charles Darwin:

> "O termo «subespécie» pode ser usado com propriedade. Mas, por um hábito de longa data, o termo «raça» talvez seja sempre empregado. A escolha dos termos só é importante na medida em que é altamente desejável usar, na medida do possível, os mesmos termos para os mesmos graus de diferença." — (Darwin, 1871, p. 227f.)

Que critérios são usados para distinguir subespécies? Em biologia, as espécies são definidas como grupos de indivíduos que podem produzir descendentes férteis. As subespécies, por outro lado, referem-se a grupos de organismos dentro de uma espécie que também produzem descendentes férteis, mas exibem características fenotípicas e genotípicas distintas que podem ser reconhecidas como diferentes de outros padrões identificáveis dentro dessa espécie. Dean Amadon (1949) introduziu a regra dos setenta e cinco por cento para subespécies, que afirma que pelo menos 75% dos indivíduos de uma população devem ser distinguíveis por um padrão consistente de mais de 99% dos indivíduos de outra população.

Existe alguma evidência, semelhante à classificação animal, que apoie a diferenciação de subespécies entre os humanos modernos? Dentro da espécie humana, padrões fenotípicos sistemáticos podem ser identificados, conforme observado por Baker (1974), e esses padrões são facilmente reconhecidos por cientistas e leigos, incluindo crianças e autoridades. Esse reconhecimento é

frequentemente mais simples para os humanos do que para outras espécies, como os chimpanzés (Woodley, 2010).

A autoidentificação da raça provou ser precisa, com uma taxa de erro de apenas 0,14% (Tang et al.). As características fenotípicas e genotípicas podem ser medidas e estão correlacionadas. Juntas, elas permitem uma identificação confiável das relações evolutivas. Usando duas características, as classificações podem ter cerca de 80% de precisão, enquanto o uso de mais de dez características pode produzir taxas de precisão superiores a 95% (Edwards, 2003; Ousley et al., 2009; Sesardic, 2010). As diferenças morfológicas entre subespécies humanas podem ser mais pronunciadas do que entre subespécies de primatas, às vezes atingindo níveis típicos de diferenciação de espécies em outros animais (Woodley, 2010). Além disso, as diferenças genéticas entre humanos com subespécies bem definidas podem ser maiores do que as encontradas entre diferentes espécies animais (Woodley, 2010; Wright, 1978) A distribuição global dos humanos em vários climas aumenta a probabilidade de evolução de diferentes subespécies, embora esta não seja uma conclusão definitiva. Os critérios da história evolutiva, juntamente com os padrões genéticos, morfológicos e linguísticos, alinham-se bem (Andreasen, 2004; Cavalli-Sforza, 1997). Esse alinhamento permite a construção de uma árvore genealógica. Com base nessas evidências e comparações com critérios estabelecidos para a classificação animal, vários padrões desenvolvidos evolutivamente podem ser identificados entre os seres humanos. Em termos biológicos, estes são reconhecidos como subespécies, enquanto que nos seres humanos, frequentemente usamos termos como raças, variedades, populações, agrupamentos genéticos, ascendência ou histórias ancestrais. Argumentos comuns — como continuidade, genes partilhados entre a maioria dos indivíduos, variação dentro das subespécies e a dificuldade de definir raças — são válidos, mas não negam a possibilidade de classificação sub específica. Esses mesmos fatores também estão presentes nas classificações de subespécies animais. De facto, indivíduos de ascendência mista apresentam desafios para a classificação, pois podem pertencer a vários grupos, o que complica as categorizações sub específicas e requer métricas mais matizadas.

Considere, por exemplo, alguém classificado pelo censo racial dos EUA como 40% “branco”, 40% “negro” e 20% “índio americano”. A classificação das espécies em subespécies não implica diferenças comportamentais substanciais

entre elas. Por exemplo, não assumimos que o tigre siberiano seja mais inteligente do que o tigre de Sumatra; em vez disso, o tigre siberiano é simplesmente maior e adaptado a ambientes mais frios. As categorizações em si não provocam inerentemente traços psicológicos significativos; é a interação entre genética e ambiente que o faz. As classificações servem para organizar informações, e não para fornecer explicações. Reconhecer diferenças significativas e consistentes entre subespécies não elucida as razões por trás dessas diferenças. Sugerir o contrário seria cair na falácia da correlação-causação, um erro frequentemente cometido pelos defensores do racismo científico, que nega os princípios da evolução.

Embora a raça possa não ter uma base biológica, ela pode servir como um indicador da racionalidade epistêmica de indivíduos, cientistas, campos científicos específicos e do ambiente intelectual mais amplo. Rejeitar o conceito de subespécie para o Homo sapiens e aceitá-lo para outras espécies — sem contrastar os critérios de rejeição ou aceitação — carece de racionalidade epistêmica. Por outro lado, racializar o conceito de subespécie, como faz o realismo racial, é um uso indevido da ciência biológica. Em última análise, a questão da raça serve como uma medida da perspetiva científica de cada um. É essencial compreender que todas as teorias relativas à genética são, a longo prazo, teorias ambientais, uma vez que decorrem de pressões ambientais que levaram à seleção de características genéticas e físicas mutáveis.

A rejeição nacional-socialista da investigação sobre inteligência (QI)

A seção anterior ilustra por que razão os nacional-socialistas rejeitaram as visões universalistas liberais sobre a "investigação da inteligência humana". Isto inclui a sua perspetiva sobre o QI, tal como é atualmente definido:

> "Contrariamente às crenças comuns, os nacional-socialistas opunham-se à investigação da inteligência." — (Becker, 1938; Jänsch, 1938, p. 2).

> Na sua opinião, a pesquisa sobre inteligência representaria uma "supremacia do espírito burguês" para "fortalecer a sua hegemonia". — (Becker, 1938; Jänsch, 1938, p. 3).

> "A seleção nas escolas de acordo com a inteligência representaria um "sistema de exame de origem judaica" (p. 4), especialmente o conceito de inteligência como um "critério unidimensional" (p. 3) e "um fator central comum". —(Becker, 1938, p. 24).

“Como as pessoas são diferentes e, portanto, a inteligência também (p. 4), eles pediram uma ‘medição da inteligência de acordo com um ponto de vista nacional e tipológico’.” —(Becker, 1938 p. 15).

“Para os alemães, eles pediram uma medição do 'particularismo contextual', 'conscienciosidade' e 'na verdade, do valor do caráter da inteligência'. Eles se opunham a uma medição baseada exclusivamente na 'inteligência teórica' do 'intelectualismo'. —(Becker, 1938, p. 22).

“Em vez disso, eles favoreciam a medição da “inteligência prática”.” — (Becker, 1938, p. 18).

E, finalmente:

“Os pesquisadores nazistas se opunham aos métodos de correlação e análise fatorial (p. 23f). Para eles, a inteligência geral não existia. Eles afirmavam: “Na verdade, não existe inteligência geral, qualitativamente comparável e independente do tipo de forma”. — (Jänsch, 1938, p. 4)

“É importante reconhecer que essas atitudes não se limitavam ao meio académico durante o Terceiro Reich; elas também permeavam discursos públicos e declarações feitas por vários representantes do NSDAP.

“Guenther deveria ser especificamente rejeitado... O entusiasmo com que as ideias de Guenther foram aceites... precipitou conclusões para as quais “não havia fundamento biológico...”

[Hitler disse]: 'Não concluímos a partir do tipo físico (biologia) de um homem a sua capacidade, mas sim a partir das suas realizações (sociologia) a sua raça.

Assim, as realizações (sociologia), e não o tipo físico (biologia), deveriam ser a medida do valor.

[Thieme afirma] “os homens que possuem as qualidades de heroísmo e força de vontade... continuarão a fazê-lo.” — A. James Gregor, National Socialism and Race (2009)

Não foi diferente na Itália fascista:

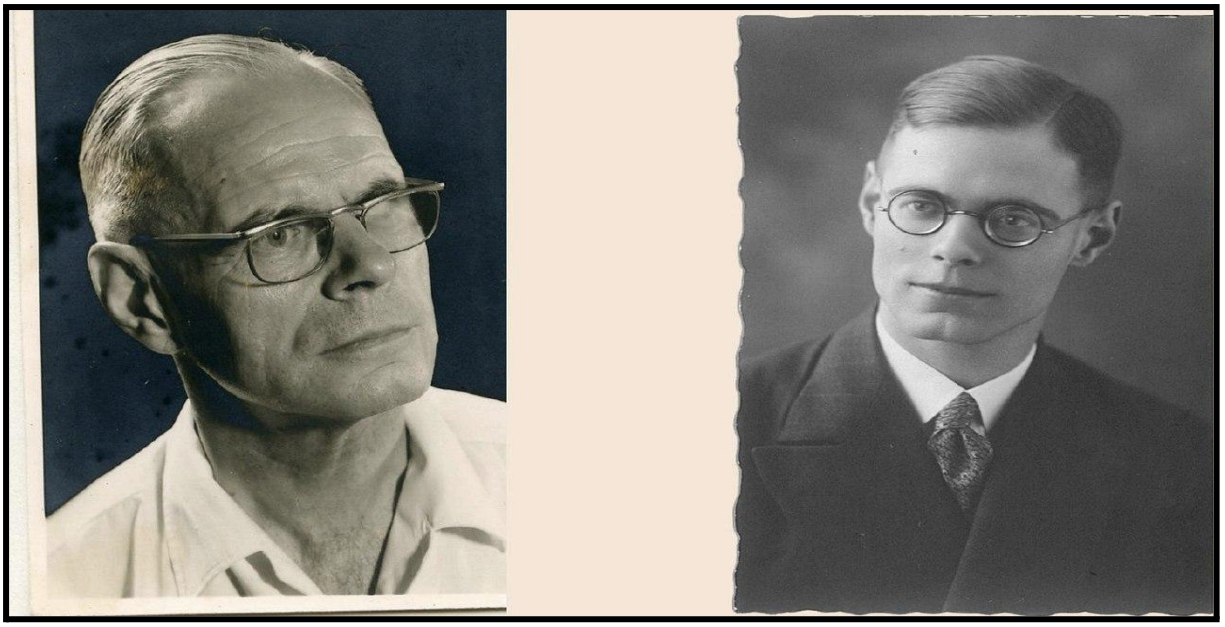
“Na Itália, as mesmas tendências revelaram-se no Manifesto Fascista da Raça, de 1938, e na obra de Maggiore e Franzi. Em toda parte, não se falava mais de raças fixas e imutáveis, mas de raças em formação, cujos componentes surgiam do cadinho do passado — raças em formação moldadas pelo ideal de uma herança viva — para a Alemanha, um mito nórdico;

> para a Itália, uma devoção animadora pela romanidade. Fala-se de raças ainda a serem moldadas por um ideal vivo, unidas por um destino comum, nutridas num ambiente comum, cuja expressão política é a nacionalidade.
>
> Aqui estão os germes de uma visão de mundo que faz do homem um criador, um construtor de raças futuras; uma filosofia que une história, política e raça, eugenia e humanismo, orgulho próprio e respeito pelos outros, uma filosofia cientificamente sólida e emocionalmente satisfatória." — A. James Gregor, National Socialism and Race (2009)

Na Itália, a filosofia fascista defendida por Giovanni Gentile era conhecida como "Idealismo Real" ou simplesmente "Realismo". Esta filosofia foi significativamente moldada pela ontologia imaterialista encontrada no conceito de "idealismo subjetivo" de George Berkeley.

Uma sociologia verdadeiramente nacional-socialista

Conforme descrito até agora, a trajetória da sociologia durante as décadas de 1930 e 1940 estava amplamente predeterminada. No entanto, o ano de 1933 marcou uma viragem significativa neste contexto. Muitos sociólogos, como a maioria dos académicos e professores alemães, acolheram com agrado a mudança na governação e a ascensão de Hitler ao poder. Inúmeros intelectuais viram esses desenvolvimentos como indicadores da transformação que buscavam, que acreditavam estar em sintonia com a "essência" do povo alemão. Essa transformação foi denominada "Volkwerdung". Notavelmente, um número considerável de professores apoiou a Declaração dos professores universitários alemães a Adolf Hitler e ao Estado Nacional-Socialista (Nationalsozialistischer Lehrerbund/Sachsen 1933), refletindo o fato de que muitos acadêmicos realmente abraçaram a visão de mundo nacional-socialista. A justificação para alinhar a sociologia com o regime nazista e sua ideologia derivava da crença de que a sociologia, como disciplina focada nas realidades sociais, precisava se adaptar às mudanças nessas realidades. Consequentemente, esses sociólogos enfrentaram o desafio de desenvolver teorias e organizar conceitos para remodelar a imagem de sua disciplina, muitas vezes descartando qualquer avaliação crítica do conhecimento sobre o movimento nacional-socialista e prontamente se conformando a ele.



O sociólogo nacional-socialista e alemão Karl Heinz Pfeffer, da Escola de Leipzig

Karl Heinz Pfeffer, um estudioso que contribuiu para o desenvolvimento deste conceito, exemplifica este ponto de vista:

> "A sociologia alemã atual não tem nada em comum com a "sociologia" do passado. Ela até evita usar o seu nome e esconde-se sob o disfarce de outras ciências. Tem objetivos, meios e condições diferentes da antiga "sociologia". Encontra as suas tarefas, a sua motivação, a sua atitude moral e os seus fundamentos intelectuais na renovação do povo alemão através do movimento nacional-socialista. Não pode ser sua tarefa criticar o conhecimento fundamental do movimento nacional-socialista... Só pode absorver esses insights fundamentais, só pode subordinar-se a eles. Então, deduzirá imediatamente deles o caminho certo para um trabalho rigoroso, que só lhe dá o direito de existir na vida popular." (Pfeffer 1939a: introduction)

A ascensão de ideologias associadas ao nazismo levou à rejeição de pontos de vista estrangeiros, especialmente aqueles dos vizinhos ocidentais da Alemanha, que eram frequentemente associados ao pensamento judaico. A sua própria existência era vista como uma ameaça à coesão da sociologia alemã. Isso resultou numa forte denúncia do Ocidente:

> "A ciência da 'sociologia' foi desacreditada na Alemanha porque, no passado, o seu nome muitas vezes encobriu o 'pensamento inessencial' (Geistreichelei) ou o influxo do pensamento ocidental hostil ao Volk. Muitas vezes sucumbiu às doutrinas combativas das nações ocidentais que, em nome de uma ciência empírica, reivindicavam a universalidade da experiência social e das instituições da Europa Ocidental e, assim, se tornaram uma arma da

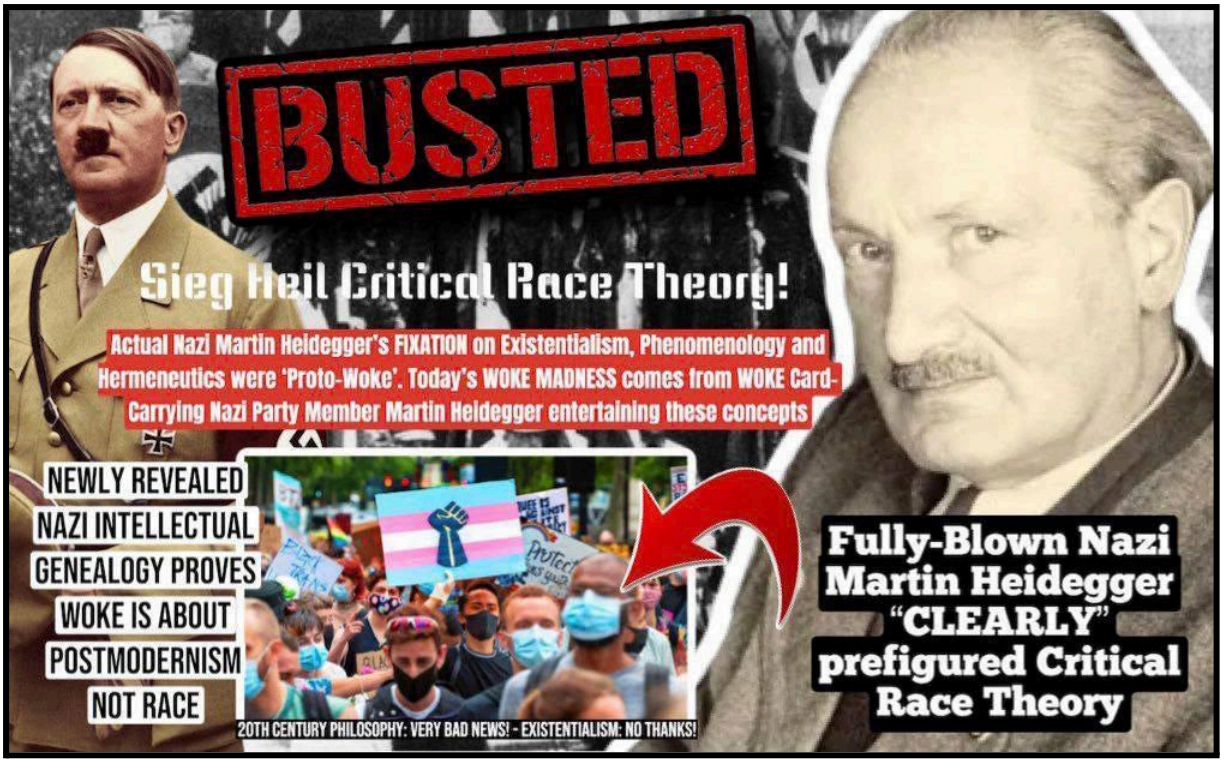
Inglaterra, França e América. Frequentemente emprestou o seu nome ao pensamento judaico, que visava levar o povo alemão a rejeitar as suas necessidades völkisch.» —(Pfeffer 1939a)

Os escritos de Pfeffer expressam frequentemente a ideia de que a sociologia é uma "ferramenta para o afastamento do povo alemão da Europa Ocidental" ou que "os judeus descobriram uma ferramenta favorável" na sociologia (1939a: 426; ver também 1939b). Consequentemente, para alinhar a sociologia com o novo contexto ideológico, quaisquer sociólogos associados a abordagens indesejáveis tinham de ser excluídos da comunidade acadêmica. No entanto, Rammstedt salienta que estas ações unificadoras se centraram inicialmente no domínio teórico, enquanto a investigação empírica muitas vezes retirava fundamentos metodológicos de outras fontes, como a literatura americana. Freyer, um dos teóricos proeminentes durante a era nazista, identificou duas fases na evolução da sociologia sob o nazismo: um período de "sociologia prática" até 1936, seguido por uma fase de "sociologia aplicada" (Freyer 1935; ver também Freyer 1930, 1931). Ambas as fases foram caracterizadas por interpretações específicas das causas e métodos por trás da Volkwerdung. Após a ascensão dos nazistas ao poder, vista como um sinal claro do renascimento da Alemanha, os eventos históricos foram interpretados através de estruturas filosóficas históricas alemãs. Após 1936, surgiram interpretações bio-raciais, enraizadas no idealismo, enquanto o realismo e o materialismo foram totalmente descartados. Além disso, as histórias baseadas na "ciência empírica" foram rejeitadas em favor de narrativas mais mitológicas. Essa mudança alinhou as atitudes nacional-socialistas mais com as tradições cristãs medievais pré-Iluminismo do que com as perspectivas humanistas liberais contemporâneas, revelando uma postura anti-humanista pronunciada dentro da sociologia nazista.

O termo "sociologia prática" tinha como objetivo promover o "surgimento da nação" e facilitar o processo de Volkwerdung. Esses sociólogos, acreditando no suposto fim da sociedade burguesa-capitalista, sentiam que era seu dever ajudar na unificação do *das Volk* (o povo). O alinhamento da sociologia com o objetivo de transformar a "sociedade" no "Volk" surgiu das aspirações pela etnogênese germânica. Após 1936, a sociologia aplicada surgiu como uma técnica que se conformava à instrumentalização da ideologia e das práticas nazistas. Rammstedt observa que, após 1936, a sociologia tornou-se uma ferramenta do regime, cooptada pela visão de mundo fascista. Acabou por abandonar qualquer separação da ideologia nazista, com o objetivo de estruturar a população e

identificar inimigos internos e externos — uma preocupação premente que se intensificou com o início da guerra — e fundiu-se com métodos destinados a manter a ordem social (Rammstedt 1986: 165). No seu esforço para ajudar o regime nazista, a sociologia deixou progressivamente para trás as buscas teóricas em favor da pesquisa empírica. Os resultados dessa pesquisa, particularmente em áreas críticas como a sociologia da segurança ou a sociologia militar, tinham como objetivo produzir benefícios imediatos para o regime.

De fato, essas discussões e teorias contrastam fortemente com os entendimentos contemporâneos da sociologia. O discurso atual dentro da ordem mundial liberal do Ocidente atlantista é enquadrado dentro de um paradigma realista racial, com a "sociologia liberal antirracista" de um lado e a "antissociologia liberal racista" do outro. Não há reconhecimento de nenhuma sociologia idealista racial. Conceitos relacionados às verdades do Reich, incluindo o Volk mítico, essencializado e racialmente definido, o Volkwerdung, bem como noções idealistas de raça e higiene racial, estão ausentes das discussões atuais. A crença de que o triunfo do nazismo corresponderia à realização da essência alemã, refletida no espírito de seu povo, é inimaginável hoje. Da mesma forma, de um ponto de vista pragmático, as discussões sobre a missão política a serviço do nazismo encontradas na teoria sociológica parecem ser invalidadas (ver, por exemplo, Freyer, citado em Rammstedt 1986: 85). Portanto, da perspectiva da sociedade liberal atual, essas discussões carecem de validade sociológica.
A grande ironia: existe uma sobreposição notável entre o idealismo racial do nacional-socialismo e o realismo anti-racial do liberalismo progressista contemporâneo. A coincidência impressionante entre essas duas ideologias levanta questões significativas que não podem ser ignoradas.



Embora a imagem anterior sirva como uma exageração satírica da ligação entre a fenomenologia existencialista de Martin Heidegger e a "loucura woke" contemporânea vista na América do século XXI e na ordem mundial liberal mais ampla do Ocidente atlantista, é realmente verdade que a filosofia de Heidegger visava fornecer uma solução para a crise existencial que ele e muitos contemporâneos tradicionalistas antecipavam num futuro próximo.

Na realidade, o trabalho de Heidegger procurava abordar a essência «proto-woke» que estava enraizada na metafísica ocidental há séculos. Em termos mais simples, o fenômeno atual da "loucura woke" pode ser atribuído às suposições humanistas-naturalistas liberais dos séculos anteriores. As suposições ontológicas do realismo racial representam uma versão secularizada das heresias teológicas calvinistas. As heresias dentro do cristianismo protestante ocidental podem ser ligadas às deficiências fundamentais da metafísica ocidental como um todo, que remontam a interpretações específicas de Platão e Aristóteles que ganharam força substancial durante as tradições escolásticas da Europa medieval.

Conclusões

Agora podemos compreender como a discussão em torno da «raça» poderia ter sido fundamentalmente diferente no contexto da sociologia dominante durante o Terceiro Reich. A noção de «raça como uma construção social» não foi pioneira dos liberais anti racistas em meados do século XX, mas já era uma parte significativa do discurso entre os nacional-socialistas na Alemanha e os fascistas na Itália. O ”idealismo racial” foi o esforço estruturado inicial para desafiar as teorias do “realismo racial” ou do “racismo científico” prevalentes entre os intelectuais das nações democráticas liberais. Explorar a sociologia nacional-socialista e o seu tratamento da “raça” como conceito revela uma contribuição significativa para os argumentos liberais progressistas anti racistas contra o realismo racial. Pode-se questionar até que ponto os liberais progressistas estão cientes dessa história. É provável que não estejam.

Tomemos, por exemplo, a palestra da autora liberal progressista, Dra. Robin DiAngelo: *Deconstructing White Privilege with Dr. Robin DiAngelo*

A Dra. Robin DiAngelo, conhecida pelo seu livro *What Does It Mean to Be White? Developing White Racial Literacy* (*O que significa ser branco? Desenvolvendo a literacia racial branca*), é há muito uma figura influente na educação antirracista. Na apresentação mencionada, há uma semelhança impressionante entre a sua análise sociológica e as dos académicos nacional-socialistas durante o Terceiro Reich. A ironia aqui é profunda e humorística. DiAngelo, talvez sem saber, ecoa os fundamentos sociológicos da ideia nacional-socialista de “Volksgemeinschaft” (Comunidade do Povo), empregando formulações que se assemelham às de Adolf Hitler.

Se chegou até aqui no artigo, parabéns por reconhecer conexões que a maioria das pessoas poderia ignorar. Isso levanta uma questão intrigante: *se DiAngelo se conscientizasse dessas semelhanças, ela reconsideraria suas opiniões sobre o nacional-socialismo ou questionaria os fundamentos de sua própria ideologia liberal progressista?*

Fontes utilizadas

(1) Heiner Rindermann, “Cognitive Capitalism: Human Capital and Wellbeing of Nations” (2018)

(2) Carsten Klingemann, “Sociology of homeland or instrument of order. Historical aspects of sociology in Germany between 1933 and 1945” (1981)

(3) Otthein Rammstedt, “Deutsche Soziologie, 1933-1945” (1986)

(4) Jörg Paulsen, “Zur Geschichte der Soziologie im Nationalsozialismus” (1988)

(5) Hermann Rafetseder, “Bücherverbrennungen: Die öffentliche Hinrichtung von Schriften im historischen Wandel” (Wien: Böhlau, 1988)

(6) Mona Körte and Cornelia Ortlieb, “VERBERGEN – ÜBERSCHREIBEN – ZERREISSEN : Formen der Bücherzerstörung in Literatur, Kunst und Religion” (Berlin : Erich Schmidt, 2007)

(7) Julius Hans Schoeps, Werner Treß Olms, “Orte der Bücherverbrennungen in Deutschland 1933” (2008)

(8) Karl Dietrich Bracher, “Republik im Wandel 1969-1974” (1974)

(9) Klemens Wittebur, “Die deutsche Soziologie im Exil, 1933-1945” (1991)

(10) René König, “Studien zur Soziologie” (Fischer-Bücherei, 1971)

(11) Mario Rainer Lepsius, “Soziologie in Deutschland und Österreich 1918-1945” (Westdeutscher Verlag, 1981)

(12) John Philippe Rushton, “Race, Evolution, and Behavior: A Life History Perspective” (1997/1995)

(13) Jelena Ĉvorović, “The Roma: A Balkan Underclass” (2014)

(14) Richard Lynn, Tatu Vanhanen, “IQ and the Wealth of Nations” (2012/2002)

(15) Davide Piffer, Richard Lynn, “New evidence for differences in fluid intelligence between north and south Italy and against school resources as an explanation for the north–south IQ differential” (2010)

(16) Davide Piffer, Richard Lynn, “In Italy, North-South Differences in Student Performance Are Mirrored by Differences in Polygenic Scores for Educational Attainment” (2022/2014)

(16) Sydney H. Gould, “A New System for the Formal Analysis of Kinship” (Topics Kinship Publisher Lanham, 2000)

(17) Eldad Yechiam, Guy Hochman, “Loss-aversion or loss-attention: The impact of losses on cognitive performance” (2013)

(18) Jean Hiernaux, Michael Banton, “Four statements on the race question” (UNESCO, 1969/1950)

(19) Charles Darwin, “The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex” (John Murray, 1871)

(20) Dean Amadon, “The Seventy-Five Percent Rule for Subspecies” (American Museum of Natural History, 1949)

(21) Herbert G. Baker, “The Evolution of Weeds” (1974)

(22) Luisa Maffi, Ellen Woodley, “Biocultural Diversity Conservation: A Global Sourcebook” (Earthscan, London, 2010)

(23) Sewall Wright, “Evolution and the Genetics of Populations” (University of Chicago Press, 1978)

(24) Hua Tang (et al.), “Genetic Structure, Self-Identified Race/Ethnicity, and Confounding in Case-Control Association Studies” (2005)

(25) Anthony W. F. Edwards, “Human Genetic Diversity: Lewontin's Fallacy” (2003)

(26) Stephen Ousley, Richard Jantz, Donna Freid, “Understanding race and human variation: why forensic anthropologists are good at identifying race” (2009)

(27) Neven Sesardic, “Race: A Social Destruction of a Biological Concept” (2010)

(28) Robin O. Andreasen, “A new perspective on the race debate” (2004)

(29) L. Luca Cavalli-Sforza, “Genes, peoples, and languages” (1997)

(30) Friedrich Becker, “Die Intelligenzprüfung unter völkischem und typologischem Gesichtspunkt [Intelligence measurement from a national and typological point of view]” (Zeitschrift für angewandte Psychologie und Charakterkunde, 55, 15–111., 1938)

(31) Erich Rudolf Jänsch, “Grundsätze fur Auslese, Intelligenzprüfung und ihre praktische Verwirklichung" [Principles for selection, intelligence measurement and its application.]” (Zeitschrift für angewandte Psychologie und Charakterkunde, 55, 1–14., 1938)

(32) A. James Gregor, “National Socialism and Race” (2009)

(33) Karl Heinz Pfeffer, “Die deutsche Schule der Soziologie [The German School of Sociology]” (Quelle & Meyer, Leipzig 1939)

(34) Hans Freyer, “Pallas Athene. Ethik des politischen Volkes [Pallas Athena: Ethics of the Political People]” (1935), “Soziologie als Wirklichkeitswissenschaft. Logische Grundlegung des Systems der Soziologie [Sociology as a Science of Reality: Logical Foundation of the System of Sociology]” (1930), “Einleitung in die Soziologie [Introduction to Sociology]” (1931), “Die Revolution von rechts [The Revolution from the Right]” (1931)

As Forças Armadas de Adolf Hitler: Um Triunfo para a Diversidade? (Veronica Clark)

Observações: *este ensaio comete alguns erros em relação a afirmações sobre teoria racial dos alemães, mas ao meu ver, ainda assim, ajuda a compreender verdadeiramente o fenômeno dos "estrangeiros no exército de Hitler".*

https://codoh.com/library/document/adolf-hitlers-armed-forces-a-triumph-for-diversity/

***

Triunfo da diversidade: *foi precisamente isso que caracterizou as Forças Armadas alemãs da Segunda Guerra Mundial em 1945*. Embora isso possa ser difícil de aceitar para muitos historiadores, é, no entanto, um resumo preciso do que aconteceu na Europa nas décadas de 1930 e 1940. Embora os alemães tenham iniciado a guerra com uma doutrina racista em mente, que buscava criar uma "Nova Ordem" para a Europa, com a Alemanha no centro e as elites alemãs no topo da hierarquia política e racial europeia (uma versão alemã do chamado "fardo do homem branco", por assim dizer), os alemães tiveram que abandonar essa doutrina racial em favor de uma que promovesse o internacionalismo e tolerasse a cooperação multicultural e interétnica e relações íntimas. Muitos nazis foram profundamente afetados pelos não alemães com quem lutaram e trabalharam. Por exemplo, Fritz Freitag acabou por abandonar a doutrina nazi e concentrou-se na construção de um exército de libertação ucraniano.

Numa entrevista telefónica com o sobrevivente alemão da Segunda Guerra Mundial "G" (a sua identidade está protegida), fui informado pela primeira vez que os estrangeiros que trabalhavam sob contratos de "trabalho forçado" na Alemanha eram essencialmente tão livres quanto os próprios alemães. A caracterização de trabalho forçado, segundo G, era enganosa. Os estrangeiros eram pagos pelo seu trabalho e podiam trazer as suas famílias para viver na Alemanha com eles. Eles desfrutavam de atividades de lazer enquanto dezenas de milhares de alemães étnicos eram massacrados na Frente Oriental. A teoria e a realidade no Terceiro Reich diferiam de maneiras fundamentais e, a menos

que falemos diretamente com aqueles que viviam na Europa na época, nunca saberemos o que realmente aconteceu entre alemães e não alemães no seu dia a dia. Este estudo tenta responder a essa incógnita da melhor maneira possível, porque ela foi ignorada ou negligenciada por muito tempo.

Deixe-me começar rapidamente com algumas palavras sobre terminologia. Quando uso os termos nazistas *Mischlinge*, *Volljude* e *Halbjude*, a minha intenção não é racista. Uso esses termos apenas porque eles foram usados pelos nazistas, portanto, não confunda a terminologia nazista com a minha. Em segundo lugar, uso o termo mulato no sentido histórico. Este termo não pretende ser racista neste contexto, mas é simplesmente mais conveniente e historicamente preciso de usar, dado o assunto em questão. Esforcei-me muito para ser completamente objetivo em relação ao Terceiro Reich e à sua liderança, e também refleti muito sobre o contexto à medida que prosseguia na minha análise da história e da historiografia. Peço aos historiadores que têm uma abordagem subjetiva em relação a Hitler e ao Terceiro Reich que se abstenham de julgar a minha intenção ou parcialidade até terem lido o meu livro completo, *Black Nazis! A Study of Racial Ambivalence in Nazi Germany's Military Establishment* (Nazis negros! Um estudo da ambivalência racial nas forças armadas da Alemanha nazi), do qual este artigo é um excerto. Há uma razão para eu ter apresentado o meu caso desta forma, por isso espero que os colegas historiadores saiam deste estudo sobre "guerra e sociedade" com uma compreensão mais profunda sobre:

- dinâmicas raciais em todas as sociedades ocidentais antes e depois da Segunda Guerra Mundial;
- história do Eixo em geral;
- criminalidade de guerra dos Aliados;
- serviço não alemão na Wehrmacht e na SS (especialmente voluntariado);
- visões raciais de Adolf Hitler.
- mudanças raciais que ocorreram dentro do ethos oficial nazista (Weltanschauung) como resultado da guerra;
- o tratamento imprevisível de judeus, negros e pessoas mestiças na Alemanha nazista.

Quando uso o termo "ambivalência racial", uso-o no sentido literal: muitos nazis estavam literalmente "divididos" em relação à raça e à etnia. A história

relacionada com a era nacional-socialista é geralmente repleta de emoção e preconceitos, e essa subjetividade impede todos os historiadores de ver o que realmente aconteceu no Terceiro Reich e porquê. Poucos historiadores questionaram por que tantas minorias étnicas e estrangeiros apoiaram o aparato militar nacional-socialista (NS). Da mesma forma, poucos questionaram como tantos mulatos, africanos e judeus sobreviveram à guerra, apesar das atrocidades cometidas contra esses grupos étnicos. Este estudo concentra-se naqueles que sobreviveram ao regime nazista e porquê, e não naqueles que morreram por diversos motivos.

A Waffen-SS era composta em grande parte por voluntários não germânicos. A maioria dos historiadores continua a negligenciar as motivações desses homens e mulheres que lutaram por Hitler em oposição aos Aliados. Achei isso historicamente inaceitável, dado que cada lado sente que só ele está justificado. Os historiadores geralmente descreveram esse fenômeno inter-racial como "inexplicável", quando há evidências mais do que suficientes do contrário. Não só Hitler era ambivalente em relação às suas opiniões raciais e étnicas, como também muitos nazis proeminentes, tais como Franz Wimmer-Lamquet e Alfred Rosenberg. Sempre defendi que, a menos que exista uma propensão para a tolerância e aceitação do "outro", não haverá tolerância ou aceitação genuína do "outro". Muitos nazistas tornaram-se grandes amigos de não alemães. Hitler e Himmler fizeram de tudo para acomodar os seus voluntários árabes-semitas. Hitler reuniu-se com o Grão-Mufti, mas não conseguiu reunir-se com o líder "ariano" dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt. A partir desse exemplo, podemos concluir que Hitler estava disposto a contradizer a sua própria *Weltanschauung*[104] para alcançar o que precisava alcançar política e militarmente. Curiosamente, essa atitude geral de ambivalência não se limitava à esfera militar. Ela se estendeu ao âmbito da sociedade do Terceiro Reich, tanto antes quanto durante a guerra.

Um excelente estudo sobre a SS, intitulado *Hitler's Foreign Divisions* (editado por Chris Bishop), ofereceu a seguinte explicação para o caráter internacional da SS. Poucas pessoas percebem o quão internacionais eram as forças alemãs da Segunda Guerra Mundial. Estima-se que quase dois milhões de estrangeiros

[104] Discordo dessa afirmação de Veronica Clark. Hitler não estava negando sua *Weltanschauung* ao se aliar com "não-arianos", ele estava, na verdade, em conformidade com ela, pois se em algum momento ela era extremista ao ponto de até recusar uma simples conversa com "não-arianos", então esse momento foi apenas isso, *momento*, pois HItler e os nacional-socialistas passaram por inúmeras evoluções em suas visões e pensamentos raciais.

serviram sob a suástica. Embora no final da guerra muitos tenham sido transferidos para a SS, um grande número serviu no exército, particularmente na Frente Oriental. Os voluntários estrangeiros mais comprometidos encontraram um lar na SS, até que partes dela se tornaram mais parecidas com um equivalente alemão da Legião Estrangeira Francesa do que com a elite da raça alemã.

Embora a SS não tenha acolhido voluntários não alemães até meados do conflito na Rússia, a ideia de recrutar tais homens remonta a antes da guerra. Na sua busca por uma Europa pan-germânica, o Reichsführer-SS Heinrich Himmler decretou em 1938 que não alemães de origem "nórdica" adequada poderiam alistar-se na *Allgemeine-SS* [ênfase acrescentada]. [1]

É quase impossível discordar desta avaliação geral do caráter da Waffen-SS. Uma das características mais marcantes da análise de Bishop é a sua conclusão sobre o caráter da futura elite alemã, tal como Himmler a imaginava. A conclusão de Bishop é quase idêntica à minha, na medida em que ambos concordamos que a futura elite alemã não seria estritamente baseada na raça, mas sim numa combinação de "*fisiognomia, testes mentais e físicos, caráter e espírito*". Bishop concluiu corretamente que Himmler imaginava uma classe "aristocrática" que combinaria "*autoridade carismática com disciplina burocrática*". Isso, então, caracterizaria "um novo tipo humano — guerreiro, administrador, estudioso e líder, tudo em um — cuja missão messiânica era repovoar a Europa".[2] A noção absurda de "super-homem" foi resultado da propaganda aliada que se apoderou e explorou algumas das ideias mais radicais apresentadas não por Hitler, mas por Friedrich Nietzsche, por quem Hitler expressava pouca admiração. Em privado, Hitler promoveu uma visão quase idêntica à de Himmler — no que diz respeito a uma futura liderança central alemã — a Otto Wagener, um dos primeiros líderes da SA e um dos primeiros conselheiros econômicos de Hitler. No entanto, em contraste com Himmler, Hitler tendia a enfatizar o caráter, a honra e o mérito em detrimento da biologia, naquela época e mais tarde, em 1944[105].

Hitler era consistentemente um homem meritocrático, e isso tendia a surgir em muitas conversas sobre raça que ele tinha com seus vários subordinados e funcionários. Hitler demonstrava uma ambivalência marcante, no sentido literal

[105] Veja o trabalho "*National Socialism — Its Principles and Philosophy (2020)"* de Carlos Videla.

de estar "dividido", quando se tratava de raça e herança étnica — ele estava sempre disposto a abrir exceções raciais à sua própria ideologia. Ele disse a Wagener, em certa ocasião, que os "servos" (não alemães) eram tão comuns quanto os "heróis" (alemães raciais) na sociedade alemã primitiva. O contexto e o tom dessa conversa em particular e de outras, tanto quanto se pode deduzir da tradução para o inglês, sugerem que Hitler permaneceu aberto à ideia de algum grau de tolerância para com o sangue estrangeiro dentro do corpo popular alemão (Volkskörper). Mesmo quando parecia categoricamente contra a infusão de sangue judeu, continuava a fazer exceções. O desempenho militar e organizacional e a dedicação de várias minorias étnicas, como Erhard Milch e Bernhard Rogge (ambos judeus), e estrangeiros, como o Grão-Mufti (árabe) e Ante Pavelic (croata), certamente afetaram o pensamento de Hitler sobre a questão racial. Ele chegou a expressar admiração por muitos de seus aliados estrangeiros, incluindo o Grão-Mufti e os cossacos. Segundo o próprio relato de Lawrence Dennis, Hitler sentou-se e conversou com ele cara a cara. Dennis era meio negro. Hitler também conversou com o afro-americano Dr. S.J. Wright em 1932, o que discuto com mais detalhes no meu livro.

Como muitos de nós sabemos, Winifred Wagner e outros, como Heinrich Hoffmann, convenceram Hitler em mais de uma ocasião a tratar certos judeus com bondade. Milhares receberam a sua clemência pessoal "alemã" (Deutschblütigkeitserklärung). O fato de os judeus poderem tornar-se "de sangue alemão" foi uma demonstração sem precedentes de tolerância étnica para o período em questão. Os EUA nem sequer fizeram isso pelos negros ou judeus naquela época. Negros e judeus não foram aceitos como "WASPs" até o movimento pelos direitos civis das décadas de 1960 e 1970, e mesmo assim a sua posição permaneceu precária.

Nenhum historiador fez um trabalho mais completo ao examinar esse fenómeno nazista-judeu do que Bryan Mark Rigg. No entanto, Rigg, como tantos outros, não conseguiu responder adequadamente por que Hitler concedeu clemência ao povo judeu em primeiro lugar. Embora ele afirme, e com razão, que Hitler abriu exceções à sua própria ideologia por conveniência militar, ele não explica suficientemente por que Hitler concedeu clemência a Milch ou a outros judeus antes da guerra. Também não explica adequadamente por que razão a clemência foi concedida em 1944 e 1945 — uma altura em que Hitler sabia que estava a perder a guerra. Além disso, o seu argumento não vai suficientemente longe

para explicar por que razão Hitler isentou judeus e ciganos (Zigeuner) do serviço militar em 1944 e 1945, altura em que a Alemanha precisava de todos os homens fisicamente aptos que pudesse recrutar. Hitler não concedeu independência ao colaborador russo Andrei Vlasov até 1945. Se ele estava tão desesperado por mão de obra, por que reteve os voluntários russos de Vlasov até que fosse tarde demais?

Essas são perguntas que Antonio J. Muñoz, Vladimir Baumgarten e Peter Huxley-Blythe responderam de forma mais adequada e aprofundada. No entanto, nem mesmo esses historiadores questionaram se os russos eram confiáveis o suficiente para serem usados de forma exigente na Frente Oriental. Todos parecem concordar que, se Hitler e os nazistas tivessem sido mais receptivos em termos raciais desde o início, teriam vencido a guerra. Mas isso é pura especulação. Pelo que sabemos, esses estrangeiros poderiam ter feito com que os alemães perdessem a guerra mais cedo do que perderam por uma série de razões — ou seja, baixa moral, indisciplina, etc. As brigadas Dirlewanger e Kaminski eram predominantemente estrangeiras e incluíam muitos ciganos e eslavos, mas seu desempenho era tão ruim e seus crimes de guerra tão atrozes que os alemães tiveram que dissolvê-las. Muitos dos homens "asiáticos" da Divisão Niedermayer não tiveram um bom desempenho sob pressão. Tudo isso foi relatado a Hitler, então é mais do que provável que o fraco desempenho da maioria dos russos tenha influenciado sua decisão de usar os russos sob o comando de Vlasov politicamente, em vez de militarmente. O fato de Hitler não ter como objetivo libertar os russos também influenciou a sua decisão de não usar os homens de Vlasov mais cedo, mas a sua atitude mudou significativamente no final da guerra. O registo estenográfico retrata um Hitler que compreendeu que o máximo que podia esperar era atrasar o avanço russo, e nada mais do que isso. Ele esperava que os americanos, franceses e britânicos "caíssem em si", ajudando-o a ele e aos seus homens a deter e repelir os bolcheviques, o que acabou por acontecer durante a Guerra Fria que se seguiu.

O importante é perceber que, se os nazis fossem tão racistas como a maioria dos historiadores argumenta, não teriam conseguido obter o nível incomensurável de apoio que obtiveram. Mesmo depois de Stalingrado, espanhóis, eslavos, francos e dezenas de milhares de outros não alemães continuaram a lutar pelos nazis como voluntários. Franceses e voluntários árabes deram as suas vidas na batalha final pela capital Berlim em 1945. Hitler continuou a permitir que milhares de

judeus servissem, e muitos o fizeram com incrível tenacidade e valor. É preciso questionar se todos esses judeus e outros não alemães eram realmente tão contrários ao regime nazista como afirmaram após o fato. A sua tenacidade e determinação sugerem o contrário em muitos casos. Os soldados judeus Bernhard Rogge, Helmuth Wilberg, Erhard Milch e Ernst Prager vêm à mente. Hans Hauck, um homem meio negro, queria se juntar à Wehrmacht para provar que era tão "alemão" quanto um alemão branco. Ele optou por permanecer em cativeiro soviético, embora tivesse a chance de partir com seus companheiros. Fê-lo para provar que era alemão. Tal comportamento parece inimaginável, dado o que nos foi dito sobre o tratamento nazista aos negros e indivíduos mestiços na sociedade do Terceiro Reich. A verdade é que as relações eram muito mais fluidas, dinâmicas e complicadas do que muitos historiadores nos levaram a acreditar. Hauck chegou mesmo a ser promovido a soldado de primeira classe.

Essa foi a principal razão pela qual escrevi a minha tese de mestrado sobre esse assunto específico. Quando vi pela primeira vez os livros sobre todos esses estrangeiros e minorias étnicas a serviço dos nazis, fiquei pasmo. Os historiadores não devem se sentir confortáveis com o fato de que mesmo muitas pessoas com formação formal (eu era estudante universitário na época) não tinham ou não têm ideia de que cerca de dois milhões de estrangeiros e minorias étnicas lutaram pelo Eixo. Examinei os seus motivos e pensamentos, bem como os pensamentos e motivos de Hitler e outros nazis, a fim de explicar esse fenômeno. Foi por isso que examinei prisioneiros de guerra, trabalhadores forçados, recrutas e voluntários: para ter uma imagem mais clara do que esses homens e mulheres passaram e o que pensavam sobre tudo isso. Esse é um aspecto amplamente ignorado do Eixo e da Segunda Guerra Mundial em geral. Achei que era hora de abrir novos caminhos.

Ao ver parte do discurso de Hitler em Platterhof, em 26 de maio de 1944, na excelente biografia de John Lukacs, *The Hitler of History,* decidi comprar o discurso do *Institut für Zeitgeschichte* e traduzi-lo para o inglês (com ajuda). Até agora, nenhum historiador traduziu o discurso na íntegra, o que é bastante notável por si só. É um discurso revelador, incluído na íntegra nesta segunda edição de *Racial Ambivalence*, no qual Hitler admite abertamente ter-se enganado sobre raça e Volk. Embora a visão de Hitler continuasse a ser "*Völkisch-nacionalista*", ele admitiu abertamente que a força do povo alemão

como um todo era o resultado dos seus muitos núcleos raciais diferentes. Ele aceitou que o Volk alemão era um Volk "mestiço", mas decidiu cultivar o núcleo da raça nórdica mais do que os outros, pois acreditava que esse núcleo específico era o mais qualificado quando se tratava de liderança e capacidade organizacional. Assim, embora o pensamento de Hitler ainda fosse bastante inclinado para o racismo, ele parecia ter compreendido que os alemães individuais eram mais importantes em certos aspectos, devido às suas tendências nórdicas, do que o Volk alemão como um todo (que ele achava que tinha de ser liderado pelos tipos nórdicos mais capazes). Neste discurso, Hitler enfatizou o mérito e a realização acima de tudo. Isso leva-me a concluir que ele associava os atributos da raça nórdica ao mérito e à realização, e podemos ver aqui que essa crença era uma retratação parcial da linha racial oficial do próprio NS; porque qualquer indivíduo com ascendência nórdica poderia ter a propensão biológica para a liderança e o talento organizacional, independentemente de ser "alemão puro".

Nesse aspecto, Hitler era mais tolerante com pessoas não alemãs do que, digamos, o general Heinz Guderian. (Em pelo menos uma ocasião, Guderian solicitou divisões "racialmente puras", de acordo com o registro estenográfico das conferências militares de Hitler). Se um soldado meio judeu demonstrava liderança e talento organizacional, esse indivíduo judeu recebia a clemência pessoal de Hitler. Se quisermos especular, como muitos historiadores fazem, poderíamos dizer que, dado este discurso e a mudança de perspectiva de Hitler, se ele tivesse vencido a guerra, teria sido mais tolerante em termos raciais, uma vez que alguns dos seus melhores líderes e soldados mais determinados eram mestiços ou de sangue estrangeiro (ou seja, o almirante Bernhard Rogge, o marechal de campo Erhard Milch e Léon Degrelle, da Divisão SS-Wallonie). Os dois filhos de Sabac el Cher, Herbert e Horst, ambos mulatos, também foram presumivelmente isentos por Hitler e autorizados a servir na Wehrmacht (um deles chegou a servir no Stahlhelm em 1935).

Hitler ridicularizou o "biologismo primitivo" de Himmler e outros logo no início. Isso indica, como argumentei, que Hitler era mais aberto em relação à questão racial, e mais cedo do que se pensava. As memórias de Otto Wagener estão repletas de declarações ambivalentes de Hitler sobre raça e etnia. Da

mesma forma, as "conversas à mesa"[106] (Table Talk) de Hitler são contraditórias em muitos aspectos. Como Hitler parecia ter dito coisas contraditórias de forma consistente, podemos concluir que ele estava consistentemente "dividido" sobre certas questões delicadas, incluindo a raça. Na minha opinião, esta é uma explicação mais convincente para a sua aceitação pessoal de tantos soldados judeus e estrangeiros nas fileiras alemãs.

Gostaria de acrescentar, neste momento, que Rigg também forneceu uma explicação irracional para a "arianização" de Cristo por Hitler. Se examinarmos o que Hitler realmente disse sobre Cristo no início, vemos que ele realmente acreditava que Cristo não era judeu. Isso é óbvio nas memórias de Wagener e nos registos de Bormann (Hitler's Table-Talk, 1941-1944). Hitler também não estava sozinho nessa crença. Muitos teólogos alemães que não eram nazistas ou apoiadores de Hitler também acreditavam que Jesus Cristo não era judeu. Que eu saiba, nenhum historiador fez um trabalho melhor do que Richard Steigmann-Gall na exploração e análise desse fenômeno alemão. O seu estudo ofereceu uma explicação racional para a "arianização" de Cristo por tantos alemães e nazistas, e vale a pena ler o que ele escreveu. Infelizmente, Rigg ficou aquém nesse aspecto, embora a sua pesquisa sobre as motivações e pensamentos dos soldados judeus continue inigualável.

Voltando ao ponto principal, apresento a seguinte avaliação. Embora certamente houvesse discriminação racial na Alemanha nazista, também havia discriminação racial nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha, na França, na Polónia, na Rússia, no Japão, na China, na Nova Zelândia, na Austrália, no Canadá e na Itália. Na verdade, Gerald Horne (autor de *Race War!*) disse que os britânicos, apesar da sua propaganda em contrário, discriminavam regularmente e secretamente os soldados negros. Os negros não eram promovidos simplesmente por serem negros. De acordo com Horne, os britânicos literalmente usaram soldados indianos recrutados como bucha de canhão em várias ocasiões durante os combates na China. O sangue branco britânico era aparentemente precioso demais para ser derramado lutando contra os chineses, que os britânicos desprezavam, abusavam, assassinavam arbitrariamente e degradavam regularmente. Como já mencionei, os dois filhos de Sabac el Cher, ambos "mulatos", serviram na Wehrmacht de Hitler, assim como Mandenga

[106] A esse respeito, Clark tem uma análise crítica, ver: *Inconvenient History*, Vol. 9, No. 3 (2017) ou leia em: Genoud, Heim & Picker's "Table Talks" • CODOH

Ngando (em 1940),[4] um camaronês-alemão. O artigo VII do Primeiro Decreto Suplementar tornou isso possível. Inúmeros negros serviram durante a Batalha de Moscou e pelo menos um morreu lá. De acordo com o último livro de Rigg (2009), *Lives of Hitler's Jewish Soldiers,* cerca de 2.000 judeus puros, 60.000 meio-judeus e 90.000 quarto-judeus serviram na Wehrmacht e na SS de Hitler. Este número pode até ser uma subestimação dos números reais. Simplesmente não sabemos.

Pelo menos dois milhões de estrangeiros não alemães e minorias étnicas serviram nas forças armadas de Hitler em algum momento. Sem a ajuda estrangeira e não alemã, os alemães nunca teriam conseguido preparar as suas defesas ocidentais a tempo da invasão aliada. Vamos pensar em duas coisas aqui. A combinação Wehrmacht-Waffen-SS de Hitler foi a força militar mais diversificada cultural, étnica e religiosamente da história ocidental. Apesar desse fato, todos devemos acreditar que ele era um hiper-racista (termo meu) como alguns outros nazis.

O que quero dizer com hiper-racista? Bem, assim como alguns indivíduos nas sociedades capitalistas gravitam para o topo e se tornam hiper-capitalistas (ou seja, CEOs bilionários), mesmo que não acreditem no sistema capitalista de governo em si, o mesmo pode ser dito de muitos indivíduos poderosos e prósperos em etno estados e suas sociedades. Inúmeros nazis não eram "racistas" convictos, e esses nazis em particular (incluindo Hitler) tendiam a ficar para trás no que dizia respeito ao poder político. Os hiper-racistas, tal como os hiper-capitalistas, tendiam a ser indivíduos extremamente ambiciosos e sedentos de poder. Alguns podem nem ter sido tão racistas assim, mas desempenharam esse papel para avançar política e pessoalmente. Himmler pode muito bem ter sido um desses hiper-racistas, já que ele estava tão entusiasmado (e receptivo) com os árabes-semitas, voluntários eslavos orientais e ciganos desde o início. Sua tolerância racial demonstrada leva a questionar se ele era realmente tão racista quanto aparentava ser. As descobertas de Antonio Muñoz, bem como as provas fotográficas apresentadas em *Wehrmacht and SS*, de Borsarello e Palinckx, indicam que ele estava aberto a recrutar prisioneiros de guerra senegaleses e afro-britânicos para servir a Alemanha em alguma função (não necessariamente em combate). Assim, tal como Richard Steigmann-Gall expôs o hiperanticristianismo de Bormann no seu livro *The Holy Reich: Nazi*

Conceptions of Christianity, 1919-1945, muitos historiadores expuseram de forma semelhante o hiperracismo de Himmler — talvez inadvertidamente.

O próprio Hitler parece ter perdido importância no que diz respeito à política de poder. Bormann e Himmler, juntamente com a Gestapo e o *Sicherheitsdienst* (SD), usurparam a maior parte do seu poder real e ele serviu mais como inspiração ideológica e moral para o povo alemão e os oficiais da SS do que como um verdadeiro detentor do poder dentro do Partido ou da SS nos dois últimos anos da guerra — embora mantivesse a palavra final na maioria das questões militares e de justiça política. Hitler manteve a lealdade dos escalões inferiores da Wehrmacht, SS, SA e corpo de oficiais até ao fim da sua vida, mas perdeu grande parte da sua influência junto dos escalões superiores da Wehrmacht e outros grupos de elite. Como muitos já sabem, Himmler e Göring acabaram por trair Hitler.

Pergunto aos historiadores que ainda acreditam que Hitler e os nazis eram "supremacistas brancos": como explicam o incrível grau de colaboração de não alemães e minorias étnicas (ou seja, 150.000 judeus e *Mischlinge* judeus) durante a Segunda Guerra Mundial? Mais uma vez, cerca de dois milhões de não alemães ajudaram os nazis. Se acreditarmos nos números de Munoz, então quase 1,5 milhões desses voluntários e recrutas eram russos. Deixe-me comparar isso com um exemplo moderno semelhante, perguntando se os judeus sionistas, como membros de um atual Estado étnico, podem honestamente se orgulhar de níveis tão altos de colaboração e voluntariado de estrangeiros e minorias étnicas? E os sul-africanos brancos menos recentes da antiga Rodésia? Centenas de milhares de colaboradores nazis eram voluntários. Quantos palestinianos, persas, jordanianos ou sírios se voluntariaram para lutar pelas Forças de Defesa de Israel e pelo moderno Estado étnico israelita? É claro que alguns o fizeram, mas não quase dois milhões. Estrangeiros e não alemães até se voluntariaram para o Schuma (polícia de segurança), SS e Gestapo durante o Terceiro Reich. O Mossad de Israel pode se orgulhar do mesmo? Essas são questões comparativas que devemos nos perguntar e analisar, sem emoção, a fim de entender o que realmente aconteceu na Alemanha nazista e por quê. Também temos que admitir que os nazistas não eram nem de longe tão racistas quanto os historiadores afirmam. Essa é uma admissão especialmente importante quando consideramos o contexto histórico.

Roosevelt opôs-se às leis anti-linchamento contra afro-americanos por conveniência política. Numa admissão incrível a Walter White, chefe da NAACP, ele disse: "*Se eu me manifestar a favor do projeto de lei anti-linchamento agora, eles bloquearão todos os projetos de lei que eu pedir ao Congresso para aprovar para impedir o colapso dos Estados Unidos. Não posso correr esse risco*." Além disso, de acordo com a New World Encyclopedia, "*após 1942, quando Roosevelt foi informado do extermínio dos judeus pelos nazis pelo rabino Stephen Wise, pelo enviado polaco Jan Karski e outros, ele recusou-se a permitir qualquer tentativa sistemática de resgatar refugiados judeus europeus e trazê-los para os EUA*."[5] Até hoje, o público americano desconhece em grande parte estes exemplos incríveis do racismo e da arrogância de Roosevelt.

Alguns negros foram literalmente incinerados até a morte por multidões hostis de brancos ansiosos por descarregar a sua agressividade contra um alvo fácil. [6] Embora muitos africanos e afro-alemães fossem discriminados na Alemanha nazista, o governo nazista nunca defendeu ou endossou o linchamento de negros no Estado nazista, nem institucionalizou o racismo contra os africanos. Na verdade, Friedrich Berg, sobrevivente da Segunda Guerra Mundial, afirmou inequivocamente que as crianças alemãs admiravam muito Jesse Owens e o admiravam apesar de sua raça. [7] Isso foi relatado ao Sr. Berg por um homem que vivia na Alemanha nazista na época. De fato, não há razão para duvidar da veracidade da afirmação deste homem; os alemães aplaudiram Owens e repetidamente entoaram o seu nome – "*Jess-ah O-vens, Jess-ah O-vens*" – nos Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim. O próprio Owens disse à imprensa que não foi forçado a sentar-se na parte de trás dos autocarros alemães, nem foi impedido de ficar nos melhores hotéis. O conhecido do Sr. Berg também mencionou que Owens poderia entrar em qualquer bar na Alemanha e ser tratado tão bem quanto um cliente alemão. Compare isso com o fato de que, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, mesmo negros proeminentes eram frequentemente obrigados a ficar em pé nos autocarros e nunca podiam ficar em áreas elegantes destinadas apenas a "brancos". O jornalista e autor afro-americano Roi Ottley relatou muitos dos horrores cotidianos do tratamento dado aos negros na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos em seu livro *No Green Pastures.* Não é de se surpreender que Ottley tenha relatado que meninos britânicos atearam fogo no "cabelo crespo" de Samuel Coleridge-Taylor "*para ver se ele queimava*". [8] Esse racismo grosseiro entre os jovens britânicos da

época é amplamente negligenciado pelos historiadores atuais, principalmente porque não se encaixa na imagem embelezada que se tem hoje dos Aliados. Talvez essa seja uma das razões pelas quais poucos historiadores mencionaram que o camaronês Louis Brody lutou pelo Circo Crown alemão durante os anos nazistas e foi o ator afro-alemão mais famoso da década de 1920 à década de 1940. [9]

Ainda menos historiadores sabem que Martin Bormann emitiu uma circular a todos os Gauleiters (líderes regionais) em março de 1936, apelando à proteção do emprego dos africanos e afro-alemães que viviam e trabalhavam na Alemanha. Esta ordem ia contra as Leis de Nuremberg de 1935. [10] Podemos presumir que Hitler teve algo a ver com essa medida protetora, pois é duvidoso que o próprio Bormann se preocupasse tanto com o bem-estar dos negros. Joachim von Lang argumentou que Bormann fez tudo ao seu alcance para manter Hitler longe de cartas de apelo e pedidos de clemência de judeus, bem como de informações perturbadoras sobre a guerra. Não é preciso adivinhar como as ações deste homem podem ter afetado negativamente os afro-alemães e outros negros que viviam e trabalhavam na Alemanha, especialmente tendo em conta o grave declínio da saúde e da atividade política de Hitler na segunda metade da guerra.

Para concluir, os verdadeiros racistas não abandonam repentinamente a sua doutrina da "raça superior" simplesmente por causa de reveses militares. Os sul-africanos e israelitas brancos recusaram-se a abandonar as suas doutrinas de supremacia racial, apesar da opinião mundial antagónica e dos reveses militares. Israel ainda não permitiu que palestinianos ocupassem cargos nos mais altos níveis do governo. Da mesma forma, os EUA ainda não atribuíram cargos de alto nível militar e governamental a não brancos. Cabe aos historiadores e políticos decidir se algum desses Estados modernos pode ser considerado verdadeiramente racista. Mas eles devem fazê-lo sem a histeria normalmente associada a tais investigações históricas e comparativas controversas. Se os historiadores não conseguirem superar a histeria tão típica da historiografia do Terceiro Reich, como irão explicar fenómenos como o *Jüdische Ordnungsdienst* (Polícia de Ordem Judaica), que ajudou os alemães a policiar os principais guetos da Polónia? Estima-se que 2500 homens judeus serviram em Varsóvia e metade desse número no gueto de Lodz durante a ocupação nazi.

Dito isto, um fato permanece: os nazis não eram verdadeiros racistas, a menos que todos os outros etno estados da época (e desde então) também fossem verdadeiramente racistas. Harry Truman, e não Adolf Hitler, disse o seguinte: "*Acho que um homem é tão bom quanto outro, desde que seja honesto e decente e não seja negro ou chinês. O tio Will... diz que o Senhor criou o homem branco do pó, o negro da lama, depois vomitou o que sobrou e daí surgiu o chinês*." Se Hitler tivesse dito isso, os historiadores certamente teriam usado como prova do seu racismo intransigente. No entanto, mesmo que tais declarações nunca tenham saído da boca de Hitler, nem mesmo em relação aos judeus em privado, os historiadores ainda argumentam consistentemente que ele era um racista intransigente, enquanto convenientemente ignoram o racismo flagrante e às vezes grosseiramente desumano dos líderes aliados e não alemães do Eixo. Os britânicos realizaram "testes bizarros de pureza racial", mas apenas os testes de "pureza racial" de Berlim foram submetidos a escrutínio e ataques internacionais. [12] Gerald Horne relatou que "*mesmo quando o Império parecia estar à beira de ser invadido pelas tropas predatórias japonesas, Londres não estava disposta a aceitar ofertas de ajuda de pessoas que não fossem de "descendência europeia pura"* — especialmente para cargos além do simples soldado. Ele continuou dizendo: [13]

> "Isto aplicava-se às "bolsas de estudo para cadetes de Dartmouth e bolsas de estudo para cadetes de entrada direta", onde a "prática da comissão de entrevistas" era "rejeitar rapazes que evidentemente tivessem uma mancha de cor".

Os britânicos deixaram deliberadamente referências raciais como esta fora dos memorandos oficiais, para o caso de esses memorandos acabarem nas mãos de anti-britânicos. Para citar outro exemplo: os croatas dificilmente eram tolerantes com os sérvios durante a Segunda Guerra Mundial, mas nunca lemos sobre isso na maioria dos livros de história. Será porque croatas e sérvios não merecem a nossa investigação histórica? Eles são de alguma forma "menos humanos" ou "menos importantes" do que outros grupos étnicos da época?

O verdadeiro racismo de Hitler, como prefiro dizer, é uma construção ahistórica. Os historiadores decidiram quem era racista e quem não era com base em quem venceu a Segunda Guerra Mundial. No entanto, os historiadores não podem ter as duas coisas: ou todos os líderes ocidentais são retratados como racistas que eram, ou nenhum deles é retratado como tal — isto é, no sentido histórico. Não podemos escolher os nossos racistas. Se o fizermos, então precisamos de

pesquisar ainda mais a fundo na história e condenar o imperador Adriano como um anti-semita genocida, Napoleão como um racista anti-negros e maníaco genocida (à luz das suas ações contra os ciganos e os negros) e os romanos como racistas contra os gregos.

Acrescentarei neste ponto que os alemães nunca tiveram uma doutrina de "raça superior" para começar. *Herrenvolk* não significa "raça superior". Essa definição foi o resultado de uma combinação de mal-entendidos dos Aliados sobre o Führerprinzip alemão e da propaganda de guerra antialemã. Significava "corpo de liderança de elite", e isso era estritamente em referência à Europa continental, não ao mundo. Hitler não tinha objetivos mundiais, mas europeus. Além disso, os termos alemães folk (Volk) e raça (Rasse) não eram sinónimos. *Herrenvolk* ("Senhor do Povo") não era semelhante a *Herrenrasse* e, na verdade, os nazis nunca usaram o termo *Herrenrasse* ("Raça Superior"). Na verdade, o próprio Hitler diferenciou os dois termos alemães em Platterhof. Ele disse: "*Volk und Rasse ist nicht dasselbe*." ("Povo e raça não são a mesma coisa.") Parece que foram os historiadores influenciados pela propaganda aliada durante a guerra, e não os próprios nazis, que inventaram este termo e a sua subsequente conotação racista. Isto explica por que tantos líderes aliados ocidentais ficaram chocados ao ver russos a lutar pelos nazis na Frente Ocidental, indochineses nas Ostlegionen (legiões orientais) e por que os historiadores têm relutado em descrever essa dinâmica racial nazi até aos dias de hoje.

Gerald Horne descreveu a ideologia racial japonesa como "*suficientemente flexível para permitir... um apelo especial [...]*".[14] Essa descrição também se aplica à ideologia racial nazista. Antonio J. Muñoz chegou a questionar a racionalidade dos voluntários espanhóis após a retirada oficial de Franco. Ao fazer isso, ele não explicou que o Eixo não se considerava particularmente racista, nem considerava injustificada a sua guerra, os seus objetivos ou a sua conduta.

A fase final desta guerra dentro da guerra foi a invasão do Norte de África, onde as forças de Vichy somavam 100.000 homens. Apesar de um ataque conjunto das forças americanas, britânicas e francesas livres ao Marrocos e à Argélia, as guarnições de Vichy, mas especialmente os navios e submarinos, revelaram-se mais determinados na sua resistência do que o esperado. Uma esquadra francesa

foi afundada pelos EUA ao largo da costa de Marrocos, com 500 marinheiros franceses mortos e 1.000 feridos.

Numerosos franceses resistiram aos Aliados até ao fim da guerra, tendo lutado e morrido nas ruas da capital alemã.

O objetivo de abordar estes fatos pouco conhecidos é incentivar os historiadores a deixarem de olhar para o Terceiro Reich e o Eixo com fórmulas tão rígidas e, em vez disso, examiná-los com dinamismo e transformação em mente. A guerra afetou profundamente os nazis. Muitos deles abandonaram o seu racismo como resultado da camaradagem que desenvolveram com os seus colegas não alemães iguais e subordinados. Como confirmou o exilado russo branco Grigori von Lambsdorff, a maioria dos não alemães se via como iguais, não como racialmente inferiores. Isso levanta a questão de como os nazistas tratavam seus companheiros de armas não alemães, apesar da propaganda oficial. Se Lambsdorff e outros se viam como iguais, então a degradação racial nazista era inexistente ou muito menos difundida do que os historiadores afirmam.

Terminarei referindo-me a um artigo de notícias que analisou o número crescente de neonazis e supremacistas brancos nas Forças Armadas dos EUA (para lutar no Iraque e no Afeganistão).[16] Apesar do compromisso oficial dos Estados Unidos com o antirracismo e a igualdade étnica e social, o país está a recrutar racistas de forma consciente e voluntária, tolerando assim o racismo na esfera militar. As exigências da guerra causaram esse fenômeno nos EUA, assim como as exigências da guerra levaram os nazistas a renegar sua doutrina racial oficial. O que tende a acontecer como resultado de desenvolvimentos como esses é a aceitação geral e crescente daqueles que são os novos tolerados (aqueles que costumavam ser rejeitados), e não o contrário. Os indivíduos normalmente rejeitados que são agora tolerados tendem a inclinar a balança do poder a seu favor, porque as exigências da guerra favorecem naturalmente aqueles que agora são “necessários” à luz da situação geral em declínio. À luz desta avaliação, podemos argumentar honestamente que os nazis se tornaram menos racistas a um ritmo mais rápido do que os Aliados, porque foram forçados a acelerar o processo de integração e cooperação inter-racial devido às exigências da guerra. A guerra tornou-se, para usar a frase de Tina Campt, um “veículo de mudança” positivo no Terceiro Reich. Os nazistas nunca

segregaram racialmente as suas tropas. Negros, eslavos, asiáticos e árabes lutaram lado a lado com os alemães.

Agora, se examinarmos os EUA hoje, vemos que os racistas nas forças armadas serão os que ganharão vantagem, uma vez que são necessários. O equilíbrio de poder oscilou a seu favor devido às exigências da guerra. Isso pode muito bem resultar na racialização das Forças Armadas dos EUA, que permanecem sob o comando supremo dos brancos, apesar da doutrina oficial americana de não racismo e igualdade para todos, e podemos muito bem ver que os Estados Unidos se tornam mais racistas e doutrinariamente supremacistas do que a Alemanha nazista. A guerra dos Estados Unidos está a provar ser um "veículo de mudança" negativo nesse aspecto. O meu objetivo com esta comparação é demonstrar que não devemos mais examinar a história ou os desenvolvimentos modernos de forma estática, porque assim como os nazis mudaram, nós também devemos mudar.

Notas bibliográficas

[1] Hitler's Foreign Divisions: Foreign Volunteers in the Waffen-SS 1940-1945, ed. Chris Bishop (London, UK: Amber Books, 2005), 8-9.
[2] Ibid., 10.
[3] Gerald Horne, The Color of Fascism: Lawrence Dennis, Racial Passing, and the Rise of Right-Wing Extremism in the United States (New York, NY: New York University Press, 2006), xv.
[4] Marianne Bechhaus-Gerst, Treu bis in den Tod: Von Deutsch-Afrika nach Sachsenhausen—Ein Lebengeschichte (Berlin, DE: Ch. Links Verlag, 2007), 154.
[5] New World Encyclopedia, "Roosevelt, Franklin Delano," http://www.newworldencyclopedia.org/entry/Franklin_Delano_Roosevelt (accessed August 29, 2009).
[6] Friedrich Berg, interview by author, August 27, 2009.
[7] Ibid.
[8] Roi Ottley, 27.
[9] Bechhaus-Gerst, 76.
[10] Ibid.

[11] David Littlejohn, Foreign Legions of the Third Reich Vol. 4: Poland, the Ukraine, Bulgaria, Romania, Free India, Estonia, Latvia, Lithuania, Finland and Russia (San Jose, CA: R. James Bender Publishing, 1987), 27.
[12] Gerald Horne, Race War! White Supremacy and the Japanese Attack on the British Empire (New York, NY: New York University Press, 2004), 237.
[13] Ibid., 236.
[14] Ibid., 147.
[15] Christopher Silvester, "England's Last War Against France: Fighting Vichy, 1940-1942," The Telegraph on the Web, September 1, 2009, http://www.telegraph.co.uk/culture/books/bookreviews/6121052/Englands-Last-War-Against-France- Fighting-Vichy-1940-1942.html (accessed September 3, 2009).
[16] Matt Kennard, "Neo-Nazis are in the Army Now," Salon on the Web, June 15, 2009,http://www.salon.com/news/feature/2009/06/15/neo_nazis_army/index.html (accessed July 1, 2009).

FIGURE XXII. Louis Brody pictured with fellow 'Nazi' wrestlers. Source: Bechhaus-Gerst, 76.

Foto de ator de cinema negro, Louis Brody, junto com outros atletas do regime nacional-socialista em 1936